
TOPEKA
SCHOOL
BEN LERNER
"Eu acredito que o futuro do romance está aqui."
SALLY ROONEY
ROCCO DIGITAL

TOPEKA SCHOOL

BEN LERNER

Tradução de Maira Parula

ROCCO

Para meu irmão, Matt

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

[Darren imaginou-se quebrando...]

O *Spread* (Adam)

[Paus e pedras podem quebrar meus ossos...]

Speech Shadowing (Jonathan)

[As coisas com que Darren sonhava...]

Os Homens (Jane)

[Darren ajudava o vizinho...]

O Código (Adam)

[O gelo endurecera...]

A New York School (Jonathan)

[Do teto...]

Efeitos Paradoxais (Jane)

[Darren pensa nisso...]

Olde English (Adam)

Apercepção Temática (Adam)

Agradecimentos

Darren imaginou-se quebrando o espelho com sua cadeira de metal. Quanto à TV, ele sabia que podia ter gente atrás dela no escuro, e que essas pessoas podiam vê-lo. Acreditava sentir a pressão dos olhares fixos em seu rosto. Em câmera lenta, uma chuva de estilhaços, as presenças reveladas. Ele pausou, retrocedeu e assistiu à cena novamente.

O homem de bigode preto ficava perguntando se ele queria algo para beber e, por fim, Darren disse água quente. O homem saiu para pegar a água, e o outro homem, que não tinha bigode, perguntou a Darren se ele estava bem. Sinta-se à vontade para esticar as pernas.

Darren ficou imóvel. O homem de bigode voltou com um copo de papel pardo fumegando, um punhado de canudos vermelhos e sachês: Nescafé, Lipton, Sweet'n Low. Escolha o seu veneno, ele disse, mas Darren sabia que era brincadeira; não seria envenenado. Havia um cartaz na parede: CONHEÇA OS SEUS DIREITOS, e embaixo algo com letras miúdas que ele não conseguiu ler. Fora isso, não havia nada para ficar olhando enquanto o homem sem bigode falava. A iluminação da sala parecia a da escola. Intensa e dolorosa nas raras ocasiões em que ele era chamado. ("Planeta Terra chamando Darren", a voz da sra. Greiner. Depois, a familiar gargalhada geral de seus colegas.)

Ele abaixou os olhos e viu iniciais e estrelas e códigos arranhados na superfície de madeira folheada. Acompanhou-os com os dedos, mantendo os pulsos juntos, como se ainda estivessem algemados. Quando um dos homens pediu que Darren olhasse para ele, Darren olhou. Primeiro nos olhos dele (azuis), depois nos lábios. Que o instruíram a repetir a história. Então Darren lhes contou novamente como havia arremessado a bola branca na festa, mas o outro homem, ainda que gentilmente, o interrompeu: Darren, nós precisamos que você comece do princípio.

Embora queimasse um pouco a boca, ele bebeu a água em dois goles. Pessoas reunidas atrás do espelho em sua mente: sua mãe, o pai, o dr. Jonathan, Mandy. O que Darren não conseguia fazer com que entendessem era que ele nunca a teria jogado, a não ser que sempre tivesse feito isso. Muito antes de o calouro xingá-lo dos nomes costumeiros, antes de ele tirar a bola da caçapa do canto, sentir seu peso, o frio e a suavidade da resina, antes de arremessá-la na escuridão superlotada — a bola estava pendurada no ar, girando lentamente. Como a lua, esteve lá a vida toda.

O *SPREAD*

(Adam)

Eles estavam no barco do padrasto dela no meio de um lago artificial sem mais ninguém. Navegavam sem rumo e cercados por casas grandes iguais. Era início de outono, e eles bebiam Southern Comfort da garrafa. Adam estava na proa do barco observando uma luz azul intermitente do outro lado do lago que, provavelmente, era uma televisão vista através de uma janela ou porta de vidro. Ouviu o ruído da pedra do isqueiro dela sendo riscada, depois viu a fumaça passar flutuando sobre sua cabeça e se dissolver. Ele já estava falando há um bom tempo.

Quando virou-se para ver o efeito de suas palavras, ela não estava mais ali, jeans e suéter em uma pequena pilha com o cachimbo e o isqueiro.

Subitamente consciente do silêncio que o cercava, ele chamou-a pelo nome e pôs a mão na água, que estava fria. Sem pensar, pegou o suéter branco dela e sentiu o cheiro da fumaça da fogueira que tinham feito um pouco antes naquela noite no Clinton Lake, e da lavanda sintética de que ele sabia ser o seu gel de banho. Ele disse o nome dela de novo, desta vez mais alto, depois olhou em volta. Alguns pássaros voavam rentes à superfície imperturbada do lago; não, eram morcegos. Em que momento ela mergulhou ou saiu do barco e como teria feito isso sem deixar nenhum respingo, e se tivesse se afogado? Então ele gritou; um cachorro respondeu à distância. De tanto girar a cabeça para procurá-la, ficou tonto e se sentou. Depois levantou-se novamente e olhou por toda a borda do barco; talvez ela estivesse ali do lado, se contendo para não soltar uma gargalhada, mas não estava.

Ele teria que conduzir o barco de volta ao píer, onde ela tinha que estar esperando. (Havia um píer de atracação para cada duas ou três subdivisões.) Pensou ter visto sinais luminosos de vaga-lumes na costa,

mas não era a época do ano para isso. Sentiu uma onda de raiva subindo e acolheu-a, querendo que ela subjugasse o seu pânico. Sua esperança era de que Amber tivesse mergulhado na água antes de sua desconexa confissão de sentimentos. Ele tinha dito que eles continuariam juntos quando ele deixasse Topeka para estudar, mas agora sabia que isso não ia acontecer; estava ansioso para demonstrar sua indiferença assim que a encontrasse segura em terra.

Veja o motor de popa brilhando ao luar. Para qualquer um de seus amigos, comandar um barco seria fácil; todos eles, até mesmo os outros garotos da Fundação, exibiam uma competência mecânica básica do Meio-Oeste, sabiam trocar o óleo ou limpar uma arma, ao passo que ele não conseguia nem dirigir com câmbio manual. Adam localizou o que presumiu ser uma corda de partida, puxou, nada aconteceu; empurrou o que devia ser o acelerador para outra posição e tentou novamente; nada. Estava começando a se perguntar se teria que nadar — não lembrava se sabia direito — quando viu a chave na ignição; ele a girou e o motor deu a partida.

Dirigiu de volta à costa o mais lentamente possível. No momento da aproximação, desligou o motor, mas não conseguiu posicionar o barco em paralelo com o píer; algo estalou alto quando a fibra de vidro atingiu a madeira, o que silenciou as rãs próximas; nada parecia danificado, mas ele na verdade nem parou para verificar. Apressou-se a lançar as cordas de atracação em torno dos grampos pregados no píer, improvisou rapidamente alguns nós e depois saltou para fora do barco; rezou para que ninguém o estivesse observando de uma janela. Sem pegar as chaves ou as roupas dela, o cachimbo ou a garrafa, ele subiu correndo pela grama molhada em direção à casa de Amber; se o barco voltasse para a água, seria culpa dela.

As grandes portas deslizantes de vidro que davam para o lago ficavam sempre destrancadas; ele abriu uma silenciosamente e entrou. Só agora sentia o suor frio. Pôde distinguir a figura do irmão dela no sofá, travesseiro na cabeça, dormindo no brilho do telão da TV; o noticiário estava no mudo. O restante da sala estava escuro. Pensou em acordá-lo,

mas em vez disso tirou suas botas Timberland, que supôs estarem enlameadas, e esgueirou-se pela sala até a escada de carpete branco; subiu lentamente.

Já havia passado duas ou três noites naquela casa, quando ela argumentou com os pais que ele bebera demais; eles pensaram que ele tinha dormido no quarto de hóspedes; pensaram, corretamente, que ele tinha ligado para casa. Mas a perspectiva de topar com alguém agora — antes mesmo de se certificar de que ela estava ali — o aterrorizava. A mãe dela tomava comprimidos para dormir, ele havia visto o enorme frasco de tranquilizantes, sabia que ela os tomava com vinho todas as noites; o padrasto tinha ido dormir depois de uma briga numa festa; eles não vão acordar nunca, ele se tranquilizou, apenas não esbarre em nada; ficou feliz por estar de meias.

Chegando no andar de cima, examinou a ampla sala de estar às escuras antes de subir o próximo lance de escada até os quartos. Ele quase conseguia discernir a grande cena de caça que decorava a parede oposta: cachorros capturando presas para os caçadores num bosque ao lado de um lago ao pôr do sol. Viu a luz vermelha piscando no painel do sistema de alarme que felizmente eles nunca armavam. E a luzinha que contornava as bordas prateadas das fotos emolduradas da família no console da lareira: adolescentes de suéteres posando em um gramado coberto de folhas, o irmão dela segurando uma bola de futebol. Alguma coisa estalou na imensa cozinha e depois parou. Ele subiu a escada.

A primeira porta aberta à direita era o quarto dela e, sem entrar ou acender a luz, ele viu que Amber estava na cama, sob as cobertas, respirando regularmente. Seus ombros relaxaram; o alívio foi profundo, mas este alívio abriu mais espaço para a raiva, e também fez com que percebesse a sua urgência de mijar. Ele deu meia-volta e atravessou o corredor até o banheiro, fechou a porta com cuidado e, sem acender a luz, levantou o assento do vaso. Pensando melhor, decidiu baixar o assento e sentar. Um carro passou vagarosamente lá fora, os faróis iluminando o banheiro por uma veneziana aberta.

Não era o banheiro dela. A escova de dentes elétrica, o secador de cabelo, ainda mais aqueles sabonetes — não eram os produtos de higiene pessoal que ela usava. Por um segundo, pensou, desejou desesperadamente, que pudessem pertencer à mãe dela, mas havia muitas outras discrepâncias: a porta do boxe era diferente, com vidro fosco; então ele cheirou as bolinhas de gel com essência de limão em um pote acima do vaso; flores secas estranhas pendiam de uma sacola roxa na parede. Em um único tremor retrospectivo, suas impressões sobre a casa mudaram: onde estava o piano (que ninguém tocava)? Ele vira ou não o lustre candelabro elétrico? O carpete da escada não era grosso demais, escuro demais no escuro para ser verdadeiramente branco?

Junto com o pavor absoluto de estar na casa errada, com o reconhecimento dessas diferenças veio a sensação, por conta da uniformidade das casas, de que ele estava em todas as casas do lago ao mesmo tempo; o sublime dos projetos idênticos. Em cada casa, Amber ou alguém parecido com ela estava em sua cama, dormindo ou fingindo dormir; os guardiões estavam mais adiante no corredor, homenzarrões roncando; as caras e poses nas fotografias da família no console da lareira podem mudar, mas todos pertenceriam à mesma gramática de caras e poses; os elementos das cenas pintadas podem variar, mas não o nível de familiaridade e insipidez; se você abrisse qualquer uma das enormes geladeiras de aço inox ou inspecionasse as ilhas de falso mármore, encontraria produtos modulares combinados com outros de configurações bem pouco diferentes.

Ele estava em todas as casas, mas, precisamente porque não estava mais ligado a um corpo distinto, também podia flutuar sobre elas; era como olhar para o trem em miniatura que Klaus, amigo de seu pai, lhe dera quando criança; ele pouco se importava com os trens, mal conseguia fazê-los correr, mas adorava o cenário, a grama verde estática espalhando-se pela maquete, os minúsculos mas imponentes pinheiros e as árvores folhosas. Quando olhava para as árvores incrivelmente detalhadas, ele ocupava dois postos de observação de uma só vez: imaginava-se sob os galhos e também os contemplava de cima; lá de

baixo ele olhava para cima e via a si mesmo olhando para baixo. Então podia alternar rapidamente entre essas perspectivas, essas escalas, em um revezamento que o separava de seu corpo. Agora ele estava paralisado de medo dentro daquele banheiro específico e, ao mesmo tempo, em todos os banheiros; olhava de uma centena de janelas para o barquinho no plácido lago artificial. (Uns toques de tinta branca sobre o acrílico seco acrescentam uma sensação de luar e movimento à superfície.)

Ele nadou de volta a si mesmo. Sentiu como se um cronômetro tivesse sido acionado em algum lugar, que ele tinha minutos, talvez apenas segundos, para fugir da casa que acidentalmente havia invadido antes que alguém descarregasse uma espingarda na sua cara ou a polícia chegasse e pudesse flagrá-lo pairando sobre o quarto de uma garota dormindo. O medo dificultava sua respiração, mas ele disse a si mesmo que apertaria o botão de retroceder e voltaria calmamente pelo caminho que fizera, sem perturbar ninguém. Foi o que fez, embora agora as pequenas diferenças tenham saltado aos seus olhos quando ele desceu: havia um grande sofá em L que não tinha visto antes; ele podia notar que a mesinha de centro era de vidro e não de madeira escura como a dela. No final da escada, hesitou: uma porta que dava para a rua estava ali, acenando; ele estaria livre, mas suas botas estavam lá embaixo, onde as deixara. Para recuperá-las, teria de passar pelo estranho que dormia.

Apesar do medo de ser descoberto a qualquer momento, decidiu que deveria ir pegar suas botas, não tanto por serem provas que poderiam apontar o culpado, mas porque sentia que estaria se arriscando a ser ridicularizado e humilhado se retornasse a ela descalço. Podia intuir o desenvolvimento da história, podia sentir que se estenderia — primeiro, como ela o deixou para trás sozinho no barco onde ele só fez besteira, e segundo, como pôde perder a porra das botas no meio de toda essa desgraça. Ei, Gordon, você amarrou bem os sapatos? Trouxe os chinelos? Espocou em sua mente uma lembrança de seu colega de escola, Sean McCabe, voltando para casa de meias, chorando, depois de roubarem o seu tênis Air Jordan. Sean ainda era ridicularizado por isso, mas agora levantava 130 quilos no supino.

O jovem que fora o suposto irmão dela havia virado o rosto para o encosto do sofá; o travesseiro agora estava caído no chão. O cabeção de Bob Dole movia os lábios na tela enquanto ele passava furtivamente. Pegou as botas e abriu a porta de correr devagar; os rolamentos emperraram um pouco; ele teve que aplicar alguma força, o que provocou um rangido alto; o corpo no sofá se mexeu e começou a se sentar. (Em toda a Comunidade Residencial de Lake Sherwood, os corpos se mexeram e começaram a se sentar.) Sem fechar a porta, ele disparou pela grama molhada com as botas na mão — indiferente à irregularidades do terreno, a paus e pedras — a uma velocidade que talvez jamais alcançasse de novo, seu corpo agradecido por poder fazer algo de útil com a adrenalina. Ninguém gritou atrás dele; havia apenas o som dos seus passos, o sangue estrepitando em seus ouvidos; ele disparou alguns sensores de movimento e resolveu ficar mais perto da água; correu com força total por um minuto até perceber que não sabia direito para onde estava indo. Caiu de joelhos, os pulmões queimando, olhou para trás para se certificar de que não estava sendo seguido. Calçou as botas o mais rápido possível sobre as meias molhadas. Depois levantou-se e correu desembestado entre duas casas até chegar à rua.

Seu único objetivo agora era encontrar seu Camry 89 vermelho estacionado na entrada da casa dela e ir para sua própria casa, para a cama. Ele ainda estava assustado — a qualquer momento poderia ouvir sirenes —, mas longe da água e da cena de sua invasão ridícula percebeu que o pior havia passado. Apalpou o bolso para confirmar a presença de suas chaves e caminhou a passos rápidos pelo meio-fio — não havia calçadas —, mas não correu, devia minimizar qualquer suspeita se por acaso fosse visto. Andou sem parar, envergonhado por estar a pé; não conseguia encontrar o carro dele, a casa dela; Adam provavelmente tinha levado o barco para a direção errada. Depois de procurar por quase meia hora, de contornar metade do lago, ele viu, foi uma visão arrebatadora, o seu carro onde deixara estacionado algumas horas antes. O som das portas destravando foi profundamente reconfortante. Entrou, viu o seu maço de Marlboro vermelho no banco do carona e pegou um cigarro;

colocou a chave na ignição, mas não deu a partida. Abaixou a janela, acendeu o cigarro com um Bic amarelo que tirou do porta-copo e inalou o que parecia ser sua primeira respiração completa desde que descobriu que ela havia sumido do barco.

Ligou o motor, acendeu os faróis e descobriu que ela estava de pé, o tempo todo de pé, no limiar da porta da frente, vestindo um suéter enorme. Seu cabelo louro-escuro quase na altura da cintura estava solto. Num reflexo, ele desligou o motor, apagando os faróis. Descalça, ela foi até o carro, abriu a porta do carona, pegou um cigarro do maço, acendeu e disse, como se ele estivesse alguns minutos atrasado para um compromisso, Por onde você andou?

Ele ficou furioso. Não podia confessar que ficara apavorado, não podia dizer que fora incapaz de conduzir o barco, ou que quase confrontou a jovem errada na casa errada. Exigiu uma explicação, Porra, qual é o seu problema? "Eu queria nadar", disse ela, dando de ombros e tragando o cigarro quando ele a pressionou, o cheiro do tabaco misturado com ar-condicionado. Distraidamente, ela começou a brincar com o cabelo dele.

Meu padrasto costumava fazer discursos intermináveis no jantar. Agora ele mal fala e, de qualquer modo, nós não fazemos mais as refeições juntos. Acho que está deprimido, deveria tipo ver um terapeuta, procurar os seus pais na Fundação. É estranho vê-lo quieto porque antes nos jantares ele vinha com aquelas discussões de merda longuíssimas, falando sozinho, na verdade, porque ninguém discutia nada; ele só ficava falando na nossa direção. Fazia uma pergunta ao meu irmão de vez em quando, mas sempre era do tipo teste de conhecimentos: O que uma vez eu disse que havia dificultado a indústria aeronáutica? (Você sabe que ele enriqueceu com a invenção de outra pessoa. Uma espécie de parafuso que não pesava nada.) E meu irmão nunca precisou responder porque o meu padrasto respondia à porra das próprias perguntas. A resposta era sempre a China, basicamente. Então, teve uma noite no verão passado, quando minha mãe deixou eu tomar vinho branco escondido e meu irmão não estava em casa, que precisei ser a única ouvinte na mesa a ser

convencida e aquilo realmente me deu nos nervos. Talvez tenha sido porque eu estava meio fodida da cabeça ou porque agora estou mais velha e mais consciente a respeito da minha mãe. Do que ela passou, a começar com o meu pai. Mas de qualquer maneira, eu fiz uma coisa idiota e meio incrível também. Devagarinho, comecei a me abaixar na cadeira, como se estivesse deslizando, enquanto ele comia o ravióli dele sem calar a boca. Minha mãe já estava na cozinha botando a louça na máquina; ela nunca come nada. O movimento vagaroso de descida exigiu muita força muscular no tronco todo. Aquele monte de abdominais. Muitos cristais (brincadeira). Na dança, eles sempre me dizem para visualizar um movimento enquanto o pratico e eu me imaginei como um líquido escorrendo pela cadeira. Fui descendo da cadeira até ficar debaixo da mesa e meu padrasto ainda não tinha notado nada, minha mãe estava lá, limpando, e eu estava tentando não rir.

Ou talvez chorar?, Adam perguntou, e ela olhou para ele.

Por esse cara ser triste pra caralho. Ou, sim, por minha mãe estar casada com ele. Porque o sujeito não percebe que a plateia foi pra casa enquanto ele continua falando sem parar. E então eu fui rastejando lentamente como uma foca pelo tapete debaixo da mesa, prendendo a respiração, até chegar na cozinha. Minha mãe tinha parado de limpar e estava do outro lado da ilha, não me viu, e aí eu me levantei silenciosamente. Ela está tomando seu vinho rosé e olhando pela janela para o lago ou para o seu próprio reflexo no vidro porque era noite. Pego a garrafa na porta da geladeira e despejo a maior parte do conteúdo num copão de plástico, me aproximo dela com o copão na mão, e ela está voltando de Marte e prestes a me dizer alguma coisa, mas eu a silencio colocando um dedo nos meus lábios e sussurro: escute. Podemos ouvir meu padrasto na sala de jantar falando com ninguém sobre Ross Perot. (Ele era obcecado por Ross Perot. Ross Perot e a China.) E minha mãe talvez não tenha entendido ainda o que estava acontecendo, então nós seguimos na ponta dos pés até a porta e ficamos olhando para a sala de jantar enquanto ele falava para o nada como uma rádio AM e o vinho estava quase saindo pelo meu nariz. Ficamos ali um tempão até ele

levantar a cabeça, como se o tivéssemos flagrado se masturbando. Ele olha para a minha cadeira, depois para nós e então minha mãe e eu começamos realmente a gargalhar. Aí ele dá um sorriso escroto que é puro ódio. Tipo, como vocês se atrevem a rir de mim, suas piranhas. Mas eu lhe devolvo um sorriso de enteada e o mantenho fixo na minha expressão. Nós praticamente ficamos naquele concurso de encaradas, e a risada da minha mãe transforma-se num riso nervoso até que, por fim, o rosto dele relaxa e tudo vira uma grande piada.

Levaria vinte anos para Adam captar o sentido da analogia entre ela escapando da cadeira e do barco. Ele fez algumas perguntas sobre o seu pai, e ela respondeu. Pensou em contar-lhe que havia entrado na casa errada — talvez pudesse extrair alguma poesia disso —, mas não disse nada, não quis arriscar. Para se proteger (de quê, ele não sabia), imaginou estar olhando em retrospecto para o presente, de uma cidade da Costa Leste vagamente imaginada, onde suas experiências em Topeka só poderiam ser contadas com grande ironia.

Mas ele estava de volta ao seu corpo quando se despediram com um beijo, e os cabelos dela, levemente molhados, estavam em seu rosto e a língua dentro de sua boca, percorrendo dentes, tabaco, hortelã e creme dental Crest. O beijo intensificou-se e, quando ele passou as mãos sob o suéter dela, viu no escuro de suas pálpebras fechadas diminutos padrões luminosos reincidindo. Fosfenos, minúsculos Rorschachs desbotados formados pelas descargas elétricas inerentes que a retina produz enquanto descansa, uma experiência de luz na ausência de luz. Ele conhecia essas formas por conta de sua concussão quando criança e de suas enxaquecas, e, mais recentemente, por esse tipo de contato; ele as conhecia desde pequeno e tentava pegar no sono vendo os círculos cinzentos migrarem pela escuridão; se pressionasse os olhos fechados perto das têmporas, as formas se iluminariam. Ele se perguntou se esses padrões eram exclusivamente dele, sinal de alguma excepcionalidade ou dano, ou se eram universais, se todos podiam vê-los. Mas eram tão fracos e difíceis de descrever que ele nunca foi capaz de descobrir se seus pais ou amigos tinham essa mesma experiência acima do limiar da percepção; os

padrões se dissipavam sob o peso da linguagem, permaneciam irredutivelmente individuais. Ele ouvia as pessoas dizendo que "viam estrelas" quando batiam com a cabeça, mas Adam não via estrelas; via anéis de luz vermelha ou amarela, ou formas de plumas tesseladas que começavam a tremular se ele prestasse atenção, ou espirais douradas esmaecidas que giravam pelo seu campo de visão — ou sabe-se lá como chamam o campo de visão quando os olhos estão fechados. Em vez de deslocar a mão para o interior de sua coxa, como era esperado, ele levou as duas mãos para o rosto dela; segurou sua cabeça e passou os polegares por suas pálpebras fechadas, aplicando cuidadosamente uma pressão distinta, mas intermitente; será que ela também via algumas centelhas vermelhas, uma rede de linhas desbotadas?

Amber se afastou um pouco, sorrindo. O que você está fazendo? Ele disse a ela a palavra que aprendera com Klaus, que dizia que os fosfenos podem ser gatilhos de alucinações psicóticas. Que algumas pessoas tentaram desenhá-los e os desenhos são estranhamente parecidos com aquelas pinturas rupestres, a arte mais antiga. Ele esperava que ela gostasse da poesia que ele conseguia ver nisso, queria tanto que ela visse o que ele via, queria imaginar que via junto com ela ou da forma que ela via; os fogos de artifício mais sutis do mundo anunciando o problema de outras mentes. Logo estavam se beijando novamente, e ele não sabia se iriam trepar. Mas naquela noite na principal comunidade residencial de Topeka, convenientemente localizada perto do West Ridge Mall, ela se separou dele educada e decididamente; talvez estivesse menstruada. Talvez nem se importasse com ele. Saiu do banco do carona com um dos cigarros dele e o isqueiro; deu a volta pela frente do carro e devolveu-lhe o isqueiro pela janela. Onde está o barco? Ele disse que ficara dando umas voltas pelo lago e bebendo por um tempo, não lembrava direito onde o havia deixado; estava tenso de novo, preocupado com a possibilidade de ter de admitir seus vários vexames ao navegar, mas ela não demonstrou nenhuma preocupação com isso.

Ganhe uma medalha para mim amanhã, ela disse, sorrindo, quando ele voltou a ligar o motor. Logo partiu rapidamente para longe das

McMansões da Urish Road, o ar frio entrando pelo teto solar que ele havia aberto. Quando a Urish deu na 21st Street, ele parou num sinal vermelho e viu à sua direita o lar de idosos Rolling Hills, uma construção térrea pré-fabricada onde seu avô materno, agora não verbal, era residente, paciente e prisioneiro desde que se mudara, desde que o mudaram para lá, vindo de Phoenix dois anos antes. Sua avó, que estava em boa forma, morava na principal comunidade de vida assistida de Topeka, a alguns quilômetros ao sul. Ele jogou a guimba do cigarro pela janela, observou a brasa espalhar-se pelo asfalto negro e obrigou-se a olhar para o prédio. A iluminação da rua clareava um pouco o estacionamento quase vazio; não fosse isso, estaria escuro. Estranho pensar no velhinho encolhido dormindo lá agora. Uma rápida mas hedionda analogia entre uma cama hospitalar motorizada e um banco reclinável de motorista lhe ocorreu, depois passou. Ele pôs *All Eyez on Me* no toca-fitas e o som no talo, imaginando se alguém dentro do lar de idosos poderia ouvir. Daí seguiu em frente.

Quatro horas mais tarde, o despertador o acordou. Meio dormindo ainda, ele tomou um banho e vestiu o terno preto que comprara com a mãe no West Ridge Mall. Pôs uma das duas gravatas do pai. Dirigiu por uma curta distância até a Topeka High School, parando ao lado de seus treinadores, Spears e Mulroney, que estavam dando uma olhada num mapa da Associação Automobilística Americana, a respiração deles visível à luz da rua. O primeiro tomava café de uma grande garrafa térmica; Mulroney, como sempre, bebia Coca-Cola Diet. Outros adolescentes trajando roupas formais carregavam grandes caixas de plástico da escola e as colocavam na traseira de duas vans ali perto. Ele não se ofereceu para pegar a sua própria caixa; um novato cuidaria disso. Viu sua parceira, Joanna, e cumprimentou-a com um gesto de cabeça; não eram amigos, tinham uma aliança puramente tática. Depois, dentro da van, ela quis falar de estratégias, mas ele encostou a cabeça na janela fria e ficou acompanhando o sobe e desce da fiação telefônica no escuro, e segundos

depois viu-se percorrendo um condomínio de casas idênticas em seus sonhos. Despertou quando saíram da estrada para tomar um café da manhã no McDonald's, os familiares contornos dos assentos modelados.

Já rompia a manhã quando chegaram na Russell High School. Em geral, ele não participava de um torneio tão pequeno, mas como Russell era a cidade natal de Bob Dole, e como Bob Dole estava concorrendo à presidência, neste ano o torneio Russell Invitational atrairia as melhores equipes de todo o estado; a lógica não ficara clara para ele, mas Mulroney insistiu que participassem. De vans e ônibus similares de outras escolas, mais adolescentes com seus típicos trajes esquisitos descarregavam suas próprias caixas, transportando-as pelo estacionamento frio até a entrada principal da escola. Quando ele e Joanna passaram pela porta, seus prováveis adversários abriram caminho.

Adam achava que as escolas ficavam estranhamente diferentes nos fins de semana, os espaços se transformavam num vazio com a ausência de alunos e professores, alijados dos ritmos de um dia normal. As salas de aula, com seus cartazes exortativos, SEJA A MUDANÇA QUE VOCÊ QUER VER, suas fileiras de carteiras vazias, equações ou datas ou frases feitas deixadas para trás em quadros de giz ou brancos, fizeram Adam pensar em cenários teatrais abandonados ou fotografias de Chernobyl. Aqui e ali, ele captava rastros de desodorante em bastão ou brilho labial com sabor ou outras assinaturas flutuantes de uma ordem social agora suspensa. Enquanto seguiam pelo corredor principal da Russell High, ele tentou várias combinações de cadeado nos armários. No saguão da escola, viu pendurada uma faixa do campeonato estadual de luta livre, tocou-a com o distanciamento de um antropólogo ou fantasma.

Eles se reuniram para uma breve recepção de boas-vindas em um refeitório iluminado por lâmpadas fluorescentes e que cheirava a alvejante industrial. O treinador anfitrião fez seu pronunciamento enquanto eles examinavam seus materiais. Em seguida, as equipes se dispersaram, levando seus carrinhos de provas para as salas de aula designadas, onde um juiz e um cronometrista aguardavam.

Ele deixou que Joanna o conduzisse à sala deles. Filha de dois neurologistas da Fundação, Joanna era uma aluna do último ano admitida na Ivy League, baixinha e inteligente, que lhe contou ter feito 1.600 pontos no exame do SAT. Ela compilara quase todas as pesquisas deles, tendo participado de um "instituto de debates" na Universidade de Michigan durante o verão para ter uma vantagem inicial na competição. (O tópico deste ano era se o governo federal deveria estabelecer novas políticas para reduzir a criminalidade juvenil; o plano deles argumentava que o fortalecimento da regulação da pensão alimentícia faria isso de várias formas.) A contribuição de Adam para o trabalho preparatório consistiu em dar uma olhada na *The Economist* durante a aula de debate. Seu ponto forte era dar respostas rápidas expondo falácias; suas inquirições aos adversários eram bastante temidas.

As primeiras rodadas foram, em grande parte, mera formalidade; eles despacharam equipes pouco qualificadas na frente de juízes leigos, quase sempre pais relutantes de outros debatedores. Naquele final de semana na Russell, alguns alunos do segundo ano tentaram surpreendê-los apresentando uma versão do próprio plano deles contra eles, após reestruturá-lo a partir de anotações feitas durante as rodadas eliminatórias, que eram abertas ao público.

Adam levantou-se, alisando a gravata do pai, para inquirir o primeiro orador, visivelmente nervoso, da equipe afirmativa; seu oponente parecia um garçom de camisa branca e calça preta. Eles ficaram de frente para um juiz — os adversários não se olham — que mal cabia na carteira combinando mesinha e cadeira. Ficava sentado com os braços cruzados, os óculos sobre a cabeça careca, e, a contragosto, fazia anotações em um bloco.

— Você poderia, por favor, repetir a resolução deste ano?

— Repetir?

— Sim, por favor.

— Resolução: Que o governo...

— O governo *federal* — diz Adam, como se estivesse constrangido de ter que ajudá-lo. — Leve o tempo que for necessário — acrescenta, sabendo

que soaria como educação ao juiz e, ao seu oponente, como condescendência revoltante.

— Resolução: O governo federal deve estabelecer um programa para reduzir substancialmente a criminalidade juvenil nos Estados Unidos. — Há um remoto tremor em sua voz.

— Por que a pensão alimentícia foi estabelecida?

— Para o sustento das crianças, óbvio — a origem do sarcasmo é a ansiedade —, depois que seus pais se divorciam.

— Na verdade, pais não casados acumulam as mesmas obrigações de pensão aos filhos menores na maioria dos estados. — Adam não tem a menor ideia se o que disse é verdade. Sutilmente, ele finge ignorar, transcender, o tom de seu oponente. — Mas deixemos isso de lado. Parece que você concorda que o programa que propõe para fortalecer o direito de pensão não tem em vista principalmente a redução substancial da criminalidade juvenil.

— Não, quer dizer, essa é uma das intenções.

— Você tem alguma prova que corrobore essa afirmação? — Seu tom deixa claro que ele espera que seu oponente tenha, que esse debate seria bem-vindo; e também comunica ao juiz que a rodada será encerrada caso não haja provas. (A cédula instrui o juiz que a "topicalidade" deve ser provada pela equipe afirmativa. Ele e Joanna podem esmagar aqueles debatedores de inúmeras formas, mas Adam prefere ver se o seu oponente vai meter os pés pelas mãos logo no primeiro ponto.)

— A prova é que isso reduz o crime. É por isso que as vantagens do nosso plano são...

— Então você está querendo dizer que qualquer coisa que tenha o efeito de reduzir a criminalidade está dentro do tópico?

— Não. Tem que ser federal, um programa federal.

— Então, se eu defendo que o governo federal construa usinas nucleares e ele as constrói de forma inadequada, com material de qualidade inferior, causando mais adiante uma poluição terrível e essa poluição provoca efeitos desastrosos à saúde levando a uma mortalidade em massa, fazendo portanto com que a criminalidade seja reduzida, essa

é uma resolução tópica? — O juiz sorri por conta do que Adam disse e de como disse. Adam fez o juiz lembrar-se da desconfiança que nutria pelas autoridades federais.

— Claro que não — com raiva agora.

— Por quê? Porque tem que ser um efeito *pretendido* da política?

— Sim, claro.

— Você tem alguma prova de que foi um efeito pretendido?

— É senso comum. — Ele deveria argumentar que, independentemente do *motivo* pelo qual a pensão alimentícia foi estabelecida em geral, eles, a equipe afirmativa, estão agora pretendendo expandir a política de redução da criminalidade, cumprindo assim as condições da topicalidade. Mas ele está esgotado.

— Eu acho que o senso comum é de que a pensão alimentícia é um projeto para equalizar os encargos financeiros dos pais após uma separação. E que mesmo que essa equalização de alguma forma *complicasse* os esforços de redução da criminalidade, ainda haveria argumentos substanciais para sua importância. E... — ele percebe que, para o cidadão comum de Russell, Kansas, suas palavras assemelham-se a um discurso feminista; então dá uma guinada sem hesitação detectável — ... posso pensar em argumentos fortes contra esse tipo de intervenção federal em relações privadas. O problema é que esse não é o tópico do debate deste ano.

— Eu... olha, você lidou com esse caso o tempo todo e a topicalidade nunca...

— Com licença, mas eu preciso interrompê-lo... você quer que o juiz lhe conceda esta rodada porque *nós* ganhamos outras com um caso semelhante? — Ele se sente ofendido em nome do próprio debate.

— Não estou dizendo isso. Eu estou...

— Essa é uma ideia interessante, a de que o que discutimos nas rodadas anteriores deve ser relevante, e pode ser usado contra nós. Você deveria perder essa rodada de defesa da resolução, já que você supostamente argumentou contra ela em um debate anterior? — O juiz está sorrindo novamente.

— Não, claro que não, mas...

— E, incapaz de defender a topicalidade de sua política perante a equipe negativa — ele está muito sério agora, um promotor de *Law & Order* pronto para o golpe fatal —, você menciona o fato de ter copiado o seu plano de nossas rodadas afirmativas. — Uma pausa. — Sua defesa frente à acusação de não haver cumprido as condições da topicalidade é plágio?

Breve silêncio em que o juiz, sobrancelhas erguidas, faz uma anotação.

— Só estou dizendo que é um plano pertinente ao tópico — diz ele com humildade, a rodada já perdida.

Na Russell High, a competição só começou para valer nas semifinais, quando o julgamento seria realizado por um painel de três debatedores universitários. Ele e Joanna estavam do lado afirmativo, enfrentando uma equipe razoavelmente desafiadora da Shawnee Mission West High School. A sala — uma espécie de sala de aula de ciências: microscópios em uma grande mesa no canto, várias pias — estava cheia: os debatedores eliminados e seus treinadores eram parte do público agora. Quando a rodada estava prestes a começar, fez-se um silêncio pesado; pela primeira vez, Adam ouviu o ruído de um filtro do aquário num tanque em que ele não havia reparado, perto da parede. Ele só conseguia distinguir algumas formas amarelas flutuando lentamente.

E então Joanna se levanta para fazer seu discurso de abertura. Por alguns segundos, soa mais ou menos como oratória, mas logo acelera para uma velocidade quase ininteligível, aumentando a intensidade e o volume; ela ofega como um nadador vindo à tona, ou talvez se afogando; está usando a estratégia do *spread,* a fala extremamente rápida que atropelava seus oponentes, já que estes por sua vez farão o mesmo — isso é, trazer mais argumentos, reunir mais provas do que a outra equipe pode responder dentro do tempo previsto, sendo a regra entre debatedores sérios que um "argumento não provado", não importando sua qualidade, seu conteúdo, é descartado como falho. (Debatedores competitivos passam horas fazendo exercícios de velocidade — colocando uma caneta entre os dentes durante a leitura, o que força a língua a

trabalhar mais, a boca a articular melhor; eles praticam lendo as provas de trás para a frente para separar o ato físico de vocalização do esforço para compreender, o que faz uma pessoa desacelerar.) Os juízes debruçam-se sobre seus blocos de anotações, criando um fluxograma da rodada junto com os concorrentes, registrando argumento e contra-argumento em taquigrafia, fazendo pouco ou nenhum contato visual com os oradores. Durante os breves intervalos em que suas canetas estão ociosas, eles as giram ao redor dos polegares, um hábito típico de debatedores.

Para um antropólogo ou fantasma vagando pelos corredores da Russell High School, o debate interescolar pareceria menos um discurso competitivo do que um ritual de glossolalia. Veja o primeiro orador da equipe negativa da Shawnee Mission — o rosto coberto de acnes císticas, a roupa informal, típica dos garotos ricos de Kansas City — lendo provas em 340 palavras por minuto para sustentar sua alegação de que o plano da equipe afirmativa sobrecarregará os tribunais familiares, desencadeando uma série catastrófica de eventos. Ele deixa cada folha de papel cair no chão quando termina de ler, junto com gotas de suor. Inspira bruscamente, grita outro mote: "Tribunais sobrecarregados levam ao colapso civil", depois lê mais provas, emaranhando-se brevemente em uma gagueira que, com tal volume e tal velocidade, faz parecer que ele está tendo uma convulsão ou um derrame cerebral. À medida que o tempo se esgota, ele resume seus argumentos, embora poucos dos não iniciados possam entendê-lo: *A prova de Gregor aponta para tribunais sobrecacarregados como resultado do aumento de processos por pensão alimentícia a filhos menores levando ao colapso colapso civil e judidicial levando ao conflito nuclear e ataques China ou Coreia do Norte pelo vácuo de poder resultante supeperando quaisquer benefícios que o plaplano da equipe afirmativa possa oferecer e e e e Stevenson prova que plano afirmativo não tem solvência por si si só porque a resistência de de agências internas bloqueia a impleplementação devemos votar contra não apenas pelo impacto da desvantagem mas mas mesmo que se se considere plano como plano sem solvência a principal*

fonte 1AC para tribunais da Geórgia afirma não não aplicável ao programa federal só em nível estadual, então não há como votar a favor, mas contra.

O *spread* era assunto controverso; se empregado na frente de juízes leigos, havia choque, reclamações. Algumas equipes altamente qualificadas haviam subestimado seus juízes e foram eliminadas nas rodadas iniciais por excesso de verborragia. Treinadores veteranos tinham saudades do tempo em que os debates eram debates. A crítica mais comum ao *spread* era que ele afastava o debate político do mundo real, que ninguém se expressava da maneira como esses debatedores faziam, exceto talvez os leiloeiros. Mas até os adolescentes sabiam que isso não era verdade, que o mundo corporativo utilizava uma versão do *spread* o tempo todo. Eles ouviam as advertências no final dos comerciais de televisão, cada vez mais comuns para medicamentos controlados, quando as informações dos risco eram enunciadas numa velocidade projetada para dificultar a compreensão; eles ouviam a lista de regras e avisos lidos como rastilho de pólvora ao final das promoções no rádio; eles estavam, pelo menos, vagamente familiarizados com as "letras miúdas" que recebiam de instituições financeiras e companhias de seguros de saúde; a última coisa que se podia fazer com aquelas milhares de palavras era compreendê-las. Esse tipo de divulgação foi feita para ocultar; expuseram você a informações que, caso você desafie a instituição em questão, permitem que seu argumento seja considerado "falho" em uma rápida rodada de debates — você já se deu por vencido ao não apresentar provas quando seu argumento foi objetado. O fato de não ter tido tempo não serve como desculpa. Mesmo antes do ciclo de 24 horas de notícias, das tempestades de tweets controversos (que permitem que uma pessoa se expresse de forma hesitante e rápida ao mesmo tempo), da negociação de algoritmos, das planilhas eletrônicas, dos ataques DDoS, os americanos estavam sendo atropelados por palavras cotidianamente; enquanto isso, seus políticos continuavam falando devagar, devagarinho, sobre valores totalmente desconectados de suas políticas.

Joanna era rápida demais para os adolescentes da Shawnee Mission; Adam passou a maior parte da rodada semifinal apontando quais os argumentos dela que seus oponentes não souberam refutar. Nas finais, quando voltaram para o lado negativo, eles bateram rivais da Lawrence High. Quando perderam para a Rohan e a Vinay no passado, foi culpa de Adam; eles estavam tão bem preparados quanto Joanna. Mas naquele dia, por um motivo qualquer, sua mente estava particularmente acelerada.

E naquele dia na Russell High, enquanto enumerava em rápida sucessão as diversas formas imprevisíveis de implementação do plano de seus oponentes que poderiam levar ao holocausto nuclear (quase todo plano, mesmo insignificante, levaria ao holocausto nuclear), ele ultrapassou, como quase sempre acontecia, um misterioso limiar. Começou a sentir que não estava mais proferindo um discurso, mas que um discurso o proferia, que o ritmo e a entonação de sua apresentação começavam a ditar seu conteúdo, que não tinha mais que organizar tanto seus argumentos, mas deixar que fluíssem através dele. De repente, a tensão física que ele carregava era toda energia concentrada, uma transformação que tornou o acontecimento um tanto erótico. Se a linguagem que fluía nele era sobre os efeitos supostamente catastróficos do fim do programa de vigilância Stingray do governo ou sobre o fracasso do debatedor do lado afirmativo em provar a solvência, Adam estava mais no campo da poesia do que da prosa, seu discurso expandido pela velocidade e intensidade até ele sentir seu significado referencial se dissolver em pura forma. Em uma escola pública fechada ao público, com um terno que parecia uma fantasia, enquanto fingia discutir políticas públicas, ele foi capturado, ainda que num átimo, por uma experiência prosódica.

Pouco depois, ele estava de volta ao refeitório para a cerimônia de premiação, comendo M&M's de amendoim que um calouro pegou para ele na máquina, ouvindo sem prestar atenção o treinador Spears tentar convencê-lo de que a luta livre profissional era real: eu vi o sangue; eu estive perto da gaiola. Adam assentia enquanto mastigava. Todos ficaram

calados quando os treinadores anfitriões chegaram para anunciar o resultado final e distribuir medalhas.

De repente houve uma comoção nas portas do refeitório. Elas se abriram e vários repórteres entraram apressados; um cinegrafista rapidamente colocou uma luz ofuscante num tripé e uma câmera no ombro. Em seguida, para a crescente surpresa dos debatedores reunidos, homens que sem dúvida eram seguranças entraram na sala, olhando em volta com seus fones de ouvido. Ele olhou para a treinadora Mulroney, que exibiu um sorriso de reconhecimento. Por fim, o senador Bob Dole apareceu, um natural de Russell que, aos 73 anos, estava a menos de um mês de ser esmagado por Bill Clinton, uma vitória arrasadora para o democrata que confirmaria que o conservadorismo cultural estava dando lugar ao reinado dos *baby-boomers* mais progressistas. O que confirmaria o fim da História.

Uns poucos gritinhos de reconhecimento, alguns aplausos. Dole, como sempre, segurava uma caneta na mão do braço direito quase todo paralisado e dava um aceno desajeitado com o esquerdo. Ladeado por assessores, ele caminhou para a frente do refeitório e apertou a mão esquerda do treinador anfitrião, que disse, radiante, que o próximo presidente dos Estados Unidos estaria entregando as medalhas aos vencedores do ano do torneio da Russell High School. Antes de os medalhistas serem agraciados, o senador Dole queria dizer algumas palavras.

— Eu mesmo não sou muito um debatedor — disse ele, talvez esperando risos, que não vieram —, mas valorizo muito as habilidades que vocês estão desenvolvendo aqui hoje. — Mesmo para um político, Dole falava com hesitação. (De sua cadeira na plateia, Adam sem querer imaginou Dole segurando a caneta entre os dentes e lendo de trás para a frente; imaginou Dole tentando, sem conseguir, imitar o giro da caneta dos debatedores com sua mão fria e incapaz. Depois imaginou o braço esquerdo paralisado de seu avô no Rolling Hills.) — Vocês são os futuros líderes da América, e estou muito feliz por estarem todos aqui aprimorando sua capacidade de comunicação, de persuasão. Isso é muito

importante. Em nossa democracia. Crucial. E aprendendo tanto sobre o governo e a política. Maravilhoso. Tenho a honra de estar aqui para dizer-lhes que para mim todos vocês são vencedores pelo trabalho árduo que estão fazendo. Isso fará vocês irem longe. Tenho certeza de que verei alguns de vocês no Congresso.

Ele recebeu uma ficha onde leu os nomes dos membros da equipe que ficou em terceiro lugar, os debatedores se levantando para receber suas medalhas, parando para tirar fotos com o senador. Ele massacrou os sobrenomes dos alunos da Rohan e da Vinay, que se levantaram quase se desculpando.

Agora vou mostrar-lhes uma foto e gostaria que vocês inventassem uma história a partir dela. Chamamos isso de "Teste de Apercepção Temática", ou TAT. Uma história com começo, meio e fim. É uma fotografia em preto e branco publicada na primeira página do *Topeka Capital-Journal*. (Quem é esse garoto sério de 17 anos, cujos cabelos estão presos num rabo de cavalo enquanto as laterais da cabeça estão raspadas, num desastroso ajuste capilar entre a família esquerdista de seus pais e o estado republicano em que foi criado? A mão esquerda dele está quase tocando a direita de Dole, que segura a caneta, o adolescente usa uma medalha ganha ao expressar-se numa linguagem quase privada a grande velocidade. O senador, que quase sempre refere-se a si mesmo na terceira pessoa, cuja campanha é orientada por Paul Manafort, será o único ex-candidato presidencial a participar da convenção republicana em 2016.) O que essas pessoas estão pensando nesta foto? Sentindo? Comecem me contando o que levou a essa cena.

Adam chegou a conhecer Kenneth Erwood superficialmente, pelo que se lembrava; o dr. Erwood — um dos poucos homens abertamente homossexuais em Topeka e, portanto, alvo frequente do reverendo Fred Phelps e seus seguidores — aparecia para jantar, era um convidado em festas. Homem sereno, sorridente e de boa aparência, parecia ao mesmo tempo mais velho e mais jovem do que sua idade (prematuramente

encurvado, depois apenas encurvado, mas com um rosto de garoto que parecia nunca mudar), e cujos cabelos grisalhos cortados à escovinha não tinham qualquer espírito militar (embora ele de fato tivesse trabalhado na Estação de Testes da Base Naval em Point Mugu estudando análise ótica de mísseis autoguiados). Erwood ouvia atentamente, mas nunca se estendia demais num assunto como os outros homens. Embora Adam não conseguisse se lembrar, seus pais o levaram até o consultório de Erwood, que ficava no mesmo prédio que o do seu pai, para uma consulta semanas após sua concussão. Eles foram orientados a fazer alguns exercícios de meditação a fim de estimular a cura e reduzir o estresse pós-traumático. Adam tinha uma ligeira lembrança de estar sentado no carpete bege claro da sala com seus pais semanas após sua alta do hospital com as palmas das mãos viradas para cima no colo.

Uma vez Adam perguntou à mãe se ela conhecia alguém que fosse paranormal, se acreditava nesse tipo de coisa, e ela disse, sem hesitar: Kenneth Erwood. Embora ele fosse cauteloso ao justificar, para os administradores, sua pesquisa em linguagem da neurociência, Erwood falava abertamente com amigos e colegas que, quando criança, recebeu uma visita, numa espécie de sonho acordado, que lhe comunicou, ou deu a entender, que ele estava sob orientação espiritual. Como estudante universitário, Erwood reencontrou seu guia com a ajuda de um médium conhecido e, na mesma época em que concluía doutorados em física e psicologia, teve uma visão em que apareciam imagens de uma torre de relógio. Quando viajou para a Fundação em 1965, ele reconheceu a construção no centro do campus e soube que era ali que estava destinado a realizar o seu trabalho.

Erwood estudava como os processos mentais influenciavam as respostas fisiológicas. Ele estava particularmente interessado na capacidade de uma pessoa alterar o campo eletromagnético que circunda o corpo. Logo depois de entrar para a Fundação, Erwood inaugurou um pequeno departamento de psicofísica e psicofisiologia. O destaque do departamento foi a "Iniciativa da Parede de Cobre". Sua pesquisa demonstrou que reconhecidos terapeutas da cura e meditadores das mais

diversas tradições poderiam induzir, a vários metros de distância, mudanças significativas de voltagem em um eletrodo feito de cobre do tamanho de uma parede. A parede foi construída no porão da torre do relógio da Fundação.

Agora, no último ano do colégio, Adam voltava a ver Erwood contra a sua vontade. Seus pais haviam insistido, com incomum firmeza, que ele ou se consultasse com Erwood ou iniciasse uma terapia da fala convencional. A intensidade, eles disseram, estava fora de controle, ele se enfurecia rápido demais, mesmo que fosse relativamente rápido para se acalmar. Adam precisava de "estratégias". Sua mãe lhe pedia que tirasse os pratos sujos da sala de estar onde, para começo de conversa, ele não deveria estar comendo. "Eu faço isso depois", ele diria; "Eu gostaria que você fizesse agora", ela responderia; então, de repente, ele lançaria uma torrente esmagadora de argumentos ridículos, mas de alguma forma irrefutáveis, sobre como ela era irritante, sobre sua hipocrisia, sua incapacidade de obedecer aos preceitos que ela expunha em seus próprios livros, sua fixação bizarra na ordem doméstica convencional em detrimento da autonomia dos outros. Todas as vezes ela falhava na hora de provar a topicalidade. Os pratos ficavam onde estavam.

Ou se ele pedia emprestado o carro do pai porque a luz de alerta no painel do Camry estava acesa e fazendo barulhos insuportáveis e seu pai dizia Não, sinto muito, eu tenho uma reunião do *men's group* esta noite e vou precisar do carro, mas posso ajudá-lo se você trouxer o seu amanhã, ele num rompante discorreria com eloquência feroz sobre toda essa noção de terapia de grupo masculina, embora seus argumentos fossem contraditórios. Que aquilo era papo furado machista de Robert Bly, ele dizia, por ter ouvido comentários zombeteiros sobre *João de Ferro* naquela casa, mas quando seu pai disse calmamente, Você entendeu errado, o *men's group*, como sabe, é um movimento de amigos pró-feministas, ele os acusaria de serem um bando de yuppies emasculados achando que platitudes flutuantes sobre a paternidade os tornariam iluminados. Vocês *deviam* é fazer rituais masculinos improvisados na floresta. Tocar uns tambores, assar uns esquilos. Quanto mais calmo o pai se mostrava,

mais a fúria de Adam crescia: brigas por nada faziam com que ele batesse portas; por duas vezes socou e abriu buracos na parede do seu quarto.

Seus pais ficavam, além de exasperados, preocupados, mas não *tão* preocupados. Como psicoterapeutas, eles tinham menos receio de um conflito aberto do que da perspectiva de um garoto se isolar, enfurnar-se em seu quarto, ficar perdido dentro de si mesmo. Enquanto houvesse linguagem, haveria processamento e, quando se acalmava, Adam pedia desculpas por sua intensidade empregando seu vocabulário da Fundação; eles costumavam pensar juntos sobre as causas disso. Quando não estava agindo feito um imbecil, ele era engraçado, curioso, gentil; pense em como ele era maravilhoso junto da avó, quantas perguntas boas fazia sobre os amigos dos pais quando estes conseguiam que ele se sentasse à mesa para jantar. Artistas da música folk, organizadores de comunidades, especialistas em sexo, escritores e estudiosas feministas hospedavam-se no casarão vitoriano deles quando passavam pelo Meio-Oeste; e ele mostrava-se sempre interessado, aprendendo rapidamente novas formas de pensar e de falar. Sentiam-se orgulhosos de sua política. Ele tirava sempre as notas mais altas da classe. (Não suspeitavam que colava em matemática.) Era fenomenal ao "falar em público". Lia e escrevia poesia. Provavelmente entraria para uma universidade da Ivy League, embora para eles tudo bem se conseguisse a Universidade do Kansas. Eles presumiam corretamente que parte da volatilidade dele provinha de seu medo de sair de casa.

Depois houve as enxaquecas, cada vez mais frequentes e graves. Ao olhar para uma página de texto ou uma placa na parede, ele de repente achava impossível ler, as letras pareciam galhos flutuando na água. Em seguida, grandes pontos cegos, como se tivesse olhado uma luz brilhante. Depois, a redução significativa da visão periférica. Rápida como os sintomas ópticos e o analfabetismo abrupto, surgiria a dormência nas mãos, em partes do rosto, às vezes na língua, o que fazia com que Adam gaguejasse. Uma sensibilidade à luz tão severa que um esboço de sol entrando pelas laterais das persianas blecaute era uma lanterna em seus olhos, fosfenos soltos pelo mundo. Ele teria a sensação de que seus

membros estavam deslocados, que não poderia controlá-los; esticava a mão para pegar um copo d'água e errava o alvo por centímetros ou o derrubava. Quando pressionava um cartucho de Imitrex na perna para aplicar uma injeção, não conseguia distinguir o que era perna, plástico duro e mão, todos eram objetos estranhos e estúpidos, a medicação adiantava muito pouco, talvez nada. Depois de meia hora de pródromos, ele sentiria uma dor na cabeça tão excruciante que provocava náusea. Quando o vômito começava, não parava por horas; mais de uma vez teve que ir ao hospital para ser tratado por desidratação. Aqui estamos de novo, enfermeira Eberheart. Diga oi a Darren por nós. Em meio a esses sintomas, estava seu medo deles, como as distorções neurológicas lembravam sua concussão; sua desorientação era diretamente associada ao seu pânico com a desorientação, e cada enxaqueca, que tendia a durar entre oito e doze horas, parecia uma pequena repetição daquele trauma.

Parte do que tornava as enxaquecas tão terríveis era sua crença de que ele as provocava. Você vai fazer uma enxaqueca, ele costumava ouvir, avisando a si mesmo. Se a causa das dores de cabeça fosse estresse, então todo pensamento mais intenso, todo desejo deslocado, todo conflito real ou imaginário, retornariam a ele na forma de dor. As pressões de ter de se passar por um homem de verdade, de se comportar tal como esperado — o constante levantamento de peso, o combate verbal —, acabariam por reduzi-lo a uma criança outra vez, deitada na cama chamando pela mãe. As enxaquecas eram suas confissões físicas involuntárias e periódicas de que no fundo ele era dócil, o resto era jogo de cena. E embora nunca tivesse mais de uma enxaqueca num período de seis semanas, Adam sentia cem vezes por dia que uma estava se aproximando: sempre que desviava os olhos de uma fonte de luz sua visão apresentava pontos pretos, sempre que parte de seu corpo adormecia ou ficava ligeiramente dormente por conta de má postura nas raras ocasiões em que gaguejava ou a fala saía confusa — o terror surgia dentro dele. Cada alarme falso, por gerar ansiedade, aproximava-o da coisa real.

Erwood era um pioneiro em biofeedback, especialmente em ensinar as pessoas a aquecer as mãos como uma forma de fazer com que processos

corporais automáticos ficassem sob controle consciente. O objetivo era acalmar o reflexo de lutar ou fugir, aumentar o fluxo sanguíneo das extremidades e aliviar dores de cabeça causadas pelo acúmulo de tensão vascular. Os pais de Adam presumiram corretamente que ele estaria mais disposto a consultar-se com Erwood para o problema da enxaqueca do que a procurar um psicoterapeuta e discutir sua vida emocional. Como Erwood trabalhava em horários não convencionais, ele poderia consultá-lo na Fundação nas tardes de domingo.

O consultório lembrava o de seu pai, só que não havia escrivaninha; havia duas cadeiras para conversar, uma de frente para a outra, e almofadas e esteiras para meditação em um canto. Um sino tibetano de cobre com um pequeno martelo. Nas paredes, algumas fotos emolduradas que ele supunha ser de curadores do Oriente — homens, principalmente, com vestes brancas, vermelhas e cor de açafrão. Na primeira sessão, Erwood solicitou uma descrição detalhada dos sintomas da enxaqueca, de como começavam, explicou como e por que o biofeedback funcionava, depois colocou um pequeno sensor de temperatura nas mãos de Adam pedindo que ele fechasse os olhos e visualizasse o que o médico descreveria lentamente. Primeiro ele deveria tomar consciência de sua respiração, inspirando profundamente, expirando devagar. Observe os movimentos de subir e descer do abdômen e do peito. Em seguida, deveria imaginar um calor se espalhando da ponta dos dedos e subindo lentamente por todo o corpo, antes de concentrar-se nas mãos. Pareceu ter durado meia hora, mas eles passaram menos de dez minutos nessa sessão inicial, Erwood mostrando a Adam, depois de pedir que ele abrisse os olhos, como ele havia aumentado um pouco sua temperatura. Erwood pediu que ele se comprometesse com dez minutos de prática por dia durante a primeira semana, deu a ele o sensor e, em seguida, perguntou: Você gostaria de ver a parede?

No porão da torre do relógio, Adam entrou hesitante na sala que Erwood abrira para ele e sentou-se de pernas cruzadas no grande cubo de vidro, como supôs que deveria fazer. Erwood saiu, fechando a porta.

Adam ergueu os olhos para fitar a parede enquanto sua visão tentava se adaptar ao que, a princípio experimentou como um breu total. Ele achou que estava cheirando levemente a cobre, mas devia ser sua imaginação ou seu suor. A cor do centro da parede logo tornou-se visível para ele, embora imprecisa. Podia ouvir Erwood fazendo barulho atrás da parede; por que não acendeu as luzes? Percebeu aos poucos uma luz ambiente na sala, talvez vindo por baixo da porta, e então pôde distinguir naquela escuridão uma nebulosa vermelha, laranja e marrom. Embora seus olhos estivessem abertos em uma sala escura, Adam sentia que estavam fechados enquanto olhava para uma fonte de luz, como se a luz penetrasse suas pálpebras, assumindo a cor do sangue pelo qual passava. Involuntariamente, ele tentou abrir os olhos já abertos.

— Como está se sentindo aí? — ouviu Erwood perguntar por trás da parede, ou através dela ou por um microfone, e ele se ouviu responder: "Bem". Sua voz soava a tédio, mas não estava entediado: estava olhando para a fonte secreta de poder da Fundação brilhando vagamente no porão da torre do relógio, a coisa por trás ou além de toda conversa, a energia inominável que atraíra seus pais e tantos outros de lugares distantes, que ajudou a reunir Klaus e a velha-guarda de analistas exilados. Estava olhando para o fundo dourado de uma pintura medieval, depois estava dentro da pintura olhando para um museu à noite. Adam mudou de posição dentro do bloco de vidro, notou como se sentia quente e quase exigiu que Erwood acendesse a luz, se houvesse uma luz, mas depois pensou que soaria como se estivesse amedrontado, e estava de fato, ainda que só um pouco. Porque havia pegado aquela planta com poderes especiais no jardim da Bright Circle Montessori School, porque havia batido com a cabeça, parando o tempo, porque infligira a si mesmo aquelas dores de cabeça despersonalizantes. Ele tinha todas as idades ao mesmo tempo sentado naquele breu diante da parede, ou tremulava entre elas, passando por todas as casas do lago.

Agora Erwood não estava emitindo som algum. Estava silencioso demais; a sala era tão à prova de som que se aproximava do anecoico. Ele ouvia a água correndo pelos canos da torre do relógio e o zumbido da

eletricidade nos fios, mas isso era o sangue fluindo por sua cabeça, o sibilo dos nervos auditivos ociosos. Imaginou Erwood morto, caído sobre algum tipo de painel de controle do outro lado da parede, que estava a um milhão de quilômetros de distância — ele estava à deriva no espaço sideral agora, lançado em órbita contra a sua vontade; Erwood era a torre de controle. Ele fechou os olhos para reprimir o pânico, e a parede ainda estava lá, fosfenos percorrendo ela toda; involuntariamente, tentou fechar os olhos novamente. E então, para preencher o vazio, vieram a raiva e a linguagem. Raiva de qualquer brincadeira que Erwood estivesse fazendo com ele, qualquer teste que estive administrando, deixando-o ali por minutos que eram horas. Adam se imaginou dando uma joelhada na cara do gentil doutor, o nariz quebrando, o cheiro de cobre do sangue. *Eu te avisei, seu filho da puta; cara, eu disse, sai fora. Eu disse que o plano afirmativo irá desencadear partículas generalizadas de raiva resultando na declaração da lei marcial da enxaqueca que causa danos permanentes às instituições democráticas e leva ao colapso da OTAN das boas e sólidas regras que permitiriam a milhares de pessoas viverem juntas no lar de idosos Rolling Hills com Darren e Dole.* Seus olhos estavam abertos e/ou fechados? Ele queria desfigurar aquela superfície de cobre perfeitamente lisa, raspar suas chaves no metal como se fosse a porta do carro de um inimigo da Topeka West, fazer qualquer marca mínima que pudesse inaugurar um alfabeto.

Erwood abriu a porta e a luz inundou o ambiente, dispersando seus pensamentos, se é que eram pensamentos. O que você acha?, Erwood perguntou. Legal, ele disse, com indiferença na voz. Erwood aproximou-se dele e, para surpresa e desconforto de Adam, colocou a mão na sua nuca, molhada de suor, depois passou suas duas mãos pelos músculos do trapézio até os ombros, que estavam doloridos pelos exercícios recentes no Popeye's Gym da 21st Street. Você está carregando uma enorme tensão nos ombros, disse Erwood. Aqui e aqui. Por que não tenta falar com esses músculos, já que é um ótimo orador? Peça-lhes — com muita amabilidade, com muita humildade — para relaxarem.

Havia um banco de ferro em frente à torre do relógio, onde ele esperava seu pai buscá-lo. O relógio dizia que eram quase cinco. Estava

estranhamente quente para novembro, mas os dias mais curtos assinalavam a aproximação do inverno. As folhas vermelhas dos bordos próximos e as folhas amarelas do freixo pareciam brilhar no início do crepúsculo, como se produzissem sua própria luz. Ele queria um cigarro. Uma sirene passou a distância e, no seu rastro, ouviu o assobio decrescente de um cardeal em algum lugar pelas árvores. Ele tentou imaginar como seria ficar hospitalizado ali, morar no campus, embora as internações fossem cada vez mais raras porque agora os seguros quase nunca pagam. Então imaginou um grande torneio de debates na própria Fundação, todos os pacientes competindo, a maioria deles psicótica, alguns tremendo e babando devido à medicação, involuntariamente mostrando a língua, estalando os lábios. Imaginou-os retirando as provas de suas caixas de plástico, mas, em vez de textos, eles apresentavam objetos aleatórios: um guarda-chuva, uma ferradura, uma coleção de cartões de beisebol, ferramentas estranhas. Os juízes, psicoterapeutas, Jonathan e Jane Gordon entre eles, teriam de analisar quais argumentos foram sustentados, quais foram falhos. Resolução: Algumas fagulhas vermelhas, uma rede de linhas fracas.

A torre do relógio começou a tocar. Um carro passou lentamente, dentro dele vozes de rádio altas mas ininteligíveis. O motorista, um homem barbudo que ele não reconheceu, reconheceu-o e acenou. Adam notou uma pequena placa de bronze afixada no banco de ferro, dedicada, em nome do Conselho Municipal de Topeka, à memória de Thomas Attison. Sua primeira e mais vívida lembrança do dr. Tom era falsa; era uma imagem tirada de um dos filmes de seu pai; por esse motivo a lembrança era em preto e branco, acompanhada por música de piano em sua mente. Ele se lembrava de ter visitado o consultório do dr. Tom junto com seu pai quando tinha 8 ou 9 anos para entrevistá-lo para um projeto escolar. Podia ver aquele homem, bem avozão, estendendo uma tigela de vidro com balas de morango duras, mas moles por dentro. Adam leu suas perguntas em um bloco de anotações amarelo: O senhor sempre soube que queria ser psiquiatra? Como se sente por ser mundialmente famoso? Repetiu a visita um ou dois anos depois sem nenhuma razão específica.

Novamente lhe foi oferecida a tigela de vidro. Agora, no banco, ele passou a língua no céu da boca, lembrando-se de como as balas raspavam o palato. (Depois da sessão com Erwood, ele estava incomumente consciente do seu corpo.) Quantos de seus pequenos gestos e posturas no presente eram ecos incorporados do passado, repetições logo abaixo do limiar da consciência? O que aconteceria com o passado se você colocasse aqueles músculos involuntários das memórias sob seu controle e os editasse, cortasse fora? Agora ele sentia a ausência presente da língua de sua babá, aquele primeiro contato metálico de anos atrás. Agora traços mais recentes de tabaco, de hortelã artificial. Quando seu pai parou no meio-fio, Adam mordeu uma caneta fantasma.

Paus e pedras podem quebrar meus ossos, não as palavras. A borracha sou eu, a cola é você, todo mal que me desejar bate em mim e volta para você. Os adultos o muniram de feitiços que eram fracos para devolver aos insultos. Mas a necessidade desses ditados os contrariava e, à medida que ele crescia, eles apenas alimentavam gargalhadas. Boa resposta, Darren. Se ele ainda dizia essas coisas ou outras frases particulares para si mesmo, era apenas para interromper os pensamentos prejudiciais antes que fosse tarde demais e ele tivesse colocado alguma armadilha para um inimigo em uma rodovia ou estrada rural. É como se houvesse um videogame dentro de sua cabeça, exceto que o que acontece lá vai acontecer aqui. Ultimamente ele se baseia no Spy Hunter*, um dos videogames favoritos de Darren na Aladdin's Arcade do West Ridge Mall. A mesma música eletrônica. De cima, ele vê uma faixa de asfalto correndo verticalmente por uma paisagem simplificada. A imagem é tão vaga que seria difícil para Darren dizer se está imaginando gráficos ou um terreno real. Mas ele consegue distinguir o Fiero prata que é o seu avatar acelerando lá embaixo e sabe que, se pressionar um botão em sua mente, o carro soltará uma mancha de óleo ou uma cortina de fumaça em seu rastro. E embora seja impossível dizer quando seus inimigos encontrarão esses perigos fatais, saiba que eles vão, atravessarão os próprios para-brisas. Uma vez, depois de terem conversado sobre o seu pai, o dr. Jonathan perguntou a Darren se ele sabia como adquirira tais poderes. Darren disse que não.*

Mas ele sabia. Foi na Bright Circle Montessori School, na Oakley Avenue, quando tinha 4 anos, quando ainda tinha a mesma idade do seu corpo. Estava calor para final de setembro e o céu estava sem nuvens na hora que sua mãe o deixou lá. Ok, querido. Nessa época, Darren não mais se agarrava ou chorava. Ele apenas caminharia até a sra. Caldwell para um abraço de olá e depois construiria e derrubaria em silêncio torres de blocos de madeira, aguardando a chegada de

Adam Gordon e Jason Davis. Depois os seguiria, eles deixariam. Naquele dia, eles estavam na caixa de areia do jardim durante os jogos livres e Adam disse que ele tinha uma planta com poderes especiais que havia pegado na cerca de arame. Como a hera venenosa ou o carvalho venenoso ou como o espinafre que torna Popeye forte, essa era uma planta que Adam esfregou nas mãos até que liberasse alguma espécie de força. A gente não precisa comer. Adam deu as ervas daninhas para Jason, que as passou para Darren, que esfregou e manchou um pouco as mãos e enterrou-as na areia como Adam instruiu. Então Adam disse para a gente fazer um pedido qualquer e que ele aconteceria. Darren não se lembra do que Adam ou Jason pediram, ou se eles contaram a ele, mas Darren era obcecado por furacões e disse que usaria seu poder para fazer um acontecer e depois eles brincaram de outro jogo.

O peito de quinze crianças pequenas subindo e descendo nas pequenas camas da sala acarpetada de bege enquanto um som portátil ligado no canto emite um ruído de onda mal simulado. A sra. Caldwell e sua assistente Pam estão preparando um lanche na cozinha ao lado, copinhos de papel com uvas são cortados ao meio longitudinalmente para diminuir o risco de asfixia. Darren acorda com a chuva caindo no telhado metálico da escola. Silenciosamente, ele se levanta e leva seu coelho de pelúcia até a janela e abre a cortina e vê nuvens escuras que, estranhamente, ele acha que estão baixando. Bolotas do carvalho vermelho no jardim da frente da escola batem na janela e ele se assusta. Só aos poucos ele percebe que o que está olhando é trabalho seu. Suas mãos estão limpas agora, a sra. Caldwell o fez esfregá-las antes do almoço, mas parecem ao mesmo tempo em carne viva e dormentes, como na vez em que ele tocou no fogão. Sob o limão artificial do sabonete, o cheiro da planta mágica ainda é detectável. Ele volta correndo para a cama e puxa os lençóis do Peanuts para cobrir a cabeça e tenta cancelar a tempestade que invocou. Ao coelho cujo nome se perdeu, Darren diz repetidas vezes desculpe, desculpe. E então ouvimos o som de sirenes.

SPEECH SHADOWING

(Jonathan)

Li pela primeira vez "Um homem chamado Ziegler" na linha 4 do trem, as luzes piscando num vagão quase vazio e sacolejante; eu estava voltando da casa de Jane, uma das primeiras vezes em que dormimos juntos; eu deixaria Rachel por ela um ano depois.

O conto começa com Ziegler visitando o museu de história da cidade — ele está na Basileia ou em Berlim —, a entrada é gratuita aos domingos. Sozinho em uma exposição de "objetos de superstição da Idade Média", ele impensadamente estica o braço por cima do cordão de isolamento para tocar a forja, os almofarizes e outros utensílios da oficina de um alquimista. Fica surpreso ao descobrir entre os objetos uma "bolinha de cor escura que parecia uma pílula". Outro visitante aparece, surpreendendo Ziegler, que instintivamente enfia a pílula no bolso. Mais tarde, ele lembra dela durante o almoço e, cedendo a um "impulso pueril", a coloca na boca e engole com cerveja. Após a refeição, Ziegler continua seu dia de lazer com uma visita ao zoológico. Passeando pelas jaulas, ele aos poucos percebe que, como resultado da misteriosa pílula, consegue entender a linguagem dos animais que, na verdade, zombam dos visitantes de zoológicos, a quem consideram idiotas, trapaceiros e cruéis. Ziegler fica chocado, nem tanto com o fato de poder compreender os animais, mas sobretudo com o desprezo que demonstram com tanta veemência. Ridicularizado por macacos, um alce ("que lhe falava apenas com os olhos"), cabras alpinas, camurças (seja lá o que for), lhamas, gnus, javalis e ursos, ele finalmente surta; jogando fora a bengala, o chapéu, a gravata e depois os sapatos, e caindo em prantos agarrado nas barras de uma das jaulas. No fim da história, Ziegler é levado para um manicômio que imaginei como Bellevue, onde eu tinha sido internado.

O dr. Samuels, meu analista na época da pós-graduação, raras vezes falava alguma coisa — apenas "Continue", "Fale mais sobre isso", ou repetia algo que eu dizia para destacar o seu significado —, mas bastou uma recomendação sua para impregnar de mistério a história de Herman Hesse. Seria eu um Ziegler? (Ziegler é banal, "nem estúpido nem muito talentoso", um homem que dá valor ao dinheiro e à ciência acima de tudo, "uma dessas pessoas que vemos todos os dias na rua, cujos rostos nunca conseguimos lembrar porque todas têm o mesmo rosto: um rosto coletivo".) A terapia era como uma alquimia, ou o seu oposto? Samuels, que sabia do meu caso com Jane, estaria sugerindo algum paralelo entre a minha transgressão conjugal e o fato de Ziegler ultrapassar o cordão de isolamento do museu?

Rachel e eu de qualquer forma não teríamos durado; nos casamos um ano antes de eu começar a pós-graduação, depois que ambos, no intervalo de alguns dias, perdemos um dos pais: minha mãe sucumbiu ao câncer de mama, o pai dela teve um ataque cardíaco. Foi uma tentativa condenada de resgatar um sentido de família após essas mortes; nós tínhamos uma história e uma dor em comum, não muito mais.

Nosso casamento, nosso não casamento, realizou-se no prédio da prefeitura, um amigo meio fora de órbita como testemunha, seguido por um jantar comemorativo num restaurante italiano incomodamente sofisticado. Encharcados por uma súbita chuva, chegamos desgrenhados, com os cabelos pingando, um irônico cravo murcho na minha lapela. O garçom serviu um pouco de vinho tinto para eu experimentar; por um instante pensei que ele estivesse caçoando da minha idade servindo-me uma dose de criança. Então girei o vinho na taça agressivamente demais, derramando um pouco na toalha de mesa. Tentei fazer disso uma performance chaplinesca, mas a cena foi muito embaraçosa — duas crianças na idade adulta brincando com desespero. Um ano de noites olhando para o teto, Rachel adormecida ao meu lado, o amarelo gesso da iluminação da rua, as rachaduras parecendo ampliar-se diante dos meus olhos.

Eu estava emocionalmente fodido com esse engano — pelo menos quando não estava exultante com Jane — e, talvez porque minha tentativa de substituir a família estivesse fracassando, era como se eu tivesse perdido minha mãe de novo, como se a notícia fosse recente, não que fosse notícia velha, mas a psicanálise, sem dúvida, também trazia as coisas à tona. Um cartaz de um filme com um galã que ela gostava no New Yorker Theater da West 88th Street, uma frase entreouvida no metrô que ela poderia ter dito: "Diga à sua irmã que mandei lembranças", a precisão com que Rachel sopra o chá — de repente eu me sentia desamparado, mas por pouco tempo, como um episódio de vertigem, como se um cristal do meu ouvido interno tivesse se soltado. (Ziegler, diz Hesse, "tinha particular admiração pelas pesquisas sobre o câncer porque seu pai morreu dessa doença e Ziegler acreditava firmemente que a ciência [...] não permitiria que tal coisa acontecesse com ele"; será que Samuels tinha essa passagem em mente?) Além disso, havia o mundo: era o ano de 1969, pequenas bombas improvisadas detonando em Manhattan, protestos constantes no campus; havia revolta, mas também um sentido de comunidade, de carnaval; nós sentíamos que a história estava viva. Jane e eu estávamos cada vez mais atuantes no movimento antiguerra; meu irmão mais novo, que preferiria não ser mencionado em um romance, era ativista da emergente Weather Underground; meu pai e eu mal nos falávamos depois da nossa última briga por causa da guerra; todas as ordens, pessoais e políticas, estavam desmoronando.

Se alguma vez eu tivesse descrito minha pesquisa de dissertação para Samuels, eu presumiria que fora motivado pela recomendação de Ziegler mas, embora eu estivesse aberto para o desejo e a dor — uma nova vida erótica com Jane, o sonho recorrente com minha mãe, onde ela aparece acenando para a câmera —, nunca mencionei meu trabalho acadêmico na análise, algo que Samuels não pareceu notar. Se minha pesquisa passasse a fazer parte de nossas sessões, entremeada com conversas sobre o meu caso com Jane, sobre minha mãe etc., eu achava que me sentiria bloqueado, paralisado, ainda mais se Samuels — muito austero, muito

publicado e muito suíço — insinuasse a menor desaprovação; eu já me sentia uma fraude na metade do tempo. Achava que Samuels me considerava, na melhor das hipóteses, "nem estúpido, nem muito talentoso".

Há meses eu vinha realizando experiências com uma técnica chamada *speech shadowing*, ou fala em sombra, em que um participante repete uma fala imediatamente após ouvi-la, seguindo-a como uma sombra. Por minha orientação, os participantes da pesquisa usavam fones de ouvido pretos, daqueles pesadões, e ouviam uma gravação de um texto que eu havia escolhido de forma meio aleatória (um manual de direção que encontrei descartado junto com outros livros na esquina da 118th Street com a Columbus). Enquanto o sujeito repetia a gravação como um papagaio, eu, aos poucos — quase imperceptivelmente — acelerava a fita e, para o meu espanto, descobri que um número significativo de participantes, passado um certo limite, começava a matraquear sons sem sentido, achando o tempo todo que estavam repetindo correta e claramente a passagem gravada. A primeira vez que isso aconteceu na minha sala de estar — dois gravadores de rolo e um microfone em cima da extensa mesa de centro de jacarandá que meu pai nos dera como presente de casamento —, eu pensei que o sujeito (meu vizinho de baixo, Aaron, que também nos vendia drogas) estivesse tendo um derrame; Rachel entrou correndo na sala para ver o que diabos estava acontecendo. Mas era apenas Aaron sentado ali mergulhando — ou ascendendo? — na sua glossolalia, embora sem qualquer êxtase aparente; Aaron, com seu cardigã roído por traças, parecia mais entediado do que nunca.

Minha teoria era a de que, sob condições de sobrecarga de informações, os mecanismos da fala colapsam — mas, como Jane foi rápida em apontar, essa era mais uma descrição básica da fala sem sentido do que sua explicação. Eu na verdade não me importei, precisava de um tema científico sólido, mas sabia que queria ser terapeuta, e duvidava que algum dos professores do centro de pós-graduação da faculdade lesse atentamente as dissertações, o presidente da minha banca examinadora era totalmente desatento. (Eu me concentrara em um

processo auditivo, em primeiro lugar, porque já havia comprado alguns equipamentos de som rudimentares para os curtas-metragens que fazia nas horas vagas.) Relevância científica à parte, a técnica do *shadowing* era fascinante de assistir, perturbadora e ao mesmo tempo um tanto cômica, um efeito amplificado pela grandiosidade do manual de instrução do motorista, que parecia ter sido escrito por Hesse:

> **Tarefa de *shadowing* 1, 180 palavras por minuto, apresentada no ouvido esquerdo (*Sportsmanlike Driving*, pp. 105–106)**
>
> Quando você olha para um automóvel novo e reluzente, já parou para pensar que, ao longo de todos os incontáveis milhares de gerações que precederam este século, nem mesmo os reis mais poderosos da Terra poderiam ter um como este? Nem poderiam ter viajado de avião, nem escutado um aparelho de rádio, nem visto televisão.
>
> Claro que você sabe por quê. Foi necessário o progresso técnico ao longo de milhares de gerações, cada um desenvolvido com base nas conquistas dos que viveram antes, para que esses artigos modernos comuns fossem possíveis.
>
> A medicina tem uma história semelhante. Grandes pragas mataram milhares de pessoas ao longo dos tempos. O conhecimento do homem cresceu, com cada nova geração dando continuidade aos trabalhos do passado, até que ele desenvolveu formas de conquistar essas doenças contagiosas.
>
> Pessoas inteligentes não iriam querer destruir essas realizações duramente conquistadas em tecnologia ou medicina, ou desperdiçar as vantagens valiosas que obtivemos com elas.
>
> Menos compreendida, talvez, seja a longa batalha que o homem travou para elaborar regras boas e sólidas que permitiriam que centenas, milhares ou até milhões de pessoas vivessem juntas.

Era como se Samuels tivesse, de alguma forma, intuído que, no meu quarto andar da 108th Street com a Amsterdam Avenue, eu me tornaria

uma espécie de Ziegler. Ziegler passou a compreender a linguagem dos animais ao custo da própria razão, enquanto eu estava destruindo a linguagem humana para revelar o rio de insensatez que corria logo abaixo de suas "regras boas e sólidas".

Minha pesquisa teve importância definitiva no que Jane e eu ainda chamamos de meu "Episódio Ziegler". Em vez de ingerirmos uma pílula misteriosa encontrada num museu, pingamos na língua um ácido de Aaron, o açúcar se dissolvia em nossas bocas durante o trajeto de ônibus, e chegamos ao Metropolitan Museum. Era final de janeiro, a cidade estava cheia de neve suja e pedestres andando de cabeça baixa se protegendo do vento. Entregamos nossos casacos pesados, subimos a grande escadaria e seguimos pelas galerias de pinturas medievais: têmpera sobre madeira, fundo dourado, anjos e virgens alongados, Cristos lívidos. No começo, tudo me pareceu um pouco bobo: a solenidade dos guardas, a grandiloquência dos textos nas paredes, os bebês que pareciam velhos pequenininhos sendo amamentados por seios que saíam dos ombros das Virgens.

Então diante da *Virgem e o Menino*, de Duccio, ficamos parados por vários minutos, eu comprimindo e descomprimindo minha mandíbula involuntariamente enquanto olhávamos. Em geral pinturas antigas não me diziam nada, mas essa me paralisou. A presciência na expressão da mulher, como se ela pudesse prever uma recorrência distante. O estranho parapeito abaixo das figuras, como ele conectava o mundo sagrado ao mundo real dos observadores. Num momento eu vi o fundo dourado como plano e em outro vi as profundidades. Mas o que realmente me fascinou, realmente me emocionou, não estava na pintura: era como a borda inferior da moldura original estava marcada por queimaduras de vela. Sinais de um meio de iluminação mais antigo, a sombra da devoção. O texto na parede dizia que aquela obra ajudou a inaugurar o Renascimento porque Duccio reimaginou a Virgem e Cristo como personagens da vida real. Então, nesse sentido, foi um movimento contra o sagrado, um passo em direção à pintura como objeto de contemplação estética, desligada da religião, separada dos altares, livre ou condenada a

circular nos museus, no mercado. Mas as queimaduras de velas eram como impressões digitais de épocas passadas — antes que Ziegler e sua confraria decidissem que as fontes tradicionais de valor eram somente uma superstição. Aquelas "milhares de gerações de progresso técnico" obliteraram o ritual, esvaziaram todos os sentidos, glossolalia sem divindade. Concluí que era isso o que aquela mãe retratada previa, que ela estava se despedindo da luz de vela, que sabia que estava presa dentro de uma pintura endereçada ao futuro, onde só poderia ser, por maior que fosse, um exemplo de técnica. Novas rachaduras se espalhavam pela superfície enquanto eu olhava. Lágrimas despertam na minha memória.

Saímos das galerias de pinturas e descemos a escada para encontrar a antiga escultura que Jane adorava. Quando chegamos ao hall com claraboia, descobri que de alguma forma eu absorvia as cores das pinturas e podia projetá-las no mármore liso da estatuária ou deixar que dançassem nas paredes altas do museu; eu era uma espécie de lanterna mágica. Descrevi essa agradável alucinação para Jane, que parecia não estar viajando, e ela me disse com o que eu chamei de "voz de Barnard" que as esculturas de mármore romanas *tinham* sido vividamente coloridas, que a imagem da forma clássica de branco puro que herdamos do Renascimento era falsa; havia por baixo uma elaborada pintura policromática, dourada, prateada. E essas esculturas teriam olhos, explicou-me Jane, não um espaço vazio e liso, mas órgãos de visão semelhantes aos reais construídos separadamente com quartzo e obsidiana e inseridos nas órbitas: íris azul ou verde; pupilas pretas, da cor do azeviche. Como Jane os descreveu, os olhos se materializavam em centenas de cabeças de mármore, e logo a corte era uma vasta rede de olhares entrecruzados que a vigiavam — como aqueles sensores de movimento a laser que vemos nos filmes de assalto; eu podia sentir, sempre que passava por uma das linhas de visão dos romanos, uma pressão quase imperceptível no meu rosto, como caminhar através da neblina ou por uma sucessão de pequenas teias.

Eu realmente comecei a sentir a derrota quando os conheci, os olhares, quando fechei os olhos diante de uma ou outra escultura e

percebi o desprezo, o "profundo e solene desprezo, um terrível desprezo. Na linguagem daqueles olhos silenciosos e altivos, Ziegler leu que ele, com seu chapéu e a bengala, seu relógio de ouro e o terno domingueiro, não era melhor do que um animal, um inseto ridículo e repugnante". Se em vez de um terno domingueiro e suíças cuidadosamente aparadas eu usasse um bigode no meu rosto coletivo, cabelos na altura dos ombros, uma jaqueta de veludo de segunda mão por cima de uma camisa xadrez e jeans desbotados; se, em vez de uma fé acrítica no dinheiro e na ciência, eu acreditasse, alegasse acreditar, na liberação de impulsos reprimidos e na reorganização de forças sociais, o desprezo comunicado pelas estátuas ainda assim seria devastador, e sua zombaria especificamente dirigida a mim, à minha hipocrisia. Seu jargão adquirido sobre a mente e suas funções; a contradição entre a força normalizadora da terapia e sua suposta crença na revolução; o seu uso da morte da mãe para justificar o seu comportamento em relação a Rachel, comportamento que você repetirá com Jane. Eu li tudo isso nos olhos daquelas esculturas e sabia que não, eu ainda via o mármore não pintado por baixo da minha visão; entendi que o ácido havia batido e agora externava alguma veia de autoaversão. Isso não é real, repeti para mim mesmo, respirando profundamente, e comecei a me acalmar.

Até que escutei as vozes de um casal de idosos perto de mim; o homem, de camisa preta gola rulê sob o casaco azul, inclinou-se para ler em voz alta uma placa ao lado do busto de uma figura de cabelos cacheados e aparência poderosa, algum imperador menor. A princípio, pensei que o homem estivesse falando em uma língua estrangeira, talvez hebraico, que eu conhecia um pouco, mas, enquanto escutava, fui me convencendo de que o que eu ouvia era a repetição distorcida do texto da parede. Então percebi que o colapso do sentido era geral: a garota de saia xadrez que passou saltitando por nós, o claque-claque de seus sapatos Oxford no piso de mosaico, dirigiu-se aos adultos que a seguiam num fluxo ininteligível em forma de ruído. Uma mulher ruiva de óculos de gatinho apontando um detalhe em um relevo funerário grego disse algo à sua amiga que soou como uma gravação de trás pra frente. Eu me virei

para Jane, mas, em vez de me tranquilizar, ela abriu a boca e enunciou, com exceção de uma ou duas palavras reconhecíveis, a rápida insensatez do meu estudo. "No auge da perturbação e arrancado das normas de seu raciocínio habitual", a voz de Samuel na minha cabeça, "Ziegler dirigiu-se, em seu desespero, para um grupo de homens esperando encontrar um olhar que compreendesse seu medo e aflição; ele escutou as conversas para ouvir algo consolador, algo compreensível e reconfortante." Tentei manter a calma — eu já tivera uma *bad trip* antes —, mas havia guardas se movimentando na periferia da minha visão; eles haviam notado minha agitação; eles me levaram para o hospital Bellevue. Clorpromazina e eletrochoque.

Lembro-me das horas seguintes ao Episódio, tanto na primeira quanto na terceira pessoa, provavelmente porque dependo muito do relato de Jane. Na época, foi um inferno, mas viria a ser uma parte encantadora de nossa pré-história, uma comédia — Buster Keaton, preto e branco, a ação truncada e acelerada ao mesmo tempo. Junte a isso um piano tocando na sua mente: eu fujo do museu, sem dar tempo a Jane para buscar nossos casacos; ela desce correndo os degraus atrás de mim e, congelando, me segue no parque coberto de neve; eu inadvertidamente nos conduzo pelo portão norte do zoológico do Central Park (os animais rindo da minha atribulação — embora, desde aquela tarde de 1969, mais da metade dos animais do mundo tenha desaparecido); finalmente, saímos do parque na 59th Street, o súbito cheiro de esterco chamando a atenção de Jane para os cavalos de carruagens próximas, os antolhos bloqueando os olhos majestáticos dos animais; atraída pelo pesado cobertor que ela vê na traseira de uma das carruagens brancas, Jane meio que me obriga a subir; ela instrui o motorista da carruagem a nos levar aonde quiser, a qualquer lugar, apenas não pare até que eu peça para parar, e assim partimos, juntinhos debaixo do cobertor grosso, cascos ecoando anacronicamente na calçada, um som que Ziegler frequentemente ouvia na Brauergasse da Basileia ou de Berlim, enquanto eu fico tagarelando sobre Samuels e alquimia e câncer e reis e carruagens e as mentiras do progresso e da civilização que cavalos e estátuas são

capazes de enxergar com tanta facilidade, enquanto Jane, acariciando meu cabelo, tenta calar o futuro pai de seus filhos.



A primeira incubação bem-sucedida de uma águia-real em cativeiro ocorreu no Topeka Zoo, em 1971. Como resultado, a Associação Americana de Parques Zoológicos e Aquários agraciou o zoológico com o prêmio Edward H. Bean pelo nascimento de animal mais significativo do ano; também permitiu que o Topeka Zoo mudasse oficialmente seu nome para World Famous Topeka Zoo, um título que somente a associação pode conferir (e que, uns vinte anos depois mais ou menos, após uma série de mortes de animais e reprovação nas inspeções sanitárias, foi revogado). Quando chegamos a Topeka para nossos pós-doutorados na Fundação, a ascensão do zoológico era notícia de primeira página, junto com crimes graciosamente insignificantes, relatórios de colheitas e contratos futuros de gado bovino. (Eu me lembro de visitar a "fazenda educativa" do zoológico, a risada de Jane quando a ovelha pegou umas bolinhas na palma de sua mão com aquela língua escura.) Em nosso primeiro ano em Topeka, minha piada padrão era descrever tudo como mundialmente famoso: este é o World Famous Topeka Howard Johnson Motor Lodge and Restaurant; à sua direita, você verá o World Famous Westboro Beauty Plaza; e assim por diante. Como a maioria dos terapeutas da Fundação — que na verdade era um hospital e instituto psiquiátrico mundialmente famosos —, pensamos inicialmente em Topeka como o cenário mais barato e quase exoticamente tedioso para a nossa vida profissional. A maioria de nossos colegas também vinha da Costa Leste ou Oeste, ou, no caso de vários profissionais veteranos e influentes, da Europa, fugindo, por qualquer rota tortuosa, da guerra. Agora estamos passando pelo nosso supermercado, o World Famous Dillon's. Pelo World Famous Pawn & Gun de Kaw Valley. Aquele é o trenzinho mundialmente famoso que leva crianças para passear pelo World Famous Gage Park.

Planejamos ficar pelos dois anos da nossa bolsa de estudos e voltar para Nova York, mas conhecemos Eric e Sima, transferidos de Berkeley, e gostamos da falta de exclusividade de Topeka, do céu desobstruído; nós assistíamos juntos a tempestades na varanda da casa vitoriana em ruínas que compramos sem ter que pedir um centavo ao meu pai. (O cheiro de ozônio depois de um relâmpago; o matiz verde das nuvens.) Jane achou mais fácil escrever no que ela experienciava como o silêncio, mais fácil imaginar começar uma família onde éramos conhecidos apenas como um casal — sem lembrança de Rachel, sem um complicado círculo social preexistente, sem relações potencialmente difíceis nas proximidades. Eu queria muito ter filhos, talvez em parte para marcar como o meu segundo casamento era diferente do primeiro.

Jane temia que o povo de Topeka fosse todo membro da anticomunista John Birch Society, ou algo parecido, mas fomos tratados pelos moradores como motivo de curiosidade e não de desconfiança, e embora eu fosse um hippie judeu nova-iorquino de cabelo comprido, eu era bom em deixar as pessoas à vontade para falar. Começava uma conversa com um vizinho pouco antes de ele ligar o seu cortador de grama, ou com um consertador de telhados, ou com um coroa numa lanchonete e acabávamos falando sobre o movimento antiguerra ou sobre o da liberação das mulheres; o segredo era concordar em discordar de maneira tão respeitosa que o seu interlocutor se sentia, mesmo a contragosto, honrado o suficiente para reconsiderar quem ele julgava ser o inimigo. (Isso foi antes de o reverendo Fred Phelps da Igreja Batista de Westboro lançar sua abominável cruzada, parado de pé nas esquinas com sua família e alguns paroquianos, segurando placas e faixas que diziam DEUS ODEIA BICHAS, tornando Topeka mundialmente famosa pela homofobia.) Esse tipo de coisa deixava o meu irmão radical doente — "Você é ótimo em fazer os fascistas se sentirem ouvidos" —, mas era nisso que minha prática como terapeuta se baseava, encontrar uma forma de convencer as pessoas, especialmente os reticentes homens e garotos do Meio-Oeste, a conversar.

Tive sucesso na Fundação porque eu não tinha ambição: era um terapeuta consciencioso, mas meu interesse em subir na carreira era zero, não queria ter poder sobre meus colegas ou fama na minha área, e isso significava, em uma instituição com sua parcela de intrigas, que não fiz inimigos. Minha dissertação já havia sido arquivada — as descobertas fascinantes, minha análise aprimorada —, mas eu não tinha nenhuma vontade real de publicar, o que significava que, ao contrário de Jane, nunca tive de ofender publicamente partidários dessa ou daquela persuasão teórica. Como resultado, eu era uma das poucas pessoas que se davam bem com todos na hierarquia da Fundação: psiquiatras ("médicos de verdade") e psicanalistas no topo da pirâmide, seguidos por nós, psicólogos, que estávamos acima dos assistentes sociais; depois vinham as enfermeiras e os terapeutas ocupacionais: arte, música, exercícios.

Eu era benquisto e, por razões que nunca entendi completamente, Thomas Attison me adorou, me convocando, com um pretexto ou outro, para a sua enorme sala forrada de primeiras edições e inúmeros livros raros. (Corriam rumores de que tinha um exemplar de *A anatomia da melancolia* encadernado com pele humana.) Na verdade, ele queria conversar sobre cinema. Eu acho que o dr. Tom, como todos o chamavam, viu em mim um representante não ameaçador de uma contracultura ameaçadora que tanto atraiu quanto atacou os cânones da psiquiatria. Eu estava entre os estudantes que ocuparam o gabinete do reitor da Universidade de Columbia em 1968, mas eu não era, ele me disse, "um desses jovens que precisava ficar representando um drama edípico com toda figura de autoridade". Conversávamos sobre Sturges ou Hitchcock (*Quando fala o coração* era o seu favorito; "Você sabia que Gregory Peck e Ingrid Bergman tiveram um caso durante as filmagens?") e nossas conversas se misturavam com as reminiscências do dr. Tom, seu sotaque do Kansas mais atenuado devido à moderada paralisia facial que o levava a falar em grande parte pelo lado esquerdo da boca.

Eu conhecia os pontos de discussão institucionais — como, em 1919, o dr. Tom havia retornado a Topeka, após estudar neuropsicologia em Harvard, para abrir uma clínica familiar com seu pai, que era médico,

algo como uma pequena Clínica Mayo para a mente; como o seu irmão mais novo, David, se juntou a eles em 1925, passando a supervisionar cada vez mais as operações diárias enquanto Tom ganhava fama com suas publicações; como ondas de psicanalistas imigrantes chegaram em consequência da catástrofe na Europa; como o encontro com Freud em 1939 — "apesar de ele ser um filho da puta arrogante" — foi fundamental para a sua orientação e a de sua instituição; como a Fundação cresceu ao longo dos anos de um único pequeno sanatório para uma potência nas áreas de ambientoterapia e treinamento. Mas eu também fui obsequiado com aspectos da sua história pessoal que o dr. Tom não revelava a qualquer um: "Sabia que meu irmão se chama 'Marie' em sua certidão de nascimento? Minha mãe estava desesperada por uma menina, ela o fez usar vestidos durante anos." Será que o dr. Tom realmente me disse uma vez, a troco de nada, o quanto se ressentia por sua mãe tê-lo obrigado a submeter-se a enemas constantes quando criança?

Todos sabiam dos frequentes conflitos entre os irmãos Attison. Dr. Tom, apesar de conservar ainda alguma influência no conselho e na marca, era, na época em que chegamos lá, um testa de ferro. E havia as transgressões rotineiras — terapeutas dormindo uns com os outros (o próprio dr. Tom se divorciou de sua primeira esposa trocando-a por uma colega), desvio de fundos etc.; o dr. Tom não me contou nenhuma novidade a esse respeito que eu já não soubesse por outras pessoas. Mais escandalosas que os escândalos eram as normas, em especial a prática de submeter membros da equipe à psicanálise com seus colegas sêniores, o que fazia com que os limites fossem sempre embaçados, que a transferência seria um fato ou uma suspeita, que uma reunião nunca poderia ser somente sobre um assunto aparente (a exigência pelo estado de novos formulários de seguro que cobrem diagnósticos), mas que também recairia inevitavelmente sobre impulsos reprimidos e agressividade (o que o fato de a dra. Gibson não ter trazido cópias suficientes do formulário expressa sobre seus sentimentos em relação ao grupo?). E quem não pensaria duas vezes antes de desafiar um superior a quem você descreveu sonhos de ansiedade (o meu na época ria

desbragadamente de um paciente suicida), com quem você sondou as origens de sua sensação de inadequação sexual? A localização da Fundação no limite noroeste de Topeka, dependendo do seu temperamento, nostálgico ou bucólico, só tornava a instituição mais completa; não havia nenhuma cidade grande para onde você pudesse fugir de carruagem e esquecer o seu dia de trabalho, suas contradições.

Ser confidente do dr. Tom ainda tinha suas vantagens. Embora a Fundação fosse grande — o campus contava com mais de vinte prédios, quase todos de tijolos vermelhos; havia mais de mil funcionários —, havia um ranço de empresa familiar em que o afeto do patriarca tinha o seu peso. Para mim isso significava que, depois de nos unirmos à equipe fixa, eu pude começar, com o apoio do dr. Tom, um pequeno "departamento de filmes e vídeos" — isso é, eu e uma secretária em meio período — com o objetivo declarado de investigar e por fim produzir filmes instrucionais sobre temas e técnicas terapêuticas.

No começo, isso foi apenas uma pequena parte do meu trabalho; minhas horas eram dedicadas aos pacientes, principalmente adolescentes. Eu via alguns adolescentes (e às vezes seus pais) da comunidade de Topeka em atendimentos ambulatoriais e tinha vários pacientes em internamento hospitalar na minha carga de trabalho. Ainda assim, ficava grato por qualquer oportunidade de vincular filmes à Fundação, isso me dava uma desculpa para comprar alguns equipamentos com a grana deles, para pensar nos filmes como parte da minha profissão, não apenas como passatempo. (A piada em casa era que, mesmo que eu estivesse apenas me drogando e assistindo reprises de *Bonanza* em nossa nova televisão Zenith, o que eu estava fazendo era uma "pesquisa".)

Mas cada vez mais eu via um valor terapêutico real no meu mundialmente famoso Departamento de Filmes e Vídeos. Comecei a organizar exibições no campus da Fundação. A ambientoterapia baseava-se na noção de que pacientes e terapeutas deveriam se misturar, colaborar no tratamento; todos comíamos juntos no refeitório, por exemplo, embora em diferentes mesas (pequenas exposições de pinturas de

pacientes — fossem um pôr do sol, uma natureza-morta ou cenas de inverno — eram dispostas nas paredes); os terapeutas mais jovens e os pacientes podiam jogar basquete juntos no ginásio, os dois grupos quase comicamente cuidadosos para não se sujarem; os terapeutas veteranos podiam cortar o cabelo na barbearia destinada aos pacientes internos a fim de demonstrar a seriedade com que encaravam a noção de integração; o dr. Tom estava sempre brincando na frente dos pacientes que uma tesoura serviria bem ao "dr. Beatnik". (A Fundação — renomada, com preço acessível em comparação com outras, e distante das Costas Leste e Oeste — atraía uma população residente incomum. Como pós-doutorandos, fomos encarregados de administrar o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática a novos pacientes; na minha primeira semana, avaliei uma estrela da TV vespertina, um membro periférico da família real do Qatar e um veterano do Vietnã que acabou indo morar a alguns quarteirões de nós na Woodlawn.) Meus "festivais" — o primeiro deles exibiu filmes ambientados no Kansas; o obrigatório *Mágico de Oz*, *Duelo em Abilene*, o mais recente *Lua de papel* — eram vistos principalmente por pacientes, mas alguns terapeutas entravam e saíam; eu pude ver o cabelo branco do dr. Tom brilhando levemente na primeira fila para ver *Lágrimas do céu*.

Mais importante, eu podia usar o meu departamento como uma forma de fazer contato com adolescentes difíceis e arredios. Alguns de meus pacientes eram severamente traumatizados ou esquizofrênicos ou provinham de famílias conflituosas ou extremamente repressoras; a natureza dos problemas desses pacientes era, qualquer que fosse sua complexidade, identificável. (Os psiquiatras, Eric era um dos mais jovens, em geral tratavam esses pacientes com Haldol; e mais de um deles me apareceu exibindo, como resultado da misteriosa pílula, discinesia tardia — involuntariamente faziam caretas mostrando a língua, cerravam e relaxavam a mandíbula, abriam e fechavam os lábios emitindo sons.) Mas eu também encontrava cada vez mais pacientes cujo sofrimento não tinha uma relação clara com suas circunstâncias, ou cujas circunstâncias eram mais perceptíveis por sua normalidade — jovens brancos e

inteligentes de classe média provenientes de lares estáveis que estavam bem até o dia em que não estavam mais; os garotos perdidos do privilégio.

Jacob, meu primeiro "estagiário" no Departamento de Filmes e Vídeos, era um rapaz magricelo de 16 anos de um subúrbio de Chicago que, após anos de excelência na escola, começou a fracassar em poucas semanas; parou de fazer os deveres de casa, passou a matar aulas, aparecia cheirando a maconha, cheirando a tudo; ele dava de ombros quando confrontado com ameaças de punição. No início, seus pais, corretores de imóveis de sucesso, botaram a culpa no seu grupo de colegas e em professores incompetentes. Mas quando transferiram Jacob para um colégio particular, ele tornou-se uma espécie de Bartleby heavy metal (ele preferia o Black Sabbath), sem amigos e cada vez mais arredio, riscando na carteira desenhos de pentagramas. Se os pais exigissem de Jacob uma explicação na hora do jantar, ele não comia mais à mesa, talvez parasse de jantar de vez. Se sugerissem que fossem ver *Star Wars* em família, ele os olharia como se estivessem falando sandices. Vivia enfiado no quarto a menos que estivesse andando de skate, seus ferimentos sugeriam um gosto cada vez maior por danos autoinfligidos. Entrava pela porta da cozinha com a pele toda esfolada e, quando perguntavam como ele estava, se precisava de um pouco de peróxido de hidrogênio, está com fome?, eu posso esquentar um pouco de pizza, lá vinha o dar de ombros de novo; ele pegava uma Pepsi na geladeira, subia pro quarto e deixava os pais pestanejando confusos na ilha da cozinha enquanto a fúria abafada de sua música começava lá em cima. (Imaginei essa cena ocorrendo simultaneamente em cozinhas de todo o subúrbio, uma grande performance sem conhecimento prévio dos atores, dirigida por uma força misteriosa que atende pelo nome ou pseudônimo de "cultura"; era a sequência de abertura de um dos filmes que não fiz.) Todos estão bem de saúde, ele nunca levou uma surra, muito menos sofreu abusos, nós temos uma vida boa, nada falta para ele, não achamos que seja gay mas nós o amaríamos do mesmo jeito. Mas logo Jacob não estaria mais nem escondendo seu Marlboro. Não queria mais levantar da

cama de manhã e invadia o armário de bebidas à noite. Os pais estabeleceram uma lei seca na casa, mas Jacob tinha uma garrafa plástica de alguma coisa em seu armário, entornou a maior parte garganta abaixo uma noite, roubou o Cutlass deles e bateu num carro estacionado a poucos quarteirões de distância. Tanto para os pais quanto para os pacientes, tudo parece acontecer rápido demais: um dia você está indo de minivan para a lanchonete Dairy Queen depois do treino de beisebol, todo mundo cantando "We Are the Champions" aos berros, e no dia seguinte está ouvindo um juiz explicar que Jacob tem duas opções: um período no centro de detenção juvenil ou tratamento psiquiátrico. Um amigo de um amigo recomenda a Fundação em Topeka; naquela época, um seguro decente cobria quase todo o tratamento.

O que eu sabia tanto por instinto quanto pela prática era que quando um garoto como Jacob aparece em seu consultório, exíguo mas bem iluminado, você não deve, em nenhuma circunstância, pedir-lhe explicações sobre o seu comportamento (ou sobre os braços queimados com borracha escolar, embora rituais parassuicidas fossem muito mais comuns entre as garotas); Jacob seria a última pessoa capaz de dar uma explicação; se tivesse a linguagem, não se expressaria com sintomas. E na hora em que ele se vir olhando para os meus diplomas (nos primeiros anos exigiam que nós os pendurássemos), uma reprodução de Chagall da minha mãe numa moldura prateada, a foto de Orson Welles com todo o seu peso em *A marca da maldade,* Jacob achará essa exigência de explicação tão impossível — porque na maioria das vezes ela partiu de pais, professores, instrutores, conselheiros, juízes e psiquiatras medíocres —, que não se sentirá em condições de imaginar qualquer outra forma de interagir com um suposto especialista preocupado. Meu objetivo — o que Jane insistia em dizer que era o meu dom — era começar dando uma perspectiva inesperada àquelas conversas que até então só levavam os pacientes adolescentes a um silêncio mais profundo. A princípio consegui extrair de Jacob tão poucas palavras — nem consegui fazer com que ele se queixasse de estar na Fundação ("Deve ser chato você não

poder fumar no quarto"; assentiu com a cabeça) — que então resolvi começar a minha própria versão de terapia ocupacional.

Quando comprei uma nova câmera Betamax no segundo mês de internação de Jacob, pedi sua ajuda para testá-la; passamos uma sessão filmando os cervos de cauda branca que sempre circulavam pela margem sul do terreno da propriedade, onde uma pedra de sal mineral havia sido colocada alguns anos antes. Uma tempestade aproximou-se rapidamente pelo oeste e tivemos de voltar correndo para o meu prédio, ficando encharcados com aquela chuva quente; eu tentando desajeitadamente proteger a câmera sob o meu casaco; Jacob, recuperando o fôlego debaixo do beiral do telhado, riu de mim um pouco; nós rimos de mim juntos. Depois de alguns outros trabalhos colaborativos, pedi a Jacob que fosse estagiário em meu departamento, um cargo, fiz questão de assinalar, que poderia ser comunicado como tal aos seus pais e amigos e listado em um formulário de pedido de emprego no futuro. Em seguida, fizemos uma atividade extracampus e fomos ao Wolfe's Camera and Video, no centro da cidade, dar uma olhada nos novos equipamentos que haviam chegado; tive o cuidado de consultar Jacob como um colega, honrando sua competência. Assistimos a uma matinê no Gage Theatre para fins de pesquisa: o que você achou daquela cena final? Veja aqui um livro sobre a história da televisão que acho que pode te interessar. Olha aqui um folheto sobre o novo curso de cinema na Universidade do Kansas, algo para ficar de olho no futuro. Apesar de nada convencional, uma aliança terapêutica foi estabelecida.

Assim, a fala e o silêncio significativo podiam fazer o seu trabalho. Jacob, quem é melhor, Led Zeppelin ou Judas Priest? Porque eu percebo a influência do blues no Led Zeppelin, mas Judas Priest acho uma merda; talvez eu já esteja velho demais. (Uns palavrões ocasionais podiam contribuir muito para se forjar uma conexão, apontando para um léxico transinstitucional.) Jacob, os alunos da escola particular eram menos legais do que os da escola pública? Agora, Jacob poderia pelo menos responder — ele foi o primeiro garoto a me chamar de dr. J — e, se eu conseguisse compreender bem o ritmo do silêncio, poderia fazer com que

ele falasse um pouco. Eu não estava interessado em extrair conteúdo latente, em tornar manifesta alguma verdade mais profunda que motivasse a fala de Jacob; meu objetivo era fazer o garoto *se sentir ouvido*. Eu não me importava com esse clichê; na verdade, eu admirava a frase, sua adequação, um misto de somática e semântica; talvez isso explicasse o desejo por heavy metal que registrava tanto a sensação tátil quanto o som. Como seria mais fácil se, quando você botasse para tocar devagar de trás para a frente, as letras realmente revelassem, como alguns pais histéricos temiam, mensagens satânicas, se houvesse uma ordem secreta com mensagens reversas, mesmo que sinistra, em vez dessa raiva do vazio.



Eu via os jovens de dia, os velhos à noite. Depois do jantar, Jane se entocava em seu estúdio para escrever por algumas horas. (Pelo som da Selectric através da porta fechada, eu podia calcular como o livro estava ganhando vida; trabalhando agora contra o relógio por conta da gravidez — glóbulos vermelhos estavam se formando na medula de Adam, ele agora era capaz de abrir os olhos dentro dela —, eu podia ouvir uma chuva constante de golpes no teclado.) Enquanto ela trabalhava, eu circulava pelas ruas de paralelepípedo de Potwin com Klaus, que morava a dois quarteirões de distância, um berlinense de um metro e noventa de altura com uma elegância incôngrua e psicanalista sênior da Fundação, que havia se mudado no final dos anos 1950 para Topeka vindo de Zurique, onde trabalhara com Jung. Quando jovem, Klaus fora um dramaturgo promissor, bem como um boxeador amador competitivo, que teve o nariz quebrado duas vezes aos 19 anos, quando se casou com Elke, conhecida nos círculos artísticos por suas experiências com fotomontagem. Eles tiveram um filho, Fritz, em 1937; em 1940, Klaus tentou tirá-los de Berlim, pagando para que fossem levados em um caminhão de transporte de carga seca para a Holanda, onde se reuniria a eles. Depois da guerra, ele juntou os pedaços da história de como tinham sido traídos; dois tiros ecoando para sempre na floresta, no ouvido

interno dele. O próprio Klaus passou grande parte da guerra escondido em um galinheiro sonhando que se reunia com a família (embora, em seus sonhos, Klaus me disse uma vez, Fritz fosse uma menina), compondo peças de teatro na cabeça para passar o tempo, o esconderijo apertado fazendo com que seu corpanzil sofresse dores constantes. Quando você perguntava a Klaus sobre aqueles anos — a maioria das pessoas não perguntava —, ele respondia com piadas, principalmente sobre galinhas, o que se poderia esperar delas quando se queria conversar, como contribuíam para as peças. Seus pais e três irmãs morreram em Auschwitz. Só nós, galinhas, sobrevivemos, disse Klaus, fechando o sorriso quando pressionei.

Procure nos imaginar brevemente iluminados pelos faróis de um caminhão que contorna a rotatória na Greenwood Avenue: um psicólogo de 33 anos de Nova York que certa vez fumou um cigarro com Bob Dylan na Clinton Street e um psicanalista de óculos, um metro e noventa de altura, proveniente do Velho Mundo, com mais de 70 anos e que tinha sido amigo de Einstein. Nós passearíamos pela penosa umidade de agosto discutindo sobre meus estagiários ao som de cigarras ao fundo. Por um lado, Klaus, certamente o único homem em Topeka a vestir-se com linho branco, não poderia levar a sério aqueles adolescentes — com suas geladeiras abarrotadas de comida, ar-condicionado e televisão, livres do estigma ou da violência do Estado; o que poderia ser mais óbvio do que o fato de que eles não sabiam o que era o sofrimento, que, se sofriam de alguma coisa, era precisamente dessa falta de sofrimento, um tipo de neuropatia resultante de muita facilidade, muito açúcar, uma espécie de gota existencial? Mas, por outro lado, Klaus os levava muito a sério; eles são informados constantemente, a cultura lhes ensina, embora "cultura" aqui não seja a palavra correta, disse Klaus, passando na testa um lenço do mesmo tecido de seu terno, que eles são indivíduos, fortes até, mas na verdade foram esvaziados, isolados, homens da massa sem uma massa, embora não sejam homens, obviamente, mas meninos, meninos perpétuos, Peter Pans, homens-crianças, porque a América é a adolescência sem fim, rapazes sem religião, por um lado, ou um líder

carismático, por outro; eles nem mesmo têm um pai — o presidente Carter! — para matar ou um pai que lhes diga para matar o judeu; eles não têm judeu; eles são libidinosamente orientados à rendição em massa, mas não têm nada para o que se render; nem acreditam no dinheiro ou na ciência, ou essas crenças são insuficientes; o país deles lutou e perdeu sua última guerra real; em uma palavra, eles são superalimentados; em uma palavra, são famintos. Esses garotos, disse Klaus, precisam apenas de uma boa surra e de algum trabalho físico; esses garotos, disse Klaus, estão passando por uma profunda regressão arcaica. Garotos são garotos, Klaus fez pouco caso, e garotos mimados serão sempre garotos mimados, mas depois, segurando o lenço na nuca: o abismo da descrença, esse vazio não pode ser preenchido com *stuff* (Klaus adorava usar a palavra *stuff* no sentido de coisas, *stuff* soava alemão para mim, mas não era; vinha do grego *stuphein*, "juntar") e a violência retornará periodicamente — como as cigarras. De repente, somos varridos dali pelo irrigador giratório de alguém, um choque prazeroso de água fria nas minhas canelas.

Se eu dissesse, Klaus, você afirma que o problema é que eles têm tudo de maneira fácil, mas você também afirma que o fácil demais é difícil demais; você está dizendo que sempre foi assim, mas que é também o sinal de um declínio imperial específico, esse vazio no coração do privilégio, então Klaus responderia com uma citação que era a sua assinatura, a citação que ele sempre usava quando parecia contradizer-se, uma citação que a sua conversa procurava implacavelmente, uma citação que ele apreciava demais, a ponto de parar, imóvel, sorrindo, para então proferi-la: "O oposto de uma verdade", escreveu Niels Bohr, que Klaus citava, "é uma mentira; mas o oposto de uma verdade *profunda*" — pausa para ênfase, som de irrigadores, insetos, cortadores de grama, ausência sentida dos ruídos da cidade, Kenny Rogers soando num carro que passa — "pode ser outra verdade profunda." Ou é ou não é agosto (Klaus retira seus óculos anacrônicos de lentes redondas, enxuga o rosto, recoloca-os, retoma a caminhada); se eu afirmar que é agosto quando não é — uma afirmação simplesmente falsa; mas se digo que a vida é sofrimento, isso é

verdade, profundamente verdade; e também é verdade que a vida é felicidade; quanto mais profunda a afirmação, mais reversível ela é; as verdades profundas estão sedimentadas na sintaxe, os termos podem ser revertidos, assim como não há princípio de não contradição, nem lei do terceiro excluído, governando o inconsciente. Em seguida, com um ar sério por um momento, Klaus tocaria em meu ombro: uma citação como essa pode salvar sua vida.

Eu não tinha certeza do quanto Klaus ajudava seus pacientes — em geral, seus analisandos eram mulheres de meia-idade ou mais, embora Sima, que estava se formando, também estivesse sendo analisada por Klaus —, mas tinha certeza de que mal ele não fazia, deixando o seu sotaque, que os pacientes associavam a uma grande autoridade psicanalítica, fazer a maior parte do trabalho. Klaus era conhecido na Fundação por seus "relatórios de teste", que toda a equipe de terapeutas tinha de apresentar a intervalos regulares — documentos de duas ou três páginas que depois eram distribuídos e discutidos nas reuniões. Os de Klaus eram famosos, ou infames, pelo caráter literário; traziam um certo ar de folhetim de Weimar à burocracia da Fundação. Se ele não fosse psicanalista, se a Universidade de Stanford não tivesse comprado a correspondência dele com Anna Freud, se não falasse quatro idiomas (embora Klaus surpreendentemente não considerasse o seu iídiche), se não fosse velho e elegante, se não fosse um sobrevivente, ele teria sido repreendido; em vez disso, meus colegas e eu aguardávamos ansiosamente aqueles documentos de espaçamento simples datilografados por sua secretária, mas que Klaus quase sempre modificava com sua caligrafia rebuscada — não para corrigir erros de datilografia ou erros de fato, mas para acrescentar algum adjetivo ou aprimorar o ritmo da frase. "Quando a primeira neve cai em Topeka, transformando o exterior em um vasto interior, B--- vira a cabeça para os flocos acumulados no peitoril e suas lembranças tornam-se o tapete branco de sua sala de estar em Ann Arbor, a cena primal de sua infância"; "Quando uma truta salta para pegar uma libélula e se vê presa pelo anzol e incapaz de nadar livremente, ela começa uma luta de grandes embates e

borrifos; da mesma forma, G––– está lutando no anzol do distúrbio de personalidade infantil." Às vezes, eles me lembravam um híbrido de *Sportsmanlike Driving*, o livro sobre educação ao volante, com Freud: "A história humana, como a história do indivíduo, pode ser entendida como uma passagem lenta pelos conflitos de uma natureza agressiva e sexual. É como parte dessa jornada através dos milênios que devemos entender os traços desinibidos e egotistas de K–––" etc. Eu poderia fazer uma boa imitação da voz de Klaus, usá-la para provocar gargalhadas em Jane e Eric, e até mesmo em sua devotada analisanda Sima ("Poder-se-ia dizer que este molho marinara veio de um pote; mas o pote, num sentido profundo, talvez muito profundo, não teria recebido sua identidade do molho?"), mas o charme de Klaus, pelo menos para mim, era que sua voz já soava como uma imitação de si mesma; Klaus era um ator que se confundia com sua interpretação de Klaus. E, no entanto, o efeito desse duplo era generoso, autoirônico; me lembrava de como Charlie Chaplin — quando a mulher rica que ele ama entra no bistrô — começa, por vergonha, a fingir que estava apenas brincando de garçom para diverti-la.

Klaus estava sempre brincando; Klaus nunca estava brincando — o que garantia a ironia era o sentido de absurdo de ter sobrevivido, ou a sugestão absurda de que alguém sobrevive mesmo que continue respirando, ou o absurdo de que a linguagem poderia ser muito mais do que ruído após o galinheiro, após os campos. Certa vez, no refeitório da Fundação, observei-o caminhar até a parede para ajustar o quadro de um girassol ligeiramente torto, a pintura de um paciente. De alguma forma — mais uma vez me lembrei de um astro do cinema mudo —, os gestos de Klaus asseveravam que aquilo era teatro; sem emitir um som, ele atraiu os olhares de todos que comiam às mesas. Ele corrigia demais a posição do quadro — agora estava baixo demais do lado esquerdo; ele coçou a cabeça; houve risos; depois corrigiu o lado direito, fingiu não notar, ajeitou sua gravata-borboleta, fez a mímica de que estava satisfeito, o que provocou mais risos; em seguida, como se apenas o riso chamasse sua atenção para o erro, ele colocou a mão no queixo, pensando. De repente, um dedo indicador disparou; em vez de mexer outra vez no quadro do

girassol, ele foi até os outros três quadros (jacintos, gerânios, equináceas) na parede e abaixou os cantos esquerdos das molduras até que todos os quadros estivessem igualmente tortos; ele voltou a sentar-se para o aplauso geral.



As luzes diminuem no teatro da Fundação lotado de funcionários, pacientes e vários moradores de Topeka não vinculados que foram convidados para a estreia. As notas de *Berceuse pour le Piano*, de Friedrich Baumfelder, soam por mais de meio minuto, a gravação um pouco lenta, com ruídos de estática o tom ligeiramente distorcido. Então, um velho alto, talvez corcunda, está em um museu, de costas para a câmera, com um chapéu Homburg e uma bengala nas mãos, e inclina-se para ver os entalhes elaborados de um par de portas de bronze. Este é o Museu da Cidade em Berlim, *circa* 1909; este é o Museu Nelson Atkins em Kansas City, *circa* 1983. Sequência de abertura. O homem alto, que talvez tivesse conhecido Hesse na Basileia, está e não está representando; suas roupas são apenas suas roupas; o início do século XX europeu vive em seu corpo no Kansas do final do século XX; quantas vezes sua mãe o empurrou em um carrinho de bebê pela Brauergasse. (O filme é rodado com uma câmera francesa de 16 mm que descobri numa venda de garagem três anos depois de chegar em Topeka. A Wolfe's Camera and Video doou o filme — um filme altamente sensível que eles tinham à mão para a filmagem de jogos de basquete colegial com pouca luz; o efeito parecendo de um filme granulado, o movimento ao mesmo tempo acelerado e truncado, sinais de um meio de iluminação mais antigo.)

Eu, Ziegler, apareço à esquerda da tela; a câmera, a cargo de um estagiário, segue-me pelo saguão de mármore, uma risadinha (calorosa) no teatro, meu figurino de época não está muito preciso, deixei crescer as costeletas para o papel, meu cabelo cortado, pela primeira e última vez na idade adulta, para aparentar um bom burguês, "uma dessas pessoas", diz Klaus em voz alta, "que vemos todos os dias na rua, cujos rostos nunca conseguimos lembrar, porque todas têm o mesmo rosto: um rosto

coletivo". Na galeria seguinte, onde descubro a pílula sobre um mostruário de vidro (recebemos permissão para filmar, mas sem tocar em nada), surpreendo-me com um guarda usando um *schirmmütze* comprado na loja de excedentes militares em Huntoon; o uniforme do guarda é anacrônico, mas não o suficiente para comprometer a cena. Fade-out para tela preta.

Debussy, uma passagem de *La Mer*; fade-in no interior de um restaurante, que é na verdade o refeitório da Fundação, mesas compridas substituídas por algumas redondas que meus estagiários cobriram com toalhas brancas, talheres de prata e louça de porcelana (incompatíveis; alguns itens comprados de segunda mão, outros emprestados), embora Hesse combine mais com um café informal. O jornal que Ziegler folheia e finge ler é o *Topeka Capital-Journal* (o Dow Jones fechou em alta; o polêmico Memorial do Vietnã está aberto), mas também é o *Berliner Lokal-Anzeiger*. Na mesa atrás de Ziegler, o dr. Console e sua esposa, os pais do futuro poeta, estão comendo salsichas; aquelas duas mulheres, trajando o que parecem ser vestidos eduardianos, tomam chá, são pacientes da Fundação; uma delas, com quem Jane trabalhava de perto, saltaria para a morte do prédio mais alto de Omaha três anos após as filmagens. Comendo sozinho em uma terceira mesa — com gestos não afetados, os gestos dos não observados —, um paciente que quase ganhou um Tony antes de o alcoolismo ficar fora de controle (leva-se anos de estudo para saber atuar, especialmente para comer como se você não estivesse sendo observado); eu inicialmente sugeri que ele interpretasse Ziegler. Eric, desajeitado, retrata um garçom, guardanapo branco no antebraço, me serve a cerveja na qual tomarei a pílula que achei no bolso do meu colete; na verdade é uma bala de hortelã, um placebo. Raspo a pílula com a unha, cheiro, tento esmagá-la entre os dedos, levo-a à ponta da língua e, em seguida, um pouco surpreso, a coloco na boca. O que há por trás do riso estridente no teatro neste momento? Um testemunho da minha desenvoltura como cômico? Talvez, mas também deve haver algo de carnavalesco, catártico, em ver o dedo de um psicólogo que ingere uma pílula misteriosa com a ajuda de um psiquiatra da Fundação; a

maioria dos pacientes ainda não faz uso de medicação antidepressiva, a qual logo suplantaria os medicamentos mais embotadores. "Pessoas inteligentes não iriam querer destruir essas realizações duramente conquistadas em tecnologia ou medicina, ou desperdiçar as vantagens tão valiosas que obtivemos com elas." Ziegler mastiga satisfeito o seu *Kohlwurst*, que na verdade é uma salsicha jumbo Oscar Mayer.

"Às duas horas" — a voz de Klaus no escuro — "o jovem saltou do bonde" — tentamos e não conseguimos pegar o bondinho do Gage Park para essa transição — "e comprou um ingresso a preço reduzido." Surge a imagem dos portões da frente do World Famous Topeka Zoo, localizado no Tiergarten, um rinoceronte negro recém-chegado da Etiópia entre as principais atrações de 1909, nuvens cirrus nos céus de Berlim flutuam quase imperceptivelmente durante a filmagem. Do lado de dentro dos portões, pessoas em dias de domingo: casais desfilando; todo mundo no clima de férias. Passando de braços dados em frente ao cercado das impalas estão os sorridentes drs. Caplan, casal de psicanalistas prestes a se divorciar, já que Allen Caplan está dormindo com a psicóloga Samantha Gibson, a quem supervisionou e a quem ele agora inclina o chapéu enquanto ela passa com seu vestido estilo Império e chapéu de plumas que pegou emprestados na Topeka Rep. (Estranho que Allen e Samantha, separados um do outro por algumas fileiras no teatro, se vejam reproduzindo na tela a falsa formalidade que mantêm em público diariamente.) Lá vai o dr. Atwal de turbante e roupas tradicionais. Ele é seguido pelo biopsicólogo dr. Erwood, que usa uma espécie de chapéu de feltro. Lá vai o nosso vizinho, Donald Peterson, de cartola e capa, sua filha de 8 anos, Anna, por algum motivo vestida como um menino, calça curta e boné, segurando a mão direita do pai. Passando por Donald, o imponente e obeso J.M., proprietário da Mass Street Music no centro de Lawrence; ele está de braços dados com sua boa esposa Laura, cujo rosto está sombreado por um grande leque bordado com uma rosa centifólia.

Os chimpanzés pulam de um galho artificial para outro em uma jaula coberta. Agora é a volta de Ziegler que vemos, bengala laqueada e chapéu de palha nas mãos, olhando para os símios. (De onde veio o chapéu de

palha? Um erro de continuidade.) Em Nevada e Nova York, psicolinguistas tentam ensinar os chimpanzés a conversar por sinais — acreditando que eles são capazes de usar a linguagem, embora fisicamente incapazes de produzir uma gama suficiente de sons articulados —, mas em Topeka, em Berlim, "um grande chimpanzé piscou para ele, acenou cordialmente e disse em uma voz grave: 'Como vai tudo, querido irmão?'" Tudo está indo muito bem; a ARPANET implementou os protocolos TCP/IP, possibilitando a internet; a Trump Tower acaba de ser inaugurada na Fifth Avenue; a primeira ligação de telefone celular comercial foi feita no estacionamento do Soldier Field, em Chicago; o bisneto de Alexander Graham Bell recebeu a ligação na Alemanha, a Alemanha de Guilherme II, cuja foto de jornal Elke está recortando em seu pequeno apartamento para fazer uma colagem, com o bigode substituído pelas pernas de um lutador; pela única vez, Freud está na América; com determinação, Proust começou *La recherche* e irá, com a velha tecnologia da prosa, descrever seu primeiro telefonema, seu primeiro encontro com um avião, o que o automóvel faz com a paisagem. "Você já parou para pensar que, em todas as incontáveis milhares de gerações que precederam este século, nem mesmo os reis mais poderosos da Terra poderiam ter um como este?"

Ziegler foge de uma jaula para outra; agora ouvimos a sinistra *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov. Imagens filmadas de um alce digno são encontradas e emendadas; o Topeka Zoo não tinha um alce. A terrível dignidade dos animais no filme. Mas Ziegler fica de fato cara a cara com um leão através de um vidro grosso e aprende sobre a "imensidão do mundo selvagem, onde não existem jaulas" ou testes de personalidade. A princípio, há gargalhadas na plateia com a bufonaria de Ziegler, como, cada vez mais transtornado, atira a bengala nos arbustos e solta o colarinho (onde foi parar o chapéu?), mas a suave tristeza na voz de Klaus ao descrever a despersonalização de Ziegler acrescenta *pathos* ao frenesi da comédia. Todo mundo sabe como essa história termina; que ele será levado de uma instituição mundialmente famosa para outra; eles sabem que não há exterior, mas um vasto interior, mesmo que o paciente

esteja atrás da câmera, o olho diagnóstico, mesmo que os animais zombem dos brutos do outro lado das grades, do galinheiro. E agora uma multidão de moradores de Topeka se reuniu em torno de Ziegler, que perdeu sua fé na civilização, a qual dali a cinco anos estará numa guerra mecanizada; ele perdeu a fé na imagem da antiguidade que herdou do Renascimento (um erro de continuidade), na religião, na ciência e na "ciência judaica" da psicanálise; ele perdeu a razão. Dois enfermeiros vestidos de branco (interpretados por fisioterapeutas da Fundação) me arrastam para fora do quadro, que está queimado em algumas partes.

Resta um minuto do filme de doze minutos. A multidão se dispersa, a câmera gira para a esquerda para nos mostrar dois homens altos envolvidos numa conversa animada (sem vozes agora, mas as notas de Baumfelder retornam), presumivelmente descrevendo o espetáculo que acabaram de assistir. Um dos homens é Klaus, cujas costas nós vimos na sequência de abertura; o outro é o dr. Tom de tweed. Eles têm a aparência de dignitários, presidentes; apertam as mãos, talvez na despedida, talvez para selar algum pacto misterioso entre a psiquiatria do Velho Mundo e do Novo, depois saem do plano em direções opostas. E ali vêm duas mulheres sorridentes vestindo saias de crinolina, restam 30 segundos, Sima e Jane, provavelmente governantas, cada uma levando duas crianças pequenas pelas mãos. Jason (filho de Sima) e Adam, Darren Eberheart e uma garota cujo nome se perdeu. (A alegria deles quando os buscaram na Bright Circle Montessori School, onde lhes foi permitido pular uma soneca.) Eles estão caminhando em nossa direção, rápida e lentamente, no presente e no passado.

As coisas com que Darren sonhava começaram a aparecer nos arbustos — o miniparaquedista de plástico dos fogos de artifício, o disquinho de serra cega que ele pensava ser uma estrela ninja —, e ele as guardava no bolso. Os bolsos eram grandes: o ano todo ele usava uma das três calças cargo do Exército que havia comprado com o próprio dinheiro na loja de excedentes militares em Huntoon. Camuflagem de deserto. Entendam que ele tinha mais de quatrocentos dólares, a maior parte em notas de vinte. Tinha uma dúzia de facas Buck dobráveis. Na mesma gaveta com dinheiro e facas tinha uma pistola de chumbinho Crosman que ele costumava dizer ser um revólver de verdade e uma vez apontou para o mestiço Jason Davis, levando Davis a fazer um corte em cima do olho de Darren. A correntinha de ouro sobre a clavícula da jovem enfermeira que o costurou e a sua fragrância de coco tão intensa, que ele sentiu como se fosse um sabor dela, apareceram agora em seus sonhos, mas estava tudo bem, disse o dr. J, o problema é quando acontece o contrário. Era como aquela faixa de papel TOPEKA HIGH SCHOOL que as animadoras de torcida seguravam para os jogadores atravessarem rasgando quando entravam em campo. Mais do que de fato jogar, isso era o que ele havia desejado, imaginado, quando era um garoto da água no ensino médio, dando de beber aos colegas atletas. (Vejam a pura alegria dele correndo pela lateral do campo quando um dos corredores da nossa equipe de futebol americana conseguia escapar.) A faixa entre o sono e a vigília havia se rasgado e agora pessoas e coisas passavam por ela.

Ele estará no McDonald's do Gage Boulevard pegando sua água quente e de repente saberá que o homem que está fazendo pedidos na frente dele é o seu pai, partículas de para-brisa em seu cabelo emaranhado. Então sai de lá com a cabeça baixa, volta para a sua Schwinn Predator e pedala a toda velocidade até os arbustos do Westboro Park, onde pode respirar e guardar objetos perdidos dos

sonhos. E os arbustos fazem você se sentir seguro? O dr. J pergunta toda vez que ele menciona se abrigar lá. Entendam que há uma rede de túneis por baixo da imensa massa de madressilvas, e ele tem suprimentos, um saco plástico com barras de Snickers e PayDay para repor a energia e alguns pacotes de charque superficialmente enterrados no mato num local que ele não revelará, nem mesmo sob tortura. Existem outros lugares como os arbustos? Que tal pensar neste lugar aqui como uma espécie de arbusto, Darren?

Bem, talvez ele pudesse fazer isso se o dr. J não dissesse ao final de cada hora, Entre, sra. Eberheart, e aí Darren tem de ouvir as queixas de sua mãe. A mais recente foi sobre como ele estragou tudo no Dillon's, um emprego que o dr. J ajudou a arrumar para ele fazendo um favor. Porque Darren era mentiroso, irresponsável, isso sem falar no teste do GED. E Darren precisa então respirar devagar deliberadamente porque a voz dela está alta e muito aguda, quase um guincho, um animal com dor, logo antes de ela começar a chorar, depois a voz baixa outra vez: não sei até/quando poderei/suportar isso. As mentiras dele. O meu diabetes. Trabalhar à noite no St. Francis. É quando Darren sente que ou vai chorar também ou vai estrangulá-la, mas fica apenas olhando para a pintura de um palhaço pendurada na parede do dr. J com força suficiente para que suas cores comecem a mudar. Você gosta? É de um pintor chamado Marc Chagall.

Não pode ser como nos arbustos quando essa vaca está aqui. No começo, o dr. J diria que não usamos palavras como vaca, bicha, covarde, mas a partir do momento em que ele começou a ter um vislumbre do pai, não houve mais regras na verdade. Porque entendam que Darren não é uma bicha nem um covarde, não importa o que Nowak ou Davis ou o pai tivessem dito antes de este bater no canteiro central e atravessar o para-brisa. Darren confessara mais de uma vez tê-lo matado, nesses momentos o dr. J dizia muito devagar, como se estivesse lendo num outdoor a uma certa distância, Não, Darren, você não é responsável — de forma alguma — pela morte do seu pai. Pensar mal de uma pessoa não faz com que ela bata com o carro. Mas Darren tinha capotado o Honda azul várias vezes em sua mente antes do acidente, pressionava o botão de retroceder e capotava de novo e de novo. Em sua mente ele estava no culto, sentado entediado e suado no banco da frente da Igreja Presbiteriana de Potwin, antes mesmo de a patrulha rodoviária ligar para eles. Sentindo o colarinho engomado roçar o pescoço recém-barbeado.

Desde menino, ele bebia água quente de manhã fingindo para os pais que estava tomando café, Aqui está seu café, Darren, preto sem açúcar, quase na hora do trabalho. Os raros risos compartilhados. A piada era que ele era um homem, mas agora era mesmo, com 18 anos, e é exatamente o que ele faz de manhã. No McDonald's eles dão água quente de graça, embora possa ser difícil explicar que você não quer comprar o chá Lipton. Mais de uma vez ele teve de comprar o saquinho que descartaria em seguida. (No Gage Boulevard eles lhe davam um copo de isopor fumegante quase sem problemas, mas na única vez que tentou na 21st Street um dos cozinheiros que ele talvez conhecesse disse, Manda esse retardado cair fora.) Quando ele começou a trabalhar no Dillon's, seu pai ainda não tinha cruzado a faixa rasgada e então ele se sentaria em uma das cadeiras giratórias vermelhas de plástico perto da fachada de vidro e do outro lado do seu próprio reflexo aguado observaria os Phelps segurando seus cartazes. Ele saboreava a água fervente, mexia com uma colher de plástico, bebia. Depois se levantava com uma determinação que, segundo ele, os outros homens poderiam perceber.

Se você está indo para o trabalho, o cenário se organiza de forma diferente em torno de sua bicicleta enquanto você corre, olmos e bordos prateados alinhando-se respeitosamente para deixá-lo passar. Stacy, a amiga do dr. J, mostrara onde ele poderia estacionar sua Predator na entrada lateral e onde poderia pegar um avental verde num gancho. Amarre nas costas assim. Depois é só me perguntar que eu te digo qual das filas do caixa você deve ajudar primeiro. Aí vêm os brócolis americanos a caixa de waffles congelados Wonder Bread o Dr Pepper de dois litros lentamente sobre a esteira rolante de borracha preta, onde ele deve colocá-los em sacos de papel duplos e, se solicitado, carregá-los ou empurrá-los no carrinho até a mala dos carros, o compartimento de carga das picapes. Muitas vezes ele carregava a comida de pessoas que ele conhecia, tinha conhecido, e elas falavam com ele, e era legal. Ovos e leite têm seu próprio saco plástico, não me perguntem por quê. A satisfação de enfiar o carrinho de compras vazio em outro carrinho vazio na fileira de carrinhos vazios. Quatro e vinte e cinco por hora vezes trinta era mais dinheiro do que ele poderia imaginar, quando você multiplica trinta por quantas semanas houvesse nos anos que ele planejava trabalhar. Uma coisa é certa: ele compraria o Fiero prata de Ron Williams e até deixaria sua mãe usá-lo se seguisse certas regras.

Na primeira quinzena de trabalho, uma lata grande de alguma coisa não é registrada e Mike funcionário mais antigo para quem ele está ensacando pede para ele verificar o preço o que significa primeiro encontrar o corredor e depois a prateleira e depois qual número em qual rótulo corresponde à lata em questão antes de gravar tudo isso na cabeça e levar a lata de volta para Mike que há muito tempo terminou de registrar as outras compras, o cliente puto da vida sem dúvida. Stacy nunca disse que era tarefa dele verificar preços. No momento em que localiza o corredor certo ele já se vê retornando à caixa registradora incapaz de explicar como o rótulo com o preço estava entre um conjunto e outro de latas semelhantes mas distintas, ou como estas distinções se desfocavam quando ele olhava atentamente, a cor dos rótulos mudando até ele não poder mais definir uma fronteira entre qual o preço disto, qual o preço daquilo. Ele juntaria as palavras se as letras e números não fossem formigas correndo por galhos no chão flutuando na água enquanto ele ficava lá e se os outros clientes não começassem a rir dele até ele se virar para partir para cima deles. Só quando está de pé suando frio na frente das prateleiras ele se dá conta da música ambiente *que tem circulado pelo Dillon's por todo 1996.*

E então na quarta série a sra. Lewis manda que ele leia em voz alta Como o Grinch roubou o Natal*, leia alto, podemos esperar o dia todo, as gargalhadas, depois na sétima série o treinador Stemple o agarra pelas grades do capacete durante os* treinos *e o joga no chão por ser burro pra cacete, os ouvidos zumbindo, o cheiro de grama cortada. Ele também está sentado em um consultório enquanto o dr. Nelson diz ao pai Pense num menino de 9 ou 10 anos de idade em um corpo de adolescente e alguns anos depois ele leva uma rasteira de Carter em uma história sobre dedar Becky Miller, você sabe mesmo o que significa dedar, as mesmas gargalhadas em volta do fogo, os frutos das laranjeiras-de-osage crepitando e soltando faíscas. Todos esses inumeráveis momentos se fazem presentes sempre que um está, pequenos espasmos simulados no canto da boca refletem isso.*

Você tem que se distanciar do ponto onde esses momentos se encontram no espaço, então ele vai até o depósito, pendura o avental e pedala os quatro quarteirões até a loja de excedentes militares, onde pode se sentar bem no fundo abrindo e fechando uma lata de munição calibre .50 até Pare com isso Stan finalmente diz atrás do balcão sem erguer os olhos. Darren adorava o cheiro de

cosmolina. Stan, mesmo sendo gordo e asmático, e apesar de não ter um polegar, podia juntar as mãos em concha e aplicar um "telefone" nos seus ouvidos como fazem todos os fuzileiros navais de um jeito que podia te matar, ou podia enfiar o seu nariz cérebro adentro só com a palma da mão. Estas e outras técnicas de combate que Darren às vezes acreditava ter absorvido e esperava não precisar usar. E também Darren sentia que tivera um pouco das experiências que Stan relatava, como um professor certa vez disse a Darren que cheirar uma coisa significa absorver alguma partícula dela. Então, se Stan dizia que havia prostitutas em tudo que é lugar que você raramente precisava pagar bastava cuspir no pau para lubrificar, Darren não achou que estivesse mentindo quando contou a um grupo de alunas secundaristas que jogavam basquete na quadra da Randolph School que ele tinha comido uma, cuspido etc. Ele não precisava pagar embora pudesse, eu tenho mais de quatrocentos dólares. Se você disser uma coisa que parece ter lógica, ela se torna verdade, então ele não sentia que estivesse mentindo, mesmo que muitas vezes achasse que tinha mentido. Toda a sua vida sua mãe exigiu que ele confessasse que tinha mentido antes que fosse possível alguém descobrir.

A loja de excedentes militares era e não era como os arbustos. Era como os arbustos porque nunca que um Gordon ou um Nowak ou um Davis poderiam pegá-lo ali, onde Stan, que conhecia o pai de Darren, estava no comando. Você tem toda liberdade para ficar por aqui, se ficar quieto. Era como os arbustos porque ali também era um lugar escuro onde Darren tinha conhecimento tático e sabia até onde ficava, trancada atrás do balcão, a antiga mas carregada Luger. Não era como os arbustos porque partículas da raiva de Stan poderiam entrar nele. Todas as garotas dizem que querem caras legais do tipo sensível e que por isso trepar com o time inteiro não está certo Darren. Eu não sou racista Darren mas elas não perseguem os caras e imploram por isso? O nome dele vinha sempre misturado nessas frases quando Stan estava falante. No verão antes do primeiro ano eles o desafiaram a beijar Mandy Owen, juraram que ela queria ser beijada por ele, que só era tímida demais para pedir, e o jeito como ela gritou e ficou vermelha e segurou as mãos tremendo na frente do corpo parecia aquela vez em que uma abelha pousou na sua mãe que era alérgica. As gargalhadas. Ele era culpado antes mesmo de sua mão aberta tocar o rosto dela e enquanto eles o enchiam de socos e terra na boca, ele queria dizer Desculpe, Mandy; ele a conhecia desde o jardim de infância,

ela morava a apenas três quarteirões de distância. Eles não têm ideia de como é difícil sentir o gosto do próprio sangue, o cheiro de grama cortada, e não ir para casa e pegar suas facas ou revólver ou capotar automóveis mentalmente. E quando a raiva de Stan tomou conta dele, Mandy era apenas uma prostituta que segurava a faixa para os outros atravessarem. Entendam que na mente dele poderia levar dias até ela não ser.

O dr. J não ficou zangado com o negócio do trabalho, ele não tinha partículas de raiva dentro dele, ponto final. Mais de uma vez Darren se perguntou se isso fazia do dr. J um bunda-mole. No que diz respeito a mim não foi um problema, isso é algo que podemos tentar novamente mais lá na frente se for o caso. O que preocupava o dr. J era se Darren poderia estar tendo algumas alucinações leves, o que não é o mesmo que contar histórias. Darren, o dr. J disse, Darren, até que Darren olhou do quadro na parede para os olhos dele, o que eu quero dizer é que parece que você está vendo coisas que não existem, como o seu pai. Meu pai não via coisas que não existem, pensou Darren, olhando outra vez para o palhaço flutuando na moldura prateada. Embora Darren entendesse como embriaguez, seu pai xingava alto pessoas que não estavam presentes, arrebentava com socos a parede de gesso do porão. Ou talvez você esteja apenas me dizendo que pensa no seu pai, que parece que ele está ali, mas que você sabe que ele não está, na verdade. Se você acha que está vendo ou ouvindo coisas que simplesmente não existem na realidade, Darren, talvez ajudasse você repetir para si mesmo, ou até mesmo dizer em voz alta, Isso não é real. Isso não é real. Você ficaria surpreso de quanto isso ajudou outras pessoas que conheço.

OS HOMENS

(Jane)

Você se lembra de como, dois invernos atrás, eu acabei não comprando nossas passagens para a Flórida, de como só fui descobrir na noite anterior, ao tentar imprimir nossos cartões de embarque, que eu na verdade nunca tinha comprado essas passagens? Eu tinha uma clara lembrança da compra feita pela Orbitz, mas como vamos a Sanibel todo mês de janeiro, devo ter confundido com um dos anos anteriores. Quando papai me perguntou sobre elas meses antes da viagem — voo direto ou teremos que parar em Chicago; quanto custaram —, eu não estava mentindo quando respondi: sim, sem escala, custaram quase a mesma coisa que no ano passado. Mas me senti meio insegura com esse assunto das passagens, ou, pensando bem agora, sei que fiquei insegura, como se, abaixo do limiar da consciência, ou às vezes subindo à consciência e depois afundando novamente, eu suspeitasse que nunca as tinha comprado, que só pretendi fazer isso, e então tive uma falsa lembrança de que havia comprado. Sempre que a viagem vinha à tona, eu sentia um leve medo, leve o suficiente para que eu realmente não tivesse que explicá-lo para mim mesma — talvez estivesse ansiosa com outra coisa, talvez fosse só porque detesto viajar de avião, talvez pensar na viagem me lembrasse de como estou longe de você e das meninas. Normalmente, como uma boa neurótica, eu checaria várias vezes as passagens no meu computador semanas antes dos voos, só para reconfirmar horários, se nossas poltronas eram juntas, mas aquele medo sutil, aquele conhecimento que não era conhecimento, me impediu de procurar por elas no meu e-mail, então foi só na noite anterior à viagem, quando papai sugeriu que eu fizesse o check-in, imprimisse os cartões de embarque, que descobri — que não dava mais para eu evitar descobrir —

que nunca comprei passagem nenhuma. Não consigo acreditar nisso, eu ficava dizendo enquanto vasculhava o meu Gmail, mas, na verdade, em algum nível, eu sabia daquilo o tempo todo. Mas não foi exatamente isso, ou não somente isso: acho que eu sentia que, enquanto evitasse procurar as passagens, elas estariam lá; mas se eu procurasse o arquivo, elas desapareceriam, como se o passado fosse até então indeterminado, eu poderia ultrapassá-lo. Você entende o que quero dizer? Nós tivemos que pagar um dinheirão para conseguir as passagens para o dia seguinte; felizmente eles ainda tinham assentos, embora eu suponha que sempre tem lugares sobrando para ir ou voltar de Kansas City.

Foi mais ou menos assim, quando recuperei a memória do que meu pai tinha feito. O conhecimento esteve sempre lá, eu o carregava no meu corpo, mas não sabia que sabia, embora soubesse que sabia de algo que temia conhecer plenamente, temia porque só de chegar ao conhecimento, à memória, tornaria o fato que eu estava reprimindo real. E acho que Sima foi a primeira pessoa a intuir os contornos desse conhecimento desconhecido que eu carregava; ela me ajudou a ver que o que estava faltando tinha uma forma, era uma peça do quebra-cabeça da minha personalidade, e ela tornou as fronteiras visíveis — como o fato de eu não me permitir conhecer se projetava em outros domínios da minha experiência. E uma vez visíveis essas fronteiras, eu poderia — na verdade, eu *não* poderia deixar de — confrontar o conhecimento que eu sempre tive e nunca tive.

Você realmente não deve se lembrar de como Sima era naquela época, você tinha 4 ou 5 anos quando ela deixou de ser minha melhor amiga para também ser minha terapeuta, embora disséssemos que estávamos tendo uma "consulta", uma diluição de fronteiras que era, nem preciso dizer, problemática; nós deveríamos saber disso — nós sabíamos. Não afirmo isso como uma desculpa, mas havia tantos deslizes nas pessoas da Fundação sobre o que era relacionamento profissional, pessoal e psicoterapêutico que eu acho que, até certo ponto, aquilo parecia normal para nós. Mas nós também nos sentíamos — nós também *éramos* — duas feministas formando uma aliança terapêutica em um contexto onde

esses deslizes eram tipicamente usados para reforçar relações patriarcais. No começo, fiz análise com Allen Caplan, você se lembra dele por morar na vizinhança, porque *não* fazer análise era considerado um ataque contra você mesmo na Fundação, um sinal de que estava evitando uma reflexão séria sobre sua própria psicodinâmica etc. e tal, e eu tive que aturar aquela merda escandalosamente sexista. Certa vez, em uma reunião de equipe, a questão das diferenças salariais entre homens e mulheres foi levantada e, mais tarde naquele dia, quando eu estava no divã do Caplan, ele me instigou a pensar em como minha preocupação de ganhar menos que os homens poderia estar relacionada com a inveja do pênis. Ele via sinais de "esforços fálicos". Uma vez perguntei a outro psicanalista sênior por que ele se referia aos pós-doutorandos homens como "doutor" e às pós-doutorandas pelo primeiro nome delas, e lá estava eu, novamente no divã, recebendo outra lição sobre a inveja do pênis. A objeção ao diagnóstico de inveja do pênis era um sinal claro de inveja do pênis. (Eu deveria encontrar para você um memorando que foi vazado, no qual um psicanalista sênior me chamava de "a trombeteira das viragos" para o dr. Tom; você poderia reproduzir uma versão ligeiramente reformulada disso no seu livro.) Agora soa como paródia, mas essa era a realidade. Trabalhar com Sima pareceu uma forma de resistência a essa cultura, uma forma de eu poder me reconciliar com aspectos do meu passado sem que isso fosse ditado pela intocável tradição freudiana da Fundação que patologizava a experiência das mulheres quando esta não se encaixava na teoria do grande homem.

Dito isso, foi uma grande confusão sobredeterminada. Sima estava fazendo análise com Klaus, que era como um segundo pai para o papai, ou talvez papai é que fosse como um segundo filho para Klaus; havia sempre alguma tensão entre Eric e nós, embora gostássemos dele, pois achávamos que ele era excessivamente agressivo na medicação que prescrevia; ele tinha uma tremenda fé acrítica na psicofarmacologia como uma panaceia. E então você e Jason eram, naturalmente, melhores amigos, estavam basicamente juntos desde que nasceram, eram como irmãos; os dois casais tinham cada um seu testamento colocando o outro

como guardiões legais da criança em caso de tragédia. (Por falar nisso, você e Natalia realmente precisam fazer um testamento; parem de procrastinar.) E depois teve aquele acontecimento entre papai e Sima, que novamente tinha relação com Klaus — você terá de perguntar a ele se quiser detalhes; ele me contou sobre isso anos mais tarde, na época do problema de Darren Eberheart —, mas na época eu só tinha uma vaga ideia de tudo que aconteceu, outra coisa que eu sabia e também não sabia. E se você quiser que eu seja totalmente franca, não tenho certeza se meu relacionamento com Sima — que era, a propósito, a pessoa, fosse homem ou mulher, mais linda de Topeka — não continha uma carga sexual. Em outras palavras, tinha uma carga sexual. Depois, há o fato de Sima ser, apesar de nossas diferenças metodológicas, a leitora mais perspicaz do meu manuscrito, o que significava que eu me sentia dependente dela, ou pelo menos em dívida para com ela; o que também significava que ela se sentia, embora negasse, meio dona do livro; certamente ela teria uma relação muito complicada com o sucesso dele.

Um ou dois meses depois de estarmos em Topeka, Sima e eu tínhamos longas conversas de avaliação, regadas a vinho, sobre a semana na Fundação, alguns debates sobre nossas respectivas orientações teóricas, mas também aquelas grandes conversas sobre o nosso passado, a nossa infância. A intimidade entre nós foi rápida e intensa, havia uma espécie de euforia nisso; éramos como crianças num acampamento de verão ou calouros de faculdade que conversam com um novo amigo com uma excitação tingida de desespero. Nos sentávamos uma ao lado da outra no balanço da varanda em Greenwood fumando cigarros (lembro que havia um pouco de açúcar na ponta dos cigarros indonésios que Sima fumava) e bebendo vinho barato em potes de geleia — Sima era muito elegante, aquilo era uma degradação para ela —, e nós fofocávamos e ríamos e também falávamos abertamente sobre crescer em famílias com mães fortes, embora conformistas, e pais fodidos da cabeça. O pai dela, que nunca visitou Topeka, era um cirurgião respeitado em Los Angeles, acho que cardiologista; ele tinha emigrado do Irã e cortara relações com quase todos os membros de sua família de origem. Seu foco era exclusivamente

no irmão mais velho de Sima, Amir, que se esperava que fosse um cirurgião, e Sima se sentia totalmente invisível. (Você sabe como o meu pai privilegiava Deborah, que provavelmente preferiria não ser mencionada no seu livro; meu pai não se preocupava em esconder sua preferência.) Amir era um problema, tentou suicidar-se por volta dos 20 anos — pelo menos Sima pensava ter sido uma tentativa de suicídio; a família insistia em dizer que foi apenas uma imprudência numa festa, o que levava Sima à loucura. Lembro que Sima tinha o estranho hábito de sorrir quando chorava; posso ver seus dentes perfeitos brilhando um pouco no crepúsculo enquanto ela me contava que a família foi pegar seu irmão no hospital da UCLA, de como o pai dela, ao volante do Mercedes, insistia em dizer num tom monótono que um estudante de medicina devia saber melhor do que ninguém que não se mistura opioides e álcool — ficava falando da tentativa de suicídio de seu irmão fortemente sedado como se tivesse sido apenas mais um fracasso acadêmico, um mau entendimento da química. Eu simplesmente não conseguia falar, Sima me contou, sorrindo, tomando seu vinho, as lágrimas rolando pelas maçãs do rosto altas, eu simplesmente não conseguia fazer um ruído. Você vai me sacanear se eu disser que quando Sima fazia aquilo de chorar sorrindo — eu ainda posso ver seu rosto iluminado pela chama da mão em concha enquanto ela acendia outro cigarro —, era como aqueles dias lindos de chuva com sol, o que acho que é o efeito do vento soprando a chuva das nuvens para bem longe.

Foi só quando Sima e eu estávamos com filhos pequenos — você e Jason têm o quê, quatro meses de diferença? — que nossas conversas sobre o meu pai se tornaram mais intensas. Parte disso, sem dúvida, era porque ter filhos trazia de volta lembranças de nossa própria infância, algo que você sabe agora que tem as meninas. Mas também o que aconteceu é que a vovó e o meu pai começaram a vir de Phoenix para ver você, e Sima percebeu algumas coisas sutis mas estranhas que eu estava fazendo — quer dizer, além de estar exasperada com a presença dos meus pais. Por exemplo, uma noite, quando convidamos Sima e Eric para jantar, papai fazendo aquele prato gostoso de galinha dele, ela notou que

eu era simplesmente incapaz de sair do seu lado quando meu pai estava por perto. Ela disse que parecia aquele filme do Buñuel, *O anjo exterminador*, quando os convidados de um jantar são misteriosamente incapazes de sair de uma das salas da casa. Só que, nesse caso, era eu quem não conseguia sair: você e Jason estavam em seus moisés na sala de estar, onde estávamos comendo a sobremesa. Sima percebeu que eu me levantava e pegava uns pratos e copos para levar para a cozinha, mas depois, assim que eu ia dar o último passo para sair da sala, eu de repente dava meia-volta e me sentava de novo, colocando os pratos na mesa de centro, "Eu cuido disso mais tarde". Obviamente, isso era inconsciente, irracional — mesmo que eu não confiasse no meu pai, não teria me preocupado naquele contexto —, mas não conseguia deixar vocês dois juntos fora da minha vista. Em algum momento, eu perguntei a Sima, Você quer fumar? Sim, ela disse, e nos levantamos, caminhamos até a porta e depois: Na verdade, não estou com vontade de fumar, pode ir você; e eu fui me sentar de novo. Se papai percebeu isso, se viu que eu estava agindo estranhamente, ele teria presumido, com razão, que eu devia estar estressada por ter meus pais por perto, o que é bastante normal em qualquer pessoa, e meu pai era uma companhia muito difícil no sentido convencional: reclamava de tudo e tinha pouco interesse pelas outras pessoas. Sima me contou depois que, quando saiu para fumar sozinha — era uma outra época, as mães fumavam relaxadas enquanto amamentavam —, ela sentou-se no balanço da varanda e, pelo janelão, olhou para todos nós na sala e me viu puxar uma cadeira para me posicionar entre meu pai e o seu moisés — ela suspeitou, e suspeitou que eu não sabia que sabia. Talvez ver aquilo brevemente do lado de fora, emoldurado pela janela, transformado em uma pintura ou um filme mudo, tenha colocado tudo em evidência para ela.

— Você continua chamando ele de "meu pai" em vez de "vovô", embora diga "vovó" e não "minha mãe", como se você ainda estivesse me protegendo de ter alguma relação com ele.

Isso é interessante. Você provavelmente tem razão. Hoje eu me lembro daquela noite na terceira pessoa, como se eu estivesse olhando para a sala

do posto de observação de Sima no balanço da varanda — tenho uma falsa memória daquele momento como sendo o primeiro momento em que comecei a me lembrar mais completamente do que havia acontecido, mas não foi. Depois daquela viagem, Sima mencionou o que tinha observado, e eu meio que dei de ombros; não fui responsiva, eu pensei e pensei no assunto, mas aquilo não parecia ter relação com qualquer realidade para mim. Acho que não conseguia deixar vir à tona porque estava amamentando um bebê. Eu disse a Sima que me sentia de fato meio ensandecida quando ele estava por perto, que tinha certeza de que eu agia sintomaticamente em todos os sentidos, mas que não acreditava que tivesse ocorrido alguma coisa quando eu era pequena e que, embora meu pai fosse distante e totalmente alheio de si mesmo, não achava que ele algum dia tenha me tocado de forma inapropriada. E, para o crédito de Sima, ela não me pressionou.

Ela e eu continuamos conversando sobre nossos pais em particular e sobre os pais em geral, mas foi só alguns anos depois que o passado profundo se reafirmou. Meu pai teve um derrame em Phoenix e nós pegamos um avião para lá; acho que você tinha uns 5 ou 6 anos — você estava na Randolph, não na Bright Circle. Eu lembro que você ficou realmente assustado ao ver o rosto dele um pouco paralisado, o lado direito, como ele parecia o mesmo, mas diferente como consequência do derrame, como se tivesse sido substituído por seu *doppelgänger*; no começo, você não se aproximava dele, mas ele não era o tipo de avô para quem uma criança corria. O derrame acabou não sendo tão grave, mas foi o início do longo processo de tentar descobrir como lidar com pais idosos, então havia muita tensão no ar. E depois duas coisas aconteceram com a minha mãe. Ninguém usava a palavra "gatilho" naquela época.

Certa noite, papai e vovó levaram você a uma videolocadora. Eles não tinham TV a cabo, e você estava desesperado para ver seus desenhos animados. Vocês voltaram com um filme qualquer da Disney e um outro vídeo, *Fritz the Cat*. (Um psicanalista pode notar que "Fritz" era o nome do filho assassinado de Klaus, aquele que estava sempre relacionado com papai na mente de Klaus.) Papai colocou esse vídeo do gato para você na

TV pequena que a vovó tinha na cozinha para poder ver os noticiários da manhã, e depois ele saiu. Quando cheguei para dar uma olhada em você, o que eu vi na tela — demorei um minuto para entender o que estava vendo — foi uma espécie de gangue de animais antropomórficos fazendo estupros; era a porra de um desenho animado pornô! Eu nem sabia que isso existia. Fiquei lá totalmente chocada, paralisada — você estava apenas comendo sua pipoca de micro-ondas; acho que não tinha a menor noção do que estava acontecendo na tela —, e então minha mãe entra, olha para a TV, para aquele bando de animais de desenho animado fazendo sexo, e diz: "Nossa." Depois saiu calmamente da cozinha. Eu me recupero do susto, desligo a TV e digo para você ir brincar com a vovó, o que faz sem protestar (você percebeu que algo não estava certo); eu grito chamando o seu pai, que vem correndo, e coloco a fita para ele ver. Ele teve um ataque, muito natural, embora também parecesse achar o desenho muito engraçado. Ele não tinha ideia de como isso aconteceu; disse que só viu o título quando você entregou a caixa para ele; pediu mil desculpas.

Naquela noite, eu não consegui dormir. E não por preocupação de o desenho ter causado algum mal a você, não por estar zangada com o papai pela confusão. Não, foi por aquele "Nossa" que ela disse — minha mãe entrando na sala, vendo uma criança diante de uma cena de violência sexual, e expressando sua surpresa no mesmo tom e com a mesma suavidade que ela usava quando olhava uma etiqueta de preço num par de sapatos. Eu estava enfurecida e não conseguia resolver a minha raiva, passei a noite suando frio, ouvindo você balbuciar enquanto dormia no colchão inflável ao lado da nossa cama. Na manhã seguinte, mal consegui olhar para ela. Conversei com papai sobre o que sentia — sabia que era loucura — e ele se concentrou em assumir a responsabilidade pelo vídeo; ele achava que eu estava apenas experimentando a intensidade do derrame, dos pais idosos e assim por diante. Mas decidi dizer algo a ela, ou talvez não pudesse evitar isso. Estávamos sentadas naquele pequeno jardim de pedras que eles tinham nos fundos, com todas as suculentas e cactos que você adorava, e eu

disse: “Mãe, por que você não manifestou mais surpresa quando viu aquele vídeo horrível? Por que apenas se retirou?” E ela disse, com razão, “Ora, eu achei que era da sua conta, você é a mãe”. “Bem”, eu disse, “e se eu não estivesse lá?” Ela poderia ter dito um milhão de coisas em resposta à minha pergunta: poderia ter dito: “Se você e Jonathan não estivessem aqui, esse vídeo nunca teria sido alugado”; poderia ter dito: “Claro que eu teria desligado.” Em vez disso, ela ficou muito pensativa, pareceu considerar o assunto cuidadosamente e aí disse: “Adam teria ficado bem.” Não me lembro do que respondi ou se cheguei a responder; a fita na minha cabeça acaba nesse ponto.

A segunda coisa aconteceu alguns dias depois, no último dia da viagem. Eu tinha mais ou menos superado o problema do tal desenho animado — pelo menos a raiva havia passado — e vovó e eu estávamos vendo algumas pinturas e reproduções que ela possuía mas nunca havia emoldurado; ela queria saber se eu desejava levar alguma para Topeka. Vovó já estava fazendo aquilo que você odeia quando eu faço; sempre que eu gostava de uma pintura ou de alguma coisa, ela dizia, Tome, pode levar, eu adoraria que você ficasse com isso — como se estivesse se despedindo do mundo, se despojando. Então, não era uma discussão casual porque, ainda mais tendo em vista o derrame do meu pai, falar sobre para onde uma obra de arte poderia ir era também uma forma de falar da mortalidade. (Onde estava o meu pai durante essa viagem? Eu acho que estava no quarto dele ou conversando com papai, que devia estar fazendo algumas gravações; eu mal consigo me lembrar da presença dele lá, embora tenhamos ido lá por causa do derrame.) Mas arte também era algo que vovó e eu adorávamos discutir. Você sabe que ela foi pobre até relativamente tarde na vida, que era uma pessoa absurdamente frugal, que nunca chegou a concluir o curso secundário; eu adorava ver o amor dela pela arte, que era capaz de valorizar algo que não tem preço, como você diria, e eu realmente admirava o gosto dela — como uma tela numa venda de garagem em Midwood lá por volta de 1952 pôde chamar a atenção dela e, com o tempo, nós acabamos percebendo que minha mãe fizera um achado, aquela pequena pintura era muito boa, o que só se

aprofundava quanto mais olhávamos para ela. Algumas de minhas lembranças antigas mais afetuosas são de ir com ela ao Metropolitan Museum; gostava particularmente de esculturas antigas; "Elas me acalmam", costumava dizer; o mármore a acalmava. Como você sabe, ela trabalhou para vários artistas — ajudava a conseguir materiais, cuidava dos seus livros — e era paga com pinturas. Enfim, estávamos na garagem vendo algumas reproduções que ela havia impresso em grandes pedaços de papel cartão quando minha mãe de repente me disse: "Tenho uma confissão a fazer."

"Tenho uma confissão a fazer" — era como se estivesse citando algo que ouviu na TV, não era uma frase que ela usaria. Estava incrivelmente quente, claro, naquela garagem, mas fiquei com frio quando ela disse aquelas palavras. "Ok, pode dizer", eu consegui falar. "Bem, você sabe que eu costumava trabalhar para o Lassiter." (Lassiter era o cara que fazia todas as coisas de estilo Chagall que temos na casa; papai gosta mais delas do que eu.) "Então, havia uma pintura dele, só uma pequena aquarela, que eu admirava particularmente. Ele que na verdade chamou minha atenção para ela porque a pintura tinha muitos tons de rosa; ele disse que já que o meu nome era Rose, achou que eu poderia gostar. E gostei, adorei, na verdade, acho que porque ela parecia alcançar tanto com tão pouco, nisso que ele era bom, fazia um mundo inteiro com poucas formas e cores." "Mas o que é", eu perguntei, tentando ser paciente, "que você precisa 'confessar'?" "Bem", ela disse, "ele me mostrou aquela pequena aquarela rosa, e eu adorei e perguntei se poderia adquiri-la para minha coleção e, para minha surpresa, Lassiter disse que não, que ele estava reservando aquela. Acho que ele a estava reservando para mim, que ele me daria de presente, então não seria um pagamento, não teria nada a ver com dívidas. Mas realmente não sei, porque isso aconteceu bem tarde na vida dele e ele nunca mais falou no assunto." "Mãe", eu disse, exasperada além do razoável, "vá direto ao ponto." "Tudo bem", ela disse. "Então, quando Lassiter morreu, o filho dele me pediu para fazer uma lista de suas obras. O filho me deu as chaves para que eu pudesse entrar e sair e colocar tudo em ordem; era muito estranho

estar sem ele no apartamento, que também servia de estúdio. E eu... eu roubei a aquarela cor de rosa. Não escrevi a respeito no catálogo que estava fazendo, apenas coloquei em um saco de papel pardo e levei para casa; corri escada abaixo com ela como um ladrão comum, como a ladra que eu era. Tenho certeza de que o filho dele acabaria me dando aquela pintura, ele estava muito agradecido por tudo que eu fiz, e talvez Lassiter quisesse que eu ficasse com ela de qualquer modo. Certamente eu poderia ter comprado, o filho teria vendido para mim por muito pouco, Lassiter não era um artista famoso. Eu nunca havia roubado nada na minha vida e nunca roubei nada desde então. E nunca contei isso a ninguém, nem à sua irmã, que está com a pintura agora."

Lembro que me encostei na perua Volvo deles, que senti a lataria azul quente através da minha camisa, e que precisava dessa sensação para ficar ancorada no meu corpo enquanto tentava deixar aquela história assentar na minha cabeça. Eu estava confusa, e confusa sobre o motivo de estar confusa; era como se estivesse ouvindo inúmeras histórias de uma só vez, como se estivesse ouvindo a história da vovó com um ouvido e depois outra história diferente com o outro. E então eu disse — e me lembro que minha voz soou muito calma — "E isso é tudo o que você tem para confessar?" Ela pareceu um pouco intrigada e disse: "Sim." E então eu falei, minha voz monocórdia agora, como se outra pessoa estivesse falando através de mim, "É a pior coisa que você já fez na vida?" Ela pensou por um momento, não mais intrigada, mas como se essa fosse a pergunta que estava esperando, e disse: "Sim, acho que é, acho que essa foi a pior coisa que já fiz na vida."

Quando voltamos para Topeka, fui até a casa de Sima, na verdade fui correndo até a casa dela — Eric estava em alguma conferência — e contei essas histórias, contei como se a importância delas fosse evidente em si. Eu estava esparramada no grande sofá de couro amarelo deles e ela numa poltrona em frente a mim, suas longas e perfeitas pernas morenas jogadas sobre o braço da poltrona; tomávamos nosso vinho e fumávamos, como sempre. Sima apenas escutava; quisera eu saber expressar em palavras como Sima manejava maravilhosamente o silêncio,

como o calibrava, como sabia fazer você se sentir ouvida, onde quer que estivesse — talvez todas essas expressões pareçam clichês para você, mas sabe como é, você às vezes também tem essa capacidade quando não está no modo debate. Ela só ficava sentada lá sorrindo, com aquele sorriso muito lindo e, ao mesmo tempo, muito triste e compreensivo, e o que ela fazia, em parte por não fazer nada, era deixar que eu mesma ouvisse como a minha perturbação *não* era evidente em si, como ainda não estavam integradas em uma narrativa coerente a minha raiva pela incapacidade de minha mãe "proteger" você do vídeo ou a minha raiva pelo fato de que, na mente dela, roubar uma pintura foi a pior coisa que fez na vida. Sima me dava espaço para eu ouvir que havia camadas mais profundas sob o que eu estava dizendo que eu ainda não verbalizava.

Então alguma coisa aconteceu naquele espaço que o silêncio dela abria: minha fala começou a se desintegrar, fragmentando-se sob a pressão emocional, tornou-se uma litania de *non sequiturs*, como alguns dos poetas que você admira soam para mim, ou como eu acho que Sarah Palin ou Trump soam, falando absurdos como se fizessem sentido, fossem argumentos ou informações, embora eu estivesse falando muito mais rápido do que os políticos falam; minha fala acelerava como se eu estivesse perseguindo um significado que recuava; era como se *eu* estivesse tendo um derrame. Sima me apontou então que eu ficava mencionando a palavra "treinamento" — por exemplo, "Por que minha mãe daria aquela aquarela para Deborah, bem, o meu treinamento me diz" e depois interrompia a frase no meio e começava a falar de algo totalmente diferente.

— Porque aconteceu em um trem.

Quando meu pai e eu voltamos para o Brooklyn vindo de Seattle, onde estávamos visitando amigos da família, eu tinha 6 anos de idade. Quando vovó teve que ir para Los Angeles de repente porque a irmã estava doente. E ela levou Deborah e me deixou sozinha com meu pai, o que é a pior coisa que fez na vida. E então, em algum momento, minha fala simplesmente não se sustentou mais como fala; eu me desmanchei em soluços, eles me ultrapassaram. Não percebi que ia acontecer, foi tão

involuntário e brusco quanto um espasmo muscular. Quando começou, fiquei meio que rindo dos soluços, sol e chuva, rindo involuntariamente de sua força e imprevisibilidade, e depois entreguei-me inteira a eles. Houve uma incrível sensação de alívio quando liberei essa linguagem que terminou em puro som. Essa linguagem atingiu o seu limite e uma nova será construída, Sima e eu a construiremos. Lembro que olhei para Sima através das minhas lágrimas e vi que ela *não* estava vindo na minha direção, que permanecia sentada lá, agora com as costas eretas, muito equilibrada, cheia de solidariedade, mas que não se aproximaria para me consolar ou abraçar, e eu pensei — acho estranho que tenha conseguido pensar em alguma coisa — que ela estava certa em ficar sentada lá, esperando; lembro de ter pensado que havíamos começado a terapia.



De uma perspectiva dos sistemas familiares, muito se perdeu sem os telefones fixos. Pense em como muitas vezes — antes dos celulares, antes de qualquer tipo de identificador de chamadas — você atendia o telefone fixo quando criança e tinha de entabular um diálogo, por mais breve que fosse, com tias, tios ou amigos da família. Mesmo que fosse aquela rotina de cinco segundos, Como você está, como vai na escola, sua mãe está em casa; isso significava um contato verbal periódico em tempo real com uma comunidade estendida, a qual, por repetição, se reforçava. Agora nunca se fala com ninguém, a não ser que nos liguem diretamente. Adoro falar pelo FaceTime com as meninas, não sou uma saudosista da velha tecnologia, mas acho que foi de fato uma mudança profunda, mesmo entre as mais sutis; talvez você devesse escrever sobre isso em algum lugar.

Isso também significava que quando os Homens começaram a ligar lá para casa, você quase sempre era o único a atender, e provavelmente mais de uma vez você não desligou quando eu dizia, "Eu atendi, Adam". (Como tudo isso seria estranho para suas meninas do Brooklyn do século XXI: duas pessoas atendendo o telefone em diferentes cômodos numa casa grande em Topeka.) Era motivo de orgulho para mim ter o nosso

número na lista telefônica, tirá-lo da lista parecia paranoia ou soberba, mas talvez eu devesse ter tirado. Não sei quantos homens diferentes ligavam porque eu desconfiava que muitas das ligações partiam do mesmo homem disfarçando a voz, mas sem dúvida havia mais de um, ainda mais depois que fui na *Oprah*; calculávamos a média de uma ligação por semana. Em geral eles começavam falando muito educadamente, com uma voz normal, "Poderia falar com a dra. Jane Gordon, por favor?" Daí então, quando eu dizia, "Sou eu mesma", ou se eu apenas atendesse e dissesse, "Alô", a voz se reduzia a um sussurro ou sibilo e lá vinha a indefectível ofensa, "sua piranha". Às vezes, eles só queriam que eu soubesse que eu era uma piranha que arruinou o casamento deles, ou que piranhas como eu fossem a causa dos problemas das mulheres de hoje em dia, um monte de piranhas feminazis, ou que deveria calar a porra da minha boca (parar de escrever); eles passavam essa mensagem e desligavam. Mas havia também ameaças de níveis variados de especificidade: que eu era uma piranha que deveria tomar cuidado, que ia acabar tendo o que merecia, que poderia levar um tiro enquanto caminhava pelo campus da Fundação (esta ameaça vinha do mesmo homem, mas ele ligava várias vezes), e assim por diante. E havia variações sobre o tema do estupro: eu vou te estuprar; alguém deveria te estuprar; você deve ter sido estuprada; se não fosse tão feia, você seria estuprada.

Os telefonemas incomodavam papai muito mais do que a mim. Eu só achava que se uma pessoa fosse atacar alguém, não iria telefonar antes para avisar, mas o motivo de pensar assim, especialmente se considerarmos as minhas experiências com mulheres que sofreram abusos, eu não saberia dizer. Certamente era desagradável, mas esses caras também eram tão lamentáveis — eu os imaginava jogados em suas poltronas reclináveis La-Z-Boys, criando coragem para fazer sua ligação obscena, talvez se masturbando depois de tanto regozijo, se não durante —, eu realmente não conseguia levá-los a sério, ou só os levava a sério como espécimes da horrenda fragilidade da masculinidade. (E, se aprendemos alguma coisa, foi o quanto essa masculinidade frágil pode

ser perigosa.) Talvez eu simplesmente não me permitisse mostrar que estava aborrecida porque em nenhuma circunstância eu daria a eles a satisfação de ouvir-me ferida, raivosa, ou assustada. Eu nunca perguntava, "Quem está falando?", nunca dizia, "Não se atreva a ligar para a minha casa de novo", nem, "Vou ligar agora mesmo para a polícia", embora papai tenha insistido em chamá-la; a polícia disse que iria "monitorar a situação", sabe-se lá o que isso queria dizer. Mas então eu inventei uma técnica, de que muito me orgulho, para enfrentar esse tipo de problema.

Quando um dos Homens telefonava, e eu dizia alô, e ele começava a cochichar me chamando de piranha ou uma variação disso, eu fingia que não conseguia ouvir: "Pode falar mais alto, por favor?" Em geral o que acontecia era o cara, confuso, repetir o que disse um pouco mais alto e, embora pudesse ouvi-lo bem, eu diria, de novo educadamente, sem deixar transparecer que estava entendendo a natureza da ligação, "Desculpe, mas a ligação não está boa, pode falar um pouco mais alto?" E eu continuaria fazendo isso, sempre educadamente, pedindo que o otário falasse mais alto. Ele talvez repetisse sua mensagem uma ou duas vezes, mas sempre ficava muito constrangido com o som da própria voz — ou talvez estivesse preocupado que alguém pudesse escutá-lo; eu me pergunto quantos desses homens tinham esposas ou filhas no aposento ao lado — e, por fim, a voz deles hesitava ou mudava de registro ou, na maioria das vezes, eles apenas desligavam submersos numa onda de vergonha. Em algumas dessas ligações, papai estava na linha também e nós tínhamos de conter o riso quando percebíamos o agressor tentando inutilmente criar coragem para usar sua voz de adulto.

E depois houve os Homens no supermercado, o Dillon's. Você se lembra disso? Você e eu íamos fazer compras quase todos os domingos no Dillon's quando você estava no jardim de infância — por alguma razão, você adorava ir ao supermercado —, e com frequência um homem ou uma mulher nos abordavam enquanto eu empurrava o carrinho. Se fosse mulher, era sempre para agradecer, muitas vezes de forma comovente: "Seu livro salvou o meu casamento"; "Você mudou a minha

vida" etc. A mulher e eu, então, "pressionaríamos nossas mãos". Lembro de ter lido em romances russos sobre como um personagem tal "pressiona a mão" de um conhecido em um momento de emoção, e eu nunca soube o que aquilo significava. Mas era o que eu fazia com essas mulheres; nós não nos abraçaríamos, isso não ia acontecer no Meio-Oeste americano, e dar um aperto de mãos, um cumprimento que parecia muito masculino, muito profissional, era insuficiente. Então pegávamos na mão uma da outra e aplicávamos uma leve pressão, comunicando solidariedade por meio desse toque — e depois voltávamos às nossas compras. Mas os Homens: eles não me chamavam de piranha em público, e às vezes eles não diziam nada, apenas deixavam claro por um olhar ou um riso que sabiam quem eu era. Mas um ou dois se aproximavam de mim, muito educados: "É a dra. Gordon?" Quando eu respondia, "Sim", recebia algo como: "Espero que esteja orgulhosa de si mesma, sua destruidora de lares", "Tenho pena do seu marido", esse tipo de coisa. Eu diria, "Passe bem", e mais nada. (Havia também os faxes que os seguidores de Phelps começavam a enviar: um deles tinha minha foto com chifres desenhados me chamando de "Jezebel gilete", explicando que eu usava meu "púlpito" para encorajar os sodomitas que mereciam é morrer; acho que ainda temos esse aqui em algum lugar. Depois esses fanáticos começaram a atacar qualquer membro da Fundação que se destacasse, uma vez que nos recusamos, como instituição, a reconhecer a homossexualidade como um mal.)

Era desagradável, mas não passava muito disso; desnecessário dizer que muitas mulheres sofrem bem mais. Para ser franca, acho que fiquei orgulhosa ao constatar o alcance do meu livro, seus efeitos; mesmo os aspectos ruins do reconhecimento podem nos dar um certo entusiasmo, e eu fiquei surpresa ao sentir o que o livro se tornara. Mas a fama seja qual for, assim como um nascimento ou uma morte, modifica todos os relacionamentos. A princípio, eu era ingênua a respeito disso, mas acabaria aprendendo. E acho que deveria ter feito mais para te proteger dos Homens. Você teve alguns episódios na época que creio estarem ligados a eles e às mudanças de forma mais geral.

Um deles aconteceu no Dillon's. Eu costumava pedir que você procurasse alguns produtos constantes da lista que fizéramos juntos e os trouxesse até o carrinho para verificarmos — você adorava a responsabilidade, se sentia muito adulto. "Ok, precisamos de sal", eu diria, "onde está o sal?", e então eu apontaria mais ou menos na direção e você ou reconheceria a embalagem da marca que usávamos em casa, ou, se necessário, perguntaria a algum funcionário com a sua adorável formalidade ensaiada: "O senhor poderia me mostrar onde fica o sal, por favor?" Você parecia quase um inglês. Então, um dia, pedi-lhe para pegar o leite — 2%, aquele da tampa azul — e você foi pegar. Só que demorou um bom tempo e fiquei preocupada. Quando te encontrei, talvez cinco minutos depois, embora parecessem meia hora, você estava vagando por outro corredor chorando, quase ofegante; há muito tempo que eu não via você tão abalado.

"Há homens atrás das paredes", você finalmente conseguiu dizer, "há homens lá escondidos nas paredes rindo de mim e tentando me agarrar." Eu fiquei confusa e em pânico, enfurecida: "Que homens, quem tentou agarrar você, quem tocou em você?" Eu realmente não conseguia entender o que estava dizendo, mas por fim eu disse, "Me mostre onde isso aconteceu", e você me levou até a seção de laticínios. "Onde estão os homens que te importunaram?", perguntei, e você apenas apontou para a vitrine do leite. Não entendi o que estava acontecendo. "Não tem homens ali dentro", eu afirmei, sorrindo para acalmá-lo, embora não me sentisse calma, e abri a porta de vidro para mostrar a você, tirei um galão de leite da prateleira. E foi aí que ouvi as vozes por trás da vitrine. Após um momento de vertigem, um eco do seu próprio terror, percebi que eram funcionários reabastecendo a vitrine, que a parte de trás da vitrine era uma espécie de divisória móvel que se abria para o depósito. Eu não sei se eles riram de você ou se, de brincadeira, puxaram o galão de leite que você estava tentando pegar, ou se estavam apenas trabalhando e conversando e talvez rindo entre eles mesmos, mas naquele momento entendi o que você tinha visto, por que se descontrolou. Eu me acalmei, tentei explicar a situação bem devagar e da forma mais clara possível. Você parou de

chorar, mas ainda estava perturbado. O que eu descrevia — que havia homens (e mulheres, insisti) trabalhando atrás das paredes — ainda soava ameaçador para você. E acho — isso seria a analista em mim? — que foi pior para você por se tratar de leite, que estava tentando pegar, ao brincar de ser adulto, o alimento que eu já havia lhe dado do peito.

Você teve alguns pesadelos com isso nos meses seguintes — que poderia haver homens nas paredes. Homens maus. E depois havia aqueles homens telefonando por fios invisíveis. Klaus fez uma interpretação marxista sofisticada e ridícula do acontecido como uma prova da sua intuição precoce do trabalho alienado, mas era óbvio que você estava descobrindo toda a masculinidade tóxica que circulava à sua volta. Papai também chegou a especular se você não estaria sentindo que ele não poderia proteger a família ou algo assim, se estaria começando a comparar a gentileza de papai com a cultura do Homem de Marlboro que nos cercava, um contraste agravado pelo fato de eu ser agora a principal provedora, estava ficando famosa, e as pessoas sempre perguntavam o que isso significava para o papai, como se fosse obviamente emasculante, como se fosse uma perda para ele. Eu também acho que você sabia que fosse lá o que estivesse acontecendo com o meu livro, com a atenção e tudo, isso era desestabilizador, envolvia grandes mudanças. De qualquer forma, os pesadelos não duraram. Depois aconteceu aquele negócio do chiclete.

Eu aposto que você não vai colocar isso em seu romance. Certa noite, papai e eu estamos assistindo a um filme. Você tinha ido dormir horas antes e, tanto quanto sabemos, dormia profundamente. E então de repente você aparece na nossa porta, nu, muito tranquilo, e eu fico tipo, "O que foi, Adam?" E você diz, com naturalidade, como se estivéssemos apenas conversando, "Ah, eu ia ao banheiro e estava mascando chiclete e o chiclete caiu". Recentemente você tinha recebido permissão para ficar com seus pacotes de chiclete desde que nos pedisse antes se poderia mascar um; você *adorava* chicletes. Papai estava meio adormecido, não estava realmente vendo o filme, e disse, sem abrir os olhos, "Bom, você

limpou tudo?" E você não respondeu. E eu senti que algo estava errado e acendi a luz de leitura ao lado da cama e disse, "Venha aqui".

Quando você chegou perto de mim, vi que tinha enrolado cuidadosamente o seu pênis e a bolsa escrotal com chiclete. Quer dizer, você deve ter mascado, achatado o chiclete e trabalhado deliberadamente para embrulhar-se com ele. Nada estava exposto. "Ah, meu Deus", eu disse, tocando o chiclete, que tinha endurecido. "O que foi?", papai disse, agora totalmente desperto, preocupado, virando-se para nós. Uma pausa. Então ele e eu começamos a rir, não conseguimos evitar. E você riu porque estávamos rindo; sentindo-se aliviado por não estar com problemas.

"Como isso aconteceu?", perguntei, pegando você e colocando na cama entre nós. E você disse a sua fala ensaiada: "O chiclete caiu da minha boca e ficou preso no meu corpo." Você estava naquela fase de usar "corpo" para se referir quase exclusivamente ao seu pênis. Quando dizia, "Meu corpo está coçando", queria dizer o pênis. "Adam, essa confusão toda não pode ter caído da sua boca", falei. "Você fez um ótimo trabalho para enrolar isso aqui", disse papai, tentando começar a desemaranhar. "Deve ter levado um tempão, um monte de pedaços." Mas você afirmou que estava no banheiro apenas mascando, e que ele caiu da sua boca, e *voilà*, você tinha um pacotinho perfeitamente embalado.

Foi engraçado até percebermos que não conseguíamos removê-lo. E como você cobriu totalmente a uretra, não poderia fazer xixi, o que é grave. Depois de um tempo — papai ainda rindo, mas eu começando a me preocupar — telefonamos e acordamos Eric, já que ele era um "médico de verdade", e perguntamos o que deveríamos fazer. O que se seguiu foi uma hora ou mais de alternância entre comédia e pânico, em que usamos vaselina, manteiga de amendoim, azeite de oliva —, não lembro o que finalmente funcionou. Mas tiramos tudo, demos um sermão carinhoso, dissemos que daríamos um tempo no chiclete e fomos para a cama.

Papai concluiu que era apenas uma criança explorando seu corpo e que foi isso. Eu não pude deixar de supor se não seria uma espécie de

castração simulada, uma tentativa de não ser um menino, um homem, um dos Homens. Depois percebi que você geralmente estava muito feliz, indo muito bem na escola, tinha ótimos amigos etc., então não pensamos mais que aquele fato tenha expressado algo específico. Mas eu, pessoalmente, fiquei muito assustada com aquela história do chiclete; foi ficando cada vez menos engraçada e mais perturbadora para mim, embora eu nunca deixasse você perceber isso, claro. E não tinha a ver com você, tinha a ver comigo — com as minhas "consultas" cada vez mais intensas com Sima, o que elas estavam desenterrando do meu passado. E embora eu soubesse — quer dizer, na medida do possível em que um pai ou mãe podem saber de uma coisa dessas — que você nunca tinha sido tocado de forma inapropriada ou algo assim, eu ainda me preocupava que estivesse expressando algo, um medo, talvez um trauma. Por falar nisso, acho que tudo isso explica em parte por que eu peguei pesado com a garota Peterson, Anna, a sua babá, quando muitos anos depois flagrei vocês se beijando. Quer dizer, Anna precisava ser advertida de fato, e que haveria consequências, mas eu praticamente apavorei a garota e seus pais, falando sobre ela como se fosse uma predadora sexual perigosa, como se tivesse sorte por não acabar internada na Fundação ou indo parar na cadeia.

Então, aos 8 anos, você experimentou mesmo um trauma, o que é uma estranha maneira de dizer, já que o trauma é o colapso da experiência como tal. Eu me refiro à concussão. Agora que você é pai talvez possa imaginar como foi para nós, ou imaginar por que não pode imaginar. Sei que você se lembra da queda, uma queda como milhões de outras, mas bateu com a cabeça. Foi numa viela atrás da Woodlawn. Você conseguiu voltar andando para casa. Pensando nisso hoje, a parte mais assustadora para mim é o quão perto fiquei de deixar aquilo passar, de deixar você em paz. Você se lembra de que eu estava no telefone? Era uma entrevista, não sei direito para quem, algum jornal. Eu estava no telefone da cozinha, enroscando o fio na mão; você entrou, parecendo um pouco atordoado. Cobri o receptor e perguntei se estava tudo bem, e você disse, "Eu caí do skate". Perguntei se tinha algum corte ou arranhão, e você

balançou a cabeça negativamente. Olhei rapidamente — não vi marca nenhuma, e certamente nada na cabeça; você não estava chorando. Eu lhe disse para pegar uma caixa de suco na geladeira, se quisesse, e que poderia ver um pouco de TV no andar de cima.

A entrevista não durou muito tempo. Então comecei a dar uma olhada na correspondência que eu havia colocado na mesa da cozinha. Lembro disso sentindo-me culpada, como se soubesse que algo estava errado, mas que não queria admitir, porque assim se tornaria realidade — como no caso das passagens para Sanibel —, mas é provável que eu esteja inventando isso. O que sei é que quando eu finalmente cheguei no alto da escada e vi a caixa de suco fechada caída no chão, na mesma hora soube com todo o meu corpo que algo não estava nada bem; ainda posso ver a caixa vermelha, o canudo de plástico intocado em seu envoltório de plástico. Aquilo simplesmente não fazia sentido. Não era o caso de você estar fazendo bagunça; nem poderia ter esquecido a caixa ali (você tinha acabado de pegá-la); se tivesse decidido que não queria, teria pelo menos colocado numa prateleira ou algo assim. Eu poderia inferir que foi o efeito de uma perda de relação com o objeto — o que isso aqui está fazendo na minha mão? — ou talvez com a sua própria mão. É difícil explicar como uma coisa prosaica expulsa da gramática da vida cotidiana pode, de repente, nos alertar para a irrupção da violência. Eu corri.

Você estava no seu quarto, na sua cama, completamente vestido e havia vômito na sua camisa. Tive que te acordar, meu Deus, tenho certeza de que sacudir você era a última coisa que eu deveria fazer. Devo ter gritado o seu nome. Você voltou a si, graças a Deus, e eu o carreguei até o carro, coloquei-o no banco traseiro e dirigi o mais rápido que pude para o St. Francis. A essa altura você estava chorando de dor, de olhos fechados. Eu fui dizendo que tudo ia ficar bem, tentando dirigir com os olhos cheios d'água, mordendo minha língua quando não estava falando, sentindo o gosto do sangue. Não posso acreditar que eu mesma te levei de carro em vez de chamar uma ambulância; me espanta não ter provocado um acidente e matado nós dois.

A maior parte do que aconteceu você soube depois, deve lembrar-se na terceira pessoa. Papai veio da Fundação o mais rápido que pôde. Você precisava de uma tomografia e estava descontrolado de dor e medo, achava que todos à sua volta tentavam machucá-lo. Arrancava os tubos intravenosos dos braços. E sua fala estava totalmente desorganizada — palavras erradas, palavras arrastadas, depois apenas ruído. Sua visão estava muito prejudicada, assim como seu equilíbrio, suas expressões e movimentos eram estranhos, não pareciam seus. Quando ficou claro que não havia como acalmá-lo com palavras, eles começaram a injetar sedativos, meu garotinho de 8 anos, porque não havia outra maneira de administrá-los. Três adultos te segurando, agulhas compridas. E então, em certo momento, você relaxou na inconsciência, e eu pensei: tudo bem, agora ele vai descansar, o efeito dos sedativos vai passar em uma ou duas horas, tudo ficará bem. Mas depois ouvi um médico dizer ao papai, "Agora só nos resta esperar para ver". O exame revelou um inchaço numa área considerável do cérebro, e não sabíamos quando ou em que estado você acordaria.

Logo depois eu comecei a rezar, ou algo que se aproximava disso. Fazia promessas, barganhando com um poder superior, coisa que não fazia desde criança. Se alguém da família tiver que morrer, que seja eu; se Adam ficar bom, prometo fazer *X*, prometo fazer *Y*. A única promessa de que me lembro foi: eu nunca mais vou escrever de novo. Eu sentia — porque estava dando uma entrevista quando você entrou na cozinha? porque era culpada, apesar da minha política, por ser mãe e ter uma carreira? — que era culpa minha você estar naquela situação, que eu tinha falhado com você. "Lamento pelo seu marido, lamento pelo seu filho", os Homens diziam na minha cabeça. "Se você não estivesse movida pela inveja do pênis para escrever este livro", dizia Caplan, dizia o dr. Tom, dizia um coro de colegas homens, "nada disso teria acontecido". Sentada ao seu lado na UTI naquela cadeira horrível estofada de plástico, eu me senti derrotada, desesperada: "Vocês têm razão, vocês têm razão, eu sou uma esposa ruim, uma mãe ruim, uma filha má, uma destruidora de lares (afinal, contribuí para arruinar o casamento do papai; e uma vez —

quando era muito jovem — fiquei com outro homem casado; isso constituiria um padrão?); apenas faça com que ele fique bom e eu vou me comportar.

Você ficou inconsciente por quinze horas. O terrível apito daqueles aparelhos. Uma forte tempestade caiu e, em determinado momento, o hospital precisou usar geradores de energia; lembro que isso fazia as luzes do corredor mudarem de cor, escurecendo daquele branco implacável para um vermelho sinistro. E então, por volta das duas da manhã, papai sussurrou meu nome, e eu olhei para você e descobri que seus olhos estavam abertos. Você parecia muito calmo. Antes que pudéssemos nos convencer a dizer qualquer coisa, você disse educadamente, "Oi". Papai disse: "Como se sente?" "Estou bem", você respondeu. "Você sabe onde você está, querido?", perguntei, tentando manter minha voz firme. "Num hospital", você disse, rindo um pouco da pergunta boba. Naquele momento, a enfermeira entrou — ou porque ela nos ouviu ou porque papai a chamou por causa dos apitos dos aparelhos ou porque ela estava fazendo a ronda — e disse, "Bom, olhe só quem acordou". E então ela fez a mesma pergunta, você sabe onde está, e você repetiu a resposta, dessa vez gargalhando como se aquilo fosse um jogo bobo, perguntar onde estava quando era óbvio. E então ela disse, apontando para mim e papai, e sabe quem são essas pessoas legais? E você olhou para nós sorrindo calorosamente e disse, "Não".

Minha visão ficou turva. Era como se o mundo tivesse se transformado em uma versão ligeiramente diferente de si mesmo, da qual eu fora subtraída. Meu menino ia ficar bem, mas ao custo de não ser mais meu. "Você vai", disse a enfermeira, com confiança tranquilizadora, "vai se lembrar em breve de que esta é sua mãe e este é seu pai." E você disse, "ah", pensou por um momento e perguntou, "Como vocês se chamam?" E essa foi uma pergunta absurdamente difícil. Quer dizer, você nunca nos chamou pelos nossos primeiros nomes; eles não eram nossos nomes para você, embora você, é claro, os conhecesse. "Eu me chamo Jonathan", respondeu papai sem jeito. "Esta é sua mãe, Jane." De alguma forma, eles não soavam como nossos nomes verdadeiros. E então

a enfermeira disse se dirigindo a você, “E qual é o seu nome, querido?” Você abriu a boca para dizer e aí parou, uma pausa terrível. “O seu nome é Adam”, eu disse. “Adam”, você repetiu, como se estivesse experimentando, testando a adequação do nome. Então você disse que ia tirar uma soneca, fechou os olhos e voltou a dormir. Nós olhamos para a enfermeira e ela disse, “Descansar vai fazer bem agora, tudo vai voltar a ser como antes, ele vai ficar bem; vou comunicar ao médico”.

Poucas horas depois, você acordou de novo, sentou-se sozinho na cama, disse que estava com fome, todos sinais tranquilizadores, mas perguntou nossos nomes novamente. Dessa vez Holly Eberheart era a enfermeira de plantão e veio fazer algumas perguntas. Holly Eberheart, você se lembra, era uma mulher bem grandalhona; ainda é, suponho. Vestia um suéter e havia o alfabeto costurado no suéter, ou talvez apenas A B C sobre o busto, não me lembro exatamente. Ficamos surpresos que ela não estivesse usando um jaleco, mas acabou que o suéter tinha um propósito. Ela se sentou ao seu lado e disse, “Adam, querido, o que é isso...?” e ela apontou para o gigantesco A em seu gigantesco seio direito. Você passou um longo tempo olhando para o seio, que ela parecia estar oferecendo, e depois olhou para nós, como se esperasse uma instrução. E papai e eu percebemos que você estava tentando descobrir se ela estava pedindo que você identificasse uma parte do corpo, seu seio, que ela estava praticamente segurando com as mãos, ou a letra, e não queria ser descortês. Papai teve que tossir para conter o riso. Sabíamos que você conhecia a letra, mas não tínhamos certeza sobre a pergunta e achamos que você ia dizer, “Isso é o seu peito”, que é a palavra que você usaria; mas finalmente você disse, muito timidamente, “A?” “Certo”, ela disse, e então você pareceu aliviado e respondeu a todas as outras perguntas sem hesitação. Depois fui eu que comecei a tossir, rindo; de alguma forma, aquilo nos trouxe muito alívio.

Em algum momento, talvez no final da manhã, Eric e Jason vieram fazer uma visita. Jason tinha trazido cartões de beisebol para você, eu lembro, aqueles com tiras de chiclete dentro da embalagem. Eles também trouxeram um pouco de guloseimas que você não podia comer; os

médicos disseram que não deveria ingerir nada por um tempo. Você estava dando boas-vindas a Jason, mas quando perguntamos quem ele era, você disse que não tinha certeza, o que Jason achou divertido. Nós, adultos, ficamos admirados com a forma como vocês dois não pareciam preocupados com o fato de não mais precisarem lembrar das coordenadas de suas vidas. Eric nos tranquilizou sobre tudo o que estava acontecendo, como até então vários médicos vinham fazendo. Papai então perguntou novamente, "Você se lembra de nossos nomes, quem somos?" E você disse, "Jonathan e Jane, papai e mamãe", mas estava claro que apenas recitava a informação recém-adquirida, embora talvez também estivesse começando a compreender, a reconectar-se com suas lembranças à medida que elas retornavam. (Retornavam de onde?) Você estava olhando os cartões com Jason e também orgulhosamente mostrando a ele seus tubos intravenosos, os eletrodos. Papai e eu de repente nos demos conta de que não comíamos nada há séculos e começamos a devorar os muffins ou o que quer que Eric tivesse trazido. E então Sima chegou — eu não sei por que ela veio separadamente; talvez estivesse apenas estacionando — e nos abraçamos, um longo e intenso abraço. E enquanto nos abraçávamos, você ergueu os olhos dos cartões e, o mais casualmente possível, cumprimentou-a pelo nome.



Você almoça com uma amiga que não vê há algum tempo e ela começa a conversa dizendo, com um novo traço de amargura no sorriso, "Nossa, não posso nem acreditar que conseguiu achar tempo para mim". Você pergunta a ela várias vezes o que ela tem feito, mas ela continua voltando a conversa para você e suas aventuras com a turnê do livro, insistindo que a vida dela é comum, que não tem nada de interessante. Você está cinco minutos atrasada para uma reunião de equipe porque derramou café na blusa, tentou sem sucesso limpar a mancha com toalhas de papel no banheiro, e lá vêm os cochichos: "Me surpreende que ela ainda se dê ao trabalho de aparecer." Um colega menciona que recebeu uma boa verba para pesquisa e você lhe dá os parabéns, mas lá está o sorriso

ligeiramente azedo de novo: "Claro que para você isso não deve ser nada." Você protesta, mas isso só faz piorar a situação. Em uma conferência de caso, o consultor discute a resistência de uma paciente em considerar a terapia intensiva, e a psicóloga-chefe ironiza para a gargalhada geral: "Ela podia ler o livro da Jane, isso iria curá-la e economizaria muito tempo e esforço." O horário da consulta de um dentista precisa ser alterado para acomodar uma reunião de pais e professores, a recepcionista solta um suspiro exasperado: "Bem, estamos aqui para servir-lhe, dra. Gordon". Na reunião, você faz uma pergunta respeitosa sobre o currículo. "Podemos não ser ostentosos ou chiques, mas sabemos ensinar língua e literatura aos alunos."

Mesmo com o papai, que em geral era tão solidário e orgulhoso de mim: se eu esquecia de lavar a louça, era porque agora devia achar que era boa demais para as tarefas domésticas, não importava que eu tivesse vivido na bagunça toda a minha vida. Se eu ficava impaciente com alguma coisa, era porque tinha mudado depois que todo mundo passou a me dizer como eu era maravilhosa, embora também dissessem que era uma odiadora de homens ou uma intelectual vendida. Ele estava cansado que lhe perguntassem como era ser o "sr. Jane Gordon", ou de ser elogiado por "ser a mãe". As pessoas dizem que uma pessoa "mudou muito depois da fama", ou elogiam dizendo que não mudou nada, mas o problema dessa formulação é que a fama ou a notoriedade de qualquer espécie mudam tudo *o que cerca* a pessoa, todos os relacionamentos que ela tem, não importa o que essa pessoa faça. Você pode fazer um trabalho bom ou ruim ao navegar por sua nova realidade, é claro. E, graças a Deus, a minha fama teve o seu auge antes de a internet existir, então eu não fiquei sentada pesquisando a mim mesma no Google nem lendo tweets e seus comentários, que estão infestados de Homens.

Mas até a viagem que nossas famílias fizeram para Nova York — você estava na sexta ou sétima série —, meu relacionamento com Sima parecia, pelo menos para mim, basicamente inalterado. O livro foi dedicado a ela. Ela parecia genuinamente feliz por mim e, no começo, foi minha defensora mais ferrenha contra a inevitável acusação de que eu havia

comprometido o rigor teórico em favor do sucesso popular. Certamente Sima entendia melhor do que ninguém o porquê do meu interesse por uma escrita acessível; antes de mais nada, eu acreditava que poderia ajudar muitas pessoas se descrevesse a dinâmica dos triângulos ou entre irmãos o mais claramente possível e que a tradução desses conceitos em conselhos práticos era o meu ponto forte como terapeuta. Eu também tinha, como Sima sabia, uma alergia profunda, até os ossos, a qualquer coisa que cheirasse a mistificação, à forma como o jargão profissional — principalmente, mas não apenas, o de tipo analítico — podia ser utilizado para desqualificar as mulheres como histéricas; isso estava relacionado ao que aconteceu com meu pai, a tudo o que envolve dissimulação e manipulação psicológica. Assim, o núcleo duro dos acadêmicos e teóricos achou fácil me desconsiderar; se o seu livro é celebrado no *New York Times*, então você está apenas vendendo uma ideologia comercialmente reembalada, você não pode ser levada a sério. É claro que há argumentos reais em relação ao que se ganha ou se perde com um modo de discurso ou outro, o anti-intelectualismo pode ser tão ruim quanto o esnobismo, mas era incrível como, se um dos caras da velha-guarda ou de seus aliados da Fundação aparecesse no *Times*, era porque seu trabalho era transcendente, mas quando uma virago com inveja do pênis, como eu, recebia atenção, era porque reduzira tudo a uma espécie de literatura psicológica de mulherzinha.

Sima e eu paramos com nossas "consultas" — ou seja, não tínhamos mais nenhum tipo de sessão agendada para conversar sobre o meu pai, sessões pelas quais eu insistira em pagar para deixar claro o que era profissional e o que era pessoal; agora o que está dolorosamente clara é a profundidade da nossa confusão. Nós paramos, mas estávamos presas em nossos respectivos papéis: eu era a paciente, ela, a médica. Não poderíamos simplesmente inverter os papéis — eu me tornara a pessoa que falava, e ela a que ouvia, que me pressionava com delicadeza, que me aconselhava. Aqui está Topeka em poucas palavras: eu estava conversando com Sima sobre a minha experiência complicada com a receptividade do livro, o que ele estava fazendo com os meus

relacionamentos, inclusive com papai; Sima estava falando do relacionamento dela com a minha carreira (e do relacionamento dela com o meu relacionamento com a minha carreira) no divã de Klaus; é provável que Klaus comentasse isso com papai — embora de forma cifrada, talvez involuntária — nas caminhadas que eles faziam (ou, uma vez que Klaus estava começando a perder a mobilidade, na sala de estar dele, fumando seu cachimbo); e eu poderia continuar falando aqui. Enfim, esse é o pano de fundo de como o próprio relacionamento de Sima com papai saiu de controle, mas você terá que perguntar a ele...

— Se eu quiser detalhes.

Se você quiser detalhes. Estou interessada em saber se você lembra da viagem a Nova York. Pensando bem agora, foi uma ideia horrível. Eu iria fazer um evento no centro cultural 92Y, uma espécie de conversa pública sobre o meu trabalho, e eles me perguntaram quem eu gostaria de ter como interlocutor. Achei que pedir à Sima, fazendo do compromisso umas férias em família — minha editora pagaria a passagem dela —, seria uma maneira de homenageá-la, seria superdivertido. Ela disse que sim na mesma hora em que sugeri, mas meu palpite é que ela começou a se sentir, quase de imediato, como uma regra-três, o segundo violino, escolha o seu clichê. Eles fizeram um folheto que não mencionava o nome dela ("Uma conversa com Jane Gordon"; os Phelps pegaram um dos folhetos, rabiscaram e reenviaram por fax: "Jezebel Gordon pede desculpas pelas bichas"), depois escreveram errado o nome dela quando insisti que fosse incluído; minha editora colocou nossa família em um hotel caro, e Sima não queria pagar para ficar lá, queria um lugar mais barato, depois ficou ofendida quando me ofereci para cobrir a diferença. Então eu quis que todos ficássemos num hotel mais barato para ficarmos juntos, mas ela disse que isso seria ridículo, insistiu para eu deixar para lá. Tudo isso antes de decolarmos de Kansas City.

O 92Y estava lotado, apesar do tempo — era janeiro; naquela noite chuva e granizo se alternavam. Fico sempre nervosa antes de falar em público (devo ter tomado um lorazepam), mas fiquei meio surpresa ao ver que Sima também estava; ficava andando pelo salão verde, batendo

involuntariamente as cinzas do cigarro numa das tigelinhas de amêndoas salgadas em vez de usar o cinzeiro, perguntando-me como estava sua aparência, o que ela nunca fez, querendo repassar as perguntas várias vezes, embora tivéssemos tópicos mais do que suficientes. (Papai e Eric estavam com vocês, garotos; não consigo lembrar aonde vocês foram — em algum lugar turístico; talvez tenham comido no Hard Rock Café.) Após sermos apresentadas e tomarmos nossos lugares no palco — havia duas cadeiras de frente uma para outra, uma mesinha com uma jarra d'água de vidro, microfones posicionados —, Sima virou-se na minha direção, olhou nos meus olhos para fazer a primeira pergunta, e eu vi, segundos antes de ela abrir a boca, que a expressão em seu rosto havia mudado. Havia uma frieza agora, uma distância em seu sorriso, vestígios de ressentimento. Era sutil, porém mais profundo por ser assim — um rosto que você conhece intimamente altera-se de forma mais perturbadora quando a alteração é tênue; pense no que você perdeu quando papai raspou o bigode pela primeira e última vez — talvez fosse novo demais para lembrar; ele fez isso para um filme.

E então a primeira pergunta dela foi sobre os meus pais, um tópico que sequer mencionamos uma vez como possibilidade. Era sobre os meus pais, mas eu escutei como se fosse sobre o meu pai: "Nós, psicanalistas, somos obviamente obcecados pelos pais", disse Sima, claramente era sempre o que planejava dizer, "então pensei em começar perguntando sobre os seus", sobre minhas experiências mais remotas, como elas formaram minha decisão de tornar-me uma terapeuta, o meu trabalho. Para quem via de fora, era uma pergunta totalmente apropriada, mas eu senti um sobressalto; ela me pegara de surpresa. Estaria me desafiando a divulgar o abuso que sofri? A discutir como eu havia recuperado a memória do fato com ela? Ou eu estava apenas sendo paranoica? Parecia que Sima — ou seu *doppelgänger* — estava me ameaçando, me lembrando de que ela, ao contrário dos meus "fãs", conhecia toda a verdade sobre mim. "Eles não vão acreditar em você, nem eu tenho certeza se acredito", eu lia em seu rosto, por mais louco que pareça — o que significa que, por um breve momento, eu vi Sima no

papel de pais abusivos que contestam a realidade da criança. Eu estava naquele palco e, ao mesmo tempo, no Brooklyn dos anos 1950; por um breve momento, eu estava no trem.

Mas então eu me ouvi respondendo à sua pergunta, falando com naturalidade, conversando sobre a dinâmica da minha família, fazendo algumas piadas; a plateia — composta quase exclusivamente de mulheres — ria, calorosa. Voltei para o meu corpo. A sensação de pânico e vertigem passou e a conversa transcorreu bastante bem; eu lembro de ter sentido que me saí muito bem no formato Perguntas e Respostas.

Depois de autografar os livros em uma grande mesa no salão principal, com Sima sentada meio sem jeito ao meu lado, embora não houvesse nada para ela autografar, saímos para o frio lá fora e encontramos um lugar para comer — um restaurante grego pouco iluminado. Assim que nos sentamos, pedimos nosso vinho, agradeci por ela fazer o evento comigo, por fazê-lo tão bem. "Fiquei surpresa com a sua primeira pergunta", eu disse depois de um minuto ou dois, "já que nunca conversamos que começaria assim." E foi aí que percebi que o rosto dela não havia voltado ao normal, ainda carregava aquela nova cara que usara no palco, havia trazido o seu rosto público para a nossa conversa particular. "O que você quer dizer?", ela perguntou. "Só quero dizer que não esperava a pergunta e foi desorientador para mim, já que você conhece uma grande parte da resposta real, que não estou pronta para revelar publicamente." Ela não disse nada. "Só estou dizendo", continuei, "que fiquei surpresa e estou curiosa para saber como você entendeu isso." "Bem", ela disse, sorrindo com seu novo sorriso — aquele misto de afeto e tristeza tão característico dela havia desaparecido —, "se quiser processar a questão de como o meu desempenho dessa noite decepcionou você, como a minha viagem até aqui com a minha família para ajudar na sua celebração fez com que você se sentisse ofendida, então podemos fazer isso, mas vamos esperar até amanhã, ok? Eu estou muito cansada."

Minha lembrança do resto da viagem — tínhamos mais dois dias de estada — foi a de um pesadelo. Papai e eu havíamos decidido

antecipadamente levar você para ver a casa onde cresci em Flatbush, bem perto de onde você leciona; Sima e Eric tinham mencionado que queriam ir junto; eu tentei liberá-los do plano — não queria que qualquer outra parte da viagem dissesse respeito a mim —, mas só consegui ofender Sima ainda mais; acho que ela pensou que eu estava tentando me livrar deles. Eles foram, mas não queriam estar lá — nós só ficamos na calçada da East 9th perto da Avenue J, com o vento frio na cara, olhando para a fachada, papai tirou uma foto e fomos embora — e é claro que levou séculos para irmos e voltarmos para os hotéis no Upper East Side. Depois você e Jason começaram a brigar, talvez estivessem captando a energia dos adultos, e basicamente se tornaram paródias de turistas mal-humorados que visitam a cidade grande, resmungando nos trens, empurrando um ao outro. Você queria ir a uma loja especializada em beisebol, Jason queria ir até o topo do World Trade Center, os dois estavam irritantes. Não era bem um problema, mas de repente eu me senti paralisada: se eu insistisse que devíamos acatar a ideia de Jason, Sima se sentiria paternalizada; já se eu sugerisse algo que parecesse favorecer a sua vontade, isso seria uma prova do meu narcisismo; se achasse que poderíamos nos separar por um tempo e nos encontrar depois, Sima poderia se sentir abandonada; então eu ficava calada e passiva, o que provavelmente foi interpretado como mau humor.

Foi ideia do papai que ficássemos com Jason à noite para que Sima e Eric saíssem para jantar, e também foi ideia do papai que pagássemos, um gesto de agradecimento; eu disse a ele que concordava com qualquer plano, mas que ficasse claro que ele estava propondo isso, não eu. Eric e Sima aceitaram com relutância, e vocês meninos estavam animados em ficar no hotel, pedir comida no quarto e ver TV. Também me senti aliviada com a ideia, queria dar um tempo de Sima. Depois do jantar, num lugar que não ficava longe do nosso hotel, eles passaram por lá e pegaram Jason.

A briga recomeçou; acho que você queria ver *O exterminador do futuro* e Jason queria ver *O exterminador do futuro 2* ou algo assim, não lembro. Eu estava deixando a disciplina a cargo de papai, mas ele não dava atenção

ao que eu dizia e ignorava a agressividade de vocês. Achei vocês dois insuportáveis e ficava dizendo a mim mesma: eu não acredito que sou mãe de um desses protoadolescentes de Topeka cheios de espinhas, obcecados por esportes e com bonés de beisebol na cabeça; Deus me ajude nos próximos seis anos. Pedimos para vocês um bilhão de dólares em hambúrgueres, o que os manteve quietos por alguns minutos. Depois vocês começaram a fazer palhaçada, a se atracar um pouco, embora pelo menos você estivesse rindo agora, parecia estar se divertindo. Eu decidi tomar um banho demorado — o banheiro era palaciano, um spa — e deixar vocês três virando-se sozinhos.

No começo, achei que a gritaria vinha de um filme, mas depois percebi que algo estava errado. Fechei a água, vesti um roupão do hotel, abri a porta e vi vocês dois se debatendo, indo para cima um do outro, papai tentando apartar os dois, mas tendo dificuldade; num relance, deixei de ver você e Jason como crianças para vê-los como jovens adultos, ver como havia uma força real presa em vocês, uma raiva real, uma violência real. Vocês dois começaram a lutar então, cada um tentando jogar o outro no chão, e intencional ou acidentalmente você deu uma cotovelada em Jason que atingiu o lábio superior. Ele gritou, você recuou um pouco, papai pegou-o, deitou-o na cama e teve que lentamente retirar o lábio do aparelho ortodôntico dele; havia muito sangue; foi uma sorte o aparelho não ter cortado mais. Você tinha se afastado para um canto da sala e parecia um boneco de ventríloquo emitindo um misto de bobagens do jargão masculino — "Eu te avisei, seu filho da puta; cara, eu disse sai fora" —, mas você tinha lágrimas nos olhos, uma criança novamente.

Uma hora e meia depois, Sima e Eric, ambos um pouco bêbados, chegaram ao saguão do hotel e me encontraram esperando por eles. "Está tudo bem", eu disse, "mas Jason e Adam tiveram uma briga e Jason se machucou no lábio e vai precisar levar alguns pontos; eles estão no hospital agora. Fica a apenas alguns quarteirões daqui." Eric fez uma saraivada de perguntas que tentei responder, mas Sima, após uma onda inicial de preocupação, permaneceu perfeitamente fria. "Eu nunca deveria ter confiado em vocês para tomar conta do meu filho", eu projetei

ou li na máscara que seu rosto havia se tornado. Continuei me desculpando enquanto caminhávamos até o hospital, me sentindo cada vez mais desesperada por qualquer sinal humano de Sima, mas ela repetia, como se estivesse falando com um estranho que esbarrou nela: "Tudo bem, não precisa se desculpar, garotos são garotos."

Você e Jason — cujo lábio estava inchado como nos desenhos animados — fizeram as pazes, se entenderam pelo resto da viagem, que transcorreu sem maiores problemas, mesmo eu me sentindo péssima. Embora não acreditasse na época, esse foi o começo do fim da minha amizade com Sima, apesar dos vários anos em que tentei romper o bloqueio dela implorando que me contasse o que eu tinha feito, chorando desabridamente no telefone, na porta da casa dela ou durante um jantar no Steak and Ale quando ela condescendeu em me ver, apenas me diga como fazer as coisas direito, sugeri que víssemos um terapeuta ou pedíssemos a um amigo para intermediar, qualquer coisa em que eu pudesse pensar, tudo em vão; "Jane, você está fazendo uma tempestade em copo d'água; nós apenas nos distanciamos um pouco desde que você ficou tão ocupada com sua carreira" etc.; foi a única amizade verdadeira e adulta que eu perdi. Não saberia dizer a você a natureza da dor que isso provocou, e ainda provoca, em parte porque essa dor estava obscurecida pelo trauma que ela me ajudara a enfrentar. Não estou insinuando nenhuma equivalência entre o que o meu pai fez e o fato de Sima me abandonar; eu apenas quero dizer que não consegui experimentar o abandono de Sima sem desviar-me do acontecimento com o meu pai, dada a natureza do nosso relacionamento, os limites imprecisos entre terapia e amizade. Não nos falamos por alguns anos, até o dia em que fomos brevemente forçadas a entrar em contato devido ao incidente com Darren.

A única outra parte da viagem de que lembro claramente foi o dia em que Sima insistiu que eles iriam tomar conta de você e Jason para que papai e eu pudéssemos sair. "Estamos loucos para ver como Jason vai se vingar de Adam", papai brincou, "nós nos encontramos no hospital", e todos riram, mas de forma constrangida. E o tempo todo que fiquei na

rua com o papai, eu não *parava* de imaginar vocês dois brigando de novo, você batendo com a cabeça na quina de alguma coisa, outra concussão.

Papai, por outro lado, parecia insanamente feliz por estarmos sozinhos nas ruas da cidade mesmo que por poucas horas. Ele decidiu que deveríamos ir ao Metropolitan Museum, o que eu particularmente não queria, talvez porque sempre ia lá quando criança, e não estava com humor para mais lembranças de infância, mas eu não tinha nenhuma ideia melhor — estava frio demais para ficar batendo perna. Ele queria rever alguns de nossos quadros favoritos — a *Joana d'Arc* de Bastien-Lepage; aquela tela de Duccio que você adora, em que a criança está afastando o véu da mãe. Papai e eu costumávamos passar um tempo no Met quando ele ainda estava com sua primeira esposa, e agora, pensando bem, acho que parte daquela euforia estranha dele naquela tarde tinha a ver com o fato de que ele e Sima estavam ficando cada vez mais envolvidos — quer dizer, estávamos ambos voltando a uma cena importante na história do nosso relacionamento e na história do dele — bem, os conflitos dele com a fidelidade. Enfim, o Met era uma parte importante do nosso repertório como um casal. Houve um dia particularmente memorável quando comemos cogumelos, ou tomamos um ácido, e ficamos perambulando pelo museu e ele meio que se perdeu, mas essa é outra história. Agora, vinte e dois anos depois, enquanto andávamos de braços dados pelas galerias, eu estava tendo a minha própria experiência de despersonalização sem uso de drogas — uma sensação avassaladora de quadros de referência sucumbindo, de passado e presente desmoronando um sobre o outro. Eu me sentia como uma criança que queria que a mãe ou Sima a protegessem do pai, e como uma mãe que estava fracassando na proteção do próprio filho, o qual corria o risco de se tornar um dos Homens (eu não estava cumprindo as promessas que fiz quando você estava inconsciente, não estava aprendendo a me comportar); eu estava simultaneamente ali com a vovó para que o mármore pudesse acalmá-la ("Jane vai ficar bem") e estava ali com o papai no passado mais recente enquanto ajudava a destruir o seu lar e, no presente, como uma guru de relacionamentos famosa que não

conseguia mais se relacionar com ninguém. Eu ainda continuava vendo as obras de Lassiter com desconfiança, continuava tendo lampejos de sua aquarela rosa, sussurros fora do tempo. Por fim encontramos o Duccio — acho que todas as galerias tinham sido reordenadas — e papai falava a mil por hora e de repente parei de entendê-lo, mas não foi bem assim. Ele descrevia um filme que havia feito ou que queria fazer e uma fotografia antiga de sua mãe montada num cavalo e umas esculturas de cavalos que seus pais tinham e os cavalos com antolhos do Central Park e os cavalos em *O cavalo em movimento* do Muybridge e a relação entre imagens paradas e em movimento e sobre a administração do TAT em seus garotos perdidos ("Agora vou mostrar-lhes algumas fotos e gostaria que vocês criassem uma história para cada uma delas. Uma história com começo, meio e fim") e as experiências com "visão cega" conduzidas por um amigo neurologista; todos esses tópicos se entremeando e se separando como ondas.

Um guarda anunciou que as galerias iriam fechar. Tínhamos uma reserva para jantar no centro da cidade, um restaurante italiano incomodamente sofisticado que papai havia escolhido. Na chapelaria, lembrei-me de como — naquela vez de tantos anos atrás, quando papai teve uma *bad trip* — saímos correndo do museu tão rápido que largamos lá nossos casacos; quase congelamos até a morte. Quando entreguei à mulher a plaquinha numerada, meio que imaginei se ela iria nos trazer aqueles casacos de nossos tempos de estudante. Nós os vestiríamos e vinte e dois anos seriam apagados.

Darren ajudava o vizinho Ron Williams a tirar coisas da garagem e levar para a picape ou o inverso, principalmente ferramentas e madeira. Darren você pode me ajudar com isso o enchia de orgulho. Cody Williams era da idade de Darren e, embora eles tenham jogado juntos no passado distante, Cody, um atleta calado, agora o olhava fingindo não ver. Cody não o defendia de tipos como Carter, Nowak, Davis ou Gordon, mas ele não o machucava, nunca se juntava às gargalhadas. Qualquer que fosse a inclinação de Cody, ele não desafiaria seu pai, que deixou claro sem precisar falar que ninguém mexe com Darren. Às vezes Cody e Darren carregavam ou descarregavam a picape juntos e Darren sentia uma breve convergência de propósitos, um, dois, levanta no três. Se Ron e Cody estivessem jogando basquete na frente da garagem, Darren podia estacionar e ficar assistindo ou talvez até pegar um rebote para eles. Chuta, Darren.

Nas noites de fim de semana, Darren passava de bicicleta pela casa de Ron e via na luz amarela da garagem Cody bebendo com os amigos, em geral Mandy entre eles. Às vezes, Ron estaria lá fumando um charuto Swisher Sweet, acenava para ele, mas nunca o chamava. Se fosse verão e Darren ficasse em seu próprio quintal, ele podia ouvir as gargalhadas por trás do ruído dos insetos e do rádio.

Até que numa sexta-feira de novembro, depois de descarregar equipamento pesado até o crepúsculo, Ron atropelou a objeção muda de Cody, Fique e tome uma cerveja. Na garagem Darren viu que havia um barril metálico em uma lixeira de borracha cheia de gelo e viu Ron encaixar a chave no bocal para abrir. É aniversário de Cody e prefiro que eles bebam aqui. Ele deu um copo vermelho de plástico a Darren, com mais espuma do que cerveja, depois serviu a si mesmo e a Cody. Ron apontou para uma pilha de cadeiras dobráveis, Darren abriu uma e se sentou ao lado do barril, enquanto Ron colocava algumas ferramentas em ganchos, e Cody ia com o copo para dentro de casa, Vou tomar um banho.

Mexer-se só para beber ou limpar a espuma na manga e puxar o máximo possível para baixo o boné do Royals para cobrir os olhos pareciam a Darren sua melhor estratégia para continuar sendo bem acolhido. Quando Ron completou seu copo, ele completou o de Darren também, mas mesmo sem o álcool a alegria ansiosa de Darren teria liberado em sua corrente sanguínea substâncias suficientes para evitar que ele sentisse o frio ar de outono através do moletom. Como que para marcar a ocasião, Darren viu a luz do poste mais próximo oscilar e depois o primeiro floco de neve pairar em torno dele feito mariposa, sem cair. Ouviu as portas dos carros batendo e as vozes de tipos como Nowak, Carter, Gordon, Davis, se aproximando. Ron estava ali, então Darren não se mexeu. Sorrisos mudos e indecifráveis, mas surpresos, foram dirigidos a Darren enquanto as figuras cumprimentavam o sr. Williams, um dos pais mais legais, apertavam a mão de Cody, este último agora de volta vestido com calça jeans larga e camisa esportiva oficial. Ron deve ter entregado a Darren a pilha de copos de plástico vermelho porque ele se viu oferecendo os copos a quem se aproximava do barril. Um serviço sem preço estipulado. Ralando aí no barril, Darren, alguém disse, mais para zombar dele.

Quando as garotas apareceram, Mandy entre elas, e como ele soube que ela estava de jeans pretos, suéter vermelho com gola em V, o cabelo puxado no alto, já que ele não olhava de jeito nenhum para ela? Mas ela disse, Oi, Darren, sorrindo casualmente com brilho labial ainda fresco e, quando ele estendeu os copos, ela pegou um, obrigada. Ele sabia ou pelos dois anos na Topeka High School ou pelas escolas anteriores os nomes de quase todos ali na garagem, embora raras vezes tivesse permissão para falar com eles. Me deixa servir esse para você, disse Kyle Fulton, e assim o fez. Saúde, cara, vamos encher a cara. E aí ele encostou uma bateria de nove volts na língua de Darren, a cerveja com gosto de metal na sua boca.

Stan dera a ele um fundo de raiva com a música rap e todos aqueles racistas que agora a adoram, mas o que saía do aparelho de som tinha, como os carrinhos de supermercado ou a caixa de munição ou uma de suas raras frases que conseguiam fazer sentido depois de um tempo, aquela adequação que fazia Darren sentir a sua idade, a percepção de sua idade, idêntica ao seu corpo, e depois o seu corpo idêntico à noite. Darren não se mexia na cadeira, mas a pala do boné tinha se levantado

um pouco e ele viu que algumas garotas, embora não dançassem na garagem fria, estavam balançando a cabeça ou o corpo um pouco acompanhando o ritmo. A intensidade do desejo que isso inspirou nele foi o mais próximo da satisfação que qualquer coisa que já conhecesse. Darren naquela garagem, em sua cadeira, último século, sua felicidade. All Eyez on Me, dizia a música.

E então Davis lhe ofereceu um cigarro, e aí cara como é que tá. Sem ressentimentos pelo que aconteceu no verão passado. Gordon fez que sim com a cabeça. Darren sabia ficar de guarda alta, mas, quando a garota chamada Amber disse me deixa ver o seu cabelo, tirou o seu boné e passou os dedos com unhas cor de rubi ou pelo menos atravessou a massa preta e embaraçada que não foi lavada nem cortada recentemente ele ficou dominado demais pela pura sensação para se importar com os risos aqui e ali. Outros começaram a requisitar sua fala, onde você comprou essas botas incríveis, isso é um chupão ou um hematoma, você ainda pratica artes marciais. Você devia sair mais com a gente, Darren. É, estamos cansados dos mesmos babacas dessa turma do último ano. Ele só ria quando os outros riam, continuava bebendo do copo que eles não paravam de encher.

Por conta do álcool e da mera euforia, e de uma demora cada vez maior entre a experiência e seu registro consciente, Darren só percebeu que a festa tinha terminado no momento em que o convenciam a entrar na traseira de um Jeep Cherokee, Nowak dirigindo, Laura no banco do carona, o filtro com ponta cor de cereja de seu Marlboro Light, Davis ao lado dele na traseira, oferecendo uma garrafa de vinho Mad Dog 20/20 Coco Loco, o baixo do que Nowak chamava de seu sistema de som vibrando no peito de Darren, todos os olhos em mim. É como se na hora o estrondoso ar frio pelo teto solar que Nowak abriu para a fumaça sair deixasse Darren consciente de que eles estavam na rodovia I-70 e já haviam chegado a Clinton Lake a uns 30 quilômetros de distância, basicamente veteranos da escola bebendo em volta de uma fogueira, os frutos das laranjeiras-de-osage crepitando e soltando faíscas, alguns casais se agarrando sobre cobertores, a mesma música tocando em outro aparelho. Só quando ele rola de costas na grama depois de vomitar sem dor em algum lugar fora do círculo brilhante da luz da fogueira é que ele realmente os ouve entoando Darren, Darren, Darren. E então ele fecha os olhos e vê as estrelas.

O CÓDIGO

(Adam)

Não diziam sempre que eles deveriam incluí-lo? O capitão do time de kickball coagido a escolhê-lo no recesso sob pena de punição; uma mãe insistindo em convidá-lo contra a vontade do próprio filho para a festa de aniversário, onde ele brincaria sozinho; Ron Williams falando com Cody sobre o último Halloween da escola primária: ou Darren vai com você ou ninguém vai, sua fantasia de Homem-Aranha pelo menos um estágio de desenvolvimento atrás dos genitais cada vez mais sexualizados e salpicados de glitter, os garotos que apalpavam canivetes borboleta por baixo de seus sobretudos e usavam no rosto só um risco de sangue falso. Então agora eles o estão incluindo, a turma de 1997; havia ironia, mas nem tudo era cruel. Será que isso era realmente diferente de como o treinador Hawn, no ano anterior, deixou Aaron Nagel — um garoto autista que vestia o uniforme nos jogos em casa — jogar os últimos minutos contra a Highland Park?, Adam se perguntou. Os dois times tentando deixar que ele arremessasse ao pegar um rebote antes do apito final; sua cesta inconteste foi notícia. Vê a torcida enlouquecer, corre para a quadra, os colegas de turma o levantarem. Um segmento comovente. À medida que os veteranos se aproximavam da formatura, quase no fim de sua menoridade, a reincorporação ritual de Darren na sociedade deles fechou o circuito simbólico de sua infância. A voz de Klaus no escuro.

O contrário também pode ser verdade: que estavam castigando cruelmente Darren pelo que ele representava, o excedente ruim. O homem-criança, descendente do bufão, do idiota da aldeia e de John Clare, o poeta que vagava pelos campos depois de um confinamento. A persistência da mente da infância — sua plenitude e falta de propósito —

no corpo sexualmente maduro, que sucumbiu ao tempo histórico, deve registrar suas horas. O homem-criança representava uma forma farsesca de liberdade, de pensamento mágico contra a vida cada vez mais administrada do jovem adulto. Um contador de histórias fantásticas. Quase todo objeto no mundo do homem-criança refletia essa suspensão entre os domínios: seu álcool que também era refrigerante, suas armas que eram brinquedos, como ele podia trocar com você dois dólares de papel por um de prata, avaliando não o crédito, mas o brilho. Ele tinha dificuldade de lidar com sua altura ou com os pelos faciais e quando machucava crianças de verdade ao demonstrar golpes de luta livre (*clothesline, facehammer, DDT*), era um exemplo do seu "desconhecimento da própria força". Ele precisa, para se encaixar no tipo, ser não só homem, mas também branco e fisicamente apto: a forma pervertida do súdito privilegiado do império. Se fosse uma mulher, um racializado ou outro corpo distinto, estaria sob a ameaça mortal e imediata de predadores sexuais e da polícia. Era a sua similaridade com o dominante que o tornava digno de pena e de provocações: o homem-criança era *quase* apto para a escola, o trabalho ou o serviço militar, quase podia conseguir sua habilitação, e enfim descartar a bicicleta suja; estava perto demais das normas para pô-las à prova por sua diferença, os homens de verdade — que são eles mesmos meninos eternos, porque a América é a adolescência sem fim — tinham de se distinguir pela violência, a voz de Klaus.

Ambientoterapia, disse Jason soltando a respiração; eles estavam no banco traseiro voltando para casa vindos de Clinton Lake, onde deixaram Darren sonhando deitado na grama; aquela palavra não teria sentido algum para os garotos que não eram da Fundação e para os quais Jason passou o baseado na frente do Jeep. A piada, se fosse uma piada, não era só à custa de Darren, mas também à custa da cultura terapêutica que fracassara com ele, que não conseguiu acolhê-lo na pastoral medicalizada do tratamento (quem ia pagar?) ou conciliá-lo com o horário clínico do mundo. Na piada de Jason também havia amargura com a idiotice dos pais da Fundação, como eles achavam que os garotos da Fundação

simplesmente precisavam "saber melhor" que não deviam encher-a-cara-e-dirigir, inalar cristal numa lâmpada quebrada, ou golpear com braços e cotovelos — uma tática capaz de infligir danos maiores de perto que se espalhara pelo Kansas no final do milênio como um misto de artes marciais transformadas em esporte televisionado. É claro que eles deviam saber melhor, mas saber é uma condição frágil; você não pode supor que seu filho optará por não participar da economia libidinal dominante, desenvolver os desejos corretos a partir da vida errada; a paródia da inclusão que desenrolavam com Darren — o estagiário deles — também era uma citação e uma crítica dos métodos da Fundação; se estavam ao mesmo tempo cuidando de Darren e o castigando, eles também estavam moldando e zombando dos próprios pais deles.

Mas isto não é a verdade; ninguém decidiu, ninguém estava no comando. Ele estava na garagem porque ajudava Ron, porque Ron deixava que ele ajudasse (a generosidade para com o homem-criança em geral assumia a forma de um falso emprego); ele foi para o Jeep levado por uma corrente de álcool e energia compartilhada, por seu próprio poder ou por orientação dos colegas. Ressentimento e empatia e nostalgia e ansiedade habitavam seus corpos sem que soubessem, levavam-nos a se manter exatamente assim, a posicionar os ombros de uma determinada forma, a abrir um sorriso ou fechar a cara, a cortar o cabelo, a entrar na prosódia de seus gestos, da fala; nenhum indivíduo coreografava a sequência em que Darren era absorvido. Quantos pequenos movimentos e posturas do próprio Darren no presente eram ecos incorporados do passado, repetições logo abaixo do limiar de sua consciência? O que discutiram em rodadas anteriores é sempre relevante. Quando Adam olhou pela janela do Jeep, o ar frio estrondando pelo teto solar, a bola branca já estava lá.

Foi crueldade deixá-lo à beira do lago, mas foi mais o remorso por essa crueldade do que sua continuação, o que levou Mandy a insistir que passassem na casa dele alguns dias depois, que deixassem traços visíveis de seu companheirismo para a mãe dele, uma forma de pedido de desculpas. E alguém poderia argumentar que manter a ficção da inclusão

dele e perfurá-la foi, depois daquele ponto, no mínimo igualmente maldoso; mais fácil deixar que ele fosse uma mascote até a formatura, uma espécie de garoto da água, só que em vez de água ele podia carregar barril de cerveja, Everclear misturado com Sprite. E havia o fascínio antropológico: Darren era o Victor de Aveyron deles, o Kaspar Hauser deles. Será que poderia aprender a fala e os costumes deles? Por falhar, Darren quase cumpria uma função social essencial: naturalizava as próprias conversas e rituais adequados dos outros; Darren os ajudava a mantê-los na realidade.

Ninguém estava no comando, mas Jason foi central; ele ajudou a levar Darren para o Jeep até a casa de Cody, depois insistiu que o deixassem "dormindo" junto ao lago, o típico garoto perdido sob as estrelas. Pensando em vinte anos atrás, Adam sentia que a avidez de Jason para participar tinha relação com a identidade complexa do próprio Jason. Embora fisicamente ele fosse muito mais parecido com Eric do que com Sima, embora fosse considerado branco pela maioria dos colegas — o que significava que a maioria deles nunca levantou essa questão —, ainda havia presente um elemento de diferença étnica. Na maior parte de sua vida, a diferença mal se notava; com sua mãe, ele por mais de uma vez levou pão lavash caseiro para a semana gastronômica internacional organizada pela Randolph Elementary School (Jane sempre pressionava Sima para que ela se conectasse com a sua própria história, não negasse suas raízes) mas, na presença dele, Sima não falava uma palavra de farsi, e a família dela era secular há gerações, só que Jason não conhecia esses parentes; em casa, Jason celebrava, embora vagamente, o Chanucá e o Natal, o que significava que ele na verdade era ligeiramente menos estrangeiro do que aqueles judeus da Fundação, feito Adam, cujas casas não eram adequadamente enfeitadas com luzes de festas. A casa escura deles em dezembro era como um dente faltando em Greenwood. Fenótipo e classe e a insuficiência de categorias disponíveis (na Topeka High School, você, na cabeça da maioria dos brancos, era branco, negro, mexicano ou asiático; Pablo Figueroa, o único chileno da turma do último ano, há muito desistira de conseguir que os colegas fizessem

distinções mais refinadas) indicavam que Jason, na maior parte de sua infância, passou sem saber que estava passando. Mas a Escudo do Deserto, a Tempestade do Deserto, o caminhão-bomba no subsolo da Torre Norte, a pigmentação e o nome estrangeiro de sua mãe implicavam, na escola, que qualquer conversa-fiada poderia incluir agora a acusação de "árabe". No verão antes do primeiro ano do curso, depois de Jason refutar algumas das mentiras dele, Darren o chamou de "mestiço" e outros nomes que aprendeu naquela loja de excedentes militares, depois apontou sua pistola de brinquedo; Jason bateu duas vezes nele, o cruzado de direita abrindo um corte acima do olho de Darren. A violência não era uma característica de Jason; ele agora estava incluindo Darren para fazer o que era certo? Sim, e o contrário: ele estava punindo ainda mais o súdito privilegiado e pervertido do império.

Apesar disso, agora ninguém tinha permissão para bater em Darren; seus torturadores eram também seus protetores. Dois meses depois de sua longa noite no Clinton Lake, Darren estava bebendo uma garrafa de Olde English no sofá do porão de Amber. Ajeitava sem parar sua postura quando sentia que afundava demais nas almofadas macias de couro marrom. (Alguém tinha metido um cigarro atrás de sua orelha. Ele o tocava de vez em quando para confirmar sua presença — com delicadeza, como alguém atordoado que toca um ferimento na cabeça, assustado sempre que o encontra lá.) Ele tinha sido levado por alguns calouros ansiosos para participar da piada ambígua de sua inclusão, mas para muitos na festa a novidade de sua presença começava a se desgastar; era só outro corpo ali enchendo a cara. Nessa reunião em particular havia vários alunos veteranos da Topeka West, a antiga escola de Amber.

Na penumbra do porão, Darren se levanta à procura do banheiro. No caminho, acidentalmente choca-se com Reynolds, um ruivo campeão estadual de luta livre da West, que reagiu, segundo as convenções, empurrando Darren com força no peito, dizendo ao filho da puta para olhar por onde andava. Darren se molhou com a Olde English que segurava, recuperou o equilíbrio e se preparou para retomar a busca pelo banheiro sem dar uma réplica, sem pedir desculpas. Mas antes que se

desse conta, viu-se cercado, por um breve momento teve certeza de que havia ultrapassado um limite, estragado tudo, seria expulso de sua nova sociedade. Levou um minuto para perceber que os corpos cerrando fileiras ameaçavam Reynolds, dizendo-lhe para se afastar. (Darren já fora defendido antes, mas quase sempre de seus colegas, não por eles.) Dois colegas de turma de Reynolds apareceram em auxílio do lutador, as portas deslizantes de vidro se abriram e eles se transferiram em massa para o gramado que tinha um leve declive para o lago artificial. Só Amber tentou impedir, procurando abrir caminho à força entre os veteranos, o que permitiu a Adam a respeitável saída de levá-la para a segurança. As ameaças reais e ventriloquizadas; sai pra lá, filho da puta, o que é que tá pegando. Reynolds tirando o casaco no frio e revelando a barriga de tanquinho, músculos que faziam seu tronco parecer encapuzado como uma naja.

Em um minuto, Sean dará uma cabeçada em Reynolds um ou dois segundos antes do último esperar o primeiro contato, quebrando, quase explodindo, o nariz do lutador. Os amigos de Reynolds partirão para cima, sendo rapidamente separados e dominados. Quando Reynolds, seu rosto uma máscara de sangue e terra, está no chão, eles começarão a chutá-lo e pisoteá-lo, Darren conduzido à frente para dar-lhe um pontapé com suas botas incríveis. A certa altura difícil de determinar, em meio a garotos brancos de classe média do Meio-Oeste, as brigas, em vez de terminarem quando um combatente bate no chão, ganham vida nova ali, a cavalaria "garotos são garotos" de pugilistas dando lugar à regressão arcaica do ataque massivo, o *overkill*, um termo que data de 1946; todo oponente deve ser eliminado do debate; toda ofensa, por menor que seja, leva ao holocausto.

Em vez de se concentrar na briga, dar um zoom no espetáculo fascinante e absurdo dos sinais de gangue que o precedem, Reynolds, um filho de corretores de imóveis, usando os dedos para a palavra "sangue", faz sinais ridículos, na mímica da linguagem manual de uma gangue de rua de Los Angeles com a qual ele não suportaria nenhuma relação coerente; vê Nowak, que tem uma pistola de verdade, embora

descarregada, metida no cós dos jeans arriados, reagir com uma rápida gama de movimentos dos dedos baseada nos sinais das gangues "Folks", originárias dos conjuntos habitacionais de Chicago, que podem ou não ter marcado presença em Topeka, mas certamente não entre esses garotos brancos destinados principalmente às universidades que não têm *volk* nenhum além de seu privilégio comum, a voz de Karl. "Enquanto Barack Obama prestava um tributo à vida e ao legado de Nelson Mandela em um serviço fúnebre em Johannesburgo ontem, um homem de pé a uma curta distância, que deveria estar traduzindo os discursos em língua de sinais, fazia em vez disso uma série repetitiva de gestos inteiramente sem sentido." "Enquanto o furacão Irma avançava para a Flórida, as autoridades de um condado no litoral oeste do estado davam uma coletiva para informar aos moradores as ordens compulsórias de evacuação. O intérprete vestia uma camisa amarela berrante — inaceitável para os intérpretes de Libras de pele clara, que em geral usam roupas escuras para dar mais destaque às mãos. Especialistas que analisaram o vídeo disseram que o intérprete gesticulava disparates." "Ele ouvia vozes e palavras, via movimentos, gestos e olhares, mas como agora ele observava tudo pelos olhos de um animal, nada mais encontrou além de uma sociedade degenerada e dissimulada" que travou sua última guerra de verdade há muito tempo, a história tendo terminado em algum momento entre 1989 e 1992.

Eles se sentiam ao mesmo tempo profundamente entorpecidos e profundamente extáticos por serem jovens e infligirem danos opcionais uns aos outros; o calor era sua própria justificativa, mas também o frio — havia uma excitação de segunda ordem em saber que se pode chutar alguém no peito sem emoção. Ter um conflito violento sem precisar competir com as noções do bem, isso era uma espécie de vantagem a mais. Ter algo para fazer nos fins de semana. Por fim eles deixaram o Reynolds semiconsciente ser arrastado pelos amigos, que quase não apanharam; eles gritaram algo sobre retaliação ao baterem em retirada.

Onde estavam os pais? A maioria dormindo. Alguns assistiam a *Friends* ou *Frasier*, alguns viam *SportsCenter*. Alguns faziam trabalho de

escritório ou limpavam as bancadas da cozinha. Alguns liam Rice e alguns liam Clancy, alguns liam Adrienne Rich ou "Mecanismos Não Interpretativos na Terapia Psicanalítica". Ou fingiam ler. Alguns voltavam de um encontro amoroso em Kansas City ou faziam um sexo perfunctório ou esperavam carregar a pornografia na internet num escritório acarpetado de porão quase sempre escuro. Alguns estavam em uma conferência em Toledo. Alguns em bicicletas ergométricas ou na academia caseira ou consertando coisas na garagem ou limpando armas. Alguns verificavam e-mails. Alguns esperavam pelo sinal sonoro da chamada em espera — para saber como estavam os filhos — enquanto falavam com outros pelo telefone sem fio. Alguns estavam preocupados e/ou desligados. Alguns preparavam candidaturas a universidades ou faziam rondas no St. Francis. Alguns comiam ou abriam uma janela ou só andavam pesadamente em uma esteira eletrônica. Alguns bebiam gim-tônica em Taipei e alguns escreviam isso no Brooklyn enquanto suas filhas dormiam ao lado deles, e alguns estavam voltando de trem num sonho e alguns estavam no Rolling Hills em estados crepusculares e camas mecânicas.

Quando era criança, ele pedia para a mãe recitar o seguinte poema na hora de dormir, um poema que a mãe de sua mãe ensinara a ela:

I never saw a Purple Cow,
I never hope to see one,
But I can tell you, anyhow,
I'd rather see than be one![1]

Depois ela dizia que era a vez dele de recitar; ele sempre se confundia, primeiro porque tinha de fato problemas para memorizar os quatro versos pequenos, depois porque ela fazia uma mímica de exasperação com os erros dele, o que ele achava hilariante. Estrelas de plástico verde brilhavam no teto. O cheiro de seus lençóis do Peanuts recém-lavados.

Mais uma vez, ela dizia com uma gravidade fingida, e recitava o poema com um ar de formalidade; depois ele o repetia errado para ela, "*I hope to never see one*", e assim o jogo podia continuar, adiando a hora de dormir, uma pequena Sherazade.

Não fazia sentido, vacas roxas não existem, mas *fazia* sentido; agora, em sua mente, ele via as vacas a serem evitadas. (Procure não pensar em uma vaca roxa.) Ver era melhor do que ser a coisa pervertida, mas o poema sugeria que os dois casos estavam relacionados, que eles tinham de ser distinguidos, podiam ser confundidos. A certa altura, quando seu cânone pessoal de poesia consistia exclusivamente em zombarias e palavras mágicas fracas rogadas contra seus provocadores — paus e pedras, borracha e cola —, "A Vaca Roxa" parecia outro ato de fala profilático: esse poema me protege de ser o que vejo no meu olho mental. Entre os fosfenos.

Depois de sua concussão, a brincadeira continuaria por mais ou menos um ano, mas agora havia uma energia sombria subjacente a ela ou o ritual passou a ser o de exorcizar essa energia; não conseguir se lembrar ou memorizar alguma coisa era por demais evocativo de dano cognitivo ou amnésia para ser apenas divertido. A mãe apresentou o segundo poema:

Ah, yes, I wrote the "Purple Cow" —
I'm sorry, now, I wrote it!
But I can tell you anyhow,
I'll kill you if you quote it.[2]

Agora eram lençóis do Batman. George Brett estava a postos para uma rebatida no pôster do Kansas City Royals que enfeitava sua parede. Por que ele achava esse poema extraordinário? Primeiro, tinha uma história, a prosa em torno do poema, que sua mãe contou como a mãe dela havia contado: o autor dos dois poemas era um escritor sério que rascunhou "A Vaca Roxa" enquanto trabalhava em ambiciosos projetos poéticos e acadêmicos. Mas o poema ficou tão famoso que sobrepujou todos os

seus outros trabalhos; o escritor sério passou a ser inteiramente identificado com este poema sem sentido, arruinando suas aspirações. (Ela nunca mencionou o nome do autor, como se até isso tivesse sido engolido pelo buraco negro ou roxo dos versos.) Aos 8 anos de idade, ele localizou a verdadeira tristeza e raiva e violência no segundo poeminha; ficou fascinado com a ideia de que um objeto verbal pudesse circular, tornar famoso e destruir o homem que o fez, levando-o a um segundo poema, uma maldição contra os efeitos paradoxais — como dizem dos remédios — do primeiro. Um poema é uma pílula misteriosa. Embora o autor não tenha se transformado numa vaca roxa, tornou-se "A Vaca Roxa"; alcançou uma excepcionalidade ruim pela linguagem. Conjurar, ver, ser e o ser visto (erroneamente) na fama e no assassinato, ser citado, ser citado erroneamente (evitar dormir, evitar ser assassinado) e esquecer e mal lembrar na hora de dormir embaixo de estrelas de plástico que brilham suavemente.

"Era uma vez, e foi muito bom dessa vez que a vaquinha mumu veio descendo a rua e não é que essa vaquinha mumu que vinha descendo a rua me encontra um menino bem fofo chamado Pitoco"[3], ele leu para a sra. Hackett, professora de inglês. "O pai dele contava essa história: o pai olhava para ele por trás de um vidro: tinha uma cara cabeluda." Na abertura de *Retrato do artista quando jovem*, de Joyce, estava tudo lá: a língua natal do leite, dos homens, dos nomes e da violência, dentro e fora de grupos ("Como que é o seu nome? Stephen tinha respondido: Stephen Dedalus. Aí o Malvado do Roche tinha dito: — E isso lá é nome?"). Dante, o tio de Stephen, disse que ele tinha de pedir desculpas ou as águias viriam arrancar seus olhos. Ou eram corvos, corvos roxos. Prosa roxa.

Ele queria ser poeta porque os poemas eram como palavras mágicas, eram som plasmado desfazendo e refazendo sentido que infligia e repelia a violência e tornava alguém renomado ou renomado por ser apagado e podia ter outros efeitos nos corpos: colocá-los para dormir ou acordá-los, provocar lágrimas ou outras formas de lubrificação, inchar, arrepiar os cabelinhos. Os metidos a gangsta de Topeka sempre estavam ameaçando outros metidos a gangsta, acusavam-nos de papagaiar, ameaçavam matá-

los. Quase todo mundo — pré-escolares, homens-crianças, terapeutas familiares, analistas, biopsicólogos, treinadores de debates — concordava que a linguagem pode ter efeitos mágicos: só peça que seus músculos relaxem. Mesmo que não quisesse ser poeta, ele sempre foi, pelo menos desde que esfregou aquele mato entre as mãos na Bright Circle. Você é um poeta e nem sequer sabe disso.

Para ele, o problema nas escolas secundárias era que o debate fazia de você um nerd e a poesia, um fresco — mesmo que os dois o ajudassem a chegar à cidade vagamente imaginada da Costa Leste, na qual suas experiências em Topeka seriam contadas com muita ironia. A chave era narrar a participação no debate como uma forma de combate linguístico; a chave era ser intimidador, rápido, cruel e estar preparado para usar o *spread* e atropelar um interlocutor com ofensas à menor das provocações. A poesia podia ser desculpada se aumentava o nível do seu jogo, se ela se tornava código e fluxo, se fazia parte do porquê de Amber ter trepado com você e não com Reynolds *et al*. Se a destreza linguística podia causar danos e lhe arrumar sexo, então podia ser integrada ao reino social adolescente sem se afastar inteiramente dos valores familiares do intelecto e da expressão. Não era uma conciliação, mas uma tensão exequível. O seu desastroso compromisso tonsural. As enxaquecas.

Felizmente para Adam, essa mudança da agressividade para o domínio da linguagem era sancionada por uma das práticas de que os tipos tinham se apropriado: depois de várias horas de bebedeira, se nenhuma briga ou queixa de barulho encerrassem a festa, era bastante provável que rolasse o *freestyle*. De inúmeras formas, esta era a mais vergonhosa de todas as posturas, a manifestação mais clara de uma crise na masculinidade branca e seus regimes representativos, um pequeno grupo de branquelos privilegiados reciclando arritmicamente os clichês dominantes do gênero e para eles inteiramente inaplicáveis. Mas isso era socialmente essencial para ele: a batalha do rap transmutava sua destreza como orador público e aspirante a poeta em algo muito foda. Sua sorte era atordoante: o fato de existir uma troca de insultos poética, rápida e ritualizada estabelecendo uma ponte entre suas tardes de sábado em

colégios abandonados e suas noites de sábado em casas sem supervisão, permitindo a ele a transição de uma competição a outra.

Ele estava sempre praticando mentalmente algo como o *freestyle* dos rappers, embora, quando dirigia ou tomava banho ou se deitava na cama à noite, ele pudesse ensaiar em voz alta. Era uma síntese em geral silenciosa e às vezes só semiconsciente do *spread* com poesia. Uma melodia inaudita. Havia múltiplas faixas em sua mente e ele podia conduzir uma conversa com, digamos, sua avó usando uma faixa enquanto em outra estaria em um código imaginário, o vocabulário de sua conversa real às vezes saltando para o virtual: *Serei o poema que você queria nunca ter escrito / matar você com o que foi dito / a ficha ainda não caiu / aqui no Rolling Hills* ou qualquer coisa desse tipo enquanto eles esperam o sinal verde na 21st Street, Adam tendo buscado a avó, que estava com Jane, para levá-las às compras. Eu só preciso de algumas coisinhas. No entanto, dizer que ele estava "praticando" implica que podia escolher parar; na realidade, embora normalmente quase não tivesse consciência das rimas, como alguém pode não ter consciência de um tique corporal, ele sentia que não podia desligá-las.

Ele, a mãe e a avó pararam o carro no amplo estacionamento do Hypermart, uma megaloja parte da franquia Walton, perto do West Ridge Mall; quando foi inaugurada, todos os repositores de estoque andavam de patins, o que na mente de Adam levou à associação com o Starlite Skating Rink. Era o único lugar comercial em Topeka aberto 24 horas por dia. *Hypersmart / eu faço hiperarte / enquanto sua mãe limpa o chão do Hypermart* ou o que fosse, enquanto ao mesmo tempo pergunta à avó, quando estacionam em uma vaga para deficientes, como a avó veio a se casar com o avô dele. Quando vocês se conheceram?

— No Brooklyn — disse ela em Topeka. — Depois que deixei o colégio para trabalhar como datilógrafa e ajudar a sustentar a família quando meu pai adoeceu. Eu chegava em casa tarde, na Avenue J; sempre pegava ônibus. E seu avô sempre estava lá esperando por mim, perguntando se podia me acompanhar até em casa. Isso foi em 1932 — disse ela em 1997 — e era uma preocupação nossa como íamos sobreviver. — Eles entraram

na loja e começaram a andar pelos corredores altos e extensos de bens de consumo embalados em cores vivas e intensamente iluminados. — Por fim ele me convidou para ir a um baile. Eu sabia dançar muito bem. Mas ele não sabia dançar. E não deixava que ninguém mais dançasse comigo. — E então, como se aquilo seguisse uma lógica: — Alguns meses depois nós nos casamos. — Adam e Jane riram dessa conclusão.

Eles a levaram lá porque o supermercado ficava entre a sua comunidade de vida assistida e a casa deles e porque continha tudo do império, mas olhando em volta ele percebeu que fora uma opção ridícula; a avó, uma mulher da era da economia da Grande Depressão que morava sozinha — apesar de acompanhar atentamente as necessidades do marido em estado vegetativo crescente —, que tinha como disciplina consumir o mínimo possível, não encontraria nada pequeno ou suficientemente discreto para comprar ali, em meio a grandes volumes. Havia corredores de caixas de cereais matinais tamanho família: Cheerios, Cap'n Crunch; ela podia levar o resto de sua vida para dar cabo de um deles. Pelo menos ela notaria o preço unitário menor como resultado das quantidades insanas, do *overkill*.

Jane perguntou à avó dele do que ela precisava, e ela disse papel higiênico, o detergente Comet que costumava passar no banheiro e alguns outros suprimentos domésticos. Eles andaram no passo da avó até uma pirâmide composta de pacotes de trinta unidades de papel higiênico. Encontraram um com seis rolos de papel-toalha, que Jane disse que deviam comprar: Vou ficar com quatro, mãe, você pode levar dois para casa. Jane não precisava de papel-toalha, mas entendia que esse era o único jeito de a mãe concordar com a compra. Mas Rose tinha certeza da existência de uma marca genérica em algum lugar da loja e eles continuaram andando, Adam verificando seu pager quando vibrou — todos os homens adultos tinham um pager — e ele viu o código de Amber. Para Jane, deve ter parecido que o filho brincava de médico, fingindo receber uma chamada.

A questão do papel-toalha foi resolvida, mas a água sanitária só vinha em embalagem de quatro unidades e Jane não podia fingir a necessidade

de três recipientes de um produto de limpeza que a mãe sabia que ela jamais usaria. Ele reconheceu que a tensão da impaciência na voz da mãe era específica de suas interações com Rose, uma espécie de exasperação de ação rápida que não se coadunava com a personalidade da mãe fora desse contexto.

— Para começo de conversa, você não precisa dessa água sanitária. Você paga... e nós pagamos... para eles limparem completamente seu apartamento. Você não devia ficar respirando essa coisa mesmo. Não devia ficar recurvada sobre a banheira. Não vamos levar isso. Vem, vamos andando.

— Eles nunca limpam a banheira direito. Usei água sanitária por cinquenta anos e nunca fez mal a ninguém. — Adam lia em silêncio os rótulos. *Dissolve como espuma de sabão / Limpeza beleza cheirinho bom / a mamãe vai adorar* e disse:

— Podemos passar no Dillon's a caminho de casa, onde você pode comprar só uma, vovó — e lançou à sua mãe um olhar empático mas de uma reprimenda gentil: "Sei que ela é frustrante", dizia o olhar, "mas fique calma." Ele estava no máximo de sua maturidade perto da avó e era uma ajuda à mãe na presença dela; generoso, leve, equilibrado. Era o contexto em que ele mais se parecia com o pai.

Ele as deixou por um momento para ir em busca de suplementos de creatina que tomava para melhorar o tempo de recuperação muscular. (Esses compostos apressam a recuperação da memória?, a voz de Klaus.) Passou por um trabalhador usando uma pequena empilhadeira para arrumar paletes de água mineral. Algo foi anunciado no sistema de som, e só depois de terminar ele percebeu a *muzak* que tocava o tempo todo. Desde o início dos tempos. Virou à esquerda e entrou em um amplo corredor de mix de proteínas e potes de vitaminas e outros produtos e experimentou, enquanto assistia ao empacotamento de mercadorias, uma emoção que não era diferente da que sentira na McMansão errada em Lake Sherwood — aquele sublime banal mas supranumerário da intercambialidade. Ser um sujeito ali era ser atropelado por objetos. Tempos depois ele se recordaria de certos corredores do Hypermart

enquanto olhava as caixas de Donald Judd. Tempos depois ele teria uma sensação semelhante ao olhar algumas fotografias de Andreas Gursky.

Adam andou entre as gôndolas até encontrar a marca mais popular do suplemento e pegou um pote de 5 quilos de pó sabor chocolate. Sem precisar seguir instruções específicas, eles deviam fazer um shake antes de levantar pesos, porque supostamente isso melhorava a intensidade da malhação e deviam fazer um shake depois de levantar pesos porque supostamente ajudava na recuperação e no ganho de massa muscular. A Wikipédia diz que provavelmente o pó é prejudicial aos rins. Ele agora refazia seus passos para rever a mãe e a avó quando na margem de uma floresta de churrasqueiras a carvão encontrou um dos amigos de Reynolds; talvez o veterano rival também estivesse atrás dos suplementos. Jeans arriados, moletom de capuz do time de futebol Notre Dame por baixo de uma jaqueta universitária, boné virado para trás, um pequeno hematoma na face direita ainda resultante da briga. O adversário da West estava acompanhado por uma mulher que devia ser a mãe dele, gola rulê branca por baixo de um suéter natalino. Eles se encararam enquanto a mãe consultava uma lista resmungando sozinha.

Como quaisquer dois homens ou homens-crianças encontrando-se no playground ou no mercado, eles quase instantaneamente calcularam quem podia derrubar o outro. Tinham mais ou menos a mesma altura e o mesmo peso, mas a jaqueta e a associação com Reynolds implicava a força e o treinamento de um lutador; você não quer terminar no chão, o que significa que precisa se arriscar a dar o primeiro murro, gingar para as cordas com um gancho de esquerda, não permitir um *clinch*. Eles aparentavam a lógica de imaginar explodir o nariz do outro, quebrando maxilares ou membros em chaves de braço, asfixiando o outro, executando simulações que eram um misto de *Street Fighter II (Championship Edition)* e experiência vivida. Sempre que involuntariamente ele fazia esses cálculos mentais, também imaginava um bom soco ou chute no chão que o levariam de volta ao St. Francis, o colapso dos seus mecanismos de fala, o apito dos aparelhos, o alfabeto no peito da sra. Eberheart.

Ele sabia, e que alívio saber, que a presença da mãe do lutador impossibilitaria um confronto físico; também sabia que a presença da mãe ainda era, mesmo naquela altura da vida, um constrangimento estrutural: fazendo compras com a mamãe? Adam decidiu abrir um sorriso que transmitia todo o seu desdém, e que também dizia: "Tem sorte por ela estar aqui ou você ia se foder muito." Adam pôde se retirar rapidamente sem perder a dignidade. Intimidei um daqueles garotos da West que vi fazendo compras com a mamãe.

— Adam — a voz de sua mãe —, diga a sua avó que os preços mudaram desde 1945. — Para seu horror, sua própria família estava com ele. Judeus pechinchando preços. Um momentâneo desejo ridículo de negar que as conhecia. O lutador abriu um sorriso de satisfação indecifrável, mas que ao mesmo tempo o assustou e enfureceu. Estar na companhia de duas gerações de mulheres era pior do que estar com uma? Será que o lutador tinha consciência de algum tipo de diferença e zombava disso?

Haviam se passado apenas segundos desde o choque inicial de reconhecimento mútuo, mas Jane sabia que o filho tinha alguma relação com o rapaz de frente para ele a certa distância, então disse:

— Olá, sou a mãe de Adam, Jane. — A mãe do lutador ergueu os olhos da lista e sorriu.

— Ah, oi — embora a fala tenha sido dirigida ao filho. Os homens adultos continuaram em silêncio, os sorrisos sumiram.

— Esta é minha mãe, Rose.

— Oi — repetiu a mulher. A avó de Adam disse olá. Ele imaginou a mãe começando a contar a história de como ele embrulhou o corpo com chiclete. Este é o meu menino bem fofo chamado Pitoco. Ele sentiu que havia uma certa afetação no modo como segurava o pote de creatinina com os dois braços, como se o estivesse ninando, e o reposicionou.

Qual dos dois rapazes falaria e o que ele diria? "Mãe, vovó, sei que isso pode ser uma surpresa, mas esse garoto se considera membro de uma gangue de rua afro-americana de Los Angeles e minha turma recentemente deixou um amigo dele inconsciente depois de umas

porradas porque eles ameaçaram um de nossos pacientes; vocês conhecem o Darren." E então a mãe do lutador disse a Jane:

— Já não nos conhecemos? — Jane respondeu que não tinha certeza, mas Adam, Jane e Rose sabiam o que vinha pela frente; eles sabiam que ela escreveu "A Vaca Roxa".

— Ah, você é a dra. Gordon — disse a mãe do lutador. — Você esteve na *Oprah*! — Rose sorriu, Jane assentiu, Adam tentou calcular o que isso fazia com seu status face ao lutador igualmente confuso que, para justificar o desvio do olhar, consultava seu pager; Adam queria ter pensado nisso. O que é mais, ou menos, emasculador do que ter uma mãe famosa? — Você deve ter muito orgulho — disse a mãe do lutador olhando para Rose, que disse que tinha.

Desde que engolira a pílula mágica, ele entendia a linguagem dos produtos. (O filme está em câmera lenta, mas só para enfatizar a velocidade, como se de outra forma os acontecimentos fossem se desenrolar num ritmo incompreensível.) Do carvão Kingsford ele fugiu para os Tostitos, dos Pop-Tarts ele fugiu para os Slim Jims. Nem todos o insultaram, mas sem exceção o menosprezaram. Ele os ouvia e soube pelas conversas o que pensavam dos seres humanos em geral. E o que pensavam era inquietante demais. Adam podia sentir que todos os produtos dentro das embalagens — embalagens de cores vívidas como a estatuária romana — tinham voltado a ser uma espécie de argamassa, uma espécie de goma, uma matéria abstrata com a qual eles precisariam criar novas linguagens, novos corpos. E agora as luzes diminuem. Os produtos retiram-se para o interior das paredes, deixando apenas uma extensão gigantesca de rinque. A única fonte de iluminação restante é uma bola espelhada e giratória lançando suas luzes ovais pelo chão. No sistema de som a voz de Klaus, não dá para saber se é ao vivo ou gravação, instrui as mães a formarem fila de um lado, os garotos do outro. A história humana, como a história do indivíduo, pode ser compreendida como uma lenta passagem por conflitos de natureza agressiva e sexual. Agora ele ouve a sinistra *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov. Agora ele vê uma procissão de coisas sobre rodas: Darren nos seus patins Chicago, um

avô em uma cadeira de rodas, um carrinho de bebidas, um carrinho de limpeza, caixas plásticas e grandes de provas que, se lidas com rapidez suficiente, decompõem-se em coisas na boca: argamassa, poesia. E por fim um estagiário empurrando a caixa de metal: vê a vaca, o roxo do couro quase imperceptível, sangue escorrendo dos pequenos buracos abertos por uma calibre .22, orelhas etiquetadas com plástico. Se borra todo, apesar dos tranquilizantes, de pavor por ser quase real.



Ele era bom nos debates, mas era ótimo no discurso extemporâneo, o *freestyle* dos nerds; na verdade, era indiscutivelmente — e por todo o condado treinadores e outros competidores discutiam a questão — o melhor orador extemporâneo da história dos debates e competições forenses. (As "forenses" eram eventos competitivos interescolares de oratória diferentes dos debates, já o "debate político" era o debate de equipes calcado em provas em que o *spread* era dominante; todos eram regidos pela National Forensics League. No Kansas, a competição forense começava no semestre da primavera.) Adam ficara em segundo lugar no campeonato nacional quando era calouro em Fayetteville; teria vencido o torneio nacional, que acontecia todo mês de junho, mas o painel de juízes na última rodada — entre eles, dois senadores — o penalizou por falar rápido demais. Consenso geral: ele foi roubado. (Corria tanta adrenalina por seu corpo durante a rodada final que ele mal conseguia se lembrar do discurso em primeira pessoa; um vídeo do evento acabou colonizando sua memória.) Era amplamente esperado que ele vencesse tudo como veterano, uma expectativa que ele suportava a duras penas; sonhos de uma perda repentina de fluência, de explodir em risos nervosos, de molhar as calças ao vivo diante de milhares de pessoas que assistiam ou que pudessem estar assistindo à rede C-SPAN, que costumava transmitir as finais ao vivo. Ele não estava interessado em se tornar um debatedor político competitivo em nível nacional; isso teria exigido horas intermináveis de pesquisa enchendo aquelas caixas plásticas de provas e resumos, "institutos" de verão. Teria significado, em

sua própria mente, escolher a companhia de Joannas e não de Ambers, abandonar a ficção de sua masculinidade.

Como o próprio nome sugeria, o debate extemporâneo, ou extemp, enfatizava a improvisação: um competidor sorteava três perguntas ao acaso e escolhia uma, depois tinha trinta minutos para preparar um discurso de cinco a sete minutos que seria feito sem olhar as anotações. Os tópicos podiam ser assustadoramente específicos ("O Parlamento ucraniano ratificará a nova Constituição no mês que vem?") ou assustadoramente genéricos ("Qual é o futuro do México?"). Os debatedores do extemp tinham suas próprias caixas menores de plástico com pastas específicas para países ou assuntos que eles recheavam com artigos de revistas e jornais, e deviam citar as fontes em seus discursos para fundamentar suas alegações, mas isso era uma pesquisa muito mais leve do que a exigida no debate político: um competidor lia várias revistas por semana, sublinhava, fotocopiava. O debate extemporâneo exigia menos preparação, mas podia ser tão aterrador que era respeitado até pelos debatedores políticos sérios. Entretanto, eles ridicularizavam as outras atividades: oratória original, digamos, em que um aluno fazia um discurso elegante e decorado sobre qualquer tópico. Veja o estudante de 16 anos em uma "sala de preparação" antes de uma rodada final escolhendo entre três perguntas de uma obscuridade quase sádica. (Nos torneios municipais, a sala de preparação ficava na biblioteca do colégio, os competidores vagando por ali, falando baixo sozinhos, como os lunáticos da Fundação ou os usuários de Bluetooth do futuro, para tentarem enfiar as linhas gerais na memória.) Ele escolhe a pergunta sobre as disputas por água no Djibouti porque pelo menos ele sabe o que é água, mas como vai transmitir fluência e autoridade num tópico em que sua caixa de dados está muda? Ou imagine uma oradora fazendo a transição para o seu segundo ponto principal no terceiro minuto de um discurso que vai bem, mas percebendo de repente que ela se esqueceu; não tem anotações, nenhum jeito de pedir tempo. Adam já vira debatedores novatos começarem a gaguejar, ficarem em silêncio, fugirem da sala. Ele vira um vomitar por puro pavor.

Oficialmente, o debate extemporâneo visava desenvolver tamanho domínio de assuntos da atualidade que alguém podia falar com confiança sobre uma gama de tópicos, mas é claro que era bem o contrário: como um adolescente num terno mal-ajambrado poderia falar como se tivesse alguma noção da crise na Caxemira, como a elegância poderia compensar o conteúdo quando alguém determinava a viabilidade de uma solução de dois Estados. Podia-se aprender a rechear um discurso com fontes da mesma forma que um político recorre às estatísticas: para fingir autoridade mais do que para esclarecer uma questão ou chegar a um real acordo. Grande parte do treinamento e da prática se concentrava em como usar o corpo para emprestar estrutura a um discurso, quando e onde marcar a transição para outro ponto, quando e como gesticular, é uma ópera sem música. Ao contrário do debate político, em que o *spread*, a velocidade desembestada das palavras, eclipsava todos os valores da oratória, o estilo e a apresentação ainda eram primordiais no debate extemporâneo, mesmo que o objetivo fosse passar uma imagem de erudição. Uma defesa comum do vício de debatedores políticos no *spread* era que os estudantes interessados nos maneirismos da oratória podiam optar pelo debate extemporâneo.

Ou eles podiam fazer o "L-D". Em 1979, um representante da Phillips Petroleum, depois principal patrocinador corporativo da National Forensics League, observou uma rodada de debate político no torneio nacional e achou tudo uma verborreia insana. A Phillips expressou ao conselho executivo da National Forensics League suas preocupações com a direção que o debate político tomava. O resultado foi a formação de uma nova atividade de debates individuais, o debate Lincoln-Douglas, ou L-D, que enfatizava os valores, seu formato pretendia dar prioridade à persuasão oratória. Esperava-se que os oradores argumentassem a partir de um contexto moral, e não empírico. O L-D — havia muitas piadas entre os debatedores políticos que diziam que as iniciais significavam "*learning disabled*", só para alunos com dificuldade de aprendizagem — apresentava resoluções que invocavam explicitamente a justiça e a moralidade; por exemplo, "É moralmente admissível matar um inocente

para salvar a vida de mais pessoas inocentes"; "Em uma sociedade democrática, criminosos condenados devem ter direito ao voto". O conteúdo das resoluções, no fim das contas, era menos importante do que o fato de que as resoluções mudavam a cada dois meses, eliminando as caixas de provas e estimulando os competidores e juízes a se concentrarem na execução do debate em si. Mais tarde, Adam perceberia uma temível simetria entre a compartimentalização ideológica dos debates no ensino médio e o que passava por discurso político nacional: no ano de seu nascimento — o ano da Revolução Iraniana, um ano antes de o "grande comunicador" Reagan acabar com Jimmy Carter em um debate televisionado menosprezando os fatos ("Lá vem você de novo") e se concentrando na criação da própria imagem —, a Phillips Petroleum ajudou a formalizar a divisão entre valores e política nos debates interescolares do ensino médio. O paralelo com a cultura maior era imperfeito, mas inegável: os supostamente desinteressados especialistas em política debatem as complexidades do sistema de saúde ou da regulação financeira em um jargão que pretende ser inacessível ao não iniciado, enquanto os oradores mais presidenciais exercitam abertamente alegações de valores sobre os cidadãos, uma divisão garantida por petrodólares.

Quando estava no segundo ano, Spears e Mulroney, dois treinadores em tempo integral da Topeka High, nada tinham a ensinar a Adam. Para seu último ano, eles trouxeram Peter Evanson, um ex-campeão nacional em debates extemporâneos, o único campeão nacional na história de Topeka — que tinha se formado na Topeka High em 1990 e foi aluno de Harvard. Evanson recentemente tinha deixado a faculdade em Georgetown para voltar ao Kansas e trabalhar na campanha para a vaga no Senado deixada por Bob Dole durante sua corrida presidencial. Muitos, inclusive Adam, acreditavam que Evanson era o maior debatedor de todos os tempos. Uma foto gigante emoldurada de Evanson entre seus troféus de campeonatos ficava pendurada na parede da sala de aula. Ele não trabalhou com nenhum outro aluno; foi treinador particular de Adam, embora Adam não soubesse se era remunerado; era tarefa dele

fazer com que seu protegido vencesse o campeonato nacional de debates extemporâneos naquele verão em Minneapolis. (A localização do torneio mudava todo ano.) O L-D era considerado um evento de menor prestígio, mas talvez ele levasse para casa também um troféu em debate lento.

Como todos os participantes das competições forenses da Topeka High, ele tinha assistido à fita VHS do discurso de Evanson no campeonato. Os calouros a assistiam no primeiro dia de aulas para ver que a grandeza era possível; todos assistiam antes do torneio classificatório nacional em toda primavera. (Adam sabia o discurso de cor; seu corpo podia executar seus gestos; em geral ele se confundia e repetia o discurso como se fosse dele.) Evanson escolheu a mais abrangente das três perguntas com que tinha lidado: "A queda do Muro de Berlim era um sinal do triunfo global da democracia liberal?" No vídeo, ele anda decididamente para o meio do palco depois de ter seu nome, a escola e o tópico anunciados por uma autoridade da NFL. Evanson ainda não tinha ganhado peso, mas seu rosto trazia uma gordurinha infantil. Ele ficou imóvel em seu terno preto, gravata vermelha — sua juventude e palidez lembraram a Adam de Harold, de *Ensina-me a viver* —, até receber o sinal para começar de um cronometrista situado longe das câmeras:

"Vocês devem estar bem familiarizados com o personagem do Willy Coiote e sua nêmese, o Papaléguas." Seu tom é seco, um tanto intensificado; Evanson é um ator talentoso que interpreta com naturalidade. Ergue e abre os braços, um gesto que indica confiança, acolhida, que ele não tem nada a esconder. "Incansável, Willy Coiote tenta capturar a ave veloz mas incapaz de alçar voo" — tal fraseado, ao mesmo tempo acessível e um tanto literário, era uma característica de Evanson, e viria a ser de Adam — "em geral por meios absurdamente complicados. Em grande número desses desenhos animados, depois de uma perseguição louca ao Papaléguas, Willy acaba correndo pela beira de um penhasco. Em vez de imediatamente cair, contudo, Willy fica suspenso no ar, por um breve momento alheio a seu infortúnio." Que

adolescente fala desse jeito, ainda mais sobre um desenho animado? "Só quando o Coiote olha para baixo e percebe sua posição" — Evanson ergue lentamente a mão — "é que ele despenca." A mão baixa teatralmente. "Senhoras e senhores" — uma pausa para acumular a tensão — "em 9 de novembro desse ano, o socialismo de Estado olhou para baixo."

Por toda a plateia de aproximadamente dois mil competidores, treinadores, ex-alunas e espectadores, começam os aplausos, que se espalham e ficam ensurdecedores. Há alguma torcida. Evanson dedica exatamente cinco segundos de seu discurso a esperar que aquilo acabe, sem dúvida contando os segundos mentalmente, depois retoma como se nem tivesse notado a interrupção: "Ora, a pergunta que devemos nos fazer hoje é: a queda do Muro de Berlim é um sinal do triunfo global da democracia liberal?"

"Sustento" — trocar a palavra mais óbvia (penso, acredito) por um termo ligeiramente rarefeito terá um efeito cumulativo impressionante — "que a resposta a esta pergunta é um retumbante sim, pelos três seguintes motivos." Evanson acelerou um pouco; ele está seguindo o seu fluxo. "Primeiro, porque a queda do Muro de Berlim sinaliza o colapso do Pacto de Varsóvia. Segundo, porque a União Soviética está em processo de dissolução. E terceiro, porque a democracia liberal, combinada com o capitalismo ao estilo americano, é a única estrutura política viável para um mundo cada vez mais globalizado." Evanson dará alguns passos elegantes entre cada item, espacializando suas áreas de análise. Distribuirá seu tempo igualmente entre seus pontos (dois minutos cada um; jamais olhará para o cronometrista; seu andar pelo palco há muito ficou intuitivo). O Coiote e o Papaléguas voltarão a certos intervalos, costurando o discurso; como as engenhocas complexas mas inúteis do Coiote se assemelham ao planejamento econômico centralizado, por exemplo. Ele citará um número impressionante de periódicos do mundo todo. O leque de nomes dignos — não só Gorbatchov, mas Honecker e Havel e Ceauşescu e Jaruzelski — é uma espécie de poesia. Evanson fala com familiaridade do Plano Balcerowicz, a proclamação de soberania da Lituânia. Na verdade, a plateia não sabe

nada dessas pessoas ou acontecimentos; trata-se mais de ver com que naturalidade esses significantes estrangeiros rolam pela língua do adolescente. Em nenhum momento de seu discurso de seis minutos e cinquenta e nove segundos ele gagueja ou pronuncia mal uma palavra. Você o verá, enquanto conclui, no exato lugar do palco em que começou, um circuito que amplia o senso de coerência e de desfecho. A plateia está menos acompanhando um argumento do que assistindo a um andar na corda bamba, e quando Evanson chega ao final de sua apresentação impecável, há um expirar coletivo de alívio no auditório antes da ovação estrondosa.

A partir de janeiro de seu último ano, enquanto Clinton fazia o juramento para seu segundo mandato, enquanto os lagos artificiais congelavam, Adam se encontrava com Evanson tanto durante o período acadêmico dedicado à competição forense quanto por uma ou duas horas logo após a escola na maioria dos dias letivos. (Em seguida, ele ia de carro à Popeye's Gym para levantar pesos antes de jantar em casa com os pais.) Depois que o prédio estava praticamente esvaziado, a treinadora Mulroney encontraria uma sala de aula vaga e a destrancaria, o radiador estalando perto da janela, e os deixava, como a própria dizia, "para travar o combate". Adam fazia discursos de treinamento que Evanson interrompia com conselhos táticos sobre gestos ("Na verdade, conte os pontos nos dedos; mantenha a mão na altura do ombro") ou linguagem ("Você disse 'e por último' no final de seu primeiro ponto; dessa vez diga '*e concluindo*'") ou até a aparência ("Empurre os óculos para cima, assim você não parece estar olhando por cima deles como um juiz"). Evanson o ensinou, treinou, a usar o corpo nas menores ligaduras de fraseado, transição e ênfase que separavam um bom discurso de um discurso ótimo. Adam achou muito mais difícil proferir discursos fortes vestindo suas roupas informais — jeans arriados, moletom de capuz, um uniforme adequado para praticar o *freestyle* ou levantar pesos — do que vestido de terno; essas sessões eram tão fisicamente exaustivas quanto sua rotina de exercícios na Popeye's; a tensão nos ombros era extrema.

Eles se concentraram no debate extemporâneo, mas também simularam debates L-D discutindo a legitimidade moral da tortura se for para evitar um ataque em massa, por exemplo, ou se é função do governo a redistribuição da riqueza, direcionando seus comentários a um juiz hipotético em uma carteira vazia, o baixo dos sistemas de som dos carros que passavam de vez em quando sacudindo as janelas. Estavam menos praticando ali do que travando uma batalha, Evanson exibindo sua capacidade inigualável de se deslocar entre a relativa sofisticação (uma refutação vigorosa, digamos, da filosofia política de John Rawls) e a retórica franca da liberdade individual, da responsabilidade pessoal etc. — pontos de discussão republicanos. Adam simplesmente não tinha experiência em ser levado a tropeçar em seu próprio raciocínio por alguém capaz de fazer distinções mais refinadas e mais rápidas e de dar guinadas estratégicas mais velozes entre os jogos de linguagem. Era enlouquecedor e emocionante; ele era o tipo burro, porém mais descolado, que o nerd supereloquente passava para trás.

Mas o que, exatamente, era Evanson? Sempre vestido com calça cáqui e uma camisa polo amarela ou marrom; seu rosto continuava juvenil, liso, mas a intermitente papada pressagiava a meia-idade; o corte de cabelo padrão também podia ser interpretado como juvenil ou profissional, embora seu cabelo ruivo-escuro tenha começado a ficar ralo no topo da cabeça. Evanson às vezes lhe parecia um idoso realizado — o pedigreee de Harvard — e de súbito parecia a Adam uma espécie de homem-criança, um sujeito de 25 anos treinando um aluno para competições forenses em seu antigo colégio porque ele não podia voltar "para o Leste". Como se estivesse sempre diante da câmera sendo julgado, Evanson ficava imóvel, a não ser que fizesse um gesto deliberado; às vezes a Adam isso parecia disciplina; em outras ocasiões, traía alguma ansiedade, como se todos os movimentos de Evanson fizessem parte de uma rotina coreografada e memorizada sem a qual ele ficaria perdido. Em um momento Evanson lhe parecia um jovem precioso destinado aos corredores do poder — um juiz conservador, um senador, o presidente da Associação Nacional do Rifle — e outras vezes, Evanson parecia destinado

a transportar debatedores sonolentos, verborrágicos vagarosos, de casa em Junction City num veículo para zonas de conflito com o para-brisa salpicado de insetos e o brilho de um único par de lanternas traseiras vermelhas ao longe.

Por fim eles não estavam mais praticando L-D nenhum, seguindo seu formato de discurso e réplica, só ficaram debatendo suas próprias posições, com os pés nas mesas, a escuridão caindo — discutindo aborto, ação afirmativa, a Segunda Emenda, e outras "questões polêmicas". Adam estava acostumado a demolir versões do argumento de que aborto era crime — esteve praticando desde que a mãe, no final dos anos 1980, dissera a um entrevistador do *Topeka Capital-Journal* que havia feito um nos anos 1960, o que provocou um pico drástico nos telefonemas dos Homens —, mas de algum modo, quando debatia com Evanson, via-se perdido num matagal de distinções relacionadas com a viabilidade fetal enquanto também tentava defender a concepção de "penumbra" na lei constitucional. Evanson podia atropelá-lo mesmo falando numa velocidade normal de conversa.

Evanson também era um mestre no que passaria a ser chamado de "trollagem". Quando Adam defendeu o imperativo moral de redistribuir riqueza para financiar um Estado de bem-estar social, Evanson declarou, com um sorriso violento, que aquilo era um argumento surpreendente para um judeu. Quando Adam foi se enfurecendo, o Evanson de olhos arregalados esclareceu que só pretendia dizer que o surpreendia que alguém com tanto conhecimento dos males do governo tirânico quisesse para o Estado o poder de apreender os bens individuais. ("Está sugerindo seriamente que eu faria um comentário antissemita?" O súbito arregalar dos olhos, a mímica animal da inocência, era um dos movimentos característicos de Evanson.) Mas o que Evanson realmente "pretendia", Adam percebeu, era precisamente manipular suas emoções e mostrá-lo como um judeu paranoico. Evanson era talentoso na arte de provocar indignação com argumentos plausivelmente refutáveis, apelando em seguida para um ressentimento tático, reivindicando para si um patamar superior. Adam raras vezes, se é que algum dia aconteceu, deixava-se

abalar por uma posição, certamente sua mente mudava pouco a respeito de questões fundamentais de valor, mas a cada hora que passava ele absorvia um estilo interpessoal que levaria décadas inteiras para desaprender, o equivalente verbal da briga com braços e cotovelos.

O que aliviava a superioridade de Evanson como debatedor era a certeza equivocada de Adam de que Evanson, mesmo que sempre tivesse as palavras certas, estava do lado errado da história que terminou com Dole. Todo mundo odiava os Phelps, aconteceu um casamento lésbico em *Friends*, Susan discutiu seu aborto, mesmo de forma ambivalente, em *Barrados no baile* — talvez o socialismo de Estado tenha olhado para baixo, mas os "conservadores" americanos não estariam também condenados? Os *baby-boomers* eram mais progressistas que seus pais, e a geração de Adam, apesar de esquizofrênica, era considerada ainda mais progressista. Ele ouvira várias pessoas alegarem que todos aqueles "garotos brancos querendo ser negros" eram uma prova de que as antigas linhas de falha raciais estavam desaparecendo. Eminem logo seria o rapper de maior sucesso de todos os tempos ("Só em um segmento de 15 segundos, 'Slim Shady' cospe 97 palavras, ou 6,46 palavras por segundo"). O eleitorado, Adam havia lido na *The Economist*, ficava cada vez mais diversificado e os republicanos morreriam como partido nacional, mesmo que algo os sustentasse junto com o Kansas; Evanson poderia fazer carreira escrevendo discursos reacionários, ou tornando-se outro Rush Limbaugh falando ao vento, dirigindo-se a caminhoneiros entupidos de cafeína, mas enquanto isso haveria um presidente negro e/ou mulher; Adam queria acreditar que era o fim da era dos homens brancos raivosos que proclamavam o fim da civilização. Sua mãe sempre dizia que Oprah podia ser eleita, que ela fazia um grupo diversificado de pessoas se sentir ouvido, que trabalhava, como uma boa terapeuta, para superar a polarização sem a humilhação.

Estranho olhar pela janela da porta da sala de aula com o distanciamento de um antropólogo, fantasma ou psicólogo em rondas hospitalares e ver aqueles dois homens, se é isso que são, discutindo em uma sala que estaria vazia em uma escola em sua maior parte vazia oito

anos depois do fim da história, a precipitação da neve visível em torno da luz dos postes do outro lado da janela. Um, de jeans escuros e arriados, bebendo um líquido misterioso; o outro, de calça cáqui de cós alto, está explicando os riscos do chamado bom senso na legislação de armas alguns anos antes do Massacre de Columbine. Um deles, quando a história é retomada, passará a ser um arquiteto fundamental do governo mais à direita que o Kansas já conheceu, supervisionando cortes radicais nos serviços sociais e na educação, dando um fim a todo financiamento para as artes, privatizando o Medicaid, implantando um dos cortes fiscais mais desastrosos da história dos Estados Unidos, um modelo importante para o governo Trump. O outro tentará essa genealogia de seu discurso, seus teatros e extremos.

Adam visitou-o uma vez no St. Francis, onde Klaus ainda fingia estar na Fundação, fazendo piadas de que fora internado contra a sua vontade, dirigindo-se a Adam como "dr. Gordon" — "Precisa me tirar daqui, doutor" —, mas no espaço de uma semana, Klaus já estava à vontade na casa de repouso, dormindo mais ou menos continuamente em uma névoa de morfina. "Que órgão sem sentido, o pâncreas." Ainda assim, quando seus pais saíam do quarto para deixar que Adam se despedisse de Klaus no leito, quando ele anunciava sua presença algumas vezes ruidosamente, Klaus dava um leve sorriso, erguia as sobrancelhas, mas não abria os olhos. Que divertido fazer o papel de um moribundo nesse filme amador, sugeriam as sobrancelhas. Fosse em Berlim ou Topeka, Adam sabia que era um triunfo morrer na própria cama em um quarto que não cheirava exclusivamente a urina e água sanitária, morrer sem estar preso a aparelhos, embora houvesse uma intravenosa em um suporte sobre rodas, gotas azuis-claras. Podia ouvir a enfermeira da casa de repouso falando com seus pais na sala de estar, embora não conseguisse distinguir as palavras.

Ele ficou correndo os olhos pelo quarto para não ter de encarar Klaus, cuja consciência se retirara rapidamente do rosto. Procurou um relógio

para saber quanto tempo seria suficiente para sair dali sem culpa, mas não havia relógio nenhum, embora uma das três colagens de fotos emolduradas na parede mostrasse uma cara-relógio, os ponteiros substituídos por bigodes, talvez do kaiser. Na colagem, eram 3:50, o fim perpétuo de uma hora clínica. No canto mais distante do quarto espaçoso havia uma pequena escrivaninha; na parede acima dela, um postal da *Virgem e o Menino,* de Duccio, afixado com uma única tacha prateada (no verso do cartão: uma mensagem de Jonathan escrita com uma caligrafia trêmula). Em cima de uma grande cômoda, em meio a frascos de comprimidos: pequenas fotos de família em porta-retratos ovais — retratos tão antigos que mesmo de longe Adam podia ver ou sentir aquela singular inocência que as pessoas expressavam nos primórdios da fotografia; cobertas com o véu da ignorância, não poderiam imaginar que sua imagem sobreviveria a elas, circularia, e que elas poderiam acabar em Topeka em 1997, a neve caindo do lado de fora da janela.

Imaginou que em vez de sentado numa cadeira de madeira remanejada da sala de jantar para as visitas no quarto, ele estava no cubo de vidro no porão da torre do relógio e que podia, caso se concentrasse, alterar o campo eletromagnético em volta do corpo de Klaus. Talvez, se realmente o desejasse, pudesse ajudar Klaus a morrer. Ele fechou os olhos para tentar fazer isso como se fosse uma criança — uma espécie de jogo sério, você só esfrega a planta nas palmas das mãos —, mas, em vez de influenciar Klaus, Klaus começou a falar pelo canal que Adam tinha aberto com sua mente. (Pequenas teias de luz flutuavam pela tela negra de suas pálpebras.) Ele precisou desligar-se de algumas interferências — Tupac e Evanson e gravações de piano com chuviscos — para entender o que Klaus dizia.

Sabemos por Freud que a identificação com o pai é sempre de natureza precária, e mesmo nos casos "genuínos", em que parece estar bem estabelecida, ela pode entrar em colapso sob o impacto de uma situação que substitui o superego paterno pela autoridade coletivizada de tipo fascista. Adam ouviu um limpa-neve fazer contato com o asfalto na rua, imaginou o sal que se espalharia

em sua esteira. Imaginou o sal como arroz, depois como restos mortais cremados. *As galinhas são capazes de um amplo repertório de diferentes exibições visuais e de pelo menos 24 vocalizações distintas; suas habilidades de comunicação equivalem às de muitos primatas.* Ele pôde ouvir o apito de um trem da Union Pacific passando ao longe; os trilhos ficavam a dois ou três quilômetros dali acompanhando o rio Kansas; Adam percebeu que o som era nitidamente mais alto no inverno. *E, concluindo, quando o menino foi baixado à sepultura, e a terra espalhada por cima, de repente emergiu da campa um bracinho erguido para o alto. E, quando tornaram a colocá-lo debaixo da terra e espalharam mais terra fresca para cobri-lo melhor, foi em vão, pois o bracinho insistia em ficar descoberto. Esta é a obstinação da história.* Klaus falou tudo isso em alemão, o que Adam resumidamente pensou ter entendido.

Adam abriu os olhos quando Klaus veio à tona com um som audível, estalando os lábios. Sua boca parecia incomodamente seca. Klaus tentou falar, talvez para pedir água. Adam olhou a mesa de cabeceira e viu ali um copinho de plástico com água e alguns suabes de espuma azul. Pensou em buscar a enfermeira, usando isso como desculpa para sair, mas se viu estendendo a mão para o copo. Mergulhou um dos suabes na água, hesitou, depois passou nos lábios levemente arroxeados de Klaus. Sua mão tocou sem querer a lixa das faces encovadas de Klaus. Como um peixe subindo para o anzol, Klaus tentou pegar o suabe com a boca, e Adam deixou; Klaus sugou a água. Só agora Adam percebia que Klaus não tinha dente nenhum, que sua dentadura fora retirada, talvez a essa altura jogada fora. Ele repetiu o ato várias vezes, até Klaus parecer satisfeito e relaxado no travesseiro.

Uma série de imagens ultrajantes surgiu diante dele num clarão: fodendo com Amber no quarto enquanto Klaus estava ali, inconsciente; puxando os lençóis e cobertores para olhar de frente o corpo de Klaus; asfixiando o homem adormecido com um travesseiro; beijando-o em cheio na boca; o corpo de Klaus no banco do carona do Camry, colocado sentado para parecer vivo. Imaginou que Klaus era um analisando recalcitrante no divã e que ele devia esperar pacientemente que ele resumisse seu discurso sintomático. Depois lembrou de Klaus visitando-

o no hospital — Adam na cama mecânica — após sua concussão, uma lembrança que ele não trazia à mente há muitos anos. Tinha uma textura estranha, a lembrança, porque foi uma das primeiras que ele formou depois de seu período de amnésia. Um erro de continuidade; ele se lembrava de que havia subido em sua cama em casa, depois que despertara em um leito hospitalar, recebendo visitas, os pais em uma espécie de alívio histérico. Tudo que sofreu naquele intervalo se perdeu, pelo menos em primeira pessoa; guardava imagens formadas a partir das histórias que lhe contaram. A lembrança — Klaus foi a última visita naquele dia — estava queimada em certos pontos, preta na borda esquerda.

Do que Adam se recordava com clareza sobre a visita foi o que Klaus levara para ele: uma caixinha de madeira clara, do tamanho aproximado de uma caixa de fósforos de cozinha. Tinha uma estampa floral entalhada, dobradiças prateadas. Adam abriu a caixa para ver qual seria o presente. Klaus provavelmente tinha apanhado a primeira quinquilharia que estivesse à mão ao sair de casa, Adam pensou. (Agora, sentado ao lado de Klaus, ele se perguntava por que as visitas levavam presentes afinal de contas, oferendas a seus danos.) Klaus detectou sua ligeira decepção e tirou a caixa vazia de suas mãos. Depois, o que parecia impossível, Klaus retirou um dólar de prata de dentro dela e entregou a moeda a Adam. Por um instante, Adam ficou atordoado — naquele estado pós-concussivo, ele não era capaz de distinguir um truque de mágico de um colapso cognitivo. Mas aí Klaus rapidamente revelou o segredo, mostrou como o fundo falso da caixa podia ser aberto, revelando outro compartimento; uma caixa com um inconsciente, sua mãe disse brincando enquanto a olhava. Será que Adam pensou na divisória móvel atrás da vitrine do leite, os homens atrás das paredes? Ele adorou a caixa, pensou no que podia esconder ali: balas, cartões de beisebol valiosos, podia caber uma de suas estrelas ninja. (Onde estaria aquela caixa agora, Adam tentou lembrar; pensou que talvez estivesse na cômoda dos pais.) A caixa era muito antiga, Klaus dissera na época; só agora ocorreu a Adam imaginar o que Klaus deve ter escondido ali depois

de 1933. Uma daquelas antigas fotografias. Joias de Elke. Dentes de leite. Uma pílula mágica.

Um galho do pinheiro-da-escócia perto da janela do quarto estalou sob o peso da neve acumulada, devolvendo-o ao presente em que a respiração de Klaus era rasa. Adam se mexeu no bloco de vidro e voltou a fechar os olhos, e desta vez ouviu Klaus em inglês: *Houve uma época em que uma pequena estrela cheia de água colidiu com uma estrela maior, espalhando gelo pela vasta extensão do espaço, criando o sistema solar. Satélites de gelo ainda orbitam os planetas. Luas feitas de gelo colidiram com a Terra nos tempos pré-históricos, determinando sua geografia. Quando um meteoro repleto do "esperma divino" atingiu a superfície de nosso planeta, a raça humana foi formada, o primórdio das coisas criadas. O gelo é o elemento primordial do universo, mais básico que o fogo, e com ele está em guerra. Tudo isso foi revelado a Hanns Hörbiger — que meu tio conheceu em Viena — em um sonho. Quando os nazistas chegaram ao poder, buscaram uma visão de mundo genuinamente alemã que pudesse suplantar a física, esta maculada pelos judeus e suas ideias de relatividade. A teoria de Hörbiger, que já era popular, deu a Himmler e Hitler um meio de purificar sua* Weltanschauung *da ciência judaica. A Teoria do Gelo Cósmico foi ensinada nas escolas, incorporada em livros didáticos. Os alemães acreditaram ou fingiram acreditar nela em massa. Ela explicava tudo, enquanto a física abria um abismo de descrença. Os eventos que ocorrem em certo momento para um observador podem ocorrer em outro momento para outro observador? Isso parecia a teoria do trauma de Freud, não a base de uma forte cosmologia. Hoje a pergunta que devemos fazer a nós mesmos é: os Estados Unidos devem apoiar a redução de gases estufa na próxima reunião de cúpula sobre o meio ambiente que acontecerá em Kyoto?*

Afirmo que a resposta a essa pergunta é um retumbante sim pelos três motivos a seguir. Primeiro, como o "éter global" é composto por cristais de gelo muito finos, o aquecimento atmosférico pode levar a Lua a cair na Terra, destruindo a civilização moderna, assim como, segundo Hörbiger, uma lua anterior destruiu a Atlântida. Segundo, devemos reconhecer que o conceito de aquecimento global foi criado por e para os chineses a fim de tornar a fabricação americana não competitiva. Você está se contradizendo, disse Evanson na cabeça de Adam, embora

Evanson viesse a se tornar o principal aliado da Koch Industries, sediada no Kansas, uma das maiores financiadoras mundiais do negacionismo da mudança climática. *Não existe nenhum princípio de não contradição, nenhuma lei do terceiro excluído, regendo o inconsciente*, respondeu Klaus. *E terceiro, porque os abetos se eriçam ao brilho distante. Devido ao* "ice" *presente em* "voice". *Ecoando na mata, fazendo peso nos galhos. Segundo uma edição recente da* The Economist*, um sol fugaz inflama o gelo. Meu amor parece assim, e eu me inflamo. Um filho fugaz. Especialistas concordam que o rio Yukon está sufocado de gelo. O Japurá é um saco de gelo. O Loing asfixia-se com fragmentos de gelo. O Dnieper ainda é glacial. Na verdade, são encontrados grãos de gelo nas nuvens moleculares em que são formadas estrelas, embora o aquecimento global seja total, e muito caro, que farsa! Como o pouso na Lua ou o Holocausto. Como os massacres de Columbine e Sandy Hook e Parkland e a interferência russa. Quando a primeira neve cair em Topeka, em Berlim, no Brooklyn, dando a quem estiver ao ar livre a sensação de um vasto interior, há que se ter um espírito de inverno, há que se virar a cabeça para os flocos acumulados no peitoril* — Adam fez o que ele mandou, viu um pardal saltitando entre galhos pequenos — *e retornar à cena primal da infância.*

---

1 Eu nunca vi uma Vaca Roxa, /E espero jamais ver uma,/Mas também não sou trouxa, /Prefiro ver do que ser uma! (N. da T.)

2 Sim, eu escrevi a "Vaca Roxa"/Desculpe, fui eu que escrevi sim!/Mas também não sou trouxa,/E vou matar quem citar isso de mim. (N. da T.)

3 Em *Um retrato do artista quando jovem,* Companhia das Letras, 2016 — tradução de Caetano W. Galindo. (N. do P.O.)

O gelo endurecera a grama e como seus músculos tinham enrijecido no frio ele imaginou ainda sonolento que fora capturado em uma teia em que tinha de se sentar rapidamente para livrar-se dela. Era o início do amanhecer. Ele devia estar a uns vinte metros da fogueira não mais acesa e estava sozinho. Sentiu no próprio corpo o cheiro de madeira queimada, cerveja e vômito. Seu lado inclinado ao pânico de como conseguiria chegar em casa foi controlado por outro lado seu que calculava se ele fora abandonado pelos amigos ou se eles primeiro fizeram uma busca diligente por ele. Ele pensou naquela frase da TV: e foi dado como morto. Mas disse a si mesmo que eles teriam tentado e como não conseguiram encontrá-lo presumiram que ele achara outro caminho. Talvez pela própria embriaguez eles se esqueceram de quem tinha vindo com quem. Ele se levantou, as articulações estalando, e urinou na relva mais escura que seu corpo tinha protegido da geada. A melhor noite de sua vida.

Onde estava o seu boné do Royals? Durante anos ele imaginara sobreviver na natureza semisselvagem, com lugares como os arbustos para se esconder, atalhos por terrenos sem cercas mapeados em sua mente; ele memorizara que dente-de-leão, bardana e epilóbio eram comestíveis, mas só conseguia identificar o primeiro destes. Embora dormisse em lençóis de Star Wars *recém-lavados e comesse as refeições que sua mãe lhe preparava e não produzisse nada do que consumia ou usava, Darren achava que era treinado ou pelo menos esteve em treinamento para uma emergência futura que determinaria a relevância de um conjunto de habilidades difícil de especificar. Se costumava alegar ser faixa preta (nono grau) em alguma arte marcial combinada, era capaz de andar em silêncio pelos telhados, se ouviram-no dizer que estava sendo recrutado secretamente para as Forças Especiais, não podia realmente falar nisso, se "abandonara" o escotismo em vez de revelar suas próprias técnicas para fazer fogo, purificar a água, pescar com lança,*

limpar peixes etc., era porque as disciplinas imaginárias eram estratégias, palavras mágicas fracas, para redescrever sua exclusão como uma forma masculina de viver desgarrado, autossuficiente. No Kansas, a camuflagem para deserto não o faz desaparecer no meio das folhagens mas indica um desejo semiconsciente de se misturar com os soldados de um império cujos inimigos são tão vagos que estão em toda parte. Stan, o veterano do que ele chamava de a última guerra de verdade, não dizia que dificilmente se conseguia vê-los?

Seus pais, professores, médicos, colegas sempre exigiram que ele confessasse em vez de mentir, que respondesse por seus atos, mas uma palavra mágica tem valor não por sua verdade mas por seu poder, e o que distinguia Darren dos outros tipos não era o fato de sua identidade ser uma mentira — a do tipo dominante que ele invejava também era, os gangstas brancos, muitos deles filhos de cirurgiões, advogados, psiquiatras, cruzando Topeka com a batida de Tupac no som do carro, o jeito deles de se vestir e falar, de abusar de substâncias químicas e uns dos outros, tendo como modelos, apesar da imitação imperfeita, os vídeos de rap —,mas o fato de que ela não gerava ganhos em seu mundo social. Se Darren, depois de apalpar o bolso para confirmar a presença da Buck 55 que sempre carregava, não pensasse em fazer fogo, ou quebrar seu jejum com frutas silvestres outonais atóxicas, ou deduzir as direções cardeais a partir do sol, não era só porque ele era incapaz; era também porque a experiência da noite anterior, embora confusa, tornava sua mitologia sobrevivencialista secundária como estratégia, apesar de ineficaz, para sobreviver socialmente. Darren se viu na coisa mais próxima da natureza selvagem que ele conhecia, acordando com frio e fome a quilômetros e quilômetros de distância de casa, assim como ele percebeu, pela primeira vez desde a puberdade, o vislumbre da comunidade.

Darren seguiu o rastro dos pneus na grama até a estrada de terra e andou por ali até chegar a uma estrada maior, de cascalho. Uma picape passou enquanto ele ainda tentava pensar em como ou se faria sinal para ela. Sentiu o gosto da poeira que ela levantou, aumentando sua sede. Confiando nos instintos, o que foi um erro, ele virou para a direita e andou no acostamento por uns 800 metros até a estrada se encerrar em uma trilha. Refez os passos onde tinha encontrado o cascalho e foi para o sul, árvores à sua esquerda e campos abertos à direita, aqui e ali um matagal junto de um regato, uma fazenda ao longe, ele não ia bater lá. Era bom estar

caminhando, o som de suas botas incríveis fazendo os faisões alçarem voo de susto, as dores diminuindo, embora isso abrisse mais espaço para a fome; a última vez que comeu foi no almoço do dia anterior, três sanduíches de creme de amendoim no pão sem casca. Logo ele chegou a um cruzamento de três vias e mais uma vez teve de adivinhar para que lado virar e de novo deu um palpite errado; percebeu o erro quinze minutos depois quando do alto de um declive na estrada o lago se abriu diante dele, cintilando no que agora era plena luz do dia.

Ele reverteu o curso, imaginando Davis e Nowak rindo, deixamos aquela bicha lá, mas balançou a cabeça um pouco e o riso transformou-se em estorninhos cantando nas árvores à beira da estrada. Quando recuperou o cruzamento de sua última guinada errada, ele pensou na mãe. Quando ela chegava em casa de seu turno no St. Francis Hospital e encontrava a cama dele vazia, Darren tinha certeza de que ela pensava que ele tinha morrido. Riu alto e involuntariamente disso, mas não achava engraçado, e desejou encontrar algum jeito de ligar para ela, e falou para o vento o número que lhe meteram na cabeça quando criança: 601-2226. Por várias vezes, repetiu o número enquanto andava, uma espécie de canção de marcha, até que chegou à East 250. Ali havia vários elevadores pequenos de grãos e um escritório e embora o estacionamento estivesse vazio Darren atravessou a rua e tentou espiar pela janela acortinada. Uma placa na porta dizia OTTAWA CO-OP, uma frase sem sentido, e Darren decidiu continuar andando pela East 250, o que fez por mais uma hora. Passou a certa altura por uma cruz branca martelada no acostamento, buquê de flores de plástico, e pensou, foi aqui que meu pai morreu, embora ele soubesse que não foi, foi aqui que Nowak capotou na noite passada depois de eles me deixarem, o asfalto escorregadio de óleo.

Alguns caminhões passaram e ele achou que um deles havia reduzido a marcha como se fosse parar e chamá-lo mas não, por que faria isso. Ele não cruzou com viajantes simpatizantes embora houvesse casas a intervalos longos entre os campos cercados e Darren viu movimento atrás de uma janela e pensou que tinha de bater na porta de alguém, embora não conseguisse pensar no que ia dizer. Viu uma placa de rua, leu em voz alta, PROIBIDO ULTRAPASSAR. Falcões o olharam do alto dos postes telefônicos. Quando percebeu ao lado da estrada um leito seco de riacho, ele desceu até ali e procurou fósseis e pontas de flecha em meio às pedras, provando a si mesmo que não tinha medo nem estava perdido, ele estava explorando. Colocou

no bolso o que podia ser uma pequena haste de crinoide e voltou à sua jornada. Imaginou que tinha entrado no The Legend of Zelda *e tentou se ver de cima como no jogo, andando pelo supramundo que liga todos os níveis, seu medidor de vidas representado por uma fileira de corações. Essa era uma paisagem cheia de chaves ocultas, espadas mágicas, bumerangues que podiam matar ou paralisar os inimigos de Darren, só que não era.*

Quando a East 250 encontrou a North 1600, ele tinha andado por pouco mais de duas horas, a sede suplantava a fome, as dores causadas mais pela má postura durante o sono do que pela jornada, mas sentiu a formação das bolhas. Vários carros passavam pela 1600 e havia uma construção de tijolos aparentes abandonada à sua esquerda, uma igreja de estuque mais nova à direita, e isso era o progresso; ele estava encurtando a distância entre a área rural e a cidade. Mas quando Darren leu as letras pretas magnéticas na placa do jardim — IGREJA METODISTA UNIDA DE STULL — pequenos espasmos contraíram sua boca.

Todo adolescente do norte do Kansas sabia que Stull era um dos sete portões do inferno, que em algum lugar no cemitério da cidade havia degraus descendo diretamente ao mundo dos mortos, que na velha igreja de pedra, que não tinha telhado, a chuva jamais caía, nem durante uma tempestade, que se você segurasse duas garrafas de vidro no formato de uma cruz e depois as jogasse na parede da igreja, elas não quebrariam; os satanistas ainda se reuniam ali para realizar seus rituais, inclusive sacrifício humano. As lendas atraíam turistas, crianças que foram desafiadas, irritados proprietários de terras da cidade e a polícia, eram o assunto de histórias em volta das fogueiras de acampamentos, tema de músicas de death metal e arte na capa de discos, e embora Darren tivesse passado grande parte do seu tempo de escola vestido de preto, estampando pentagramas em seu Trapper Kepper, ameaçando os inimigos com magia negra, ele não era um adorador do diabo. Nem era adorador; o que ele temia desde a Bright Circle Montessori School era que tivesse sido convocado contra a sua vontade, e agora uma trama sinistra se revelava, que a melhor noite de sua vida foi uma cortina de fumaça, parte de um plano para atraí-lo para ali, mesmo que só para lembrá-lo de que ele possuía poderes e era ao mesmo tempo possuído por poderes que não podia controlar, mesmo que pressionado.

Ele queria virar à esquerda, não ter de passar pela velha igreja e o cemitério que podia ver de onde estava, ruína de pedra e uma ou duas filas de lápides, mas intuiu

que Topeka ficava à direita, e assim correu naquela direção no acostamento da 1600 até ultrapassar o terreno, depois parou, com as mãos nos joelhos, para recuperar o fôlego. Agora ele sentia o arrepio do cansaço e da dúvida, podia captar o escárnio nas vozes que lembrava da noite passada, imaginava as explicações que exigiriam dele — sua mãe, o dr. J, até Stan. Desanimado, voltou a caminhar, calculando que devia levar pelo menos duas horas até chegar em Topeka, quando na verdade o trajeto exigiria seis horas em seu passo normal.

O flutuar quase imperceptível de nuvens cirrus acima de Darren enquanto ele continua pelo acostamento através dos séculos, depois a grama ao lado da estrada onde ela é plana. Na esteira de um carro de passagem, o silêncio se intensifica, um canto de passarinho distante torna-se audível. Mais casas, o intervalo entre elas diminui, mas também campos de trigo marrom, soja verde, vastas perspectivas, até a cerca-viva multiflora obscurecer a visão por algum tempo. (Ele não passa por nenhum hotel ou taverna, ninguém lhe joga uma moeda de uma carroça de feno para ele poder parar e se alimentar de pão ou cerveja.) Ele faz contato visual com uma vaca solitária perto de uma cerca de arame farpado, suas orelhas etiquetadas com plástico azul, o resto do gado reunido ao longe, alguns ajoelhados. Depois de andar por mais uma hora, ele se perguntou, Por que só tem uma única árvore explodindo de flores roxas? Em sua mente, ele bate em uma porta, pede água, usa o telefone, vou ligar para minha mãe vir me buscar, mas sente o gosto da humilhação, embora não consiga visualizar sua forma. Saia de minha propriedade, Darren ouviu várias vezes. Mas agora ele tem cólicas, principalmente de sede, e quando vê que um galpão de depósito não muito longe da estrada tem visível em sua lateral uma torneira amarela para uma mangueira, ele está agachado ao lado dela antes que possa completar sua avaliação dos riscos, bebe a água deliciosa, ofega, bebe mais. Refrescado, volta correndo para a estrada, o vento ardendo onde seu rosto está molhado, Stull recuando como acontece nos sonhos, talvez ele sempre soubesse que Stull ficava perto de Clinton Lake, por que o choque, os dedos dela passando em seu cabelo.

É um conforto para Darren que o cenário seja em loop, embora na simulação as velocidades sejam diferentes; ele já passou três vezes por aquela casa amarela, a gigantesca bandeira americana, sabe que sempre que a estrada se eleva a certa altura uma torre de água prateada ficará visível à esquerda, sua posição constante,

como a lua, que as nuvens rolam regularmente pela tela, com suas formas de sempre, como são os assobios decrescentes dos pássaros, a música eletrônica rudimentar, e ali de novo está a árvore explodindo, Darren, Darren, Darren. Ele se lembra de quando foram de carro visitar seu tio no Colorado, como ele caía na inconsciência e saía dela no banco traseiro, seus pais tocando fitas cassetes de Randy Travis, "'Just Waitin' on the Light to Change", Darren acordando a intervalos de mais ou menos 90 quilômetros para ver a mesma série de restaurantes, postos de gasolina e hotéis, a sensação de que sempre que eles saíam da rodovia estavam de novo na cidade que acabaram de deixar, embora agora tudo fosse ditado por seu andar, ele pode reduzir ou acelerar a velocidade do que pensa ser como a fita cassete.

É assim que as horas passam ou não passam, de hora em hora, até que o mato alto dá lugar aos gramados de moradias, um tipo diferente de repetição, e logo há pequenos grupos de crianças olhando para ele de brinquedos multicoloridos de plástico ou camas elásticas, em parquinhos, antes de a estrada se alargar de novo em uma pavimentação mais nova, uma avenida de quatro pistas flanqueada por varejistas gigantescos e uma revendedora de automóveis com bonecos birutas inflados agarrando-se no vento. O que ele mais deseja agora é um McDonald's, água quente, os familiares contornos do assento modelado, e embora a probabilidade decrete que tem um perto dele, ele não vê os arcos dourados e continua andando, acreditando que o seu entorno, construções pré-fabricadas familiares como todas devem ser, logo se aglutinará em uma área de Topeka cujo estilo ele conhece.

Ele passa por edifícios de apartamentos e estacionamentos comerciais. Um casal de corredores atravessa a rua para evitá-lo. Viajar de bicicleta depois do início da adolescência é vergonhoso o bastante no Kansas; e andar, se você não estiver se exercitando deliberadamente com trajes apropriados ou indo para o carro ou saindo dele, é confessar algum desvio; quantas vezes os homens abaixaram os vidros do carro para lembrar a Darren de que ele era uma bicha? Ele quase para no Arby's, mas decide que só descansará em casa, não no Sonic nem no Burger King nem no Wendy's nem no Walgreens nem no Kwik Shop nem no Dillon's, essa sequência parece errada a Darren, como se a sintaxe de Topeka tivesse sido embaralhada enquanto os termos continuavam os mesmos.

Ele começa a mancar, o tornozelo direito formigando, talvez tenha torcido em algum lugar no passado, sua fantasia agora de que Topeka mudou durante sua caminhada para uma versão ligeiramente diferente de si mesma, uma versão da qual ele foi subtraído. Sua casa ficará sempre lá mas em outra rua, sua mãe estará em sua casa mas não o conhecerá, os Phelps ainda estarão protestando mas em uma esquina diferente com cartazes diferentes. Posso ajudá-lo em alguma coisa, diria Stan, desconfiado, se ele conseguisse encontrar a loja de excedentes militares, seus arbustos no parque errado, suas rações desaparecidas, as conversas com o dr. J varridas da memória, o palhaço na pintura transformado em um anjo. É como se toda a cidade tivesse atravessado a faixa de papel rasgando-a ou foi ele que atravessou, o que também significa que seu pai pode estar vivo ou morto-vivo aqui, e a vertigem que pensou ter deixado em Stull está de volta, ou ele está de volta a Stull, os degraus que descem. Dá para fazer uma ligação a cobrar de uma Topeka para outra?

Devia haver uma palavra para o alívio que ele sente quando a arquitetura à sua volta se revela característica o bastante para ser desconhecida ou estranha, seu alívio por estar perdido, mas neste mundo, não em outro igual a ele, restaurado no tempo. Uma adequação. Ele chegou numa rua de prédios de alvenaria interligados, uma rua principal. Ele lê as placas: FREE STATE BREWERY, LIBERTY HALL, SUNFLOWER OUTDOOR SHOP, THE PARADISE CAFE, empresas mas uma localização só. Darren a essa altura quase arrasta o pé direito e o tornozelo inchado pelo que ele lentamente passa a reconhecer como o centro de Lawrence, tendo estado ali quando criança, especialmente depois dos jogos de futebol da Universidade do Kansas aos quais o pai às vezes o levava, o rugido quando um de nossos running backs *conseguia escapar, líderes de torcida formando pirâmides, depois uma pizza e Ms. Pac-Man na Mass Avenue, a avenida em que ele agora manca, procurando por um telefone público, a uma grande distância de casa, como quando ele se levantou do chão seis horas atrás. Os pais puxam os filhos para perto quando ele passa.*

A NEW YORK SCHOOL

(Jonathan)

Estávamos sobrevoando em círculos o aeroporto JFK esperando permissão para pouso; o congestionamento se devia ao tempo; estávamos na cauda de uma tempestade, suspensos no ar turbulento. Entrávamos e saíamos de nuvens. As luzes da cidade visíveis lá embaixo para depois sermos envoltos num cinza-escuro. Daí vinham as luzes de novo. Estranho descobrir outros aviões circulando numa distância próxima; parece que vemos nosso próprio avião de fora, como se eu pudesse ter um vislumbre de mim mesmo em uma janela oval iluminada em primeira e terceira pessoas. Aceleramos e depois reduzimos, subimos e descemos de altitude, talvez em busca de um ar mais estável. A intervalos de cinco ou dez minutos, o comandante: Desculpe, pessoal, esperamos aterrissar a qualquer momento. Os avisos eram todos tão parecidos que viraram um aviso só, o que fazia o tempo passar com ainda mais lentidão, ou impedia que ele passasse. Os comissários de bordo, que há um bom tempo já tinham passado pelos corredores recolhendo o lixo restante, disseram-nos para guardar as bandejas, recolocar os assentos na posição vertical e nos prepararmos para o pouso que nunca chegava. Tive a fantasia de que eles de algum jeito já haviam abandonado o avião, junto com o piloto e o copiloto, que o que falava conosco, os passageiros, era uma gravação. Uma hora ficaríamos sem combustível e despencaríamos no Queens. As luzes da cabine estavam reduzidas; algumas pessoas, por milagre, dormiam — inclusive a mulher magrinha ao meu lado debaixo do cobertor azul da companhia aérea, parecido com um cobertor de hospital, do tipo da Fundação; ela roncava de boca aberta, tinha o ronco de uma mulher gorda, o que fazia o som parecer dublado. Outros liam jornais ou livros de suspense grossos e de capa dura — mas como

conseguem ler? — sob suas luzes de leitura. Talvez só fingissem ler. (Sempre desconfio que as pessoas só fazem os movimentos de leitura, ou imitam sua imobilidade; será que eu fingia ler quando criança, talvez como uma forma de escapar de alguma coisa — da fúria de meu pai? Andando pela biblioteca da faculdade, eu pensava comigo mesmo: se eu fechasse o livro de vocês agora, ninguém aqui seria capaz de me reproduzir o que acabou de ler. *Shadow-reading*. E quando eu mesmo estava lendo, tinha uma sensação aguda dos outros me observando, vendo como eu representava a absorção, o que naturalmente me distraía da página.)

O avião deu um forte solavanco — estrondo de bagagens nos compartimentos da cabine; algumas pessoas arquejaram —, depois se estabilizou. Eu me agarrei nos braços de metal da poltrona. Em geral eu era indiferente a turbulências, fiquei surpreso com o meu desconforto, mas quase nunca eu estava sozinho num avião, sempre com Jane e Adam, os dois detestavam aviões, tinham medo da turbulência. Será que eu só ficava relaxado quando estava com alguém tenso porque sabia que para mim seria útil ficar calmo para poder acalmar o outro? Agora sozinho, sobrevoando a cidade em meio a leitores falsos e adormecidos, abandonado pela tripulação, desancorado da presença de alguém que precisasse de mim, senti o que só pode ser descrito como saudade de casa. Regredimos no ar. Eu queria minha mãe, mamãe, mamãezinha.

Na primeira vez em que fui a Nova York de avião, ela se sentou entre mim e meu irmão para impedir que um incomodasse o outro; eu tinha 16 anos, o futuro revolucionário tinha 14. Estávamos bem-vestidos; naquela época, todo mundo usava as melhores roupas para viajar de avião. Como ir ao templo ou à igreja, tocar a face de Deus; agora vemos famílias inteiras de moletom, pijama, carregando aquelas almofadas para pescoço; uma forma de regressão. As hélices ensurdecedoras. A cabine cheia de fumaça de cigarro, cinzeiros em cada braço de poltrona. Lembro que as refeições a bordo eram elaboradas: os talheres eram reais, uma florzinha fresca na bandeja. Talvez estivéssemos na classe executiva, se é que isso existia na época. Estávamos de volta aos Estados Unidos após

dois anos em Taiwan, onde meu pai era um diplomata de baixo escalão no Serviço Exterior. Não lembro por que ele voltou separado de nós, que desculpa ele deu.

Nos anos 1950, mesmo um diplomata de baixo escalão em Taipei vivia como um rei: cozinheiro, criados, motorista. Morávamos em um bangalô grande estilo americano em um bairro de casas quase idênticas, todas ocupadas por estrangeiros — a maioria americanos, uns poucos ingleses. Gramados recém-aparados cintilando veneno. Em um dia eu estava em Chevy Chase atirando chumbinho nos esquilos do nosso jardim, praticando beijos com Jackie Captain, que morava a poucas portas na mesma rua, aprendendo a dirigir no sedã Packard (meu pai me orientava lentamente pelos estacionamentos da loja de departamentos, os raros risos compartilhados), e no dia seguinte estava sendo levado pelas ruas movimentadas de Taipei em um Imperial preto e reluzente — espantando riquixás e vendedores de rua e cabras e galinhas — para a Taipei International School por Chang, que não economizava na buzina, que se referia a mim, um garoto magricela e cheio de espinhas, como "Mr. Sir". ("Quando você vê um automóvel novo e reluzente, já parou para pensar que, nas milhares e inumeráveis gerações que precederam esse século, nem mesmo os reis mais poderosos da terra puderam ter um assim? Nem puderam viajar de avião.") Não havia um chinês na Escola Americana, com exceção de alguns funcionários da limpeza, talvez uma ou duas secretárias; nem mesmo ofereciam curso de língua chinesa, só de francês e latim; os alunos eram principalmente filhos de funcionários e autoridades. Minha paixão instantânea por Donna Selkie, pela curva do seu ombro que encontrava o peito. Minha mesada, um maço de cédulas multicoloridas da moeda fraca presas por elástico, uma pequena fortuna para o povo local. O criado Lin aparecendo silenciosamente em nossa ampla sala de estar acarpetada de branco e estendendo uma bandeja de prata com copos de gim-tônica para os adultos, e de limonada para as crianças. Esculturas de cavalos empinados em jade vermelho flanqueavam a lareira; pendurados nas paredes, um painel de uma paisagem montanhosa, outro de um pássaro em um galho com uma

fruta silvestre vermelha no bico, mas também algumas réplicas impressionistas incongruentes que tínhamos trazido, e a reprodução de Chagall de minha mãe. Tínhamos uma piscina nos fundos; ali estava Lin novamente com sua bandeja de prata, tigelinhas de madeira com frutos secos caramelizados ao lado das bebidas. Minha mãe com maiô azul-escuro e óculos escuros de gatinho virando as páginas de uma revista de moda na *chaise longue*. (Em certa ocasião, um vislumbre de seus pelos pubianos saindo do maiô, uma onda de raiva por ela ter me "obrigado" a ver aquilo.) Por que ela nunca entrava na água? Você acordava de manhã, escovava os dentes e, quando voltava ao seu quarto, a cama já estava arrumada. A qualquer momento, durante os jantares de vários pratos de pato e pargo e porco assado, um de nós fedelhos podia levantar a mão e exigir um hambúrguer. Você podia ter um sundae toda noite, uma espécie de mesa giratória de coberturas se materializava: amêndoas picadas, creme de chantilly, confeitos. Lin colocava a cereja pessoalmente.

Esperamos estar em solo em breve, pessoal. Acho que o trabalho do meu pai era principalmente organizar visitas para versões mais importantes dele mesmo; cabia a ele cuidar para que o sr. X tivesse tudo de que precisasse, o quarto certo no Grand Hotel, um quarto com sacada, o motorista mais confiável, aquele com um bom inglês, que a sra. X, quando tivesse a inescapável dor de barriga, fosse levada à clínica certa, que o casal posasse juntos para as fotos certas; aqui estamos na frente do templo Longshan, aqui estamos na Dalong Street, no templo de Confúcio (que parece antigo, mas foi reconstruído em 1939; Que linha tênue, a voz de Klaus, entre a memorialização e o apagamento). Achávamos que o caráter vago de seu trabalho era prova da importância de meu pai; será, meu irmão e eu cochichávamos, que ele era agente da CIA? Certamente algumas das outras pessoas por perto eram da CIA, devem ter sido, inclusive Jim Selkie, que falava chinês fluente, um claro indício. Jim quase nunca estava presente, sempre viajando para fins profissionais nebulosos. (Pobre Paul Conway, uma espécie de consultor de negócios, que impressionava a todos com sua determinação de aprender o idioma; ele se trancou para estudar chinês pelos livros;

quando saiu poucos meses depois, falava pelos cotovelos — mas em cantonês, e não em mandarim; opa! As pessoas se limitaram a sorrir educadamente para ele. Sua pronúncia, de qualquer forma, teria sido ininteligível mesmo.)

As bandejas de prata, os carrinhos de bebida, como aqueles no avião, só que mais elegantes: a happy hour era às cinco, exceto nos fins de semana, em que era mais cedo. As pessoas estavam sempre passando por lá, ou nós passando na casa dos outros, sentando ao lado de uma piscina idêntica à nossa, água turquesa na iluminação tiki. O "criado" de alguém vinha lá de dentro com mais gelo, limas, outra garrafa de água tônica ou de água com gás. Esvaziava e substituía cinzeiros. Estaria tocando uma música? "Unchained Melody"? Havia cigarros e copos de highball ou martíni na mão de cada adulto. Não sei bem o que nós, crianças, pensávamos dos adultos quando bêbados, mas percebíamos sua distância, sua tensão histérica. Como naqueles desenhos animados do Peanuts, em que as vozes dos adultos são só uma espécie de ruído murmurante, provavelmente feito por trompete ou trombone; dirigiam-nos a palavra de vez em quando, mas experimentávamos essa fala como um som plasmado sem nenhum significado. Meu irmão, talvez provocado por mim, totalmente vestido deu um mergulho-bomba na piscina de um vizinho, espirrando água pra todo lado e encharcando os convidados, o que provocou gargalhadas ruidosas entre os adultos bêbados, inclusive meu pai, que em Maryland teria lhe dado uma surra de cinto por um espetáculo desses. Donna Selkie, cabelo louro-escuro preso em um coque postiço, sentou-se uma noite ao lado de minha mãe; serviram-lhe um drinque meio malhado, um tiquinho de gim misturado com um tanto de soda; quais são seus planos para a faculdade, pergunta um diplomata, se esforçando para não falar arrastado, inclinando-se para ouvi-la melhor, a mão pousada em sua coxa. Meu pai uma noite estava em volta de casa de braços dados com a mulher de alguém, "Acho que vai gostar de ver a glicínia", depois parou para admirar o colar dela, levantando o pequeno pingente de sua clavícula — e me descobriu nos arbustos fumando um dos cigarros de Lin, que ele só me deu com

relutância. Meu pai simplesmente o tirou de minha boca, disse que ia terminá-lo, ordenou que eu voltasse para dentro de casa; nos Estados Unidos eu teria ficado de castigo por um mês.

Éramos representantes do país mais poderoso da terra, o poder estava em cada célula nossa, veja como os "nativos" se curvam em reverência, sua gratidão por nossa força supostamente civilizatória, o futuro era nosso. Mas também éramos judeus, uma das duas famílias judias do nosso bairro, nosso condomínio, nosso complexo, e os fornos estiveram em atividade apenas quinze anos antes. Tempos depois, eu mapearia as perdas distantes em um genograma. E estávamos a menos de 1.500 quilômetros de Hiroshima, ainda mais perto de Nagasaki. (Circulando o JFK, imaginei que nosso avião tinha um alojamento de bombas, que esperávamos pelo momento certo para deixar nossa carga útil cair.) Nunca ouvi nenhuma menção aos campos ou às bombas — não em casas de americanos, nem na Taipei International School. O esforço coletivo de repressão era imenso, tornava o álcool indispensável. Um otimismo intenso, mas sem alegria, em relação ao futuro era a única proteção contra o passado recente, em que todos os regimes de valor tinham entrado em colapso, sofreram radiação ou foram asfixiados com gás. Repressão pública, repressão privada: o que eu sabia e também não sabia era que minha mãe estava doente; a história oficial era de que ela esteve doente nos Estados Unidos, mas estava melhor agora, que os anos no exterior seriam um repouso bem-vindo; mas nós, crianças, sabíamos que ela não havia se curado, embora ninguém jamais — nem mesmo perto do fim — tenha pronunciado a palavra *câncer* em nossa presença. Naqueles dois anos minha mãe em geral parecia bem, mas seu peso flutuava, seu sorriso era inalterável demais — parecia uma máscara, como quando uma mãe esconde que está morrendo de medo da turbulência.

Aqui é o seu comandante falando. James Toomey, filho de um contra-almirante, capitão do time de basquete Taipei International Tigers, que só jogava com outras escolas internacionais da ilha, sempre era seguido por um garoto de nome Robert Russell. Russell era um gigante sombrio com cabelo à escovinha, um Lenny para o George de Toomey. Só que

Toomey estava sempre instigando Robert a fazer besteira, ele o desafiava a comer uma sanguessuga ou pegar nos peitos de uma garota ou colocar um laxante na caneca de café de um professor. Um dia, em uma colina perto da escola, Toomey entregou a Russell seu rifle calibre .22 e instruiu o homem-criança a atirar em quase todas as vacas esquálidas do rebanho de um fazendeiro local. Vi parte disso antes de fugir, com lágrimas nos olhos, o bunda-mole que eu era; um estampido, mais o disparo de uma pistola de brinquedo do que uma arma, depois uma vaca vergava um joelho, deitava-se, sinistramente calma, enquanto Toomey não parava de gritar instruções a Russell como um oficial comandante. (Cada vaca agonizante falava com os olhos, "dois grandes e expressivos olhos castanhos. E esse olhar silencioso expressava dignidade, resignação, tristeza, e para com seu visitante" — o americano — "um profundo e solene desprezo".)

O fazendeiro, cuja vida, ou pelo menos sua subsistência, foi destruída, apareceu, para espanto de todos, na International School no dia seguinte gritando, chorando; eu fiquei sabendo que o que ele exigia não era uma indenização, ou que Russell fosse castigado, mas que alguém pedisse desculpas, o encarasse e pedisse desculpas. Não me lembro do que aconteceu além do fato de que as crianças ficaram ridicularizando o fazendeiro falando em chinês falso e debochado, reproduzindo as tagarelices de Jerry Lewis, imitando como o fazendeiro cruzava os braços e recusava-se a ceder até que a polícia o arrastou para fora. (Metade do que saía da boca de adolescentes americanos era esse racismo travestido de fala.) Talvez alguém tenha retirado algumas cédulas multicoloridas de um maço e dito a ele para ir embora; talvez não tenham dado nada a ele; talvez tenham lhe dado uma surra. Garotos são garotos, dizia meu pai. Garotos são garotos, como dizia Confúcio. (Havia piadas intermináveis com Confúcio: Escove seus dentes, como dizia Confúcio etc.) Por outro lado: uma regressão arcaica. Lembro de um confronto entre dois adolescentes locais e alguns Tigers, talvez amigos de Toomey; alguém roubou a bicicleta de alguém, ou foi acusado disso; os detalhes se perderam. Quando Russell e outro Tiger começaram a bater em um dos

taiwaneses, este simplesmente aceitou, abaixando-se aqui e ali, sem jamais revidar. E seus amigos ficaram parados ali, fumando aqueles cigarros locais sabor banana; não só passivos, mas impassíveis. Ninguém ia bater num garoto branco. Aquilo era mesmo uma peça teatral escolar com brancos pintados de amarelo?

Podíamos ir aonde quiséssemos, mas nunca conseguíamos penetrar a imagem de nosso poder projetado e assim, em certo sentido, não íamos a lugar algum; muito do que vi foi através do vidro da janela imperial, que Chang naturalmente mantinha imaculada. Mesmo quando zanzávamos por aquelas ruas que nos diziam para evitar, as pessoas abriam espaço para nós, não queriam problemas. Nem mesmo existíamos na economia; ou nos cobravam pelos bolinhos 500% sobre o preço de mercado ou nos davam de graça. A América era uma gigantesca instituição; não havia o lado de fora. A cada semana que passava, os adultos se afastavam mais de nós. Tornei-me o melhor amigo — amizades que tinham um ar de acampamento de verão, uma intimidade rápida e desesperada — de Frank Selkie, que era muito mais aventuroso do que eu, que até falava um pouco da língua, que, de certo modo, me ajudava a circular pelos lugares. Era um bônus que eu fosse obcecado pela irmã dele: entrando furtivamente no banheiro à noite quando dormia na casa deles para enterrar a cara na toalha dela, respirar o cheiro de seu Prell, a umidade transferida de seu corpo; eu me masturbava no maior silêncio possível, gozando na pia; sempre tinha o cuidado de puxar a descarga para o caso de alguém ter ouvido.

Em pouco tempo, os Selkie tornaram-se a família mais próxima de nós em Taipei; passavam em nossa casa sem avisar, sem que isto significasse que estávamos "recebendo"; ninguém precisava trocar de roupa para o jantar. Em pouco tempo eu nem escondia mais meus cigarros. Era com Eleanor Selkie que meu pai estava quando me flagrou fumando o cigarro de Lin? Eleanor era a amiga mais íntima de minha mãe. Três tardes por semana, elas davam aulas gratuitas de datilografia a jovens taiwanesas. Faziam compras juntas e essas coisas que esposas de diplomatas costumam fazer — lembro que fizeram um curso de

tecelagem em bambu, nossa sala de estar se encheu de cestos. Lin sempre cuidava para que contivessem frutas frescas. Posso ver ainda os caquis na extensa mesa de centro de jacarandá, a mesa que meu pai tempos depois daria para mim e Rachel.

Frank era cheio de energia; convenceu um motorista de caminhão taiwanês a nos dar uma carona até Hsinchu ou outra cidade próxima e tomamos sopa de lula e cerveja em um mercado noturno, depois pegamos carona de volta; se me recordo bem, era possível parar quase todo mundo. Uma vez matamos aula e saímos com alguns pescadores de camarão da baía de Qianshui; o mar estava meio agitado — "turbulência moderada", não muito pior do que o ar sobre o JFK — e passei uma hora vomitando pela lateral do barco enquanto os profissionais fumavam e me olhavam com aquele misto de tédio e fascínio que associo com o público dos zoológicos.

E havia Beitou — Frank e eu pensávamos e falávamos incessantemente em Beitou. As dançarinas de Beitou. Ou Peitou. Ou era outra cidade, ou apenas outro bairro de Taipei. As fontes termais eram famosas, pode-se dizer que eram seu destino, mas todos sabiam que algumas casas de banho eram bordéis onde você podia pagar por uma "folia na água". Frank alegou já ter perdido a virgindade com uma das "mulheres da vida", uma mentira tão patente que nem me dei ao trabalho de contestar. Com mais medo do que excitação, eu sentia que definitivamente tinha de fazer uma visita, que não havia jeito de evitar, que devia a mim mesmo voltar como homem aos Estados Unidos, que esse era o único jeito concebível. Frank e eu fomos pelo menos duas vezes ao bairro para o que decidimos que seria, depois de amarelarmos, um reconhecimento. Ambos estávamos meio pessimistas com a história toda, quase sombrios, como se estivéssemos nos preparando para uma batalha ou para nos submetermos a uma cirurgia.

O acontecimento real, que teve lugar no final do meu primeiro ano letivo, foi nebuloso mesmo na época, graças a uma garrafa de Kinmen — álcool de cereais, que parece solvente na língua. O quarto era revestido de madeira, a cama muito baixa junto ao chão. Um aroma de incenso. A

garota magra, mais ou menos da minha idade, tinha cabelo comprido em um estilo que pretendia ser ocidental, franja comprida, e ela se deitou de costas, de sutiã e calcinha, ambos brancos. Ou estava enrolada numa toalha? Fiquei ali parado, petrificado. Por fim ela se levantou e veio a mim, me deu alguns segundos de sexo oral vertiginoso, depois embarcou numa punheta, com muita naturalidade. Lembro-me de olhá-la de cima, fixado na linha divisória do seu cabelo, no branco do couro cabeludo. Tive receio de estar bêbado demais. Depois, subitamente, percebi que era *eu* gritando enquanto algo parecido com prazer rasgava o meu corpo; fechei os olhos para imaginar melhor Donna. Tinha uma pia em que ela foi lavar as mãos e o rosto. Depois ela voltou para a cama, acendeu um cigarro e fumou enquanto eu dizia sei lá que asneiras em meio a uma onda de alívio e culpa. Falei sem parar. Depois Frank e eu fomos correndo pelas ruas — estava chovendo, ou tinha chovido; escorregávamos na pedra molhada — em êxtase com nosso triunfo. Descrevi em detalhes como a "minha" tinha gritado de prazer enquanto trepávamos.

A culpa foi uma surpresa, pela sua intensidade, o impulso de confessar — confessar à minha mãe especificamente, quem eu pensava que podia me absolver. Todas essas lembranças de me aproximar dela, quase dizendo onde estive, se não exatamente o que tinha feito. Ir até a grande espreguiçadeira verde em que ela se sentava lendo ou fingindo ler. Ficar parado na soleira da porta de seu quarto enquanto ela estava recurvada na escrivaninha endereçando cartões-postais a Bethesda. Houve o sonho em que a garota de Beitou ou Peitou tocava a campainha no meio de um jantar festivo, uma caixinha embrulhada para presente na mão estendida. Lin a deixou entrar, caiu um silêncio. O que tinha ali? Uma aliança de casamento? Sêmen? De algum modo, a culpa bateu em mim pelo que eu sabia, ao menos semiconscientemente, o que estava acontecendo entre meu pai e Eleanor. Eu tinha cometido alguma espécie de erro sexual, estava me tornando um homem, enquanto o homem da casa, ao estilo dos homens, traía minha mãe, que estava doente, que nós estávamos deixando doente. Houve o sonho em que Frank e eu voltávamos à casa de

banho e descobríamos, ao entrar, que era a casa dos meus pais em Chevy Chase, minha mãe ali para nos receber, perguntando se queríamos uma root beer enquanto esperávamos. Por outro lado, eu *queria* que Donna soubesse, achava que isso me tornaria experiente, maduro e misterioso aos olhos dela. Estava cada vez mais obcecado por ela, mas melancolicamente porque era filha de Eleanor; o desejo adolescente sendo capturado em uma rede de relações entrecruzadas cuja sobredeterminação pesava em quase todos os diálogos. E minha mãe e meu pai agora brigavam, nós ouvíamos do segundo andar, vozes elevadas, um copo se espatifando na lareira sem uso. Pergunto-me onde meu pai e Eleanor tinham seus encontros. Em um hotel? Na embaixada? Independentemente do que Donna soubesse — sobre as casas de banho, sobre nossos pais —, ela passou a se interessar por mim, ou a me tolerar, quer ansiasse por gente como Toomey ou não. Uns amassos na plataforma de observação em Bamboo Lake. A luta com seu sutiã no escuro artificial da sala de cinema durante alguma matinê dublada. Talvez *O Monstro da Lagoa Negra*. Deslizei um dedo para dentro dela no banco traseiro do Imperial certa noite, quando estava estacionado na garagem. Donna Selkie, que, dois anos depois da morte de minha mãe, passaria a ser minha meia-irmã quando Eleanor finalmente deixou Jim para ficar com meu pai. Eles se casaram na prefeitura, Frank a única testemunha. No ano seguinte, conheci Jane.

Um dos aviões que sobrevoavam em círculos o JFK esperava para pousar em 1961, a primeira vez em que me aproximei da cidade pelo ar, minha cabeça com o cabelo à escovinha encostada na janela oval, a vibração do vidro gerada pela hélice; os soviéticos tinham acabado de detonar a Tsar Bomba, a maior explosão já feita pelo homem, todas as nuvens me pareciam nuvens de cogumelo. E um dos aviões que sobrevoavam em círculos esperava sua vez no inverno de 1991, a última vez em que fui de avião à cidade, o fumo a bordo recentemente proibido, eu sentado entre Jane e Adam, Sima e sua família duas fileiras atrás, bombardeio aéreo no

Iraque em seu vigésimo dia. Uma nota do perfume de Sima, se fosse perfume, algo detectável mesmo no ar viciado e enlatado do avião: sândalo, chuva. Uma pequena assinatura flutuante de outro mundo. Vê-la passar por nossas poltronas a caminho do banheiro enquanto o avião sacudia, como a turbulência não afetava em nada a suavidade de seu andar. Seus braços, em vez de ocupados no esforço do equilíbrio, estendidos na nuca, confirmam a presença do pingente, ajeitam-no um pouco. Era uma moeda antiga, talvez grega, um dracma de ouro, mas em geral ela escondia o pingente nas costas, pouco abaixo da nuca, e assim parecia que usava apenas uma correntinha. Quando ela falava, podia estender a mão atrás da nuca, trazê-lo para a frente; se estivesse falando de algo intenso, íntimo, ela podia, sem pensar, obedecer a um impulso pueril, levá-lo à boca, morder suavemente, como se examinasse o metal. Talvez isso só tenha acontecido uma ou duas vezes; talvez eu tenha repetido a imagem em minha cabeça.

A mudança ocorreu logo depois da publicação do livro de Jane, no campus da Fundação. Passei por Sima — eu tinha acabado de sair de uma reunião com o dr. Tom — sem dar por sua presença ali, fumando em um banco de frente para a torre do relógio, e ela pronunciou meu nome. Falou baixinho, como se me desse permissão para fingir não ter escutado. E eu entendi, de imediato, que não devia me virar; uma sensação no fundo do estômago, em parte ansiedade, em parte excitação sexual; uma voz suave em minha mente dizendo: "Não." Não o quê? Ela era a melhor amiga de minha mulher; nossas famílias passavam juntas a maioria dos fins de semana; já conversamos mil vezes. Ela era inegavelmente bonita, mas não existia nenhuma eletricidade em particular; não éramos compatíveis; ela era uma psicanalista refinada que escrevia sobre Wilfred Bion; eu era um especialista em garotos perdidos.

Não existia eletricidade até existir; sentei-me e batemos papo, mas agora os poucos centímetros que nos separavam eram todos pura estática; minha imaginação, não, minha consciência da coxa de Sima por baixo da seda branca de sua calça; eu mal conseguia olhar para ela; olhava fixamente a torre do relógio, as árvores, cada folha mais

nitidamente delineada do que alguns minutos antes. O conteúdo da conversa — acho que durou uns vinte minutos — se perdeu, mas foi a primeira vez que notei que ela alcançava o pingente nas costas e o trazia para a frente. Isso marcou uma diferença, sinalizou uma mudança. E esse foi o começo de tudo, de nossos encontros, nossas caminhadas pelo campus. Privadas, mas à vista de todos.

No início, Eric era o tema, provavelmente porque isso era seguro e inseguro ao mesmo tempo, um reconhecimento de nossa relação delimitada e um desafio. "Já te contei sobre quando nos conhecemos, que a namorada dele, que me conhecia um pouco de um curso que fizemos juntas e sobre o qual em geral discordávamos, um curso de psicanálise e literatura, bêbadas em uma festa da pós, os dentes dela manchados de vinho tinto, insistia sem parar que eu estava flertando com ele (uma bela expressão, já anacrônica na época); na verdade, eu mal reparei nele, certamente não tinha interesse sexual. Mas a namorada estava tão bêbada e era tão insistente que ele veio até mim, depois ela foi embora em um acesso de raiva com amigos para se desculpar; foi como tudo começou." Qual era a moral da história, o motivo dessa pré-história? Que a ligação dela com Eric era tênue, fundamentada em falso reconhecimento? Que todo desejo em algum sentido lacaniano envolve erros de identificação? Que as pessoas projetam seus próprios medos e desejos em Sima? Eu não era de ruminar, de ser apanhado em espirais analíticas, mas uma hora com Sima fomentaria 72 horas de pensamento obsessivo. Certa vez tarde da noite, quando Jane ligou para Eric com uma pergunta médica a respeito de Adam, percebi como minha consciência estava do lado errado dos trilhos: eu estava com minha mulher e meu filho, mas minha mente imaginava Sima semidesperta ao lado de Eric, o seu cabelo solto no travesseiro, os lábios ligeiramente entreabertos, a curva onde o ombro encontrava seu peito.

Meu papel era ouvir. Ela ouvia a todos os outros, mas falava comigo; era este supostamente meu dom, fazer as pessoas se sentirem ouvidas, mas isso era mais complicado, envolvia transferência, transgressão: ela falava com Klaus por meu intermédio, talvez o desejasse por meu

intermédio, um corpo da idade dela. Eu podia sentir isso. E ela me dizia o que sentia que não podia contar a Jane e, ao me convidar para a intimidade, punia Jane por este sentimento. Depois que suas "consultas" situaram Sima como a terapeuta, Jane como a paciente, ficou impossível para Sima compartilhar, como fazia no passado, sua própria experiência emocional com Jane. Sima se ressentia disso, mesmo que fosse em parte culpa dela própria. Essas conversas sobre o pai de Jane despertaram alguma coisa da relação conturbada da própria Sima com o pai; Jane era a pessoa com quem, no passado, Sima teria confidenciado aqueles mesmos sentimentos. Podia ficar tudo bem, elas um dia talvez recuperassem o que se perdeu, se Jane não tivesse ficado famosa. Mas quando o livro decolou, Sima sentiu que fora sacrificada; havia desaparecido no papel de terapeuta para ajudar Jane a se curar, e enquanto isso Jane adquiria o tipo de fama que podia ter importado enfim a seu próprio pai. Ela estava com inveja, disse Sima, do fato de Jane ter alguém como eu — alguém que sabia ouvir, que sabia lidar com os sentimentos, enquanto para Eric tudo era dopamina e serotonina. Você só precisava chegar ao equilíbrio químico certo, encontrar a pílula mágica. Por isso o pai de Sima tinha aprovado Eric ("Eric foi a única decisão que tomei que meu pai apoiou, uma das poucas que ele pareceu notar"); isto é em parte o motivo para o casamento dos dois estar cada vez mais distante.

Eu via essa dinâmica, pensava que vê-la me protegia de algum modo, e esse é o erro estúpido que os psicólogos cometem, um erro típico da Fundação: pensamos que se tivéssemos uma linguagem para nossos sentimentos, poderíamos transcendê-los. O mais frequente era que nós os alimentávamos. Eu podia explicar nossa catexia mútua em relação ao sucesso de Jane. Podia explicar meu investimento súbito e forte em Sima como uma repetição do comportamento de meu pai. E eu tinha de reconhecer e repreender a mim mesmo porque, se traísse Jane, minha traição a Rachel formaria parte de um padrão mais do que indicaria uma simples correção de curso. Talvez eu fosse um homem que procurasse mães substitutas, depois as deixasse, como meu pai. (Nós os visitávamos,

meu pai e Eleanor no Maine, e eu jamais mencionava minha mãe, não conseguia me obrigar a dizer seu nome, como se seu nome fosse câncer.) Em pouco tempo Sima e eu estávamos processando a sobredeterminação de nossa relação durante o almoço, depois nos encontrando na mesma tarde para processar o almoço em uma caminhada. Escondendo tudo, mas sem esconder nada. Jane em geral estava viajando por conta do livro. Eu largava pistas — voluntária e involuntariamente — para Jane sobre a nova intimidade com Sima e depois ficava furioso porque ela não parecia se preocupar (uma fúria que eu ocultava). Depois ficava furioso quando ela parecia se preocupar: É sério que você está insinuando que eu etc. Em pouco tempo, Sima estava passando em meu consultório quando sabia que eu estava livre. Nossa primeira porta fechada. Para o mundo todo, estávamos em consulta. E então, um dia, ela fica olhando pela janela, falando de um filme que tinha visto, que quer vê-lo comigo, leva o pingente aos lábios. E talvez venha a ser esse o dia em que vou me levantar e me aproximar dela. Fecharei as venezianas. Vou me apertar contra ela por trás. Tirarei o pingente de sua mão, de sua boca, o rodarei e depois puxarei um pouco, a fina correntinha fazendo pressão. Para evitar o risco de ela se partir, ela inclinará a cabeça para trás e neste momento vou beijá-la, passar minha língua em seus dentes.

Mas o telefone toca, o telefone tocou, e acabou, instantaneamente, tudo entre mim e Sima. Passei a maior parte do tempo em que ele ficou inconsciente rezando pelo perdão em uma cadeira plástica estofada de hospital: se alguém na família tem de morrer, que seja eu; se Adam ficar bem, prometo que nunca serei distraído de minha mulher e meu filho de novo; jamais, nem por um instante, vou me ressentir de Jane por seu sucesso. Não me tornarei um daqueles Homens, não deixarei que ele vire um deles; deixe que ele fique bem e vou me comportar. Pedindo o perdão não de Deus, mas de minha mãe. E quando Sima visitou o hospital no dia seguinte depois do longo pesadelo e ela e Jane se abraçaram, fiquei admirado de como foi inteiramente erradicada a energia entre nós. Ela e Jane foram jogadas de volta à posição correta, eram grandes amigas de novo. Eric nos tranquilizava; ficamos agradecidos por sua frieza, a

competência, a confiança. Éramos um quarteto que se apoiava mutuamente, concentrado em nossos filhos. Adam — que começava a se lembrar quem cada um de nós era — me deu um chiclete da embalagem de cartões de beisebol que Jason tinha trazido como presente. Aceitei o chiclete como uma hóstia, algum sinal de absolvição, uma nova resolução.

Depois disso nunca ficamos a sós juntos, cessaram todas as nossas conversas. Desejo e culpa pelo desejo retornariam, mas apenas em lampejos, não como uma obsessão. E então a eletricidade estava presente de novo. Uma alteração involuntária no campo eletromagnético que cercava meu corpo. Talvez tivesse relação com outra queda: Klaus, nosso pai substituto, que fez de Sima uma versão de Donna, caiu escada abaixo. Um quadril fraturado, uma concussão bem leve. Talvez o que agitou as coisas tivesse relação com o modo como eu procurava os parentes de meu lado materno, muitos na Rússia, tentando reconectá-los com aquela parte de minha história. Talvez tivesse relação com mil coisas, inclusive que uma interpretação de apetite básico e bruto obscurece tanto quando esclarece. A coceira do ano *X*. Uma crise de meia-idade. Mas em 1991, quando ela retornou à sua poltrona durante a turbulência e abriu seu sorriso perfeito ao passar por nós, senti uma onda de terror e desejo. Uma nota distante de jasmim em seu rastro.

Bom, pessoal, da cabine do piloto, porque nada pode acontecer em uma viagem de família, algo aconteceu. Foi um dia depois de Adam ter mandado Jason para a emergência. Foi o dia da noite em que Jane e eu saímos para jantar, como Eric e Sima tinham saído para jantar na noite anterior. Eu comprei — deve ter sido ideia de Jane — algumas coisas na farmácia para o hotel deles: um creme relaxante que as enfermeiras recomendaram, uma bolsa de gelo. Jane deve ter telefonado para eles dizendo que eu chegaria, confirmando que estávamos por perto. Sima atendeu ao telefone quando me anunciaram da portaria e me disse para subir. Quando a porta se abriu, descobri que ela estava sozinha. Com Sima era impossível saber quando ela estava vestida para sair; sempre estava "composta", uma palavra que minha mãe usava ao falar de

mulheres que ela admirava; estava de brincos, crescentes lunares de ouro, numa referência muda à estampa de sua saia. Esse não é o tipo de coisa que eu notaria, mas ela aumentava minha sensibilidade. Estava composta, sempre preparada, mas por baixo disso, um rio de energia desenfreada. Ou talvez eu, como todos os outros que ficaram fixados nela, só estivesse projetando meu próprio desejo desestabilizador. A postura e a elegância faziam-na parecer mais adulta do que todos nós, como se só estivéssemos brincando de ser adultos, mas a subcorrente sexual ameaçava toda a nossa rotina de calmaria; ela parecia ao mesmo tempo mais velha e mais nova do que eu.

Sima não disse nada sobre o paradeiro de sua família. Nem me convidou a entrar, nem deu a entender que eu fosse embora. Não fechamos a porta. Era uma forma de negar o que estava acontecendo no momento em que acontecia. Havia um carrinho de camareira abandonado, como um carrinho de bebidas de companhia aérea, como o carrinho de Lin, perto de nós no corredor acarpetado. Alguém apareceria a qualquer momento e precisaríamos nos separar imediatamente; então isso limitava tudo. E a limitação permitia tudo. A precaução coexistia com um sentimento de pleno abandono. Como se estivéssemos em nossos corpos e ao mesmo tempo flutuando acima deles. Eu estava consciente da sacola plástica da farmácia, onde a havia largado no chão, uma leve consciência amarrava-me à realidade enquanto minha língua passava por seus dentes, em sua orelha, tirava o sal do seu pescoço. Será que ela sabia que Eric e Jason estavam longe? Ou queria ser descoberta, fazendo toda a estrutura sobredeterminada desabar sobre nós? Em 1961, e 1991, eu tinha meus dedos dentro dela, nenhum pelo pubiano saindo pela seda. O calor me chocou. Era a justificativa da própria coisa. O desejo era tão intenso, referido, como falam da dor referida; ela me agarrava através dos jeans, mas o prazer, embora prazer seja a palavra errada, se distribuía por todo meu corpo, uma receptividade que sempre associei, correta ou incorretamente, com as mulheres. Talvez eu me sentisse como uma mulher, como Jane, como se Sima e Jane fizessem contato por meu intermédio. Como o som que indica que o comandante

acendeu o aviso do cinto de segurança, o sinal sonoro do elevador chegando no andar. Nós nos separamos e ela entrou no quarto, no banheiro. Na mesma hora eu a segui mentalmente; trepamos no boxe, nos ladrilhos pretos e brancos. Mas fiquei imóvel. Depois peguei a sacola plástica, coloquei na cama e fui embora.

Jane e Adam estavam em nosso quarto de hotel; Adam assistia a um jogo de futebol, Jane fingia ler. Eu os cumprimentei e disse a Jane que ia tomar um banho e me arrumar para sairmos. Entrei no boxe e me masturbei. Depois sentei-me na banheira, como fazia quando estava de ressaca ou enjoado, esperando chorar. Em vez disso, um riso incontrolável saiu de mim, como em um sonho angustiado: eu me masturbava como um adolescente enquanto meu filho protoadolescente estava no cômodo ao lado. Eu tinha chegado à terceira base. Fiquei louco para contar a Frank Selkie, que morreu em 1988. Fiquei louco para contar ao *men's group*. Mas seria difícil contar à minha mãe, à Eleanor ou à Rachel, embora eu *quisesse* que Donna soubesse.

Jane e eu fomos ao Met. O odor e o sabor de Sima estavam em meus seios nasais, não seriam desalojados. Eu tinha consciência de que falava como um maníaco, dizia insistentemente a mim mesmo para reduzir o ritmo ou me calar. Vi-me descrevendo a Jane o único filme existente de minha mãe. Kodachrome, 1960. Ela estava montada num cavalo, ou talvez fosse um pônei. Era em algum festival ou feira nos arredores de Taipei. Lembro claramente de ter feito esse filme, expliquei a Jane. Foi a primeira vez na vida em que segurei uma câmera. Lembro dele como a origem de meu interesse por essa mídia. Mas só alguns meses antes, eu disse a ela, encontrei os rolos no sótão e os levei à Fundação para assistir. Era como eu recordava, só que em cores desbotadas, e não em preto e branco; mudo, é claro. Ela estava sorridente, meio desequilibrada, o vento soprava seu cabelo no rosto, o pônei ou cavalo pequeno, já desanimado, sendo levado por uma fita comprida e roxa. Lembro do peso da câmera em minha mão, de tentar mantê-la firme; lembro de chamar por ela enquanto filmava, conseguir que ela olhasse para o meu lado. Ela olhou e acenou. Mas de repente um adolescente aparece na cena, parece dizer

algo à minha mãe. E enquanto eu o via sair do quadro, percebi que ele era eu.

Fomos liberados para pouso em 1999, a mulher ao meu lado ainda roncando em seu sono, sua poltrona ainda reclinada apesar do alerta de retorná-la à posição vertical, Adam, com 20 anos, desmaiando ou à beira de um colapso abaixo de nós em Nova York, que é um logaritmo de outras cidades, outras épocas. A princípio relutei em pegá-lo, levá-lo para casa; tive medo de estarmos passando a mensagem errada, deixando de respeitar sua competência, fazendo-o sentir que não conseguiria ser aprovado naquele semestre, ou que Jane e eu duvidávamos de que ele conseguisse, mas, enfim, só estávamos preocupados demais — apavorados é a palavra certa — com a gravidade do seu acidente para nos importar com o sinal que enviávamos; nós o queríamos à nossa vista.

Ele nunca havia se estabelecido em Nova York; mesmo antes de seu rompimento, de seu colapso, havia algo um tanto maníaco em sua voz. Natalia fora passar o semestre em Barcelona, e ele decidiu, em lugar de ir ao exterior por parte de seu primeiro ano, que passaria o outono na Universidade de Columbia — tinha amigos lá e queria estudar com os poetas, talvez encontrar um jeito de conhecer alguns de seus heróis literários; provavelmente ele também tinha medo de deixar sua língua materna. Ele e Natalia continuariam juntos e, assim que o semestre terminasse, a encontraria na Espanha, viajaria por lá um pouco, viraria o novo milênio no Velho Mundo, fogos de artifício na Nova Icària ou coisa assim, e depois eles voltariam para Providence.

Adam subestimou o passo que seria viver um semestre em Nova York — sem Natalia como força estabilizadora —, seria como sair de casa de novo. Eles ficaram envolvidos demais no primeiro ano; ela era sua família substituta. Ele não tinha uma experiência verdadeira da cidade, o que é esmagador, em particular para quem foi criado em Topeka. A bipolaridade do lugar: plenitude cintilante num instante, um abismo no seguinte. Seu profundo e solene desprezo. E o relacionamento deles fora

confuso, como é comum entre universitários; ele ia para casa nas férias (quanto mais cara a faculdade, mais longas as férias), envolvia-se com ex-namoradas; Natalia esperava que ele amadurecesse. Depois ela foi à Espanha e não quis mais esperar; apaixonou-se por um espanhol, algum músico, um astro do rap underground ou aspirante a isso, mudou-se da casa da família que a hospedava para o apartamento dele. Imaginei uns baseados em uma pequena sacada de ferro dando para uma rua estreita. A rigidez dos lençóis secos em varais que atravessavam pátios internos. Aquela bebida que eles bebiam: Coca-Cola misturada com vinho tinto.

Ela ainda não contara a ele sobre o cara, talvez na esperança de que ele se interessasse por alguém em Nova York, terminando com *ela*, talvez pensando, pelo menos no começo, que ela simplesmente largaria o espanhol à medida que o semestre se aproximasse do fim e a vida real se reafirmasse. Mas algumas semanas antes do final do período, antes do fim do milênio, antes de Adam ter de pegar um avião para Barcelona, ela lhe mandou um e-mail: Não venha à Espanha; não tenho sido franca com você; estou apaixonada por um homem e moro com ele; sempre gostarei de você, mas é melhor que não voltemos a nos falar; não voltarei para os Estados Unidos.

Quando nos ligou da primeira vez de um telefone público na Broadway — minutos depois de ter recebido o e-mail, que ele leu no saguão da academia de ginástica da Columbia, onde havia alguns computadores —, ele estava em choque. Dá pra acreditar nessa merda?, ele não parava de perguntar; evidentemente, não conseguia. (O fato de esta história ser a mais prosaica do mundo, um relacionamento entre universitários naufragando em decorrência de um romance no exterior, é irrelevante; nada é um clichê quando é você quem o vive.) Jane e eu estávamos ambos ao telefone — ela em seu estúdio, e eu na cozinha — e repetíamos o quanto lamentávamos. Perguntei o que ele ia fazer pelo resto do dia, e ele disse: Preciso localizá-la, argumentar com ela. (Que ele nem tivesse como falar com ela, que só tivesse o número da família que a hospedou, não pareceu lhe ocorrer.) E naquela mesma noite, ele explicou, ele devia comparecer a uma grande leitura de poesia no centro cultural

92Y; seu professor, um poeta de nome Stoke, ou talvez Coke, faria a leitura, e também John Ashbery, o herói de Adam. Havia uma possibilidade de ser convidado para o jantar depois; esse era o tipo de coisa com que sempre sonhou quando optou por Nova York. Dissemos a ele para nos telefonar mais tarde, aguentar firme, que estávamos por perto, e desligamos, e em seguida subi até o estúdio de Jane para processar a novidade de que ele estava levando tudo surpreendentemente bem.

Quando cheguei ao seu estúdio — menos de meio minuto depois —, o telefone voltou a tocar. Jane atendeu, disse alô, depois, audível mesmo de onde eu estava, na soleira da porta: choro. O que vou fazer, eu a amo, preciso dela, eu a odeio, ela que se foda etc. Fiquei parado ali enquanto Jane fazia tudo o que convinha à situação: ouvia, não minimizava, mas dizia palavras encorajadoras sobre a força dele, sua rede de apoio. Depois desci para o telefone da cozinha e me juntei à conversa. Será que alguma vez eu o ouvi tão perturbado? Eu o imaginei desesperado e descontrolado na Broadway com suas roupas de academia, alheio ao frio, embora minha imagem da rua viesse de minhas Nova Yorks do passado. As precipitações de neve de 1969. Um exemplar de *Sportsmanlike Driving* em uma pilha próxima de livros descartados.

Por fim Adam se aquietou, o que não significa que tenha se acalmado. Perguntei se ele ainda compareceria à leitura no 92Y e ele disse que duvidava disso, duvidava que pudesse se recompor; eu disse que achava que talvez fosse uma boa ideia, mesmo que estivesse só cumprindo uma formalidade, que se ativesse ao que havia programado, que tentasse se permitir uma distração, talvez isso fosse útil. Conhecíamos um dos seus amigos da Columbia, Dan, que se hospedara em nossa casa por uma noite quando atravessou o país de carro no verão anterior — e pedimos a ele que por favor entrasse em contato com Dan para que o acompanhasse à leitura. Também pedimos que ficasse longe de qualquer substância, drogas ou álcool, enquanto vivia esse choque; ele disse que ficaria. Por fim Adam disse que precisava ir — sem dúvida ia começar a ligar para Barcelona, apesar da inutilidade dos telefonemas — e dissemos que

estaríamos em casa a noite toda, que podia ligar a qualquer hora, mas certamente queríamos ter notícias dele antes de ele ir dormir.

Estávamos preocupados, mas não *tão* preocupados; sabíamos que a cura podia ser um processo longo, mas nós — ou pelo menos eu — achávamos que ele se recuperaria bem rápido; afinal, só decidira se comprometer com Natalia quando ela estava de partida; obviamente ele era ambivalente com a questão de uma relação de longo prazo aos 20 anos de idade. Por volta dessa idade eu havia perdido minha mãe e me casado com Rachel. Mas quando ele ligou algumas horas depois, não gostamos de como o seu discurso se tornara confuso e fragmentado.

Pelos fragmentos, formou-se uma montagem em minha mente. Ele sai de Morningside Heights para a leitura, esquecendo-se do casaco de inverno no quarto, atravessa o parque com Dan enquanto anoitece. Há cadeiras perto da frente reservadas aos alunos da turma de poesia, então ele e Dan se sentam bem próximo do palco. O lugar está lotado. Seu professor, Coke, está escalado para ler primeiro; Ashbery irá apresentá-lo; depois Coke apresentará Ashbery. Antes da leitura, Adam tinha trocado de roupa, lavado o rosto, estancado as lágrimas; embora sinta o estômago embrulhado desde que recebeu o e-mail, ele consegue, mesmo que brevemente, e à distância, animar-se um pouco com a circunstância — aquela oportunidade de ouvir o grande homem e talvez até conhecê-lo.

As luzes da casa, as luzes da cabine, diminuem, sinalizando o início do evento, vamos iniciar a descida. E no escuro, no silêncio da expectativa, Adam começa a perder o controle de novo; sintomas de pânico indistinguíveis dos sintomas de enxaqueca; sua mão direita fica dormente, a língua parece pertencer a outra pessoa, ele acha que vai vomitar. Precisa falar com Natalia. Tenta um pouco de biofeedback para aquecer as mãos, em vão. Ashbery agora está no palco, dizendo boa noite, apresentando o programa. Adam precisa sair dali, é lutar ou fugir. Ele se levanta, um rangido alto de sua cadeira, precisa atravessar um emaranhado de pernas, mais barulho quando as pessoas se deslocam para dar-lhe passagem. Precisa passar bem junto do palco. E é quando Ashbery para, faz uma piada inofensiva ("Tão ruim assim, é? Espere só

até ouvir nossos poemas") e todos na plateia riem. Do meu filho. Riem do seu fracasso de sair dali; riem porque a alma gêmea dele está na garupa de uma moto em Barcelona naquele exato momento, agarrada ao homem dela, o homem de verdade com quem ela está fodendo, uma pílula mágica inundando o cérebro dela de serotonina enquanto os dois costuram pelo Barrio Gótico; riem da ideia de que ele pode um dia até se dar bem em Nova York, seja lá o que isso signifique para um poeta, ser um escritor modernoso ou sofisticado, deixar a proteção de sua mãe, da mamãe, da mamãezinha.

O ar frio faz bem a seus pulmões, o vento arde onde seu rosto está molhado do choro. Sem esperar por Dan, ele volta a pé para a Columbia — parando no caminho para telefonar para a Espanha de uma cabine telefônica na Madison, embora esses telefonemas só consigam acordar a cada vez mais zangada mãe anfitriã; nas duas primeiras vezes em que ele ligou, perguntou por Natalia em um espanhol capenga; agora simplesmente desliga; são seis horas a mais em Barcelona. Podiam muito bem ser sessenta anos; é um mundo do qual ele foi subtraído. (Veja-o xingando, chorando, batendo no banco de metal com o fone de plástico preto.) Qualquer conversa que entreouve nas ruas, até a música dos carros que passam, parece uma piada feita à custa dele. Em qualquer outra noite, Adam estaria, embora não confessasse, com medo de andar pelo Central Park no escuro, embora provavelmente isso fosse muito mais seguro do que dirigir por Topeka com seus garotos perdidos armados, mas agora ele é indiferente a qualquer coisa que possa lhe acontecer; se alguém aparecesse para esfaqueá-lo ou lhe dar um tiro, seria um alívio; não só acabaria com a agonia, mas também puniria Natalia, que nunca se perdoaria, que perceberia o erro terrível que tinha cometido. As próprias árvores conspiram contra ele, no vento que balança as folhas o prolongamento dos risos do 92Y, mas Adam não encontra nenhum viageiro simpatizante. Não passa por nenhum hotel ou taverna, ninguém lhe joga uma moeda de uma carroça de feno para ele poder parar e se alimentar de pão ou cerveja. Começa a chover, depois chuva e geada se alternam.

Ele nos telefonou quando voltou ao dormitório, ao seu quarto no nono andar. Paredes nuas, livros e roupas espalhados pelo chão. Depois de nos contar sobre a leitura, foi alternando raiva e tristeza. "Vou à Espanha como o planejado, trazê-la para casa, não tenho medo desse cara" etc. Depois: "Mãe, eu a amo muito. Não consigo lidar com isso. Preciso que isso pare." Adam, está pensando em fazer alguma besteira consigo mesmo?, perguntei, eu fora treinado para fazer perguntas. Não, disse ele, sem hesitar, mas sem nenhum "é claro que não", nenhuma ênfase tranquilizadora. Dessa vez Jane e eu estávamos no quarto e Adam no viva voz. Eu imaginava a versão infantil dele sentado na cama entre nós, mas teria me contentado com 1997, o mundo todo ainda à sua frente. Sabíamos, pela natureza das pausas, quando ele fazia uma pausa, que estava fumando um cigarro, cigarros, um após o outro. Aqueles cigarros de banana de Taipei. Depois, as guinadas entre a raiva e a angústia e a incredulidade aconteciam em frases isoladas, pontuadas apenas por soluços: "Espanha eu vou para lá é um aperto no meu coração que não vai parar de apertar ela vai ouvir a voz da razão não vai isso não está acontecendo." Cascatas desse discurso. E ele respondia cada vez menos a nossas perguntas ("Onde está Dan?"; "Você jantou?"; "Acha que pode ajudar se tentar uns exercícios de respiração?"; "Você quer que a gente marque uma consulta com o dr. Erwood para amanhã?"; era como se fôssemos adultos naqueles desenhos animados do Peanuts.) E depois ele disse que achava que estava sendo castigado. Castigado pelo quê?, perguntei. Por Darren Eberheart. Por Mandy. Natalia é só parte disso, ele soluçou. Meu amor, disse Jane, você é uma pessoa maravilhosa e não está sendo castigado por nada. Você está passando por uma separação, por uma traição grave. O importante agora é que se concentre em respirar e deixe-nos acalmar você.

Mas ele continuou, agora era menos sobre Natalia e mais sobre a falta de sentido de tudo, frases soltas de suas leituras acadêmicas entrando em sua voz. Dizia insistentemente "razão instrumental", o que me parecia procedente porque eu achava que a música de sua linguagem estava subjugando o seu significado. A certa altura era como se estivesse falando

versos sem sentido algum. Todo o seu vocabulário colidia e se recombinava, suas coisas de garoto durão de Topeka, o debate acelerado, a linguagem que ele retirara de alemães deprimidos, de seus poetas experimentais, a terminologia habitual das dores de amor. E algo que se aproximava da fala infantil, da regressão. Mas não estava matraqueando sons sem sentido em nosso quarto em Topeka, eu o imaginava com grandes fones de ouvido em Nova York recebendo 180 palavras por minuto em seu ouvido esquerdo, os mecanismos da fala à beira do colapso. Jane assumia a liderança, tentava interrompê-lo, o redirecionava, enquanto ficávamos nos olhando alarmados, impotentes. E então Jane disse o nome dele com firmeza, e ele parou, voltou a si (voltou de onde?):

— Que foi? — perguntou Adam.

— Estou com dificuldades para te ouvir — respondeu ela. (Eu a olhei confuso; podíamos ouvi-lo em alto e bom som.) — Desculpe — disse —, mas a ligação não está boa. Existe outro telefone de que possa ligar para cá?

— Como assim? — disse Adam, confuso.

— Tem muita estática, a voz está cortada demais.

— Talvez seja a tempestade — disse Adam, a chuva aparentemente agora era forte em Nova York.

— Tem algum telefone público perto do dormitório? — perguntou Jane, e então eu entendi o que ela estava fazendo, e essa compreensão me tirou o fôlego.

— Acho que tem um no porão, perto das máquinas de lavar — respondeu Adam. Perto da parede de cobre. — Mas vou falar mais alto — disse ele, e falou.

— Desculpe, não conseguimos te ouvir — disse Jane, como costumava fazer com os Homens. — Terá de nos ligar de novo do porão.

— Tudo bem. — Adam tentou se recompor. — Tudo bem. Ligo de novo daqui a alguns minutos.

Ele desligou o telefone, pegou as chaves e os cigarros e saiu de seu quarto no nono andar, a janela aberta para a tempestade. Sem perceber, ele passou pela soleira em que aconteceu o que aconteceu entre mim e

Sima e entrou no elevador. Eu viajava furiosamente até ele no escuro. Estava no avião, enfim liberado para pouso, um clarão de luzes distantes. As portas de metal se fecharam, o trem de pouso foi aberto e fizemos nossa descida em primeira e terceira pessoas, juntos através das nuvens. Jane nos convenceu.

Do teto pendia uma bola giratória cuja superfície eram mil facetas espelhadas lançando luzes ovais coloridas pelas paredes e pelo piso de cimento e pelos corpos dos patinadores que circulavam pelo rinque ao som ensurdecedor de músicas pop. Em volta do pescoço algumas garotas usavam tubos plásticos com substâncias verdes e brilhantes. Patinadores que descansavam ou aqueles receosos de patinar ingeriam açúcar de pacotinhos em forma de canudo ou comiam fios de caramelo em cones de papel branco. Supervisores da escola deveriam estar ali no escuro vigiando a Festa de Patinação do Inverno da Randolph Elementary Intermediate, mas as crianças não conseguiram detectar a presença deles e seus pais ou responsáveis apenas as deixaram lá no Starlite Skate Center a noroeste da cidade. Lá fora, no amplo estacionamento, a neve caía nos poucos carros estacionados.

Embora você possa esperar encontrar um Darren mais novo sozinho na área de concessão invejando os patinadores mais velozes enquanto eles passavam, na verdade, ele é um deles, o equilíbrio mantido sem esforço visível, passos largos, fortes e fluidos. Ele sabe fazer um spin *com os dois pés, um* spread-eagle. *Depois de aprender com um vizinho que lhe deu de presente um par de patins pretos Chicago quando ele era pequeno, Darren a esta altura tem uma tranquilidade e ritmo inacessíveis quando seus calçados não estão equipados com rodas. Um leve pressentimento de que aquele talvez seja o último ano em que pode ser bacana patinar confere a ele agora uma elegância e uma coragem a mais.*

Há frutose fluindo pela corrente sanguínea deles e música alta o bastante para registrarem o contato e a concretude do piso que cruzam deslizando no escuro traspassado de efeitos de luz. Quando uma patinadora novata tropeça, ela pode segurar a sua mão. Risco e mistério e violência, a memória coletiva da tentativa de Nick Dewey de dar uma espécie de salto giratório no ano anterior, como as luzes mundanas se acenderam e o revelaram de cara no chão e imóvel, arquejando

quando os adultos o viraram. Depois há a tensão entre a continuidade fluida da patinação e a discrição do compasso 4/4 da música pop, uma incomensurabilidade que intensifica a histeria sexual bestial, porque o que poderia conciliar o ritmo repetitivo e a pura lubricidade senão trepar, um ato que transcende a imaginação jovem?

O que Darren lembra desta noite devido à sua intensidade simultaneamente em primeira e terceira pessoas é do Snowball, um evento assinalado pelas luzes dispersas apenas no espectro do branco. Pelo sistema de som vem a voz do DJ, indistinta se estiver ao vivo ou numa gravação, instruindo as meninas a formarem uma fila de um lado do rinque, os meninos, do outro. Nos anos anteriores, Darren, como muitos garotos impopulares, nesse momento sairia do rinque e iria comprar doces ou uma bandeja plástica de chips de tortilha com uma poça de queijo amarelo e líquido e esperaria que retornasse a patinação livre. Mas dessa vez, talvez sentindo admiração por sua patinação, Darren entra na fila junto da parede. Quando a voz do DJ grita, "Snowball", ele patina imediatamente na direção de Jessica Baker e segura sua mão, o que ela aceita sem se retrair. Lentamente eles circulam juntos com "Lady in Red" até que a voz do DJ grita de novo, "Snowball", dando a deixa para uma troca de música, "I Want to Know What Love Is", e antes que ele consiga decidir de quem pode ir atrás, o próprio Darren foi escolhido por Morgan Jensen. O quanto ela depende inteiramente dele para os movimentos dos dois, o suor das palmas das mãos se misturando. Show me love is real, yeah / I want to know what love is.

E então, quando ele se vê em um porão mal-iluminado que cheira a marijuana, cerveja e areia de gato, o baixo vibrando no seu peito, e o mestiço Davis empurra uma caloura bêbada para ele dizendo, Darren, essa gata tá a fim de você, Darren, vai nessa, e a gata, que se aproxima da incapacitação, joga o braço em volta dele falando arrastado, E aí, gato, é Starlite, Darren se lembra, a última vez em que ele foi descolado ou escolhido. Se agora os açúcares estão fermentados e a violência é deliberadamente infligida e os pais estão fora da cidade e alheios, ele estaria errado de sentir a continuidade, que mesmo parados ali de pé eles estão se movendo rapidamente sobre uma superfície dura? Beije a garota, cara, beije, diz Davis, mas Darren apenas sorri, bebe de seu copo de plástico vermelho e ajeita o seu boné novo do Raiders que ele comprou no West Ridge Mall.

O uniforme de Darren mudou. No West Ridge, na JCPenney, onde sua mãe o deixara e o apanhara depois, ele também comprou duas calças jeans baggy pretas de boca larga e vários moletons de capuz de cor sólida, o pequeno logotipo da Nike acima do coração. Na Foot Locker ele pensou em comprar um Air Jordan IX e uma Timberland marrom, mas isso apesar do dinheiro de Natal de sua mãe eliminaria suas economias, e a sua bota ainda representava para ele uma espécie de prontidão para o combate de que ele não conseguia se separar.

Quando ela cortou o seu cabelo, a pedido dele, até cerca de um centímetro, um lençol jogado em volta do corpo à mesa da cozinha de madeira clara, a sra. Eberheart quase se convencera de que o interesse maior de Darren pela aparência indicava apenas uma nova maturidade. Mesmo que ela pudesse ver que seu estilo estava meio por fora, era diferente do pessoal local: o cinto trançado bege e fino que ele usava para segurar as calças arriadas, por exemplo, de algum modo constituía menos uma decisão ruim isolada do que uma profunda incompreensão do jogo de linguagem em que ele tentava fingir fluência. Mas Darren tinha uma aparência melhor, mais velho e mais novo ao mesmo tempo, parecia ter mais a sua idade. E quando você busca seu filho que alucina intermitentemente incrustado de suor e terra e vômito a trinta quilômetros de sua cama, você fica aliviada quando a mudança subsequente mais imediata em seu comportamento é se vestir e fazer sua toalete com mais cuidado. Desde o dia em que Darren ligou pedindo para ser apanhado no centro de Lawrence, ele tomava banho e se barbeava com regularidade; em vez de voltar sujo de graxa ou óleo no final da tarde do parque ou do estacionamento, a sra. Eberheart o encontrava vendo vídeos de música na La-Z-Boy, ou descansando entre séries de flexões com as roupas imaculadas.

Ela estava no St. Francis quando vieram procurá-lo antes da festa, mas soube, pelas latas de cerveja e garrafas de vidro de destilados: Seagram's, Zima. As diferentes espécies de surpresa se neutralizam: a de que ninguém estava procurando a companhia de Darren, a de que eles eram descarados o bastante para deixar provas de sua bebedeira, mas também a de que as garrafas e latas foram esvaziadas e enxaguadas e arrumadas educadamente na pia e que, tirando isso, a casa estava limpíssima. E o que quer que tenham feito e aonde quer que tenham ido na ausência dela, depois daquela primeira noite Darren sempre estava na cama

quando ela voltava exausta do hospital perto do amanhecer. A primeira coisa que ela fazia era subir a escada acarpetada para entreabrir a porta dele.

Depois de buscá-lo, ela levou o telefone sem fio para longe dos ouvidos de Darren e ligou para Ron Williams e para a mãe de Laura Simms, de quem ela foi colega no secundário. Ron confirmou que convidou Darren para tomar uma cerveja, assim como eles beberam lá, e deu os nomes dos garotos com quem ele o deixou; Laura, a mãe tinha retornado a ligação rapidamente para contar, ficou espantada quando soube que Darren não pegou outra carona. Queríamos incluí-lo, é nosso último ano. Entendam que a sra. Eberheart conhecia esses jovens, pelo menos sabia deles, a vida toda deles. Adam Gordon, Martin Nowak, Jason Davis — todos garotos da Fundação. Ela simplesmente não acreditava que o filho de Jonathan Gordon — um garoto de quem ela cuidou no St. Francis — atormentaria o filho dela. Os Owen eram vizinhos e, apesar do que aconteceu, quase amigos. Esses alunos veteranos da escola, todos destinados a entrar na universidade, talvez até fora do estado, ficariam sabendo da facilidade com que a sra. Eberheart podia falar com seus pais e criar o inferno que fosse necessário. Isso não seria uma supervisão do comportamento deles?

Fora isso, ela era impotente. Um adulto segundo a lei embora não em espírito, Darren não podia ser reprimido. Imaginar uma competição de gritos com Darren por, digamos, um toque de recolher ficava apenas a segundos de imaginar a batida da porta de tela dos fundos, depois o desabrigo, a prisão ou a morte. Em sua cabeça, ela ouvia o telefone tocando, algum policial perguntando, Posso falar com o sr. ou a sra. Eberheart? Senhora, está sentada? Ela estava tão longe de ser capaz de pagar pelos poucos programas especiais que o dr. J tentou indicar com o passar dos anos que não memorizou nenhum de seus detalhes: algo em uma fazenda, algo em um lago; o seguro não cobria nada disso. Você a culparia se penetrasse nela uma partícula de esperança de que os garotos descolados só queriam terminar seu curso na Topeka High com um gesto duradouro de gentileza, deixar Darren, que foi largado aos 16 anos, sentir que tinha amigos e colegas de turma antes de eles partirem para a faculdade? Os meninos Gordon e Davis conheciam seu filho desde a Bright Circle Montessori.

Beije a garota, cara, beije. A caloura se desvencilhou de Darren e disse aliviada e rindo, Ele deve ser bicha, e cambaleou de volta ao meio do porão onde havia uma

mesa de sinuca, bebidas e bongs sobre o feltro verde. Davis riu. A raiva se seguiu à absorção da fala arrastada por Darren, mas ele não se mexeu nem desfez rapidamente seu sorriso, apesar dos pequenos espasmos simulados enquanto os risos se acumulavam. Tempo e ação agora se separavam, a distância entre eles rapidamente se expandia, e assim só depois de ele ter inalado o vapor acre da lâmpada sob a qual Davis segurava a chama foi que decidiu simplesmente dizer não. Vai deixar que ela diga isso, Darren? Eu diria a essa piranha para ter cuidado e não falar merda. A metanfetamina, uma versão mais pura e bem dosada que circulava como recomendado por muitos dos corpos no porão, dissolveu o presente, o futuro era o passado imediato; ele já estava com o copo que tentava alcançar, não previa que música vinha em seguida mas já a ouvia enquanto ela tocava na sua memória, Gotta grind, gotta get mine. *A música era acelerada e lenta e complexa em suas harmonias, mas Darren conseguia separar cada camada ao se aproximar da mesa de sinuca para dizer à garota para ter cuidado e não falar merda. Uma roda se formou em torno deles.*

EFEITOS PARADOXAIS

(Jane)

O reverendo Fred Phelps era um ministro da Igreja Batista Primitiva e advogado expulso da ordem que tornou sua missão espiritual e trabalho de tempo integral erradicar a homossexualidade do planeta. Todo dia, Fred e seus seguidores — que incluíam os poucos membros restantes de sua congregação, a maioria de seus 13 filhos e muitos dos netos, alguns com menos de 10 anos — se reuniam em uma rua de Topeka para exibir grandes cartazes que diziam DEUS ODEIA BICHAS, MORTE ÀS BICHAS, BICHAS = MORTE etc. Alguns traziam desenhos de figuras tipo palito envolvidas em uma espécie de sodomia anatomicamente abstrata. Você veria os Phelps de parca ou casacos acolchoados no Gage Boulevard em pleno inverno, sua respiração visível, batendo os pés para se manterem aquecidos. (Fred, que estava na casa dos 70, era alto e magro, tinha sido pugilista amador na juventude.) Ou os veria vestindo camisetas encharcadas de suor — algumas customizadas com estampas de versículos do Levítico — pescando um refrigerante no cooler, equilibrando a lata na nuca. (Fred, com o seu chapéu de caubói característico, usava grandes óculos escuros de plástico do tipo que se coloca sobre óculos de grau, iguais aos da minha mãe, daqueles que nos dão no optometrista depois que dilatam nossas pupilas, o equivalente ocular de calçados ortopédicos.) Enquanto protestavam, os seguidores de Phelps em geral eram joviais. Era possível ouvi-los cantando, "Vem pra rixa contra bicha, não dá pra aceitar", com a melodia de Jingle Bells. Eles faziam piquete em passeatas, centros de arte performática, na maioria dos eventos da Universidade de Washburn e nos funerais — em especial se suspeitassem de uma morte relacionada com a AIDS. OUTRA BICHA NO INFERNO, um cartaz poderia dizer. Em 1994, depois de o *20/20*

colocar no ar um segmento sobre Fred intitulado "Um Evangelho do Ódio", os Phelps tornaram-se Mundialmente Famosos.

Fred odiava "bichas" e "adoradores de bichas", e os moradores de Topeka odiavam Fred. Aconteciam contramanifestações periódicas, um amplo apoio às vítimas do assédio de Fred. Decretos eram aprovados restringindo seus piquetes em funerais e casas particulares. Mas eu sempre me senti intranquila com a natureza da condenação. Uma paciente certa vez me falou do quanto desprezava Fred. Sua filha dançava com uma companhia de balé da cidade, e Fred e seus seguidores fizeram um protesto contra *O quebra-nozes*. "A muito custo não meti meu carro em todo o grupo deles. Por que minha filha devia saber sobre essas pessoas?" No início, pensei que ela se referisse aos Phelps e sua turma, mas rapidamente ficou claro que a mãe irada se referia "aos gays". Além de Ken Erwood e de um corajoso professor do curso de direito da Washburn, eu não sabia de absolutamente ninguém em Topeka que tivesse saído do armário (sempre me perguntei sobre Klaus). Outdoors na rodovia I-70 mostravam homens sorridentes de cabelo escovinha que tinham sido "curados" pelo estudo da Bíblia. "Ainda há esperança."

Como eu era famosa em Topeka (Jonathan disse que "Famosa em Topeka" seria um ótimo nome para uma banda), como me manifestava verbalmente pelos direitos de gays e lésbicas, como era judia, trabalhava na Fundação, devia ter sido um dos principais alvos dos Phelps. Por motivos misteriosos, porém, eles pegavam leve comigo. Havia os faxes, documentos que eu achava mais divertidos do que perturbadores — mantínhamos um na geladeira ("Lembre-se da Mulher de Ló!") —, mas eu dava palestras e oficinas sem que os Phelps sequer se dessem ao trabalho de aparecer. Enquanto isso, a Feira Renascentista que acontecia na periferia da cidade era atormentada da manhã até a noite porque de algum modo ela encorajava o *cross-dressing*. Enquanto isso, as famílias tinham de passar pelos Phelps para comparecer a um show de Raffi. Os Phelps perturbavam abertamente políticos homofóbicos na Câmara dos Deputados por não serem suficientemente homofóbicos. Entretanto, quando eles me reconheciam — se me vissem em um evento ou me

localizassem no carro em uma esquina em que se reuniam —, seu jeito de zombar de mim era estranhamente gentil, quase lisonjeiro. "Ah, lá está o Crânio", diziam com sarcasmo. (Eles tinham cantilenas e insultos pré-programados para determinados "adoradores de bichas" de Topeka.) "Lá está a brilhante dra. Gordon." Isso, vindo de pessoas que riam e gritavam a pais de luto: "Espero que esteja feliz por seu filho arder no inferno."

Com o correr dos anos, Jonathan e eu passamos muito tempo tentando explicar essa relativa negligência dos Phelps, ou seria misericórdia? Talvez tenha algo a ver com o fato de Jonathan ter tratado de um membro da congregação deles por um breve período, um adolescente em terapia ordenada pela justiça. Mas isso não fazia muito sentido; Jonathan e o garoto nunca se relacionaram realmente e, não obstante, como ele teria o poder de influenciar os outros — de conseguir que mostrassem moderação para comigo? Será que os Phelps concordavam, e até se sentiam gratos, com o meu artigo na *Mother Jones* e republicado no *Capital-Jornal* (certamente a única vez em que isso aconteceu) em que eu discutia a natureza hipócrita da condenação universal de Topeka por causa dos Phelps, a forma como foram denunciados por representações extremas de crenças que tantos moradores de Topeka tinham? Isso parecia meio sutil.

Todavia, eles apareceram em peso na minha palestra na Conferência da Associação de Mulheres do Kansas. Eu ia ao mesmo tempo aceitar um prêmio e comemorar um novo livro sobre o tema do perdão. Dei relativamente poucas palestras em Topeka, e em White Hall, o maior auditório do campus da Washburn, os ingressos esgotaram rapidamente. (A renda reverteria para o projeto de defesa das mulheres vítimas de agressão.) Fiquei surpresa por Adam não só parecer ansioso para ir — a associação fez questão de requisitar o comparecimento de minha família —, mas por perguntar se podia levar Amber, que escolheu um vestido parecido com os de baile de formatura para a ocasião: gola em V decotada, as costas nuas. Fiquei feliz por Adam considerar minha palestra algo digno de ser visto; talvez estivesse amadurecendo à medida que se aproximava da faculdade, talvez estivesse mais integrado.

Antes do evento, nós cinco — minha mãe se juntou a nós — fomos jantar no novo restaurante japonês na Southwest Ashworth, que antigamente era o Rib Grib. Enquanto comíamos rolinhos Califórnia cheios de maionese, tentei conseguir que Amber falasse fazendo perguntas abertas sobre sua família, os estudos, seus planos para depois da formatura. Mas era difícil arrancar muita coisa de Amber — tanto porque ela era calada, embora tivesse lá sua pose, como porque Adam insistia em atropelar sua fala ou responder por ela, sugando todo o espaço. Depois que Jonathan vetou levemente a tentativa de Adam de pedir uma taça de vinho dizendo ao garçom, "Meu garotinho só tem 18", a voz de Adam assumiu um tom colérico, desaparecendo apenas quando ele se dirigia à minha mãe.

(Breve momento de espanto quando Amber descobriu uma joaninha em uma folha de alface americana em sua salada, segurando o inseto vermelho com seus hashis. Ele tinha evitado o espesso molho de gengibre e então, quando ela soprou, ele se mostrou capaz de voar.)

Parte de minha consciência se dedicava a ensaiar frases de minha palestra (eu teria o texto na minha frente no pódio, mas queria consultá-lo o mínimo possível, fazer com que parecesse improvisado); parte de mim tentava se desligar do bêbado no sushi bar que explicava ao chef jovem, mais provavelmente coreano, que ele o perdoava por Pearl Harbor; parte de mim tentava não reagir à palpável preocupação de minha mãe com o preço daquela refeição. O restante de minha consciência se dedicava a tentar pensar em meu filho brigão como um jovem vulnerável que passava por uma fase hormonal e social complicada.

Fiz isso me lembrando — obrigando-me a me lembrar — de certo episódio do passado que enfatizava a sensibilidade dele; venho fazendo muito isso ultimamente, uma variação da meditação Metta; Erwood não sugeriu isso, mas era o tipo de coisa que podia ser sugestão dele. Naquela noite, enquanto nos serviam porções grandes e punitivas de sorvete de chá verde, lembrei-me da saga do *SpaceCamp*. (Talvez fosse por toda a conversa sobre as notícias do cometa, que era visível a olho nu.)

Em meados dos anos 1980, levamos Adam e vários amigos dele para ver *SpaceCamp*, um filme em que os jovens de um campo de treinamento da NASA se veem acidentalmente lançados em órbita. (Adam, que passara mais de um ano obcecado por tudo que se relacionasse ao espaço sideral, aparentemente não se abalou com o desastre do *Challenger*; os produtores tinham adiado a estreia do filme em vários meses depois que o ônibus espacial se fragmentou ao vivo na TV.) Eric e Sima chegaram a sugerir, graças ao interesse em comum das crianças, que pensássemos em mandar Adam e Jason ao acampamento de uma semana em Huntsville, no Alabama — "onde as crianças trabalham em equipe e enfrentam missões simuladas que exigem solução dinâmica de problemas e habilidades de raciocínio crítico". Adam ficou animado com a ideia, e foi uma surpresa agradável para nós que ele até considerasse ficar algum tempo longe de casa e dos pais, em particular pouco depois de sua concussão.

Adam ficou anormalmente sossegado depois do filme, disse que estava com dor de barriga. Naquela noite, irrompeu em nosso quarto gritando que não queria ir para o Space Camp, por favor não me obrigue a ir, mamãe, ele não queria ser lançado no espaço sideral. Garantimos a ele que não precisava ir; também queríamos esclarecer que, se *fosse*, de jeito nenhum acabaria em órbita por acidente. Mas Adam não se convenceu inteiramente; nosso menino de 8 anos passou semanas com medo de mudarmos de ideia, de que o mandássemos para o campo do Alabama, de que seria forçado a entrar para a NASA e ver a terra nascer de uma espaçonave solitária. (O que pode ser mais solitário do que uma criança no espaço?) Como parte do esforço para acalmá-lo, Jonathan explicou diversas vezes que era extremamente difícil virar astronauta, que milhares de pessoas dedicavam décadas ao treinamento, mas poucas conseguiam ser selecionadas. Era como ter medo de ser obrigado a virar jogador profissional de beisebol. Medo de ser obrigado a ser presidente. Não era algo que pudesse acontecer contra a sua vontade. Mas Adam não ficou inteiramente tranquilo: havia o filme como prova, havia o professor morto no espaço, havia Laika, uma vira-lata das ruas de Moscou que era

tema de um livro que ele lera na infância. (O livro não dizia nada sobre a cadela morrer depois de várias horas de voo por estresse e calor.) Klaus sugeriu pensarmos em todas as ressonâncias da palavra "campo".

Olhei para o jovem argumentando à mesa e me lembrei das semanas, talvez meses, que passamos prometendo a ele (especialmente na hora de dormir) que o manteríamos aqui no nosso planeta. Nem abaixo dele, nem flutuando centenas de quilômetros acima. Adam não precisava ser um herói, não tinha de dar o salto gigantesco para a humanidade, que estava sempre ligando para o nosso telefone, observando por trás das paredes.

Embora eu tenha dado meu cartão de crédito ao garçom, ele devolveu a conta a Jonathan; estendi a mão sobre a mesa para pegá-la. Depois, embora eu tenha assinado o recibo, apanhado o cartão na bandejinha, embora eu é que ganhasse mais dinheiro, Amber agradeceu ao dr. Gordon — quer dizer, Jonathan — pela refeição. Eu estava decidindo se devia perguntar, com a maior leveza possível, por que as pessoas sempre agradeciam ao homem, se isso seria dar um bom exemplo a Amber ou se apenas a constrangeria, mas Adam, em um breve lampejo de maturidade: "E obrigado, mãe." De repente me senti bem por meu filho enquanto íamos para o carro, a taça de Chardonay e o ar fresco melhoraram meu humor, acalmaram meus nervos. (A palestra seria a duas quadras de distância; era um lindo fim de tarde de primavera, mas poucas pessoas em Topeka teriam pensado em ir a pé.)

O que aconteceu em seguida foi rápido. Estacionamos em uma vaga reservada no White Hall. Passamos pelo nó de manifestantes pró-Phelps, alguns começaram a gritar com o Crânio. Jonathan e eu não respondemos de forma alguma, mas Adam, talvez se exibindo para Amber, vociferou com eles, falou para calarem a porra da boca, disse que eram imbecis deploráveis e fedorentos, uns merdas. Jonathan pronunciou com severidade o nome de Adam, surpreso que nosso filho desse aos seguidores de Phelps a atenção que desejavam, e tentou fazer com que ele continuasse na direção da entrada do auditório, mas Adam resistiu. Uma seguidora de Phelps disse a Adam que ele era uma bicha e,

em resposta, Adam a chamou de piranha; eu não estava acreditando. A mulher agora ria, gargalhava, e gritou para mim: É esse tipo de filho que você criou? Deve ter muito orgulho. E eu disse, embora soubesse que teria sido melhor não falar nada: Não, não tenho orgulho. Estou envergonhada por ele falar desse jeito. Adam desviou-se de outro manifestante, com quem, como Adam diria, estava "em confronto", virou-se para mim furioso e disse: Você tem vergonha de mim? Estou te defendendo desses babacas e você tem vergonha de mim? E eu disse a ele, ordenei: Não preciso ser defendida; entre no prédio agora. Amber tentou puxá-lo naquela direção, para Jonathan, que levava minha mãe pela porta de vidro do auditório. Os Phelps riam, deliciados, e o homem que Adam estivera encarando gritou: Escute a sua mamãe, bicha. Escute a brilhante dra. Gordon. Entre no prédio e sente-se ao lado de seu pai bicha e escute o Crânio falar do lixo do livro dela.

Em seguida eu estava falando, ofuscada pelas luzes do palco, reconhecendo o quanto me sentia honrada, o quanto estava grata por estar ali com minha família, meu amado marido e meu precioso filho, minha mãe, que era uma rocha. Mas Adam estava em meio ao público? Sim e não. Ele era uma presença oscilante, mudando rapidamente de idade em seu lugar reservado: um bebê no moisés, protegido contra o meu pai, que infelizmente não pôde se juntar a nós hoje, por mais que fosse do agrado dele. Um aluno da Bright Circle, desenvolvendo poderes especiais. Inconsciente, com uma concussão no St. Francis. Incapaz de recitar "A Vaca Roxa". Em vez disso, fazendo versos sobre putas e cigarros de maconha.



Primeiro eles descobrem o animal com o maior potencial, explicou minha irmã. Principalmente macacos, porque os macacos são os mais inteligentes, mesmo que falem apenas com os olhos. Mas também algumas espécies de papagaios geniais. Os papagaios-cinzentos africanos são tão inteligentes quanto qualquer coisa. Eles podem cantar ópera. Podem cantar Bach, que é música clássica. Mas é difícil segurar o pincel

com o bico e as mãos dos macacos são como as nossas. Os papagaios provavelmente só pintam as folhas. As rosas são para os macacos, que também sabem misturar as cores. Rosas cor-de-rosa são as mais complicadas. Os animais são selecionados de zoológicos do mundo inteiro e transferidos para uma ilha tropical onde recebem treinamentos básicos. Antes que possam aprender a pintar, eles têm de ajudá-los a entender a linguagem humana, o que requer muita paciência. É preciso recompensar os animais com petiscos e quando se comportam mal é preciso ser firme com eles, mas com cuidado para não ferir seus sentimentos. Assim, temos os mundialmente famosos cientistas, treinadores e artistas da França trabalhando com os animais. Paris, capital da França. Aprendi sobre a escola na ilha tropical quando era da turma da sra. Michener, e um homem do zoológico de Prospect Park fez uma visita. Ele nos contou do quão orgulhoso estava porque um dos seus macacos tinha sido selecionado. Houve uma reunião, isso quando você ainda era só a bebê Jane. Um sagui, que é mínimo. Mas ele também estava nervoso porque, e se o macaco não fosse tão bom e o enviassem de volta ao zoológico? Os animais podem morrer de vergonha. Podem morrer de tristeza também. Mas quando estão na ilha, os animais são felizes porque comem só as melhores coisas e são tratados como estrelas do cinema e, quando não estão pintando, têm permissão de andar livremente. Cada uma das folhas e pétalas nessa caixa é obra de uma criatura admirável. Por isso fiquei boquiaberta quando abri a minha. Eu sabia que você queria uma bicicleta, mas isso vale muito mais do que uma bicicleta. Talvez mais do que um automóvel. Não dá para entrar na Macy's e pedir a uma vendedora uma coisa dessas. Por mais dinheiro ou fama que você tenha. O homem do zoológico disse que o Metropolitan queria comprar uma das caixas, mas não conseguiu. O Museu do Brooklyn, nem pensar. As pessoas da ilha decidem quem fica com elas, mas ninguém sabe como. Por isso, quando abri a minha, eu chorei também. Não porque estivesse triste, mas porque eu não acreditava que mamãe e papai conseguiram não uma, mas duas das caixas de lenços para nós. Meu pai devia conhecer alguém que conhecia alguém na ilha e deve tê-los convencido de que

adoraríamos e cuidaríamos delas para sempre e que não seria justo que só uma de nós ganhasse uma caixa porque éramos irmãs. Como eu disse, elas não são para os ricos. Você deve voltar lá em baixo na sala e pegar a sua caixa onde deixou e agradecer a mamãe e ao papai e pedir desculpas a eles e dizer que aquilo é melhor do que uma bicicleta. Aposto que nossas flores são idênticas porque os animais são inteligentes nesse nível. Eles nunca cometem um erro nem borram nada. Nem vou contar às pessoas sobre a minha. Vou guardar na estante com meus outros tesouros e me calar sobre ela por causa da inveja e porque todo mundo vai querer tocar nela e as pessoas têm gordura nas mãos e estragam as coisas. Idênticas significa iguais.

É impressionante como continuei acreditando por décadas na história da minha irmã sobre a caixa de lenços, muito tempo depois de ter jogado fora a própria caixa. Ou talvez "acreditar" não seja a palavra certa; embora o poder da caixa tenha desvanecido com o tempo, nunca submeti a história à razão, nunca a expus aos elementos, à gordura prejudicial. Era uma história à toa mas vital que foi sobrevivendo na aresta da consciência, onde formou uma dobradiça. E então, em novembro de 1969, houve um temporal, e Jonathan e eu nos enfiamos no Woolworth's da 79th Street para esperar que passasse. Em uma banca de promoções que olhávamos meio desatentos, uma caixa de lenços mínima idêntica à que ganhei quando criança. Um padrão idêntico de rosas brancas e cor-de-rosa. Qual é o problema?, Jonathan me perguntou, enquanto estávamos ali pingando no corredor iluminado. Tive uma dessas quando era criança. Só que a que eu tinha...

A sensação de uma ficção desmoronando dentro de você. Uma ficção que você esqueceu que estava ali. Estrutura, vigas, ripas, suportes, junções. Revelando o alburno mais macio, que é marcado por queimaduras de vela. Meia hora depois, estávamos no restaurante grego na 98th com a caixa chamativa e barata entre nós; eu chorava abertamente, embora em silêncio, Jonathan segurando minhas mãos por baixo da mesa, uma das primeiras ocasiões em que realmente nos tocamos. Você deve achar que sou louca. Não, acho que é uma história

bonita. Sobre família, arte, memória e o significado, como é feito e desfeito. (Você não pode realmente ouvir o que estamos dizendo, é um filme mudo.) Aparar, modelar, secar. Você leu alguma coisa de Herman Hesse?

Era a segunda caixa de lenços de papel que eu guardava em minha sala na Fundação, esta contendo lenços de verdade para os pacientes. Lenços feitos por aranhas especialmente treinadas que fiam as fibras. Sua feiura desbotou com o passar dos anos à medida que começava a parecer uma antiguidade. A caixa original, aquela pintada por animais, nunca foi recuperada, embora eu tenha perguntado à minha mãe sobre ela — minha mãe que não jogava nada fora. Foi quando eu soube mais a respeito de por quê, em vez das bicicletas Schwinn que nos prometeram, Deborah e eu ganhamos caixas de lenços idênticas naquela manhã de Natal. (O motivo de estarmos comemorando o Natal em Flatbush, eu não saberia dizer; minha mãe detestava todo tipo de ortodoxia religiosa — talvez fosse seu jeito de garantir que não ficássemos "judias demais".) Porque meu pai, sem consultar minha mãe, gastou metade do dinheiro que ela estivera economizando para nossos presentes com "despesas de negócios" que ele não soube explicar. (Um funcionário de uma agência para desempregados não tinha "despesas".) Quando minha mãe fez a descoberta inevitável, ele garantiu a ela que conseguiria presentes substitutos maravilhosos. Deixa comigo. Ele deve ter comprado as caixas depois de pensar melhor na véspera de Natal. Aquela manhã, quando atirei a caixa longe na sala de estar, foi uma das poucas vezes em que vi lágrimas nos olhos de minha mãe.

Uma meditação: lembrando de quando contei a história da caixa a Adam. Ele devia ter 10 anos. Eu pretendia que fosse uma doce história sobre o poder da imaginação e o vínculo entre crianças, mas ele ficou aflito ao pensar em mim como uma criança pobre do Brooklyn — não com a ideia, mas com a imagem vívida. Ele chorou imaginando-me novinha chorando, o Space Camp todo outra vez. (Alguns macacos são enviados para o espaço, outros aprendem a pintar.) E, embora eu tenha pulado a parte de meu pai pegando o dinheiro dos presentes, Adam ficou

furioso com meu pai por não dar a prometida bicicleta. Por que ele não economizou? Por que não trabalhou um pouco mais? Por que deixou que vocês esperassem pela bicicleta se não tinha ideia de como ia comprar? Adam se sentiu vulnerável e se sentiu protetor. (Estaria expressando uma intuição inconsciente de que meu pai fizera muito pior?) Era o que ele estava sentindo quando gritou com os Phelps. Isso não desculpava o seu comportamento, mas me deu uma base de empatia.

Eu precisava dessa base. À medida que sua partida para a faculdade ficava mais próxima, até as conversas mais despreocupadas com Adam regrediam a debates políticos e competições de gritos. Não sei se foi apesar da intensidade de Adam ou por causa dela que Jonathan e eu decidimos comparecer — sob protestos de Adam — ao torneio da National Forensics League em Minneapolis, que aconteceria em junho, poucas semanas depois de sua formatura. Também estávamos devendo uma visita aos primos russos pelo lado materno de Jonathan — que ele ajudou a localizar e a trazer como parte de suas tentativas de se conectar mais com essa parte de sua história. Mais importante, porém, passamos a sentir certa culpa porque nunca prestamos muita atenção ao "discurso competitivo", exceto para lamentar o caráter argumentativo de Adam; como aceitávamos mais ou menos seu próprio relato cínico daquilo como uma atividade tola que o ajudou a entrar para a universidade. Perguntávamos sobre os debates de vez em quando, dávamos os parabéns a ele em todas as vitórias, mas nunca pressionamos; ficamos assustados ao pensar que nunca expressamos interesse em vê-lo competir. Talvez parte da raiva de Adam fosse por nosso descaso.

Independentemente disso, ficou claro para mim que Adam estava apavorado com o torneio, pois ele aglutinava todas as suas inúmeras ansiedades. Esperava-se que ele — até o *Topeka Capital-Journal* disse isso — vencesse o campeonato nacional de extemp, o ápice de sua "carreira" no ensino médio. (Como bônus, poderia ter uma alta qualificação no debate de valores.) Ele estava igualmente receoso de chegar à rodada final e fracassar. Tinha medo de ter uma enxaqueca, tinha medo de que o medo a provocasse. Tudo isso misturado com a partida iminente de casa, com a

mudança de volta ao Leste. Mesmo que ele não quisesse, estávamos decididos a comparecer, a dar o nosso apoio.

Assim, eu me vi sentada entre meu marido e o jovem treinador Evanson em desconfortáveis carteiras escolares de uma sala de aula do ensino médio com o ar-condicionado no talo em Minneapolis, passando o dedo nas estrelas e iniciais riscadas na superfície de plástico rígido. Era uma rodada inicial de pouca importância, e uma ou outra pessoa além de nós assistia: uns poucos adolescentes e treinadores. Havia seis competidores em uma rodada, e Adam foi escalado para ser o último. Eu estava estranhamente nervosa, como se por todos eles.

Uma jovem alta de pernas compridas entrou na sala de aula. Apesar do excesso de base no rosto, eu a achei muito bonita em sua calça social azul. Uma beleza anacrônica, provavelmente perdida em meio aos seus colegas; muito anos 1920. Confiante, ela assumiu posição na frente da sala e, sorrindo, perguntou aos juízes com uma voz animada de meteorologista: Avisem quando estiverem prontos, por favor. O discurso que se seguiu sobre a perspectiva de unificação coreana foi repetitivo e insípido; o que se destacava eram seus gestos — ou como ela só gesticulava com a mão direita, como se não tivesse controle do resto do corpo. A garota usava o polegar sobre o punho, imitando o gesto característico de Clinton, abria a mão, indicava diferentes níveis de análise, mas com apenas um braço. Nunca dava um passo para lado nenhum. Parei de escutar, paralisada com sua paralisia; imaginei-a intimamente ordenando o outro braço a se mexer, mas se vendo incapaz. Será que estava tendo um derrame? Seria um antigo ferimento de guerra? O segundo competidor, que entrou meio minuto depois da partida da primeira — para meu alívio, o corpo da primeira oradora ressuscitou quando ela saiu da sala —, era um garoto gordo malvestido para a ocasião (suéter azul-escuro por cima de uma camisa azul-clara, calça cáqui sem cinto) que fez um discurso acelerado e cheio de dados estatísticos sobre o poderio econômico chinês; ele parecia indiferente à qualidade de sua oratória. Só fazia contato visual com um juiz. Deixou dois minutos de seu tempo sem uso. Eu sentia o cheiro, mesmo daquela distância, de uma

mistura de suor com Old Spice. (Evanson me cochichou que o orador era um debatedor político de alto nível da Califórnia, evidentemente só estava ali para cumprir o protocolo como debatedor extemporâneo.) Depois houve um forte discurso sobre o financiamento da ONU — dado por uma jovem com sotaque sulista, a única pessoa de cor na rodada — que desandou no último minuto. Esquecendo-se de seu primeiro ponto principal enquanto tentava sintetizar seu discurso, ela de súbito ficou com a língua presa, nervosa, repetitiva, fazendo piada de si mesma enquanto seu tempo se esgotava. Foi excruciante assistir àquilo. (Por que senti que Evanson deliciava-se?) A menina saiu às pressas da sala com um sorriso constrangido, talvez para chorar. Ouvi as esferográficas dos juízes riscando suas cédulas, imaginei comentários cruéis, diagnósticos — personalidade limítrofe, inveja do pênis. Depois disso veio uma experiência desorientadora — ao mesmo tempo sinistra e cômica — de dois discursos sobre o mesmo tópico dados por dois rapazes de aparência semelhante, de ternos escuros e gravatas vermelhas, ambos argumentando com enfado e competência que sim, o NAFTA era bom para o México. (Esta repetição de tópicos na mesma rodada era um erro administrativo, disse-me Evanson, uma violação das regras.) Eles fizeram gestos semelhantes para indicar o fluxo suave de bens e serviços pela fronteira. Ambos concluíram com uma citação vagamente ofensiva de P.J. O'Rourke sobre a política mexicana. Ambos tinham inchaços vermelhos na pele acima do colarinho. Me obriguei a não olhar para Jonathan, ou cairíamos na gargalhada.

Depois que o segundo dos oradores idênticos saiu da sala, ouvi um dos juízes dizer a outro: Gordon é o próximo. E então, enquanto Adam entrava, Evanson se inclinou para mim e cochichou, abrindo seu sorriso lupino: Agora veja só isso.



Sim, você está vencendo essas rodadas com facilidade, disse Evanson a Adam, com uma intensidade que pensei ser para nosso benefício, mas as está vencendo do jeito errado. (Isso foi dois dias depois; estávamos em

outra sala de aula vazia depois de concluída a competição da tarde. Era uma quarta-feira na metade do torneio. Spears e Mulroney e alguns observadores do corpo discente também estavam na sala. Tive a sensação de que só Evanson tinha autoridade para dirigir-se a Adam dessa maneira.) Você está fazendo discursos rápidos e fluentes da esquerda do espectro e vai convencer facilmente os juízes que comungam dessa orientação. Cosmopolitas liberais. Juízes de San Francisco e Nova York. E eles são muitos. (Meus olhos encontraram os de Jonathan; talvez eu estivesse sendo paranoica, mas de certo modo esperava que Evanson fosse franco e dissesse logo de cara "os judeus".) Mas imagine que você esteja concorrendo à presidência do país e que agora vai discursar em um estado decisivo. Você está a uma ou duas horas de Pittsburgh e, ainda que precise ser inteligente, tem que conquistar corações tanto quanto mentes. O que você tem a seu favor é o Kansas. Você tem o sotaque do Meio-Oeste. Quero guinadas rápidas para o popular, o informal. "A gente pode passar batom num porco, mas ele ainda vai ser um porco." Esse tipo de coisa. Quero você dizendo, logo depois de algum refrão hipereloquente sobre Iéltsin quebrar uma promessa, "Ora, no Kansas, o nome disso é *mentira*". Depois de você falar de um tratado que regulamenta a perfuração no Ártico: "Ora, no Kansas, a gente acha que isso é uma tempestade em copo d'água." Não me importa que sejam ditados populares que não existem, apenas fale como se fossem verdades comprovadas. Diga "verdade comprovada"; diga "né", se quiser. Pode errar na gramática, desde que eles saibam que é uma escolha, que está nas citações. Interrompa sua fluência verbal sofisticada inserindo umas frases de efeito banais sobre as virtudes regionais. Por que vocês acham que eles elegem texanos que foram alunos de Yale, bolsistas do Arkansas que vão estudar em Oxford? Enfim, fale pequenas tautologias como se fossem provérbios. Coisas que sua avó Rosie costumava dizer. Coisas lá da fazenda. Volte aos bons tempos em que a América era a América e não o brinquedo das elites costeiras. E quero seus braços esticados, com as palmas viradas para cima, enquanto você faz isso. Me deixa ver. Não, olhe para mim: meus ombros estão relaxando, relaxados, é quase um dar de

ombros. Como se você saísse do personagem por um breve momento derrubando a quarta parede, se souber o que isso significa. (A imaginária divisória de madeira.) E aí, *bam*: quero você todo pragmático de novo, voltando à análise prodigiosa e aos movimentos que praticamos. Mas você é um menino prodígio da sua cidadezinha natal, está jogando pelos Hoosiers, ok? Não é o filho de Jane Gordon (sorriso rapidamente aberto para mim) que sempre pretendeu chegar até aqui. E precisa reduzir tudo a dois cliques. Ah, e quero você citando o *Plain Dealer* de Cleveland. Eu não perguntei se tinha isso em seus arquivos, eu disse que quero você citando. Para cada *Le Monde*, quero o *Plain Dealer* de Cleveland. Diga apenas "segundo uma matéria do *Plain Dealer* de Cleveland" referindo-se a algo que provavelmente saiu lá. A economia mexicana desfrutou de um forte crescimento, como publicado no *Plain Dealer* de Cleveland. Roman Herzog é menos influente do que Helmut Kohl, conforme publicou tatatá-tatatá. Quanto mais genérico, menos refutável. Por fim, esse seu negócio de ficar balançando a cabeça precisa parar. Já conversamos sobre isso. Eu sei que não percebe que faz isso, mas acredite em mim, você mexe a cabeça ao ritmo do próprio discurso quando pega o embalo, quando entra na sua área. Pergunte aos seus pais: eles dirão a você. Não tenho razão, dr. Gordon? (Ele se dirigiu a Jonathan, que apenas abriu um sorriso evasivo.) Isso aqui não é um bando de caras sentados cantando rap. Você não é o Tupac Shakur. Que Deus o tenha. Não precisa curtir esse beat, tá ligado? (Os outros treinadores e estudantes — todos na sala eram brancos — riram disso.)

Balançar a cabeça. De repente eu estava de volta a Nova York, 1969, em reunião com o dr. Porter, meu supervisor, e, por algum tempo, meu analista. Paredes forradas de livros, cheiro de tabaco de cachimbo, embora eu nunca o tivesse visto fumar. Depois de me observar em sessão por um espelho falso, Porter se fixou em meu "hábito nervoso" de mexer a cabeça e insistiu que eu precisava parar com isso. Era verdade que durante minhas sessões eu assentia um pouco com a cabeça ao ritmo da fala de um paciente. O gesto não pretendia afirmar nada, só que eu estava ouvindo. O gesto era sutil, eu não tinha consciência de que o fazia;

certamente, nenhum paciente jamais pareceu se importar. Mas Porter foi categórico, demonstrou uma estranha intensidade — como se ele quisesse me dar uma dura e não conseguisse pensar em mais nada para criticar. (Em qualquer coisa de toda a minha orientação teórica; se eu fosse analista, tomando notas atrás de um paciente prostrado, meu gesto de cabeça nem seria um problema, para começo de conversa.)

Mas quando eu parava de assentir, quando tentava reprimir o impulso, algo se desfazia em meu raciocínio. Para minha surpresa, o movimento físico não era sufocado, mas deslocado: eu começava a balançar um pouco a perna esquerda, o que faria um paciente pensar que eu estava inquieta, irrequieta, e não concentrada. Mas quando parei com o movimento da perna sem me permitir assentir com a cabeça, comecei a girar uma caneta na mão da escrita como um debatedor escolar. Quando me livrei da caneta — o que significava que eu não fazia mais observações por escrito —, o fato de ter consciência de minhas próprias mãos me distraía, eu as tirava do colo para os braços da poltrona e voltava ao colo. Parecia que estava tentando posar para uma fotografia, como se ainda estivesse sendo supervisionada, agindo sob pressão para desempenhar o meu papel de um jeito que me impedia de cumpri-lo.

E então cometi o erro de abordar essas dificuldades quase cômicas na sessão de análise quando eu estava no divã de Porter. O que provocou uma mudança do foco, que passou a ser a minha transferência, meu pai, que eu me permitir simplesmente voltar a assentir com a cabeça constituiria um recuo covarde de minha própria psicodinâmica. (O que Porter estaria fazendo com suas mãos enquanto eu falava?) Sim, eu resistia a ter meu corpo disciplinado por um analista famoso (famoso também por dormir com suas alunas). Seria isso patológico? Por que não analisar o motivo para ele ter feito desse pequeno tique uma questão importante?

Eis que de repente ficou importante. Enquanto reprimia o gesto de cabeça, esquecia-me de aspectos importantes da história do meu paciente e tinha de ser lembrada: eu falava muito pouco ou demais, administrava mal o silêncio; fiquei mais atrapalhada no controle do tempo e em geral

me surpreendia ao descobrir que a sessão estava perto do fim. E assim por diante. Por fim eu simplesmente parei de me monitorar e tudo voltou ao normal. Até desenvolvi algo parecido com orgulho nesse gesto sutil, como um atleta pode fazer — um pequeno ritual que ajuda a manter seu ritmo na linha de largada, por exemplo, uma analogia que eu jamais usaria. Desse modo, me recusei a ser treinada. Me recusei a ser um macaco treinado. Ou um papagaio genial.

Agora eu estava de volta a Minneapolis ouvindo Evanson treinar meu filho. Senti-me subitamente protetora do balançar da cabeça, do assentir, ou o que fosse de Adam, seu reconhecimento subconsciente de que um canal tinha sido estabelecido, que a linguagem fluía por ele. Porque, embora acontecesse enquanto ele falava, também era uma forma de ouvir, de fazer de si mesmo um meio. Era a parte poeta dele. Vendo Adam competir, Jonathan e eu ficamos fascinados e nervosos com sua fluência, sua dominância; o jovem Evanson incorporava o que nos perturbava — a espontaneidade coreografada, tudo a serviço da manipulação, da vitória. Mas o pequeno gesto que Evanson tentava cortar representava outra coisa. Era como o cantarolar de Glenn Gould nas *Variações Goldberg*. Era um sinal de que o artista acompanhava a arte em que ele se superava, só que, em vez de envolver Bach, esses jovens argumentavam pela viabilidade de uma moeda europeia.

Veja o meu filho, divida-o em zonas. Erwood tratava da tensão no seu pescoço e nas têmporas e na vasoconstrição geral pedindo a ele para pedir aos músculos que relaxassem, mas Evanson trabalhava com um propósito oposto, fazendo até do relaxamento dos ombros um gesto momentâneo em uma arte marcial linguística. Talvez, senti, vinha sentindo, devêssemos tê-lo criado entre os cosmopolitas liberais de San Francisco ou Nova York. Talvez eu tenha dado a meu filho a tutelagem errada, o Crânio o tenha oferecido aos Homens, achando que de algum modo ele já deveria saber e não cairia nessa. E agora ele era um graduado da Topeka School. Como publicou o *Plain Dealer* de Cleveland.

Apesar de Adam e Evanson não se importarem muito com eles, eu preferi assistir aos debates Lincoln-Douglas. Os gestos e a postura de

Adam eram menos rotineiros, sua eloquência parecia ter mais substância, e, naqueles momentos em que ele realmente estava argumentando por algo em que acreditava — como a redistribuição de riqueza —, eu podia alimentar fantasias de sua fluência um dia ser aproveitada em um trabalho social importante. Ele foi educado — mais educado quando estávamos presentes? — na inquirição e, além de impressionante em sua capacidade de formar argumentos, fazer distinções refinadas, foi muitas vezes encantador. Embora seu foco estivesse no extemp, ele vencia facilmente o L-D, e na manhã de quinta-feira do torneio nós o observamos nas quartas de final dos debates. (Todas as "rodadas eliminatórias" aconteceram no centro de convenções do Mall of America.)

Cem pessoas se espremiam em uma sala de reuniões. Havia pódios com microfones. Cinco juízes sentavam-se na primeira fila. Resolução: Os Estados Unidos deviam proporcionar uma renda básica universal. Adam foi o orador afirmativo; adorei as passagens poéticas de seu discurso, sua insistência em que devemos privilegiar a prosperidade coletiva em lugar da riqueza concentrada; em vez de apenas defender um Estado de bem-estar social, ele corria à toda em prosa fortemente iâmbica (veja-o assentir) contra a maximização dos lucros como princípio organizador de uma sociedade. Foi absurdo e eu adorei, meu homem-criança citando Rosa Luxemburgo para um bando de futuros advogados corporativos ou seus lobistas na sombra do maior shopping center do mundo. A segunda metade do discurso foi mais moderada, escandinava, descrevendo as vantagens concretas da social-democracia, mas o efeito geral era deixar Adam agradavelmente estranho — quem era esse garoto de fraldas vermelhas de um estado republicano-vermelho, a gravata retirada, a gola da camisa amarelada, um poeta durão (com um corte de cabelo bobo) eloquente diante de nerds e seus pais sobre o roubo que é a propriedade e sobre a liberdade do ser-espécie? Ele era eclético, afinal, apesar de seu treinamento; fiquei radiante ao ouvir. Evanson não se deu ao trabalho de comparecer.

Adam parecia surpreso com o pouco que seu adversário, um garoto de Austin com um terno azul-claro, perguntou durante a inquirição: alguns pontos de esclarecimento sobre quem foi citado e quando, uma confirmação da posição de Adam de que a riqueza era arbitrária do ponto de vista moral — que uma pessoa não merecia ter dez bilhões de dólares enquanto outra passava fome. Uma breve discussão do conceito de "sorte moral". (O cabelo preto e recém-cortado do oponente de Adam cobria sua testa, o que parecia ao mesmo tempo estiloso e, notei quando ele enxugou o suor da testa, servia para esconder a pele feia.) E então Adam se sentou, pronto para tomar notas, e o jovem texano, antes de começar seu discurso, deu uma espécie de panorâmica que achei estranha. "Só um breve plano de ação", disse ele. "Primeiro vou ao contexto rawlsiano, depois à análise marxista; depois darei um contracontexto utilitarista que penso ser superior para esse debate, e a partir daí enumerarei as consequências — morais e empíricas." Jonathan e eu nos olhamos, confusos; houve um murmúrio na sala. Sabíamos que Adam estava surpreso; sua postura diante do bloco de anotações se alterou. Pois o que esse "plano" assinalava — sem que soubéssemos, mas claro para todos os outros — era que o adversário de Adam ia tentar jogar o recurso do *spread* para cima dele. Pelo visto, já havia boatos sobre o fato de o *spread* estar sendo usado também no debate de valores em alguns estados, embora não no Kansas.

Eu sabia das rodadas de alta velocidade nos debates políticos, ouvi Adam demonstrar o ritmo louco com que podia falar e ler, mas ainda assim estava despreparada para o que testemunhei. O orador negativo, depois do seu "plano", passou a ler uma peça após a outra de "provas" acusando teorias como "justiça como equidade", "justiça distributiva" e "teorias marxistas-hegelianas românticas de comunidade", deixando as folhas de papel caírem no chão, uma após a outra. Eu conseguia entender muito pouco da linguagem, mas sabia que aquilo era a sombra da fala, do raciocínio. A respiração, o ofegar puxando ar — eu ouvira pacientes hiperventilando emitirem sons semelhantes; parecia um pouco o latido de uma foca. Embora o jovem parecesse ter alguma ginga, minha

principal experiência era de um corpo em rigidez. Ou possuído. Olhei para Adam, que tomava notas rapidamente, mas também levantava a cabeça a certos intervalos para tentar interpretar os juízes: eles estavam participando dessa loucura, anotando cada argumento? Ou iam proteger a integridade do debate L-D, que se desenvolveu, Adam tinha explicado, precisamente para evitar esse tipo de logorreia? Eu não sabia. Quando o orador negativo concluiu, novamente enxugando o suor da testa, houve um murmúrio entre os observadores que pensei significar aprovação.

Depois de um instante de hesitação que só uma mãe pode perceber, Adam levantou-se para a inquirição. Sorrindo, ele perguntou:

— Estamos em um debate quantitativo ou qualitativo?

— Os dois — disse o orador.

— Suponho que minha pergunta seja: se esse é um debate sobre lógica, *ethos*, *pathos*..., por que a pressa em trazer mais argumentos do que aquilo que podemos considerar atentamente?

— Creio que podemos considerar muitos argumentos atentamente. Talvez devamos entrar nos argumentos agora, em vez de desperdiçar tempo (risos).

— Muito bem, mas você concorda que argumentos falhos, não respondidos, não são argumentos validados, como no debate político?

— Bom, creio que é problemático separar valores de política, como sua pergunta sugere. Acha que a política deve ser feita sem pensar em...

— Estou fazendo uma pergunta sobre nossa compreensão mútua da atividade que nós...

— Creio que devemos deixar que os juízes decidam quem deu os melhores argumentos da melhor maneira.

— Está claro que você foi um debatedor político, assim sabe que os argumentos sobre o que constitui uma questão de votação... topicalidade etc.... costumam ser contestados, formam parte do debate. Não temos o direito de fazer algo semelhante aqui?

— Tudo bem, claro.

— Então, meus pais estão aqui hoje. Eles vieram de longe, do Kansas, para ver seu filho competir. É muito comovente (risos). Agora, eles são

pessoas inteligentes, mas não estão familiarizados com o uso do *spread*. Eles me pareceram muito confusos enquanto você estava falando (risos). Pode explicar a meus pais por que debater nessa velocidade conduziria à arbitragem atenta e cuidadosa de questões sobre os valores?

— Bom, eu diria — ele pareceu despreparado para a pergunta — a seus pais que... que para as pessoas que estão familiarizadas com o debate, eu fui suficientemente claro.

— Com o debate político, quer dizer, no nível do ensino médio ou universitário. Não para outras pessoas. Como este é um debate de valores, estou lhe pedindo para explicar o *valor* do emprego do *spread*. Não agora, nessa inquirição, mas em seu próximo discurso; estou sugerindo que esse é um fardo que você assumiu.

Adam usou todo o tempo concedido para a preparação tomando notas furiosamente antes de voltar ao pódio. A atmosfera era tensa; havia uma empolgação palpável. Será que ele demonstraria que podia fazer frente à velocidade de seu adversário, tentaria responder a todos os pontos dele, romperia uma barragem de argumentos dele próprio?

Não: Adam passou a maior parte de seu discurso elaborando uma analogia entre o *spread* e um compromisso cego com o crescimento econômico — argumentou que o fascínio de seu adversário pelo *spread* e suas alegações de que a competição estava sendo sufocada por uma ênfase social na igualdade estavam, na verdade, relacionados. Uma crise de conteúdo e forma. Pois ambos dependiam da crença de que mais é sempre melhor, a acumulação a todo custo. Adam alternou — com elegância, eu achei — entre argumentos sobre a necessidade de as sociedades libertarem as capacidades humanas da busca pelo lucro e a necessidade de novos regimes de linguagem a começar por ali, naquele debate. Agora vamos nos voltar para os argumentos mais importantes de meu oponente, que podem facilmente ser agrupados em três áreas principais...

Quando o garoto de Austin se levantou — dessa vez deixou o paletó na cadeira e enrolou as mangas da camisa —, defendeu, como Adam pediu, o *spread*, mas o fez com muitas centenas de palavras por minuto,

fornecendo um leque vertiginoso de argumentos que iam dos efeitos cognitivos positivos do processamento rápido de informações (ele tinha provas de psicólogos) à importância de se incluir a maior diversidade possível de pontos de vista em debates de valores para assim evitar a hegemonia. (A perversidade deste último ponto me incomodou particularmente — que falar à beira da inteligibilidade tivesse a ver com inclusão.) O conteúdo de seu discurso não importava. Depois ele começou a repassar os vários "argumentos falhos" de Adam em seu primeiro discurso, alegando que a tentativa de Adam de agrupá-los era apenas uma estratégia para se esquivar do que ele não podia refutar.

Fiquei comovida ao ver meu filho defender uma escala de diálogo mais humana, por sua rejeição ao massacre linguístico — sua própria versão do que o pai e eu tantas vezes tivemos de sofrer. Eu preferia pensar que ele estava nos incorporando, talvez prestando uma espécie de homenagem; teria ele usado os mesmos argumentos se não estivéssemos na sala, ou ele teria descido — ou acelerado — ao nível de seu adversário? Mesmo assim, nós o parabenizamos com verdadeiro afeto por seu desempenho enquanto todos esperávamos pelo anúncio dos resultados no saguão acarpetado do lado de fora da sala. Senti que meu próprio exemplo, pelo menos no momento, tinha derrotado o de Evanson.

No último debate de sua carreira, Adam perdeu de 4 a 1.



O lar de idosos de Sonia Semenov ficava perto de nosso hotel; lá encontraríamos Nina, filha de Sonia, e seu marido, Leon, ficaríamos um tempo de visita, depois atravessaríamos a cidade até a casa de Nina e Leon, onde todos jantaríamos. Fiquei satisfeita que Adam se juntasse a nós; certamente ele precisava de uma noite de folga das refeições com debatedores forenses no Applebee's, no Olive Gardens e no Hard Rock Café do Mall of America. E talvez sua ansiedade crescente com a rodada do extemp no campeonato o deixasse mais ansioso para estar em nossa companhia, onde ele poderia falar com franqueza de seus temores e nós poderíamos tranquilizá-lo.

Caía uma tempestade quando pegamos Adam em seu hotel com nosso carro alugado — tínhamos reservado um lugar separado dos competidores — e juntos seguimos lentamente para o lar de idosos Summerset, os limpadores de para-brisa em alta velocidade, os faróis acesos embora ainda fosse dia. Adam pediu para ser lembrado de quem era todo mundo, quem era parente de quem, porque ele só havia se encontrado com os russos uma vez na vida. Jonathan explicou que Sonia — que tinha sido médica e agora estava na casa dos 90 anos — era prima em segundo grau de sua mãe. A mãe de Jonathan não a conheceu, mas Jonathan tinha feito contato no final dos anos 1980 e recentemente ajudou Sonia e família a se mudarem de Moscou para Minneapolis, para onde os amigos deles tinham imigrado antes; os Semenov chegaram em 1991. Não fazia muito tempo que Sonia estava internada; sua demência, provavelmente por Alzheimer, havia se agravado rapidamente desde o ano passado. Embora estivesse em ótima forma física, ela começara a sair para a rua e ficava vagando por aí, inclusive de roupão de banho numa noite de janeiro, e Nina e Leon entenderam que não tinham alternativa. (Enquanto Jonathan explicava tudo isso a Adam, imaginei a anciã — que foi médica no Afeganistão, que sobreviveu à fome, à repressão, enterrou dois maridos — divagando em russo em temperaturas abaixo de zero enquanto contornava o lago artificial.)

Paramos em um sinal vermelho. A chuva tinha diminuído e Jonathan reduziu um pouco a velocidade dos limpadores de para-brisa. Pela minha janela, eu via um espaço entre as nuvens a oeste, uma lasca de céu azul radiante.

— Mãe — disse Adam do banco traseiro —, você me disse uma vez que teve de fazer um grande discurso em algum lugar, acho que em Nova York, depois do lançamento de seu primeiro livro, e que ficou nervosa de verdade, quase em pânico. E disse que tomou um daqueles comprimidos que tinha para enfrentar voos turbulentos. E que isso reduziu a tensão do medo, mas não te derrubou nem nada, não é? Será que você os trouxe... não está sempre com eles quando viaja?

Por um momento, pensei em mentir.

— Eu tenho uma receita antiga de Valium. Ou lorazepam. Quase nunca tomo.

— Se eu chegar às finais, posso tomar um? Fico andando de um lado para o outro imaginando que posso me mijar de medo. E lembrei ontem à noite que se eu puder tomar um desses comprimidos, posso parar de me preocupar. No mínimo vou me preocupar menos. De ter uma enxaqueca ou algum colapso.

— Mas você está indo muito bem sem isso — retrucou Jonathan. — E não pode tomar essas coisas o tempo todo... o que significa que precisa desenvolver outras estratégias. Biofeedback. Técnicas de respiração.

Preparei-me para o *spread*. Sobre os cinquenta motivos de Erwood ser um embuste, de a lógica de Jonathan ser profundamente falha. Do porquê nossa fé nessas práticas revelava nosso próprio charlatanismo. Mas Adam respondeu calmamente.

— Não estou dizendo que isso possa substituir as outras coisas. Que seja uma espécie de solução mágica. Mas essa é uma situação singularmente apavorante, não acham? Ter de falar sem anotações, sem uma rede de segurança, diante de uma multidão enorme. Com transmissão direta. Sendo gravado por turmas de alunos de toda parte.

— Mas você não vai querer experimentar um medicamento pela primeira vez perto de um grande evento — eu disse. — Os comprimidos podem ter efeitos paradoxais... algumas pessoas ficam mais ansiosas com um tranquilizante. Mais ligadas. — E se ele quisesse um nas noites que antecediam sua saída de casa para a faculdade? Depois para ajudá-lo com o inevitável estresse da universidade? Se começasse a misturá-los com álcool? Não que fosse difícil para ele conseguir tranquilizantes por contra própria.

— Além disso, não é apropriado para nós — disse Jonathan — ficar distribuindo medicamentos sob prescrição.

— Não somos médicos de verdade — brinquei, mais ou menos.

— E eles podem te deixar lerdo. Não é bom para o extemp — disse Jonathan. — Evanson ia nos matar. — Mais uma vez nos preparamos, e de novo ele foi calmo:

— Se estão preocupados com alguma reação ruim, me deem metade de um essa noite e verei como é. Entendi o que vocês estão dizendo, mas não sou um viciado, não vou começar a roubar comprimidos da bolsa da mamãe. Só dessa vez. Meu último discurso. Podemos ligar para Erwood ou algo assim se estão tão preocupados. Perguntar a ele sobre os efeitos colaterais. Talvez eu até nem tome, mas só de saber que *poderia*... apenas pensem nisso, por favor.

— Você vai vencer essa parada sem precisar disso — disse Jonathan.

— Se a resposta de vocês for não, eu vou respeitar. Mas só peço que pensem no assunto, está bem?

— Tudo bem — respondi. Eu iria querer um Valium antes de sortear três tópicos de um chapéu e me dirigir a uma plateia de Evansons. Talvez eu tome um só para ouvir.

A chuva havia parado quando estacionamos no Summerset. A umidade passara, o ar estava fresco e limpo. Havia relâmpagos na direção que a tempestade tomara. Respirei fundo, como sempre fiz antes de mergulhar no ambiente distinto dos lares de idosos.

Uma *muzak* soava pelo saguão, fazendo com que minha mente associasse o Summerset com o Mall of America, onde Jonathan e eu ficamos andando naquela tarde. De um sofá marrom levantaram-se Nina e Leon, que nos cumprimentaram com o entusiasmo do Velho Mundo, Adam recebendo constrangido os beijos de Leon. Os russos estavam particularmente comovidos — como sempre foram, sempre seriam — em ver Jonathan, que eles consideravam um herói. (Ele os ajudara com os vistos; emprestara um dinheiro a Leon, ou melhor, nós emprestamos dinheiro a ele para sua concessionária de automóveis, que acabou prosperando em grande parte devido à sua fiel clientela russa.) Em seguida eles cobriram Adam de elogios com forte sotaque, "nosso sr. Orador Campeão"; estavam loucos para comparecer ao grande discurso. Vi Adam empalidecer um pouco enquanto explicava que talvez não chegasse às finais, que de todo modo seria tedioso, eles não deviam se dar ao trabalho, e os russos descartaram esses argumentos. Ao nos aproximarmos da mesa em que as visitas se identificavam antes de entrar

nas verdadeiras "instalações", perguntei a Nina como achava que Sonia estava se saindo e Nina respondeu, "Minha mãe está mais feliz aqui do que já vi na vida", o que pensei que devia ser sarcasmo, uma expressão mordaz da falta de disposição de Nina de levar em consideração perguntas como essa, ou uma falha do seu inglês.

As portas deslizantes se abriram para nos receber no verdadeiro asilo. Notei a caixinha preta na parede, o alarme que seria ativado por uma pulseira se um paciente tentasse fugir. Era como qualquer outro lar de idosos que visitei, embora este fosse melhor. Cadeiras de rodas estavam agrupadas em volta de um televisor grande onde cabeças brancas entravam e saíam da inconsciência diante de um episódio sem som de *Seinfeld*. Havia um refeitório em que alguns residentes comiam ou eram alimentados de bandejas. Dos quartos individuais, ouvi mais televisores, alguns sons de estresse rotineiro enquanto um residente protestava ao ser deslocado ou ter as roupas trocadas; adiante em um corredor, do fundo de sua doença neurodegenerativa, um homem gritava em uma língua só dele. Eu preferi este ao lar de idosos Rolling Hills: os pungentes e inevitáveis odores eram sutis; a equipe que interagia com os pacientes parecia suficientemente calorosa; os horários nas paredes — a decoração do 4 de Julho ainda estava lá, estrelinhas e bandeiras — diziam que um coral infantil estaria de visita essa semana junto com filhotes de cachorro de um abrigo do bairro. (Procurei não pensar na analogia entre as instituições.) Não relaxei inteiramente, mas meus ombros caíram enquanto eu parava de esperar ver meu pai, que vinha declinando rapidamente, onde quer que sua cadeira de rodas tenha sido largada pela última vez.

Em vez de nos levar a um quarto, Nina indicou que devíamos nos sentar em um conjunto de poltronas bege enquanto ela ia encontrar a mãe. Havia antigas edições da *Time* e da *Newsweek* em uma mesa pequena. Matérias de capa sobre o Caso Roswell, a Geração X. Uma pintura de girassóis na parede; onde os asilos compravam quadros? Logo Nina voltava com uma idosa baixinha e sorridente vestindo uma espécie de jaleco branco de médico. A mulher rapidamente entregou algo a cada um

de nós falando acelerada em russo; era uma bala vermelha e verde; eu tinha visto a tigela grande no balcão da estação de enfermagem. Depois de distribuir os presentes, a mulher pareceu pedir licença — mas Nina segurou-a pelo braço e disse algo que a deteve. Enquanto as duas mulheres discutiam educadamente, Leon nos explicou que Sonia não sabia quem era Nina; achava que todos só estávamos visitando o "hospital". Sonia dizia que não tinha tempo para conversar porque havia muito trabalho a fazer. (Tinha um estetoscópio no pescoço de Sonia; seria de brinquedo?) Somos a sua família, Nina respondeu. Estes são seus primos que viajaram até aqui para ver você, explicou ela, apontando para nós três; todos nós sorrimos desajeitados enquanto Leon traduzia. Sonia condescendeu em esperar enquanto Nina se colocava atrás de nossas poltronas, voltando a nos apresentar — primeiro Jonathan, depois eu, em seguida Adam. (De algum modo não pareciam nossos nomes verdadeiros quando Nina os pronunciava.) Enquanto ouvia, Sonia olhou para o pulso, em que não havia relógio algum. Mas algo que Nina disse sobre Adam — pousando os braços nos ombros dele — interessou a Sonia, e ela se aproximou dele, beliscou sua bochecha, puxou uma orelha e apalpou um dos bíceps fazendo uma careta e indicando como estava impressionada com seus músculos. (A expressividade ágil da pantomima me fez lembrar de Klaus.) Nina disse: Minha mãe pensa que Adam é Jonathan, o primo que nos ajudou na mudança para a América. Ela pensa que se mudou para a América para exercer a medicina aqui. Sonia deu outro beijo em meu filho, o jovem Jonathan. (A criança é o pai do homem.) Depois olhei para o verdadeiro Jonathan, vi como ele estava comovido ao ver uma parente do lado materno se conectando com seu filho. Adam dizia *spasibo* sem parar com seu sotaque do Meio-Oeste americano.

Sonia estava mais feliz do que já fora na vida. No final de sua carreira, por motivos políticos, foi proibida de exercer a medicina na União Soviética, mas ali estava ela, trabalhando; quando se mudou para Minneapolis, ficou, apesar dos esforços de Nina, inteiramente isolada. Agora tinha preocupações — Nina disse que ela reclamava dos lençóis

finos, da falta de determinados remédios, de alguns incompetentes na equipe —, mas passava a maior parte de seus dias desempenhando tarefas reais e simuladas, as lembranças incorporadas de sua formação profissional. As enfermeiras — uma delas era russa — adotavam seus delírios, desde que ela não tentasse nada além de afofar travesseiros, dar purê de maçã aos pacientes, auscultar alguém de vez em quando com seu estetoscópio falso. (Por um estetoscópio falso, é possível ouvir uma pulsação de verdade; por meio de sua prática médica falsa, Sonia proporcionava verdadeiros confortos.) Às vezes ela se lembrava de quem eram Nina e Leon, em geral não; seja como for, sempre ficava meio irritada com suas visitas porque elas queriam conversar e conversar quando havia pacientes precisando de cuidados.

Como Nina não conseguia convencer Sonia a ficar em um lugar só, pediu a ela para fazer um tour pelo local conosco. Seguimos a dra. Semenov pelo asilo, assentindo como se entendêssemos o que ela dizia enquanto ela gesticulava para este ou aquele paciente. (Sonia parecia ter perdido todo conceito de diferença linguística, convencida de que todos podiam compreendê-la, como se, em sua senescência, ela falasse esperanto.) Em vários momentos Sonia deu uma piscadela para Adam, indicando seu afeto particular, mas também imaginei que a piscadela dizia: É claro que só estou fingindo ter esta fantasia de ser médica; sei que sou apenas uma velha demente em um lar de idosos; estou fazendo isso por minha filha, assim ela pensa que estou feliz aqui. Sei muito bem que as flores nesse papel de parede horroroso não foram pintadas por macacos.

Quando chegaram às portas automáticas deslizantes, Sonia se despediu beijando cada um de nós, apertando minha mão, fazendo o negócio no bíceps de Adam de novo. Nós a vimos andar para a estação de enfermagem, pegar uma prancheta e começar a tagarelar com uma das enfermeiras, que sorriu e concordou com a cabeça em resposta, sem erguer os olhos. Depois saímos do Summerset e voltamos a nossos carros. Após um momento de silêncio atordoado, explodimos em um

riso compartilhado, uma admiração compartilhada, do declínio triunfante de Sonia.

Enquanto seguíamos as lanternas traseiras de Leon pela cidade, Jonathan começou e parou várias frases sobre a mãe dele. Pus a mão em sua coxa para sinalizar que eu estava ciente de como muitas emoções foram reviradas com aquela visita. Depois de seguirmos em silêncio por um tempo, Adam calmamente levantou de novo a questão do tranquilizante, e me vi dizendo: Tudo bem, vou te dar metade agora e você verá como é. Não era típico de minha parte tomar uma decisão súbita e unilateral; senti os músculos da perna de Jonathan se retesarem por baixo da palma de minha mão. Está tudo bem?, perguntei e ele deu de ombros como quem diz: Agora é tarde demais.

Na entrada da casa dos Semenov, que Adam disse assemelhar-se à de Amber, localizei o frasco de comprimidos amarelos em minha bolsa, parti um ao meio; arrependida de minha resposta impulsiva, dei um pedaço a Adam. Eu me arrependia não do meio comprimido — era mais uma poção mágica do que uma dose terapêutica —, mas de como declarara despreocupadamente que daria o remédio depois de Jonathan e eu termos expressado nossas reservas.

A casa parecia um hotel, exibia reproduções produzidas em massa que podiam estar no Summerset — de certo modo, eu esperava uma *muzak* —, mas havia um cheiro peculiar, de peixe e repolho e o que mais Nina tivesse deixado cozinhando enquanto visitávamos sua mãe. Leon ofereceu a nós três copinhos de vodca de uma bandeja de prata, mas, antes que Jonathan ou eu tivéssemos de intervir, Adam disse que só beberia água. Eu o observei tomar o comprimido. Quando Leon coagiu Adam a ir com ele até a garagem ver seu carro personalizado e Nina se retirou para a cozinha, falei:

— Foi totalmente inapropriado da minha parte dar a Adam o remédio sem que nós dois conversássemos mais. Desculpe.

Jonathan nada disse, o que era pouco característico dele.

— Acho que não tem problema ele tomar alguma coisa diante de toda essa insanidade, mas sei que a questão não é essa e peço desculpas. Se

estiver preocupado com isso, podemos ligar para Eric...

— Não vamos ligar para Eric nenhum — Jonathan explodiu. — Para contar que drogamos nosso filho. Não vamos ligar para Eric e Sima para anunciar que nós...

— Baixe o tom.

Jonathan se levantou, partiu intempestivamente na direção que Adam e Leon tinham tomado. Ficou claro que não se tratava do 0,25 mg de lorazepam. Respirei fundo. Em minha mente, minha mãe perguntava quanto custava o sofá preto em que eu estava sentada. Depois tentei imaginar uma forma de demência de conto de fadas para ela, se acabasse no Rolling Hills. Mas esse pensamento de imediato foi sobrepujado por minha percepção — não menos profunda por ser óbvia — de que, quando minha mãe perdeu a memória, ela perdeu a memória do que meu pai tinha feito comigo, o que ele finalmente reconheceu ter feito antes de eles se mudarem de Phoenix para Topeka. O que deixava apenas Jonathan e Sima por dentro. "Por dentro" — fiz a expressão soar mentalmente. O trauma era eterno quando você é deixada sozinha nele. Uma criança em um trem, no espaço sideral, fora do tempo. Será que um dia eu contaria a meu filho?

Adam estava participativo e encantador no jantar; difícil dizer se isso era efeito do comprimido ou prova de sua ineficácia. Jonathan ficou contido, embora sorridente, e de repente eu fiquei exausta, quase grogue, como se eu é que tivesse sido medicada. (Aquelas placas e formas emaranhadas em seu cérebro e tudo o que restar, se você tiver sorte, são vestígios do seu aprendizado. Que eu possa ser deixada em paz com o conhecimento adquirido e depois perdê-lo sozinha.) Tentei ouvir, depois só tentei aparentar que ouvia Leon, que não parava de falar de Audis, o quanto eram melhores do que os Volvos. Tive de levar meu prato até a cozinha para Nina parar de me servir quantidades inimagináveis de esturjão e batatas.

Leon convencera Jonathan a beber uma dose de vodca. Jonathan não parecia embriagado, mas, quando a refeição estava terminada, quando Leon o tinha abraçado às lágrimas na despedida várias vezes, embora eles

fossem se ver no dia seguinte, Adam sugeriu que ele dirigisse, pelo menos até o seu próprio hotel; Jonathan disse claro, e lhe entregou a chave. Estranho ver meu marido e meu filho do banco traseiro, especialmente com Adam dirigindo, como se o problema de reconhecimento de Sonia tivesse embaralhado os papéis de todos. (Adam não era um motorista autorizado pela locadora; deixá-lo dirigir era um pouco como deixá-lo tomar o remédio de outra pessoa; eu podia usar isso contra Jonathan em uma discussão. Os debatedores estavam me contaminando.)

Quando encostou no estacionamento de seu hotel, Adam se virou e me disse que o comprimido teve um leve efeito calmante e que ele agradeceria se eu lhe desse um no dia seguinte. Concordei com a cabeça enquanto ele abria a porta traseira para me abraçar onde eu estava sentada e onde permaneci, como que presa ali por uma força misteriosa, enquanto Jonathan passava para o lado do motorista. Eu não sabia o que vinha pela frente, mas sabia que tinha alguma coisa e, depois de um intervalo de silêncio enquanto Jonathan saía do estacionamento e voltava à rua, ele começou a falar, com uma fúria sufocada, sobre eu ter dado o tranquilizante, que o fiz sem consultá-lo, porque afinal eu sou o pai dele com igual responsabilidade etc. Tive pressa de concordar, mas também notei sua intensidade pouco característica, que o deixava mais raivoso. Era como se não estivesse se dirigindo a mim, mas a uma presença obscura no banco da frente.

— E depois você quer que eu ligue para Eric...

— O que tem de tão louco nisso?

Porque você não tem respeito pelos limites. Porque Eric não é médico de Adam, nem nosso médico, nem mesmo um colega próximo. Ele é o marido de uma amiga com quem você fez terapia e olha só o que isso nos trouxe. Porque (ele não disse) você não pode ultrapassar o cordão de isolamento do museu e pegar uma pílula mágica para tornar Darren ou Adam fluentes, nem para tocar a perna de Donna num jantar em Taipei no porão de Sima.

— É bem possível que eu tenha tomado a decisão errada — respondi. — E independentemente de eu ter lidado com isso muito mal, eu entendo.

Peço desculpas e ponto final. Só que não sei se foi o lar de idosos ou o álcool, mas...

Mas Jonathan era Adam — a agressividade, a velocidade, a tensão nas têmporas — demonstrando como o fato de eu ter dado o comprimido era prova irrefutável de minha incapacidade de manter os limites. Como eu fazia de tudo uma rede de relações entrecruzadas. Eu era o Crânio que escreveu a vaca roxa que levou um tiro de Darren em uma colina próxima e agora a mãe de Jonathan tinha de cavalgá-la para sempre no primeiro filme que ele nunca fez. Espero que esteja orgulhosa de si mesma, sua destruidora de lares. Virago com inveja do pênis. Piranha. Sua Jezebel gilete de Beitou ou Peitou, ele não disse. Era de admirar que sua amizade com Sima tenha...

— Não quero falar de Sima, está bem? Não tem nada a ver com...

Paramos em uma vaga de nosso hotel. Ele desligou o motor, mas continuou olhando para a frente. Como se o para-brisa fosse um teleprompter em que ele lia seu texto a uma velocidade cada vez maior. Por que não podíamos simplesmente sair numa merda de noite sem embaçarmos as distinções, sem cruzar as linhas. Entre o pessoal e o profissional. Entre médico e paciente. Médicos verdadeiros e falsos, com seus estetoscópios de brinquedo. (Ziegler tinha particular admiração pelas pesquisas sobre o câncer.) Debate político e de valores. Eu olhava para o encosto de cabeça. Depois fechei os olhos. Mal conseguia entendê-lo; era como se eu tivesse de traduzir de uma língua estrangeira em que fui fluente no passado. Exigia um esforço cada vez maior, mesmo com os efeitos cognitivos positivos. Entretanto, paradoxalmente, eu já sabia o que ele ia dizer. Que ele tinha uma confissão a fazer. (O tom de Jonathan começara a mudar.) Que ele tinha roubado a pintura. Ele roubou a *Virgem e o Menino* em sua moldura queimada. Foi a pior coisa que fez na vida. E depois as junções se partiram, revelando o alburno mais macio de sua voz, a raiva passava. Ele pediu desculpas. (Começara a chorar.) E eu ainda tentava fazê-lo parar — "Não quero falar de Sima" —, mas era tarde demais. Me desculpe, ele soluçou, jogando longe sua bengala, o chapéu, a gravata.

As luzes caem no auditório lotado do centro de convenções do Mall of America com competidores e treinadores e funcionários e familiares e repórteres cobrindo a rodada do National Speech & Debate Tournament de 1997. À minha direita, está Jonathan; à esquerda, Nina; na fila à nossa frente, Evanson e os outros treinadores e estudantes do Kansas. Uma faixa azul gigantesca (O FUTURO DO DISCURSO) compõe o pano de fundo do palco. Abaixo da faixa, em mesas cobertas por um pano azul, estão as fileiras de troféus altos de estanho pelos quais os adolescentes competirão. Há câmeras de TV instaladas nos corredores; homens usando fones de ouvido com microfone as colocaram apontadas para o palco. A efervescência no auditório é palpável, crescente, ameaçadora — como se muitos na plateia estivessem ali principalmente na esperança de assistir a alguém sucumbindo diante da pressão. Os americanos afirmam constantemente que seu maior medo é de falar em público — maior do que a guerra nuclear ou viajar de avião ou afogamento ou cobras ou aranhas, maior, segundo pesquisas, do que a própria morte. Mas por quê, exatamente? É tão óbvio que seja mais apavorante do que dirigir em alta velocidade ou atravessar a atmosfera? (Nem mesmo os reis mais poderosos da Terra poderiam ter dirigido um automóvel novo e reluzente, nem viajado de avião...)

Porque é uma cena primal linguística, a voz de Klaus no escuro. A assembleia reunida, a comunidade, exigem que o orador seja ao mesmo tempo individual (seu discurso deve ser original para ser premiado) e inteiramente social (seu discurso deve ser inteligível pela tribo). Através da boca individual devemos ouvir *o público falando*. Ou: você não está apenas falando, mas encenando ritualmente a capacidade humana para a fala; ser vitorioso é ser um poeta que renova o meio fundamental da sociabilidade, é estar fora de si enquanto a linguagem flui por ele — como Glenn Gould cantarolando com a música, como o balançar da cabeça para mim ou meu filho; fracassar nesse empreendimento é perder sua condição de pessoa social — regredir à infância (do latim *infans*, aquele

que não fala) ou, pior: à condição de um animal. Que o discurso aqui seja supostamente extemporâneo — sem anotações, sem rede de proteção — só aumenta as apostas da contenda arcaica. O orador de fato se preparou, foi treinado a macaquear a naturalidade, mas isso o coloca em risco de ser revelado como um macaco. (Um animal pode morrer de vergonha.)

Um baixinho careca, as luzes do palco refletindo em seu couro cabeludo polido, chega ao palco. Trata-se de Arthur Naylor, presidente da National Forensics League. Na lapela de seu paletó cinza-escuro, um pequeno alfinete losangular reflete a luz; todo treinador cujo aluno venceu um campeonato nacional ganha um igual a esse. Ele retira um cartão do bolso do peito e lê código, nome, colégio e pergunta do primeiro finalista. Repete a pergunta lentamente: O que o governo colombiano pode fazer para dar um fim ao conflito com as FARC? Posso ouvir centenas de pessoas tomando notas no escuro, um arranhar que associo menos com a linguagem do que com a atividade frenética de camundongos. Se um animal pode ser treinado a pintar, por que não a escrever? Naylor sai do palco pela esquerda. Tento me lembrar do que são as FARC. Um grupo guerrilheiro. Um grupo de cabras alpinas e camurças e lhamas e gnus e javalis.

Vejo o primeiro orador, uma criança trajada como um homem, assumir o palco. Ele olha nos olhos dos juízes, que estão em uma plataforma na frente da plateia — um senador e um embaixador menor entre eles — e, quando a cronometrista indica com a cabeça que está pronta, ele vai para a corda bamba. Apesar de minha alergia à grandiosidade de Klaus, uma grandiosidade que só vem aumentando desde que morreu, sinto algo primitivo por trás do verniz dos acontecimentos atuais: um menino imitando a linguagem de políticos e da política, a linguagem dos homens. Em seguida esse menino está explicando o perigo de pagar resgate a uma força paramilitar, que isso só leva a mais sequestros e problemas com reféns, mas talvez o jovem orador, com suas sobrancelhas teatralmente erguidas, esteja tentando sutilmente sinalizar seu próprio cativeiro — um pedido de socorro

dirigido aos adultos na plateia? Mas não existem adultos, é para saber bem disso que você vira adulto; seus pais eram só mais dois corpos experimentando a paisagem e o clima, tentando fazer sentido ao vibrarem colunas de ar, redescrevendo contingência como necessidade junto com religião ou a Teoria do Gelo Cósmico ou a Ciência Judaica, reduzindo verdades profundas com seus opostos enquanto os regimes de significado colapsam no *spread*.

Na escuridão artificial, enquanto o primeiro orador conclui com uma piada, a plateia rugindo de risos, as presenças à minha volta começam a oscilar: agora estou flanqueada por Porter — vestígios de tabaco de cachimbo — e Caplan e todos os outros homens que me observaram, me treinaram; eles estão aqui para avaliar o meu filho (não um homem, evidentemente, mas um menino, um menino perpétuo, Peter Pan, um homem-criança, porque a América é a adolescência sem fim). Daqui a poucas semanas, ele deixará minha supervisão, deixará para mim e Jonathan um ninho vazio. Qual o futuro do seu discurso? Mexo-me no assento acolchoado, pisco para afastar as presenças, mas descubro que estou olhando Jonathan e Sima de costas, alguns fios prateados perceptíveis no meio do pretume, o pingente virado para a nuca de Sima, uma nota de sândalo onde antes era tabaco. Eles estão aos cochichos; acham que não consigo ouvir. Jonathan está dizendo, Ele vai perder o torneio, não, Evanson está dizendo isso, e virou-se para exibir o sorriso lupino, hálito de cebola grelhada.

Jonathan pega a minha mão no escuro. Sua mão é quente, eloquente: eu vou fazer o que é certo, farei o que for necessário, pelo tempo que durar. Naylor volta ao palco. A oradora 433NN da Apple Valley High School, Minnesota — alguns gritos para a favorita da cidade natal explodem de um lado do auditório, mas são imediatamente interrompidos por um olhar severo de Naylor. A pergunta é: O embargo foi bom ou ruim para Fidel Castro? A pergunta é: Você sempre soube que queria ser psicóloga? Como é ser mundialmente famosa (seu discurso ao mesmo tempo original e inteligível para a tribo)? Como um daqueles colares da amizade fragmentados, a outra metade do comprimido de

Adam está em meu bolso. (Essa manhã, dei um inteiro a ele.) Enquanto a jovem da Apple Valley introduz seu discurso enumerando algumas tentativas fracassadas da CIA contra a vida de Fidel Castro (charutos explosivos, canetas envenenadas), eu — obedecendo a um impulso pueril — coloco metade em minha boca.

O comprimido tem um efeito paradoxal. A oradora ainda faz movimentos com a boca, enumera coisas com os dedos, mas não consigo ouvir seu discurso. No início, só o que ouço é o sangue fluindo por minha cabeça, o chiado de nervos auditivos ociosos. Depois, sua origem obscura, percebo uma espécie de flauta baixa, como uma *muzak* que mal pode ser ouvida. Espalha-se do palco para o Mall of America, o Summerset, o Rolling Hills, o Hypermart, a Fundação e o Dillon's em Huntoon. O ruído branco no fim da história. Ininteligível, embora tenha forma. A jovem está dando alguns passos para a direita, fazendo a transição entre pontos, mas sua boca está fechada. Ela fala apenas com os olhos.

Fecho os meus. Depois de alguns minutos, os aplausos audíveis indicam que o discurso silencioso chegou ao fim. Depois imagino que o auditório se esvaziou ao meu redor, a não ser por Jonathan à minha direita, que ainda segura minha mão. O próximo orador é o XN722, Adam Gordon, Topeka High. A pergunta é: Você pode ler o alfabeto no peito de Holly Eberheart, a língua natal do leite e dos homens? A pergunta é: Você pode usá-la para escrever um poema? Sobre família, arte, memória e o significado, como é feito e desfeito? Abro os olhos.

Vejo que o andar de Adam não é o dele, que ele está encenando a retidão, macaqueando naturalidade, transmitindo calma enquanto faz pose, o benzodiazepínico não importa. O silêncio no auditório agora é completo; ouço o claque-claque de seus sapatos sociais, as solas de borracha dura no piso Marley. Uma vez posicionado, quando ele se vira para a plateia, quando confronta os juízes, sei que está um pouco cego pelas luzes do palco; mas Evanson ensinou-lhe a fingir o contato visual, a fingir que consegue ver os rostos (do outro lado da divisória). De repente, embora eu saiba ser impossível, Adam parece olhar diretamente para

mim, sorrindo de leve, educadamente, mas sem reconhecimento. (Você sabe quem são essas pessoas legais?) Ele fica imóvel ali, como se sustentasse meu olhar, esperando que eu dispare o cronômetro.

Darren pensa nisso, sempre pensará, como se já estivesse lá, a bola branca, uma esfera pesada e polida integrada ao rinque de patinação, uma lua ou estrela morta infinitamente densa suspensa no firmamento do porão, uma bola de discoteca girando que não lança luz, só a absorve. Darren sente que se virou e arremessou-a na direção da mesa antes de pegá-la na caçapa do canto, sentiu seu peso, o frio e a suavidade da resina. Antes de a caloura gata ter gritado bicha e retardado, antes de Darren estender a mão para pegar no cabelo dela, mas — os amigos dela se metendo entre eles — contentar-se com a bola, antes de ser empurrado por dois veteranos de volta à sua posição original na frente da parede, ela já está lá, girando no ar, a postos, a bola branca, a bola de neve, a bola de beisebol que Brett Nelson acertou na cara dele num certo verão, quebrando um dente, a bola do dente, dos seus dentes e dos do coitado do Nick Dewey, calcificada, de esmalte, girando lentamente em torno de seu eixo, visível de cada ângulo, deixando tempo suficiente para as pessoas saírem do seu caminho, para a festa acabar, para limpar as coisas, borrifar Glade aroma de limão, para os pais voltarem da noite de encontro em Kansas City, cansados demais para perceber a bola suspensa no nível do olho quando eles aparecem para dar boa noite, tempo para os veteranos se formarem e irem para a universidade, para Darren tentar outra vez a sorte no Dillon's, para colocar preço no café instantâneo, dinheiro se acumulando em sua gaveta até ele estar dirigindo o Fiero prata de casa para a festa em Clinton Lake, todos os olhos em mim, All Eyez on Me, passando por uma versão dele mesmo na estrada, abrindo a janela do carro para chamá-lo de bicha, chamá-lo de retardado, Mandy no banco do carona, a bola branca visível pela janela à sua esquerda, sua posição constante. Entendam que ele não a teria jogado, a não ser que sempre tivesse feito isso. Se eu fizer o sinal da cruz todo mal que me desejar bate em mim e volta para grudar em você.

OLDE ENGLISH

(Adam)

No sonho, o troféu era tão pesado que ele precisou arrastá-lo pelo corredor acarpetado, puxando o orador grego de estanho pelos braços erguidos enquanto procurava sozinho o quarto do seu avô, mas na realidade sua mãe tinha acabado de trazer uma edição do *Topeka Capital-Journal* para o Rolling Hills, acima da dobra da página uma foto de Adam embalando seu prêmio nos braços.

Ele, sua mãe e a avó esperavam no pátio cimentado no calor do final de julho. Não havia mais ninguém do lado de fora. Eles estavam sentados a uma mesa de metal protegida do sol por um grande ombrelone vermelho que sacudia com as lufadas intermitentes de vento. Aspersores mal posicionados escureciam o cimento. Ele viu um jato desenhar trilhas de condensação num céu que, não fosse isso, estaria sem nuvens. Por fim seu pai apareceu empurrando a cadeira de rodas do pequeno homem pelas portas automáticas e o estacionou entre Adam e sua avó. Como sempre, seu avô estava vestido, era vestido, com um conjunto de moletom, este bege com listras brancas. Seus joelhos estavam juntos e inclinados para a direita. Como um esquiador ou skatista sustentando uma posição em pleno ar, Adam pensou; isso não requer um tronco superfortalecido? Aquele monte de abdominais, muitos cristais. Os pés do seu avô ficavam inacreditavelmente pequenos nas pantufas marrons. Como aqueles pés atados que ele vira numa fotografia em preto e branco, provavelmente em um livro didático.

Rose fez uma série de ajustes rápidos no corpo do marido; pressionou seu cabelo branco e fino para baixo, onde se empinava na frente (ele voltou a subir), empurrou seus joelhos para o meio da cadeira e ajudou a esticar um pouco as pernas dele, limpou os pontos brancos nos cantos da

boca com um monte de lenços de papel que, para o pavor de Adam, ela depois devolveu à bolsa. Executou esses gestos sem carinho ou desdém, como quem arruma uma mesa.

Papai, veja esse artigo sobre o Adam, que é um campeão nacional de... de uma espécie de debate. Oratória. Seu avô deu a impressão de olhar o artigo, estendeu a mão trêmula e meio aberta para sua mãe como se fosse pegar o jornal, mas apenas roçou o papel. Virou a cabeça para Adam e, mais do que abrir a boca, deixou cair o maxilar, que tremeu um pouco. Todos esperaram para ver se ele ia falar. Adam sentiu o riso crescer involuntariamente dentro dele e tossiu para afastá-lo. Por fim a boca de seu avô se fechou, e Adam viu a atenção se dissolver nos olhos do velho, que eram azuis-claros, cercados de vermelho, e remelentos.

— Seu neto é um nerd — disse Adam lentamente em voz alta, sorrindo, obrigando-se a colocar a mão no ombro leve e redondo do avô; ele se sentiu obrigado a fazer algumas declarações alegres ao corpo na cadeira e a demonstrar que não tinha medo de contato com o corpo. Adam agora transpirava, sentia o cheiro do próprio desodorante. Era difícil determinar o que dizer a alguém que podia ouvi-lo ou não, que não podia responder (o oposto profundo de falar com um analista). "Infelizmente, não fui um arremessador muito talentoso." Seu avô tinha sido torcedor de beisebol — do jeito pouco empenhado que era em tudo; alguma norma dos torcedores do beisebol tinha sido colocada dentro dele no início do século. Adam retirou a mão do ombro, roçando sem querer a pele do pescoço do velho, que era fria e seca; talvez o velho não transpirasse mais.

Lembra de que viu o Adam jogando beisebol, papai — quando você veio de Phoenix de visita? Seu avô olhou para a sua mãe e algo parecido com o reconhecimento passou por seu rosto, um efeito de ondulação, os músculos se retesando ligeiramente, o que também retesou o silêncio: estaria ele a ponto de falar ou pelo menos formando frases interiormente? Mais uma vez, eles esperaram, constrangidos, para ver se ele conseguiria falar, embora cada vez mais isso parecesse uma formalidade; seu avô não falava uma palavra que fosse há quase um ano.

Adam procurou ouvir o tráfego da estrada por trás dos aspersores, concentrou-se no assobio das gralhas no telhado baixo do lar de idosos. Tentou se lembrar da voz do avô, ouvi-la em sua cabeça, mas não conseguiu. Na verdade, Adam nem tinha certeza se conseguia "ouvir" a voz de alguém, sonorizar algo interiormente. Mas as pessoas não falavam sempre como se realmente conseguissem ouvir coisas na cabeça — não só sabem e se lembram do que conheciam a respeito de vozes, música, sons, como de fato re-experienciam as propriedades de tom e timbre? A cabeça dele estava sempre cheia de linguagem, mas nunca houve ruído algum. As vozes eram mudas. Adam se perguntou se isso significaria que havia algo de errado com ele.

Seu pai falava agora, só por falar, sobre a Little League — sobre a violência dos outros pais que rotineiramente deixavam os filhos aos prantos, entravam em brigas de soco nas arquibancadas —, mas Adam estava tentando escutar dentro de sua cabeça; só horas antes ele falara com Amber e agora queria escutar a voz dela, o que parecia com tentar flexionar um músculo que ele não tinha, exercitar um sentido fantasma. Fechou os olhos por um segundo, enxugou o suor da testa com o braço; talvez pudesse pegar um eco distante da entonação dela; ajudava imaginá-la falando, ler seus lábios. (Imaginar o movimento de seus lábios, sua língua, os leves espaços entre os dentes da frente, iria provocar uma ereção nele; que tipo de pervertido, Adam se perguntou, fica de pau duro ao visitar um parente em um lar de idosos?)

A voz de Evanson, ele ficou incomodado em perceber, parecia mais perto dele do que a de Amber — talvez porque seu corpo soubesse como se aproximar da voz dele, imitá-la, deixar que fosse emitida de sua laringe e do palato; será que uma voz só ficava verdadeiramente presente se você pudesse imitá-la, tornar-se o seu meio? Talvez a voz de Evanson parecesse próxima porque frequentemente Adam a recebia como gravação, como se seu cérebro já tivesse aprendido a separá-la de sua origem corporificada. Isso explicaria por que era mais fácil para ele imaginar os contornos da voz de Tupac do que os de Jason, por que ele conseguia resgatar mais rápido a voz de parentes com quem falava ao telefone, mesmo que

raramente, do que a de muita gente com quem ele falava com frequência e pessoalmente. (Não era óbvio quais as vozes entravam em você, eram implantadas; elas não obedeciam a uma hierarquia de intimidade; não estavam sob o seu controle.) Mas mesmo as vozes que pareciam mais firmemente alojadas dentro dele não produziam som algum. Klaus, por exemplo, seu avô por afinidade, em geral estava em sua cabeça, mas a voz de Klaus — sua sintaxe literária, suas citações constantes — "soava" como escrita. Quando ele lia um poema para si mesmo, parecia que os versos não eram nem som, nem silêncio; melodias inauditas no ouvido mental. A música muda da consciência. Talvez fosse assim com todo mundo — que falar de ouvir vozes fosse metafórico; se você realmente ouvia vozes, seu lugar era na Fundação.

De repente seu avô fez um ruído. Foi um gemido ou coaxo — grave, rouco — e durou um ou dois segundos. No início e no fim dele, Adam detectou discretas modulações que podiam ser tentativas de fonemas, de sentido, de linguagem. Pequenos fosfenos linguísticos. Seria uma palavra ou frase ou expressão de dor ou uma involuntária expulsão de ar assemântica, vibrações sem qualquer significado que passavam por ele? O rosto de seu avô era inexpressivo, não dava pista nenhuma, embora ele tenha virado a cabeça para Rose. Ele não sabia se aquilo fora um exemplo da voz do velho ou sua negação sem sentido algum. O que quer que fosse, era horrível, indecente; talvez ele tenha se borrado. A contragosto, imaginou-a como um som que acompanha o orgasmo. Ficou surpreso com sua repulsa, sua raiva, a vergonha. Está falando conosco, papai? Há alguma coisa que o senhor queira dizer?

Aquele trecho de som que foi quase fala — não pré, mas pós-verbal — entrou em sua cabeça. Ainda ressoava dentro dele quando se despediram, cada um deles, exceto por sua avó, que abraçou seu avô apático. Acompanhado por seu pai, sua cadeira foi levada para dentro, estacionada na área comum onde o corpo esperaria pelo almoço. Ele se aproximou da mesa a que alguns integrantes da equipe estavam sentados e agradeceu a eles, como costumava ver os parentes fazerem, por cuidarem tão bem de seu avô. Nós sinceramente agradecemos por todo

seu trabalho, o cuidado que proporcionam à nossa família, ele disse, ele se ouviu dizer, mas em sua mente sua fala estava encoberta pela queixa obscena do avô. Veja o meu famoso garotinho, disse o pai, entregando o jornal à mulher de jaleco verde; ele venceu um campeonato nacional de discurso! A mulher pegou o jornal e, olhando da foto para Adam, sorriu educadamente. Adam disse algo autodepreciativo e, mais uma vez, percebeu a interposição do gemido do avô.

Quando deixaram Rose e voltaram para casa, o ruído tinha recuado na memória; não parecia mais como se tivesse se originado do seu corpo. Em vez de ir imediatamente para o seu quarto ou para a sala de TV ver *Rap City* no BET, ou para o telefone ou voltar a sair com seu Camry, Adam se sentou com a mãe à mesa da cozinha, o pai preparando café na cafeteira italiana cor prata.

— Como é para você — ele perguntou à mãe, numa voz que preparava para a faculdade — vê-lo assim? Mudo. Deve ser difícil.

— Bom, seria melhor se ele pudesse partir. Para todos. Acho que para o seu próprio azar ele é forte demais. Nunca adoeceu. Quer dizer, nem mesmo teve uma gripe.

— Acha que ele sabe quem somos nós, onde ele está?

— Acho que sabe. Na maior parte do tempo.

— Então você acha que ele ouve, mas não consegue responder.

— É.

— Isso me parece o pior. Um pesadelo. Não ser capaz de responder.

— Pois é.

Seu pai colocou uma caneca azul lascada diante de sua mãe e se juntou a eles à mesa. Adam não bebia nada com cafeína por causa das enxaquecas.

— Quando foi a última vez em que você teve uma conversa de verdade com ele? — perguntou.

— Ele ainda falava bastante no ano passado — respondeu a mãe.

— Mas uma conversa substancial, não só ele conseguindo soltar algumas palavras aqui e ali.

— Anos — disse seu pai.

— Tivemos algumas conversas de verdade quando você estava no fundamental e depois quando estava no primeiro ano do ensino médio — disse sua mãe.

— Sobre o quê?

— Nós processamos muitas coisas. — Ela deu um gole no café. Depois outro. — A dinâmica da criação da família. Que ele preferia minha irmã, por exemplo.

— Acha que ele já leu seus livros?

— Acho que passou os olhos. Ele disse que leu. Sempre dizia que eram "muito interessantes". Ele dizia, "Jane escreve livros para mulheres com problemas".

— Provavelmente se sentiu ameaçado — disse Adam.

— Pelo quê?

— Pelo seu sucesso.

— Talvez. Não sei bem. Ele parecia indiferente.

— Já o confrontou a respeito da caixa de lenços?

Sua mãe riu.

— Na verdade, não.

— Não consigo me lembrar da voz dele.

— Seu pai tem gravações.

— Dele falando o quê? — perguntou Adam.

— Reminiscências — disse seu pai. — Nada específico. Só o coloquei falando. Eu costumava fazer isso com muita gente... tenho fitas do dr. Tom. De Klaus lendo suas peças em alemão. Sei que tenho gravações de Phoenix. Depois do primeiro derrame dele. Você se lembra dessa viagem?

— Mais ou menos. Podemos ouvir? — Adam notou como o pai olhou para a sua mãe, esperando por uma resposta.

— Claro — disse Jane.

— Por que não ouvimos agora? — perguntou Adam. Talvez as gravações da voz encobrissem os vestígios do coaxo.

— Jonathan, sabe onde elas estão?

Seu pai foi buscar as fitas cassete na sala caótica do porão que eles chamavam de estúdio. Talvez fosse desconcertante demais para sua mãe

ouvir a voz do pai saindo ao mesmo tempo do aquém e do além-túmulo. Certamente Adam sentiu uma intensidade no ambiente.

— Não precisamos ouvir as fitas, se for estranho.

— Não, estou curiosa. Ele sempre foi muito eloquente. Teria se dado bem num debate extemp.

— Eu o teria destruído — Adam brincou.

— Mas não era um bom debatedor. — Ela não o escutou. — Ele falava devagar demais. Era exasperador.

— Eu o teria destruído completamente.

— Só consegui achar uma — disse seu pai, voltando à mesa com o gravador toca-fitas portátil e cinza. — Também tenho as gravações de rolo de minha dissertação lá embaixo — ele disse a Jane. — Eu devia transferi-las para cassete e dar para o Adam. Falam do "*spread*". — Seu pai colocou a fita no aparelho, mas não apertou nenhum botão. Sua mãe por fim estendeu a mão para apertar o play.

Nos primeiros segundos, eles não ouviram nada além do chiado da fita. Depois veio a voz de Jonathan, mais metálica, mais jovem (era difícil separar a juventude da voz da idade do aparelho): *Tudo bem, vamos lá, então estávamos falando, você falava da casa no Brooklyn, Avenue J. E que você fez quase...*

A maior parte da mobília e muitos brinquedos das meninas. Apesar de esta mão, minha mão direita, nunca abrir completamente, nem fechar direito. Agora seria descrito como deficiência e provavelmente eu poderia viver da previdência pelo resto da vida, nunca trabalhar um dia que fosse. Mas isso foi na época em que as pessoas se viravam. E na verdade nunca...

Era um pouco mais aguda do que ele esperava, talvez devido à gravação. (Ou as vozes ficavam mais graves na memória?) O som do *r* desaparecendo depois das vogais — como alguém do Brooklyn que sonhava ser britânico. Adam interpretou isso como pretensão, ainda mais reforçada pela lentidão, um patriarca discursando, convencido de que qualquer coisa que dissesse seria de interesse. A pronúncia — apesar do recente bloqueio de fluxo sanguíneo para o cérebro, da moderada paralisia facial — era cristalina.

... interferiu na minha carpintaria. Economizamos uma quantia considerável, uma quantia nada desprezível. Porque o que eu não fazia eu podia consertar, e Rose trazia para casa cadeiras e outros móveis jogados fora e eu restaurava essas peças. Na verdade, talvez eu pudesse ter transformado aquilo num negócio lucrativo. Rose gosta de dizer que a nossa renda era muito pouca naqueles tempos, mas se você calculasse o que eu fiz e recuperei, na verdade, estávamos numa situação muito sólida. Gastávamos pouco na casa mas tínhamos um belo lar. Certamente não faltava nada às meninas. Lembro que Deborah sempre me pedia para fazer brinquedos para sua amiga Alice, que morava na Carroll Street, uma família rica, e eu fiz para ela um cavalo de balanço muito bonito, mas me recusei a aceitar...

— Isso é mentira — disse sua mãe, atropelando a gravação —, ele prometeu a várias pessoas esses cavalos de balanço, mas nunca fez nenhum.

... o dinheiro de, qual era mesmo o nome da mãe dela? O marido dela tinha morrido na guerra. Um oficial de carreira. No front asiático. Eu não teria aceitado pagamento sob nenhuma condição. Era um nome com S. *E eu fazia todos os nossos consertos. Fiz muitas molduras para as pinturas de Rose. Eu tinha umas serras Disston bem boas. Sabia medir os furos-guia sem usar uma trena. Isso é para evitar que a madeira rache. Algumas obras de arte que estão penduradas na sua casa em Topeka têm, como você sabe, molduras minhas. Acho que o nome dela era Sarah. Eu dei a elas um visual clássico, envelhecido. Uma demão de tinta vermelha, uma camada, e quando secava eu cobria com duas demãos de cinza-claro ou dourado. Depois eu passava uma lixa muito fina e deixava que parte do vermelho aparecesse, especialmente nos cantos e nas bordas. Uma pessoa desonesta poderia vendê-las como antiguidades. Eu pretendia fazer mais molduras para as gravuras que Rose tem na garagem, mas agora nem mesmo consigo trabalhar com o serrote. Será que Deborah ainda fala com Alice? De certa forma, era como se ela fosse da família. Um amor. Eu sentia muita pena dela porque ela não tinha pai. Não sei de onde vinha o dinheiro, mas eles tinham um Chevy Bel Air, que era um automóvel espetacular. O cupê quatro portas. Tinha uns cromados...*

Sua mãe parou a gravação abruptamente. Os três olharam para o gravador na mesa como se fosse uma urna funerária. A voz continuou em

Adam, depois desvaneceu, mas ele sabia que estava em algum lugar dentro dele, tinha estado e estaria. Como livrar-se de uma voz, como evitar que passe a fazer parte da nossa? Ele queria quebrar o silêncio em que seu avô ainda estava envolvido. Imaginou-se pisando no gravador, desenrolando a fita magnética do cassete esmagado. (Sabia que não poderia explicar a violência de sua reação, o que só a aumentaria.) Queria dizer algo para e por sua mãe. Vamos lá, Sr. Orador Campeão. Mas e se ele abrisse a boca e saísse a voz do seu avô? Ou pior: o ruído repulsivo da visita deles? Ou Evanson citando o *Plain Dealer* de Cleveland? Ou rimas com puta? Você beija a sua mãe com essa boca?, perguntou silenciosamente um treinador da Little League em sua cabeça. Ele detestava essa expressão.

— "*I hope to never see one*" — disse Adam. E de imediato, sua mãe respondeu, corrigindo-o, agora sorridente, "*I never hope to see one*". Em sua mente, ele voltava a fita, apertava o botão vermelho do gravador, para que eles fossem gravados por cima de seu avô. Repetiu a frase incorretamente de novo, como se estivesse tentando acertar.

— Jonathan — disse Jane, os olhos começando a brilhar —, nem acredito que nosso garoto, um poeta, um campeão nacional em discurso competitivo, não consegue memorizar um simples verso. — Ela o corrigiu de novo, seu infinitivo fendido, aquele pequeno futuro quebrado, e agora seu avô não estava no ambiente; só eles três, uma família imediata. Se algum dia precisasse evocar a voz de sua mãe, Adam sabia, só o que precisava fazer era citar o verso incorretamente, a recusa ritual deles de repetição através das gerações, sua passagem em sombra, a palavra mágica fraca, e depois sua mãe responderia em sua cabeça, subjugaria os Homens, mesmo que brevemente. ("Desculpe, mas a ligação não está boa.")



No início o sonho absorveu a voz — uma mulher a algumas poltronas dele naquele pequeno avião começou a gritar —, mas logo ela suplantou a ficção e ele acordou, sentou-se direito de repente. Talvez fosse alguma

gritaria num filme. Não, estava alto demais, e eles não estariam vendo filme tão tarde; o mostrador vermelho do despertador assinalava 2h17. Um dia útil da semana. Então ele reconheceu a voz de sua mãe, embora também a achasse irreconhecível; é claro que já a ouvira gritar, mas esse grito era primal. Por um momento se perguntou se os sons teriam relação com sexo, embora ele nunca, até onde sabia, tivesse ouvido os pais "fazendo amor". (A expressão, mesmo quando pensava nela, ficava entre aspas assustadas.) Esse grito era de alguma discussão, ou tinha sido uma discussão antes de virar algo pior: ele podia ouvir, quando sua mãe não estava gritando, o pai falar; a voz dele também estava elevada, mas em uma tentativa de acalmá-la. (Quanta informação afetiva viaja pelas paredes, mesmo quando as palavras são ininteligíveis.) Depois os gritos de novo, talvez choro; Adam não sabia.

Ele olhou em volta do quarto. Agora que estava a dias de sair de casa, seus pertences pareciam parte do passado, pareciam de uma infância da qual ele já tinha o diploma. Na mesa, ao lado do porta-incenso de madeira e de pilhas de caixas de CD, havia um grande globo de plasma que alguém lhe dera anos atrás, talvez em seu Bar Mitzvah. Quando você o ligava, feixes cambiantes de luz azul e rosa ("figuras de Lichtenberg", como Klaus os chamava) moviam-se entre o eletrodo interno e o vidro externo. Um terrário de fosfenos. Se você tocasse o globo, a corrente se curvava para a sua mão, a eletricidade zumbindo embaixo de sua palma; em geral, ele tinha medo de tocá-lo por achar que aquilo de algum modo provocaria enxaquecas. Parecia infantil para ele agora, esse item inovador dos anos 1980; não o ligava há um ano, talvez dois; devia se livrar daquilo. Enquanto a gritaria de sua mãe recomeçava, ele se perguntou — se obrigou a se perguntar —, como jogar fora uma coisa dessas? Dá para simplesmente colocar no lixo? Que gases nobres estariam presos dentro do vidro? Se o vidro rachasse, o que seria liberado? Talvez Erwood o quisesse.

O globo, ele se lembrava, também tinha configurações de áudio; a eletricidade pulsava em resposta ao som. Imaginou que se o ligasse, o globo registraria as vozes dos pais daquela distância, os padrões elétricos,

de algum modo, comunicando o conteúdo da briga para ele, hieróglifos cintilantes. Mas Adam não queria que o conteúdo fosse manifesto; só queria que os gritos parassem. (Um instante atrás, ele era mais velho do que si mesmo, do que seu quarto; agora era um garotinho com medo de barulho.) Ele tossiu o mais alto que pôde, chutou a parede ao lado de sua cama.

Mas sua mãe continuou, um animal com dor. Adam se levantou e ficou no meio do quarto, ao lado do reflexo da lua no carpete bege claro. Estava de cueca boxer e camiseta regata branca que chamavam de *wife-beater*, espanca-mulher. Calma, ele disse a si mesmo: os pais estão discutindo; a mãe está estressada por seu (tomara) pai moribundo; eles estão preocupados com o "ninho vazio"; transições em múltiplas gerações. Talvez se ele envolvesse o corpo com chiclete e entrasse no quarto deles, "O chiclete caiu da minha boca", isso os distrairia. Talvez vestisse o terno do debate e argumentasse com eles, arbitrasse questões de política e valores. Ele decidiu que iria ao banheiro, que faria muito barulho no corredor.

Ele andou com passos exageradamente desengonçados, Buster Keaton, e muito rápidos, para não compreender a linguagem; não sabia explicar seu desejo de não entender a natureza da briga. Do corredor, ouviu sua mãe usar a palavra "Flatbush", a palavra "museu", mas logo em seguida ele puxou a descarga, depois puxou de novo. Mas eles não o ouviram ou ela não se importou, estava distante demais. Ele voltou à porta do banheiro e a bateu com força, Eles vão ouvir isso, depois foi até a pia, abriu as torneiras e se olhou no espelho.

Como seu pai ajudava a passar espuma no rosto de Adam e depois passava a espuma restante na própria face. Na época, Adam tinha seu próprio barbeador sem lâmina que ficava ao lado daquele do pai na prateleira pequena. Posicionava a escadinha ao lado do pai e eles "se barbeavam" antes do café da manhã, Adam muito sério com a remoção da espuma em golpes regulares, enxaguando o barbeador a cada passada; ele adorava o cheiro de Barbasol. Mesmo na escadinha, Adam não tinha altura suficiente para se ver no espelho, mas conseguia erguer a cabeça e

ver a imagem do pai refletida e embaçada. Sincronizaria seus movimentos com os do pai até que a criança se tornasse o homem; Adam acreditava que podia sentir a lâmina raspar sua face áspera, era preciso ter cuidado para evitar o bigode que ele agora tinha. Um rosto coletivo. Até que eles jogavam água fria e ele voltava a ser ele mesmo. Como seu pai limpava o restante da espuma com a toalha, fazendo-o rir ao puxar um pouco os lóbulos de suas orelhas. Depois, iam de carro para a Bright Circle Montessori School, em geral pegando Jason no caminho.

Voltando ao presente, Adam ouviu não só gritos, mas objetos sendo derrubados, talvez atirados. Não conseguia imaginar o que estava acontecendo; nunca vira sua mãe nem seu pai quebrando nada por raiva.

Entre o banheiro e a porta dos pais, eram menos de três metros. Ele andou devagar, sua pisada intencionalmente pesada no corredor, fazendo o piso ranger. O pai agora falava: sobre o processo doloroso de pôr os pingos nos is, sobre não estar à altura de expectativas, sobre padrões, sobre alguém chamado Rachel, mas Adam tentava não escutar. (Tentar não escutar era parecido com flexionar um músculo que ele não tinha.) Ele queria gritar — Ei, o que está havendo, vamos relaxar aí — e assim eles podiam se preparar para sua presença, mas se sentiu incapaz de falar. Duvidava de que os sons que fazia viajassem pelo ar; estava em uma dimensão diferente da dos pais, um fantasma dentro das paredes. Agora ouvia sua mãe responder, mas ela não dizia muita coisa — uns xingamentos, algo debochado sobre o *men's group*, depois barulhos que não eram palavras. O pai tinha se calado.

Adam bateu com força na porta entreaberta, depois a abriu inteiramente e entrou. Tentou fazer com que a voz soasse meio sarcástica, uma piada sobre ele ser o mais maduro ali, a figura parental: Vamos todos respirar fundo aqui. A única luz vinha de uma luminária de leitura na mesa de cabeceira. O pai estava de pé, só de cueca, aquela branca padrão com abertura que Adam e seus colegas teriam chamado de *tighty whities*, estava de braços cruzados; ele sempre parecia meio cego e vulnerável sem os óculos. A mãe tinha vestido jeans e um suéter escuro (o que não fazia sentido; mesmo à noite, a temperatura estava em torno dos

26), estava sentada no chão, o cabelo desgrenhado e só metade presa por uma fivela; ela vestia um par de botas. Não era algo que fizesse normalmente — sentar-se no chão de seu quarto, a não ser que estivesse se alongando. Os calçados que ela costumava usar estavam no térreo, perto da porta; deve ter tirado as botas do armário. Com uma ponderação que traía sua perturbação, o pai enfim falou: "Está tudo bem, Adam, volte para a cama. Só estamos tendo uma desavença." Mas a mãe encarou Adam como se estivesse chocada não só com sua presença, mas também com sua existência. Como se tivesse tido uma concussão, ela não conseguiu reconhecê-lo. Depois ela gritou: "Alguma merda de privacidade, pode ser?" Espantado, ele se ouviu dizer — ouviu um garoto muito mais novo dizer — Mãe, aonde você vai? No silêncio que se seguiu, o sinal pulsante do telefone fora do gancho ao lado da cama.

— Pergunte ao seu pai. — Ela se levantou atrapalhada; havia algo de infantil em seus movimentos, o que o desconcertou ainda mais. Depois ela se obrigou a sorrir e disse a Adam em uma imitação tensa de sua voz normal: — Desculpe, meu amor, eu preciso de um pouco de fresco para pensar... quer dizer, de ar. — A angústia tinha embaralhado os predicados de sua sintaxe. Ela passou por ele e desceu a escada; ele a ouviu pegar as chaves no gancho ao lado da porta de entrada, que ela depois bateu ao sair, chocalhando as janelas da frente. Passos na varanda, porta do carro batendo, o motor dando a partida. Ele foi à janela próxima, separou as folhas da veneziana e a viu arrancar da entrada, indo na direção da 6th Street.

Adam se virou e viu o pai pegar os óculos na cômoda, colocá-los, depois começar a recolher algumas coisas que a mãe havia atirado. Pegou o relógio de bronze, colocou de volta na mesa de cabeceira, depois a pequena escultura de pedra inuit, pesada, que Rose adquirira em algum lugar. Esta foi para a cômoda. Adam teve a estranha sensação de que vários objetos jogados pelo chão tinham sido menos espalhados por sua mãe do que atraídos para sua posição por uma força magnética, algum princípio de atração que seu pai agora combatia enquanto os restaurava a seu lugar. Imaginou que o copo de vidro que o pai pegou no carpete —

pelo tom escuro da mancha, ele sabia que contivera vinho — pesava uns 15 quilos, como um dos halteres que Adam usava na Popeye's. No canto, junto com alguns livros que foram varridos do tampo da cômoda — inclusive um de sua mãe, uma nova tradução para alguma língua do Leste Europeu —, Adam viu a caixa de jacarandá que Klaus dera a ele. Andamos processando muita coisa e esta noite tudo saiu dos trilhos, e eu sinto muito por termos acordado você. Está tudo bem, é sério; sua mãe vai voltar logo; vamos dormir um pouco. O desejo de saber mais e o desejo de saber menos lutavam entre si até um impasse dentro de Adam, dificultando os movimentos. Ele sentiu que o pai se preparava para rebater as perguntas difíceis.

Mas Adam disse boa noite, deu meia-volta. Fechou suavemente a porta do quarto dos pais ao sair. Suas pernas o levaram pelo corredor, ele passou por seu quarto e foi para o estúdio da mãe, no final do corredor, onde o carpete dava lugar à tábua corrida. Ele não acendeu as luzes. Janelões sem cortinas davam para o jardim. Os galhos da nogueira em torno da qual o deque dos fundos foi construído balançavam com o vento, lançando sombras pelo chão. Adam ficou o mais imóvel possível procurando escutar o som de um carro retornando. No alto da cerca do jardim, um animal se arrastava lentamente; seria um gato grande ou um guaxinim? Era um gato. Ele se afastou da janela, foi até a mesa e sentou na cadeira giratória. À direita do monitor do computador de sua mãe, algumas tartarugas alebrijes verdes e roxas de Oaxaca, as cabeças tremendo um pouco. Um tríptico de porta-retratos articulados com ele e sua mãe em diferentes fases. Pelo zumbido baixo da torre embaixo da mesa, ele sabia que ela deixara o computador ligado. Só o monitor bege de tubo estava apagado; ele encontrou o botão quadrado na parte de trás da tela e o pressionou.

Word for Windows, 1995. Ela ainda não tinha o Office 97. O documento aberto consistia em anotações que sua mãe estava fazendo, talvez para um artigo: "Rompimentos emocionais nas famílias de origem — ver Bowen, visão de processo da mudança"; "ciclo de busca e ansiedade" etc. Ele teve a fantasia de que qualquer coisa que digitasse no

documento acabaria indo parar em um dos livros dela, que ela mais tarde confundiria com a própria linguagem e incorporaria à sua escrita, que depois circularia pelo mundo, influenciando talvez os relacionamentos dos leitores. Ele sabia que a ideia era absurda, mas pensar nela o assustou.

Abriu um novo documento. Digitou fragmentos do que o pai dissera, mas agora os organizando e quebrando irregularmente conforme suas sílabas e tonicidade, algo que vinha experimentando com seus poemas:

É doloroso pôr os pingos nos is
Nem sempre estou à altura
Especialmente quando há tantos

Ele deixou o cursor piscar algumas vezes. Em seguida, continuou:

Uma visão de processo da mudança vem a ser
Duas demãos de cinza-claro ou dourado
De eletricidade embaixo de sua palma

E assim por diante. De alguma forma havia um poder especial na adaptação da linguagem para outro propósito, na redistribuição das vozes, na mudança do princípio de padronização, fagulhas fracas de significado alternativo na sombra do sentido original, a narrativa. O poder era ao mesmo tempo real e muito tênue, um sinal distante. Ele escreveu mais alguns tercetos, nenhum deles particularmente bom, mas o processo de sua composição, ou de deixar que outra força os compusesse por intermédio dele, o relaxou um pouco, uma espécie de meditação. Ele fechou o documento, clicando em "Não salvar".

Ele hesitou, depois clicou duas vezes no ícone da Netscape e ouviu o tom de discagem. Depois da discagem automática, os bipes e silvos, o som do modem se comunicando com outro modem pela linha fixa, a linguagem das máquinas. Quando estava conectado, Adam digitou "ALS Scan" na barra de pesquisa e esperou carregarem os resultados, em

seguida clicou no link apropriado. Levou algum tempo para os thumbnails aparecerem. Não era seu site preferido, mas ele tinha confiança de que se o nome "ALS Scan" fosse de algum modo descoberto por quem sabe que poder de vigilância, soaria inócuo. "ALS" não é uma doença? Ele podia alegar ter feito alguma pesquisa.

Ele clicou mais ou menos ao acaso na imagem pequena de uma jovem provavelmente de sua idade fazendo boquete num dildo roxo que segurava em uma das mãos enquanto com a outra ela abria os lábios vaginais. A imagem começou a carregar; os sons abafados emitidos pela torre do computador lembravam ruídos de construção ouvidos a distância. Serrando e martelando, como se homenzinhos vivessem no computador e tivessem de fabricar a imagem à mão. Ela começou a aparecer de cima para baixo da tela, uma cortina de cores que caía milímetros a cada vez. Levaria um minuto inteiro para aparecer plenamente, o strip-tease da lenta velocidade dos bits.

A parte da tela em que a imagem não alcançara estava escura e ele podia ver o seu próprio reflexo no vidro. E então, inesperadamente, apareceu outra face refletida ali, alguém olhando por cima do seu ombro; apavorado, Adam mergulhou atrapalhado na direção do computador sob a mesa e apertou o botão liga/desliga; quando voltou a se sentar, já sabia que era um alarme falso, que o quarto estava vazio. Ele teria ouvido alguém se aproximar. Respirou fundo pelo nariz, soltou o ar audivelmente pela boca. Agora exausto, levantou-se para ir para a cama.

Mas parou na porta do estúdio: quando a mãe ligasse o computador pela manhã, a imagem ainda estaria sendo carregada? Ele sabia que não seria assim, mas a imagem mental era perturbadora, e podia haver outro rastro dela, seu histórico de navegação. (A imagem apareceria em telas em toda parte, e de algum modo as pessoas saberiam o que ele fizera, sua responsabilidade; Amber a veria em seu próprio PC, Rose veria da próxima vez que passasse pela seção de eletrônicos do Hypermart, ela apareceria nos cartazes de protestos dos seguidores de Phelps, está orgulhosa do seu filho, seria carregada de algum jeito nos porta-retratos sobre a mesa de sua mãe, estaria nas sobrecapas dos livros dela, mas

também seria carregada nas telas e superfícies do passado, no *Fritz the Cat*, no pôster de George Brett e nos seus lençóis *Star Trek*; ela substituiria o Chagall no consultório do pai, arruinando sua prática profissional. E as provas apareceriam nas telas do futuro: no seu iPhone, na capa deste livro. Prevendo essa humilhação, sua mãe fugira. A obstinação da história.)

Ele voltou à mesa e ligou novamente o computador. Ouviu o som de inicialização do Windows, de seis segundos, composto por Brian Eno. Precisava encontrar o cache e limpar. Só agora ele se perguntou se as alterações da mãe tinham sido salvas.



Ele estacionou o carro a algumas casas de distância da festa e desligou o motor assim que o poste de luz mais próximo deles acendeu. Você acha que eles têm um *timer*, perguntou a Amber, ou que são fotossensíveis? Acho que tem um passarinho acendendo a luz dentro de cada poste, como nos Flintstones, respondeu ela. Eles acenderam cigarros e fumaram e observaram seus colegas de turma chegarem, a maioria carregando garrafas ou caixas. Fizeram a brincadeira de tentar identificar a marca da bebida de longe: Zima, Mad Dog 20/20 Coco Loco, Mickey's Fine Malt Liquor. Amber cobriu um olho, como quando se lê letras na escala optométrica.

Quando acabaram de fumar, saíram do carro e foram até a mala, que ele abriu para pegar suas próprias bebidas, subtraídas dos pais de Amber: uma meia garrafa um tanto consumida de Absolut e outra de vinho branco. Quando bateu o porta-malas, a luz do poste se apagou como que pelo barulho. Amber postou-se na frente dele para ficar entre ele e o carro, e o puxou para ela: Rápido, antes que a luz se acenda de novo. Ele sentiu o gosto doce de brilho labial e tabaco, toques de hortelã e metal que o faziam pensar em sangue quando a beijava. Era bom infligir danos opcionais a nossos pulmões rosa-choque; era bom ser dois jovens provando o gosto de Lancôme e Philip Morris, de feromônios sintéticos e

agentes carcinógenos, estar no ponto de contato mais íntimo, no de pessoas mais corporativas e substituíveis; clichês, tipos.

Tenho uma prima em Joplin, disse Amber afastando-se (ela sempre se afastava de repente), que diz que os postes de luz se apagam quando ela passa embaixo deles. Acha que é tipo um superpoder que ela tem, ou o que se pode chamar de um superpoder do mal. Uma maldição — que tem alguma coisa errada com ela.

Talvez, disse Adam, tenha a ver com o campo eletromagnético em volta do corpo dela.

Mas o foda (Amber o ignorou) é que estávamos — meu irmão também estava lá — todos chapados e quando ela disse isso ficamos sacaneando a garota, falando do cemitério de Stull, do *Exorcista*, e ela ficou tipo: Para com isso. E aí a gente foi para o centro da cidade, que ficava a uns 800 metros da casa da minha tia, totalmente deserto. Era uma da manhã de um domingo. Tinha todos aqueles postes de luz antigões. E ela nos disse para esperar e ver, e passou lentamente embaixo deles de um lado da rua e não aconteceu nada. Caímos na gargalhada. Depois ela voltou na nossa direção pelo outro lado da rua e um deles *apagou mesmo*. A gente ficou tipo, caralho, mas também falamos que foi por sorte. E aí ela passou de novo e outro poste se apagou, eu juro. Foi totalmente surreal. Tipo assim, ela fez o troço com a mente. Ela é bem pirada e agora toma Prozac, e tem aulas em casa. Acho que deve ser uma bruxa ou algo do gênero.

Sua prima por parte de pai, a filha da irmã mais velha dele, Adam confirmou.

É, ela disse, rindo.

Vocês parecem um bando de drogados malucos, disse ele, caso o desejo dele de mapear a família dela, manter o sistema em sua mente, o fizesse parecer esquisito ou bunda-mole.

Eles foram de mãos dadas para a casa de Jason, mas se soltaram ao se aproximarem; ninguém ficava de mãos dadas, não estavam nos anos 1950. Chegava mais gente e Adam ficou surpreso com todos aqueles carros — Adam e Jason jamais deram uma grande festa em casa; Sima e Eric, como Jane e Jonathan, não se importavam que rolasse um pouco de

bebida, não ficariam escandalizados com um pouco de maconha, mas não iriam tolerar drogas mais pesadas, estudantes caindo pelas tabelas ou porradaria; qualquer uma dessas coisas levaria a um ano, talvez dois, de "processamento". Os pais de Jason iam passar a noite em Kansas City, mas podia ser difícil controlar uma festa depois que ela começava, garantir que todos fossem embora na mesma hora. Jason iria para Stanford dali a um mês e meio; talvez não estivesse se importando em se meter em encrenca.

Pelas vozes e a música (Fugees, *The Score*), eles sabiam que as pessoas estavam nos fundos. Um portão de madeira na lateral da casa levava a um caminho de pedra flanqueado por luzes pequenas de jardim que ia dar nos fundos onde outros recém-formados se distribuíam pela mobília do pátio fumando e bebendo. Aqui e ali, um fardo de cerveja Natural Light; Nowak dando de beber a Evan Williams da garrafa; um garrafão de Carlo Rossi etc. Adam, depois dos cumprimentos de costume, agora misturados com parabéns de escárnio por seu triunfo — "Aí, vamos todos brindar ao campeão dos palermas" —, entrou em busca de um liquidificador.

Por que naquela noite foi estranho entrar na casa de Jason, uma casa que ele conhecia desde que se entendia por gente? Por que vasculhou a geladeira e as gavetas da cozinha como um antropólogo ou um fantasma? Por que colocou o suco de laranja ao lado da garrafa na bancada e, em vez de preparar os drinques, foi à sala de estar e olhou o sofá de couro amarelo e os quadros nas paredes — entre eles um pequeno Lassiter em uma moldura antiga, presente de Jane? Adam procurou as marcas de dentes que sabia que tinha deixado na mesa de centro mais ou menos uma década antes, uma queda quando eles estavam brincando; passou os dedos pelas marcas e lembrou que tinha visto seu pai retirar o lábio de Jason do aparelho ortodôntico no hotel alguns anos depois. (O que aconteceu com os dentes de leite deles?, perguntou-se de repente. Será que os pais deles só os jogaram fora? Ele se imaginou voltando para a festa e descobrindo veteranos e veteranas abrindo sorrisos de dentes meio decíduos, espaços aqui e ali onde eles foram perdidos, os dentes

ausentes deixados debaixo dos travesseiros para a fada dos dentes, que os trocaria por dólares de prata.) Sem nenhum destino em mente, ele subiu a escada, o piso de madeira rangendo sob seus pés. O quarto de Jason e a sala de TV ficavam à sua direita, mas ele foi para a esquerda, abriu a porta do quarto principal, em que nunca tinha entrado. Podia sentir a fragrância que associava a Sima. Sobre a cômoda, uma caixa de joias grande e aberta marchetada de prata e pérolas; pegou algumas pulseiras, olhou os anéis. Havia um medalhão solto da corrente que ele tentou abrir, mas não conseguiu; talvez não fosse um medalhão, era só um pingente, mas sentiu que escondia alguma coisa, uma fotografia antiga, uma lasca do Gelo Cósmico. Os janelões davam para os fundos e Adam foi até eles e cuidadosamente separou as folhas das venezianas e olhou para o ambiente lá embaixo. Vê Darren chegar na companhia de Cody e Laura. O entusiasmo exagerado com que Darren é recebido, aquela tensão histérica. E aí, meu irmão? Fala aí, essa festa é do caralho. Adam imaginou que podia se ver em uma das cadeiras de vime com Amber em seu colo, arrumando seus cabelos louros em um rabo de cavalo por cima do ombro direito de um jeito que exibia os músculos tonificados de seus braços bronzeados.

Mas foi Amber que tocou suas costas, levando-o a se afastar das venezianas em choque. Meu Deus, disse ele; como foi que ela subiu a escada sem fazer barulho? O que está fazendo aqui em cima?, ela perguntou. Sem saber o que dizer, Adam sorriu como quem conspira e foi até a porta, trancou-a apertando o botão da maçaneta prateada e voltou a ela, e a levou à cama grande e cuidadosamente arrumada. Aqui?, perguntou ela. A firmeza inesperada do colchão, a espuma de memória. Mais vozes do lado de fora da janela, a festa aumentava rapidamente. Eles se agarraram por um tempo com ela por cima dele e depois ele a virou, aos beijos chegou lentamente até o primeiro botão dos jeans, que ele abriu.

Compreender seu comportamento sexual tal como era representava uma síntese, ou uma tensão viável, entre a pornografia e *Our Bodies, Ourselves*, a coisa mais próxima da pornografia que ele já viu de posse dos

pais; Adam tinha ouvido a mãe falar sobre o apagamento do clitóris por parte da teoria psicanalítica e naturalmente ouviu garotos e homens falarem interminavelmente do corpo feminino como um brinquedo a ser destruído para o prazer masculino. Como interagir com Amber de uma forma que ao mesmo tempo reafirmasse sua diferença considerável — como poeta, protofeminista e Ivy League alternativo — do estereótipo masculino mas não castrasse a si mesmo no processo? *Cunilíngua, Cunnilingus, cunning linguist*, como dizia a piada sobre os bons de língua, uma piada que pode ter sido feita para ele, ele que tentava cobrir o corpo com o discurso. (O chiclete, a voz de Klaus, indicando uma transferência da oralidade para o genital.) Ele não seria o único garoto que "chupou uma buceta" em Topeka, mas podia ser o único garoto da turma de 97 que leu sobre técnicas, consultou a famosa sexóloga quando ela passou pela cidade, que solicitava um feedback franco de sua parceira no ato. (Esta conversa em si, depois da timidez inicial dela, parece ter afetado Amber quase tanto quanto o contato físico.) Colocar a língua plana em vez de apontá-la. A dialética dos movimentos circulares e verticais. A coreografia dos dedos. Não acelerar por instinto em resposta ao prazer crescente, não sucumbir ao instinto do *spread*. Na faculdade, ele teria de desaprender o belo mito adolescente de que "escrever" o alfabeto com a língua era um código universal para o orgasmo feminino, mas pelo menos isso expandiu seu leque de movimentos. Você podia praticar tentando ler com a caneta na boca. O padrão é absurdamente baixo para essa forma de articulação. O uso da extremidade da língua, essencial para oclusivas alveolares, como */t, d/*. Se só o que ele sabia era ouvir e responder e ficar firme durante a tremedeira, era mais do que suficiente — combinado com a penetração vaginal — para fazer Amber declará-lo o maior, de longe, de seus muitos amantes. Mas embora alimentasse esperanças de que ela divulgasse essa classificação, ele não queria que ela divulgasse a centralidade da estimulação oral, o que colocaria a reputação dele em risco entre as pessoas. Novamente sua língua era ao mesmo tempo seu ponto forte e seu ponto fraco.

Ela puxou um dos travesseiros grandes para o rosto a fim de abafar o barulho que fez quando gozou, ou pareceu gozar. Quando ela não estava mais tremendo, Adam se reposicionou cuidadosamente, retirou o travesseiro e eles se agarraram suavemente por um tempo. Depois ficaram de costas olhando o ventilador de teto, branco e imóvel, pouco visível acima deles na escuridão. Em vez de imediatamente descer pelo corpo de Adam para retribuir, Amber começou a falar.

Apesar de minha mãe não querer que eu vá para muito longe do estado, aposto que ela pode ser convencida de que preciso me mudar para o Leste para encontrar a mistura certa de dança e vida acadêmica. Ela tem uma sobrinha que foi para a Swarthmore, que fica perto da Filadélfia, e é uma longa viagem de carro até Providence ou uma curta para Nova York. Não sei se vou conseguir entrar porque meu histórico escolar do Oeste tem um monte de C porque eu estava embromando, mas sou 4,0 desde então, 790 no SAT de matemática, e embora eu não seja uma palerma campeã de debates, sei escrever uma boa redação ou você fará por mim ou existem outras faculdades. (Você sabia que tem uma faculdade de medicina nas Bahamas onde você pode ir estudar e depois voltar para cá e ser médico? Isso seria o máximo. Depois da faculdade vou para lá aprender a operar e depois ficar relaxando na praia, doidaça pra caralho. É o que vou fazer se a dança não der certo. Talvez pediatria, tipo como eles corrigiram as artérias do meu irmão porque ele nasceu com elas invertidas. Por isso ele não pode jogar futebol, embora ele seja incrível.) Não estou dizendo que vamos ser sempre tipo um casal, mas quero passar um fim de semana em Nova York com você, quero ir ao museu e andar naquele negócio de charrete com cavalo pelo parque, como o teu pai fez depois daquela *bad trip* dele e ter outras lembranças de lá. Nem acredito que eles te contaram como foi para eles ficar juntos e tomar drogas e perder o controle. Minha mãe pode encher a cara e se entupir de comprimidos, mas vai jurar que só tomou meia taça de vinho. Daí a gente vai poder ver obras de arte ou ouvir música ou poesia ou qualquer coisa ou ir nas baladas ou só ficar andando pelas ruas depois do cinema. Meu irmão diz que da última vez que ele esteve lá eles

compraram garrafas de Olde English e entraram numa balsa e passaram a noite enchendo a cara, indo e voltando e vendo todas as luzes da cidade da água, achei maneiro, a gente podia fazer isso juntos uma noite, né? Você não sabe como adoro ficar com você quando não está sendo um babaca, como é saber a semelhança e a diferença embora você não possa representar a minha voz, o problema de outras mentes, fosfenos, fonemas. Tipo agora, os borrões amplos e vazios do início de minha vida engrossando em minha mente. Só precisamos de identidades falsas. Nem sei se em algum momento eu te falo coisas reais, ou os sonhos mais irreais. Se você esfregar essa planta entre as suas mãos, os postes de luz na rua vão se apagar, as sirenes vão disparar. O cometa Hale-Bopp está prestes a atingir o seu periélio, um rastro de gás azul apontando do sol. Azul gelo. Você vai poder ver se fechar os olhos e apertar bem. Sempre em mim, as coisas mais sólidas se derretem em sonhos, e os sonhos em solidez. Tem uma nave espacial atrás dele, e embora estejamos deitados aqui, os membros das Portas do Paraíso estão misturando fenobarbital e compota de maçã e vodca e subindo em seus beliches e cobrindo a cabeça com um pano roxo para que possam ser transportados de seus corpos e desse planeta onde a história terminou, turma de 97.

Na cozinha, eles serviram a vodca com o suco de laranja por cima do gelo nos copos mais altos e voltaram ao pátio, que agora estava barulhento com a multidão reunida. Uma leva de calouros tinha chegado. Em minutos, Adam estava de volta para completar seus copos, dessa vez com menos suco de laranja, e depois sem transição Alber lhe oferecia um terceiro, talvez quarto. Ele não podia lhe dizer como o código se formou, quem eram os protagonistas, mas se viu com os braços em volta dos ombros de dois veteranos enquanto eles tentavam compor rimas com putas, tiroteios e por aí vai. Se você tomar essa pílula misteriosa, pode abstrair o caráter absurdo e ofensivo do vocabulário deles para recuperar um sentido de deslumbramento diante do mero fato de que qualquer espécie de jogo de linguagem formalmente pressurizado tem peso social, que os tipos masculinos irão dessa maneira apropriada criar um teatro em que o discurso pode ser reciclado, recombinado,

embora de forma canhestra ou ofensiva. Nessa noite, Adam conseguiu ascender acima da violência estúpida das batalhas e clichês misóginos e entrar em uma zona em que as frases se desdobravam a uma velocidade que ele não pôde controlar conscientemente. A essa altura, não importava que palavras ele estava plugando na maquinaria da sintaxe (o sublime da intercambialidade), não importava se estava fazendo rimas com putas, boquete ou o programa de vigilância Stingray; não importava que parecesse um idiota; o que importava era que a linguagem, o meio fundamental da sociabilidade, era exibida em sua capacidade abstrata, e que ele teria um vislumbre, embora fugaz, da gramática como pura possibilidade.

De quem foi a ideia de incluir Darren? Darren se movia, era movido, numa corrente de álcool e energia compartilhada para o interior do círculo sem excedentes; os caras colocavam os braços fraternalmente em seus ombros, como jogadores reunidos para combinar os próximos lances, e lhe passavam o microfone invisível ou concha ou bastão da fala e, embora ele tenha ficado inteiramente mudo na primeira vez, incapaz de qualquer vocalização, veja o sorriso apavorado, eles acabavam voltando a ele, e agora ele falava, embora hesitante. E apesar de sua contribuição não passar de uma tentativa tosca de repetir palavra por palavra o que Adam rimava sobre socos na cara e entrar em cana, seus parceiros todos gritavam palavras de estímulo e admiração e balançavam a cabeça com o *beat* inexistente como se Darren estivesse revelando novos territórios de pensamento e sentimento, novos mundos, como se ele fosse seu Caedmon. Pois sempre lhes disseram para incluí-lo e isso constituía o zênite da inclusão, a assimilação de Darren à fala corporativa, as prosódias deles quebradas, e se havia ironia, nem toda era cruel.

Mas havia barulho demais nos fundos; os vizinhos iam reclamar. Por fim Jason rompeu o código e disse que eles precisavam entrar, descer para o porão que tinha o televisor grande e os pufes e a parede de cobre e a mesa de bilhar que Eric, com a ajuda de Jonathan e a picape de Ron Williams, tinha transportado da casa de Klaus dois anos antes. Estava na

hora de assumirem suas posições em volta da bola branca que girava imperceptivelmente, satélite de gelo. Não havia, não há, nenhuma pressa; os estagiários precisam ajustar as câmeras, os atores precisam ajeitar seu figurino de época, virar os chapéus assim, prender os pagers, aplicar seus segredos de limpeza e retoque. Isso é 1909; isso é 1983; isso é o início da primavera de 1997 visto de 2019, do chão de minhas filhas, a luz baixa do laptop, "Clair de Lune" tocando em uma janela separada, enquanto Bone Thugs-N-Harmony toca no porão. Vindo de fora, porque esta noite é reciclagem, ouço o som de pessoas pegando coisas através do vidro; de dentro do romance, risos e fala arrastada, os mecanismos perto do colapso. Os fardos de cerveja foram colocados ao longo da parede; os bongs foram colocados no feltro verde; McCabe mostra a Jason o saco plástico com os cristais, como você esquenta uma lâmpada da qual os filamentos foram cuidadosamente retirados. Foram necessários milhares de gerações de progresso técnico, cada um construído com base nas conquistas dos que viveram antes de nós, para possibilitar esses artigos modernos comuns. Têmpera sobre madeira. Mármore Kodachrome. Borracha e cola.

Quando todos estão em posição no porão abarrotado, as luzes se apagam. Aqui e ali, o brilho de um isqueiro levado a uma tigela, o mostrador azul elétrico do sistema de som portátil. Clique na bola branca e a arraste para a beira da mesa e a coloque ao lado da cara de Mandy Owen, que está de perfil; quando o mouse é solto, ela a atinge 7 centímetros abaixo da têmpora, quebrando o maxilar em vários lugares, desalojando inúmeros dentes, derrubando-a, inconsciente, alterando para sempre a sua fala. Quando as luzes voltam a se acender, ela está de cara no chão; há gritos na velocidade e *spread* do sangue; a música enfim é interrompida. Alguém corre até Mandy, vira-a lentamente (mais gritos); outros correm até Darren, seguram-no como se ele estivesse tentando fugir, pequenos espasmos simulados no canto de sua boca; muitos fogem do porão ao mesmo tempo, subindo a escada num estouro de manada. Localize a bola branca onde ela rolou para baixo da mesa e clique de novo, arraste para a esquerda. O sangue e os dentes voltam a entrar na

cabeça de Mandy enquanto ela recupera o equilíbrio, seu maxilar é recosturado; as luzes se apagam, nuvens de fumaça voltam para as bocas, a música toca de trás para a frente enquanto a pequena lua gira pelo firmamento do porão, talvez não mais depressa do que / uma flecha acerta, voa, deixa // o arco. Como seria mais fácil se, quando você botasse para tocar devagar de trás para a frente, as letras realmente revelassem, como alguns pais histéricos temiam, mensagens satânicas, se houvesse uma ordem secreta com mensagens reversas, mesmo que sinistra, em vez dessa raiva do vazio. Agora ela enche a sua mão.



APERCEPÇÃO TEMÁTICA

(Adam)

Do apartamento de quarto e sala de Doña Alana na 108th Street com Amsterdam, um apartamento sem alterações materiais desde 1942, quando ela chegou de Vieques, o apartamento em que ela criou duas filhas sozinha, as duas camas de solteiro cuidadosamente arrumadas em que as meninas dormiam ainda estão lá ao lado da cama queen cuidadosamente arrumada, que ficava ao lado de uma mesinha com um telefone de disco, o último telefone de disco da minha vida (que minhas próprias filhas nunca conhecerão linhas fixas, uma profunda mudança de perspectiva dos sistemas familiares), um apartamento que parecia o ponto fixo em torno do qual o bairro se reorganizava constantemente, nós seguimos, Natalia e eu, empurrando o carrinho duplo de bebê por um calor atípico de novembro na direção da Riverside Drive. De nossas meninas, tentávamos esconder nossa tristeza com os últimos sinais da demência progressiva de sua bisavó: de como ela chamava Natalia pelo nome de sua mãe na maior parte da visita; de como pensava que Luna, nossa filha mais velha, fosse um menino, Natalia puxando para trás o cabelo castanho de Luna para revelar os pequenos brincos de ouro; de como Bisi, como as crianças a chamavam, pegou um ímã de geladeira de sapinho da mão da pequena Amaya com um desespero súbito, *Es mío*, como faria outra criança, depois fechou o ímã na palma da mão, confusa com o que fizera, enquanto Amaya começava a chorar. Paramos no canteiro da Broadway, esperando o sinal abrir, Natalia cumprimentando os velhotes nos bancos à nossa esquerda, o espanhol ininteligível para mim por conta das vogais engolidas, o canto de um passarinho depois que um ônibus passou, enquanto eu fingia não olhar um sem-teto vasculhando uma lixeira de metal verde à nossa

direita, verificando se ele não era uma ameaça às meninas, incapaz de não pensar nesses termos, Amaya agora cochilava, de chupeta na boca, Luna cantava para si mesma uma música sobre hipopótamos, nuvens se deslocando rapidamente pelo espaço entre os prédios quando eu olhava para cima, Cardi B saindo de um carro estacionado em fila dupla. Quando não queríamos que as meninas entendessem nossa conversa, Natalia e eu usávamos um jargão polissilábico, com palavras complexas de dicionário, algo que eu só podia fazer em inglês, o que também nos permitia transformar temas sérios em uma espécie de jogo — nos sentíamos crianças zombando da fala dos adultos — e então eu disse, "A neurodegeneração é onerosa de contemplar, mas o fulcro de sua personalidade está intacto", ou algo do tipo; Natalia falou, "Minha expectativa é de que ela logre chegar ao seu término sem uma realocação para uma instituição", ou coisa parecida. O sinal abriu, atravessamos a rua, Luna apontando para o caminhão do Mister Softee: Papá, você prometeu sorvete; Não, eu disse que vocês podiam comer biscoitos na Bisi ou esperar para tomar sorvete, a culpa nos níveis projetados de açúcar em seu sangue. Luna começou a choramingar, Natalia, que só falava com as meninas em espanhol, disse que consequências o choro podia trazer; Luna desistiu e retomou o canto improvisado de hipopótamos, agora incorporando a palavra "onerosa", que ela pronunciava "on-rosa", a linguagem como argamassa em sua boca, batendo palmas para dispersar uns pombos enquanto descíamos na direção da Riverside, Luna encantada com um homem que fazia barras num andaime, Papá, você sabe fazer isso? Que vida a sua avó teve, eu disse a Natalia, como sempre fazia, e que século particularmente insano atravessou, nascer antes do automóvel ou do avião e agora falar pelo FaceTime (no telefone de Natalia) com um primo na ilha, a energia restaurada provisoriamente, enquanto as bisnetas corriam em volta dela. Natalia assentiu para as platitudes, *Sportsmanlike Driving*, dando aquele característico sorriso planejado para conter lágrimas, para exercer pressão nos canais, Trump jogando rolos de papel-toalha para a multidão depois do furacão Maria, a FEMA enviando Skittles e outros

açúcares corporativos para os sobreviventes, enquanto eu empurrava o carrinho pelo meio-fio e entrava na via principal; viramos à esquerda e fomos para o sul, na direção do Hippo Playground na 91st Street.

Quando chegamos ao parquinho, Luna pulou do carrinho e assim Natalia e eu pudemos carregá-lo pela escada de pedra e depois que soltei Amaya e a levantei (por que parece perigoso ficcionalizar os nomes de minhas filhas?) e comecei a acordá-la (por que ela fica mais pesada quando dorme?) cantando minha própria música sobre hipopótamos, que são classificados como espécie "vulnerável" mas não "em risco de extinção", papai quer empurrar você nos balanços, minha hipopotaminha, por fim retirando a chupeta, que ela chama de bobo, de sua boca, o que a levou a abrir os olhos de cílios longos e falar, embora apenas para exigir sua bobo de volta, "Papá bobo mais um pouquinho". Entreguei a ela, coloquei-a sentada, puxei o cós de sua calça listrada nas cores do arco-íris para verificar sua fralda, depois a soltei, observei-a cambalear na direção da irmã, que subira em uma das pequenas esculturas de hipopótamo em pedra de seu jeito hesitante, sorrindo e acenando para mim. Corri os olhos pelo parquinho semiconsciente, tentando evitar, em busca de possíveis riscos de bullying ou cacos de vidro no asfalto e tomei nota mentalmente sobre a altura relativa dos brinquedos, que tipo de lesão uma queda deste ou daquele poderia acarretar. Depois verifiquei se havia notificações de mensagens em meu telefone, fiz uma apaziguadora leitura dinâmica das manchetes do dia, escândalos, regressões arcaicas, as últimas notícias do Gelo Cósmico, antes de desligá-lo como parte de meu esforço renovado para estar presente com minhas meninas. Também fiz um esforço renovado para não intervir a cada instante, para não ser presente demais neste sentido, e assim deixei Luna e Amaya, sem minha vigilância, subirem na pequena escada de metal amarelo (uma queda provavelmente não provocaria concussão) do trepa-trepa, crianças de diferentes idades correndo de um brinquedo a outro, balançando-se nas barras; havia um grande escorrega de metal. Natalia estava a certa distância pegando as garrafas de água na bolsa de livros guardada na cesta do carrinho.

Luna entrou na fila do escorrega atrás de duas meninas mais altas; Amaya entrou na fila numa imitação ávida da irmã. É quando eu percebo a presença do menino — talvez de uns 7 ou 8 anos, um pouco mais velho que Luna; ele não descia no escorrega, ficava sentado no alto batendo os pés na chapa de metal. Quando uma das meninas mais velhas pediu ao garoto para sair dali para que ela pudesse escorregar, ele disse: Esse escorrega é só pra meninos, meninas aqui não, cai fora. A menina chamou seu pai, que estava perto, para ajudá-la com o garoto que não lhe dava a vez, Luna e Amaya observando atentamente para ver como tudo aquilo ia se desenrolar, preparando-se, a mim me pareceu, para internalizar alguma lição de vida. (Aquela postura de receptividade radical, aquela expressão específica nos olhos de uma criança, um misto de presença e ausência, quando ela está prestes a se impressionar, a receber um molde de cera, a pressão que esse molde coloca na fala e nos gestos daqueles de nós que fingem ser adultos.) O pai, cujo sotaque talvez fosse franco-africano, pediu gentilmente e com um sorriso que o menino desse a vez às outras crianças, e o menino rebateu: Não, não pode menina no escorrega, não, cai fora. Em seguida, o pai, ainda sorridente, disse: E onde o seu pai ou a sua mãe estão agora? O menino, depois de um instante de hesitação, em que ele coçou as cascas de ferida nos joelhos, apontou com relutância para um homem em um banco a uns dez metros que parecia estar olhando de longe a cena no escorrega. Tentei distrair Luna e Amaya, meninas, vocês já viram aquele trepa-trepa ali, mas elas estavam sideradas, acompanhando com os olhos o pai da menina enquanto ele andava, ainda sustentando o sorriso, na direção do pai no banco, o menino ainda fazendo barulhos estrondosos, e as meninas mais velhas esperando na fila pacientemente, embora infelizes, pela intervenção de um adulto. Fingi não acompanhar o diálogo entre os dois pais, mas logo o pai da menina voltou, perplexo, até meio trêmulo; disse à sua filha que era hora de ir para o balanço, que em breve teriam que ir embora mesmo. O pai e eu nos olhamos nos olhos, e ele ergueu as sobrancelhas para indicar que o pai no banco era encrenca. Olhei abertamente para o banco a fim de comunicar ao pai mau, que não tinha

controlado as rédeas do filho, que eu estava do lado do pai bom, enquanto também aproveitava a oportunidade para avaliar o pai mau, não pude evitar: ele era mais alto e mais magro do que eu; estava vestido mais formalmente do que qualquer um dos outros adultos no parquinho, como se tivesse vindo do trabalho, embora fosse domingo; usava uma calça cáqui, paletó e camisa rosa, sem gravata; imaginei que trabalhasse na área financeira, com seguros de alguma coisa. Claramente ele não era um cara durão; usava óculos de armação preta como os meus, como um milhão de pais na cidade. Era branco, portanto parecia improvável uma dinâmica política complicada entre nós, no entanto a cor influenciou sua interação com o outro pai. Olhei para as minhas filhas, que ainda esperavam, perturbadas, todos nós olhando o menino que não cedia o escorrega, que continuava fazendo aquele barulho estrondoso no metal, agora em minha mente uma tempestade se aproximava, um grande sistema ciclônico com um núcleo quente. Disse à Luna que tinha balanços vagos para nós, e vamos pegar uma água com a mamãe, que estava falando com uma mulher que ela parecia conhecer perto dos carrinhos, mas Luna e Amaya, junto com uma menina mais velha na frente delas na fila, não cediam: Quero descer no escorrega, papá, o menino não tá sendo bonzinho.

Que tal deixar as meninas terem a vez agora?, eu disse ao garoto, sorrindo como o pai antes de mim sorriu, mas o menino, depois de chutar um pouco mais o escorrega, gritou: Não, essas meninas são burras, essas meninas são feias, meninas burras e feias não têm permissão. Que eu saiba, essa foi a primeira vez que minhas filhas de 2 e 4 anos foram chamadas dessas coisas. Involuntariamente, imaginei tirar o garoto do escorrega pelo pescoço; em vez disso, eu disse, agora sem o sorriso, mas com o tom tranquilo, Não é nada legal dizer essas coisas. A menina mais alta começou a chorar, seguida por Luna, depois Amaya, que tirou a chupeta para o choro. Está vendo como você magoou as meninas?, eu disse, olhando para o pai mau no banco, o pai mau que sem dúvida estava vendo o que acontecia. Por favor, saia do escorrega agora, eu disse, mas o menino se limitou a chutar o metal novamente e, antes

que eu me desse conta, eu estava andando até o pai mau com a voz do meu próprio pai na cabeça: Não faça isso, leve as suas meninas para os balanços, deixe o escorrega para o menino (garotos são garotos), é esse exemplo que você deveria dar às suas filhas, não se ganha nada com confrontos. Enquanto eu diminuía a distância entre mim e o pai mau, tratei de sorrir novamente e ao me aproximar, disse, Oi, tudo bem? Tentei incorporar a voz de meu pai, uma voz que de algum modo desarmava outros homens, dava-lhes permissão para agir contrariamente a seus roteiros de machão; o pai mau assentiu levemente em reconhecimento. Pode me ajudar um pouco, eu disse, com a maior calma possível; seu filho está brincando no escorrega e outras crianças, inclusive minhas filhas, queriam brincar também, mas ele tem problemas para dividir o espaço. O pai mau respondeu com raiva: Não, eu não vou até lá, não mesmo, deixe as crianças resolverem isso.

Meu pai disse: Adam, esse cara está visivelmente com problemas, olha como ele treme; talvez ele se sinta incapaz de controlar o filho e não saiba o que fazer, talvez o casamento dele esteja se desfazendo, talvez tenha recebido um diagnóstico horrível — quem sabe; o que sabemos é que de nada adianta conversar mais. E embora eu discorde dele, meu pai disse, embora ele esteja lidando mal com a situação, as crianças *vão* resolver, isso é, Luna e Amaya vão achar outro lugar para brincar. Assenti, talvez imperceptivelmente, para o meu pai, para o dr. J, para a sua sanidade, enquanto minha própria voz — que soava calma, embora minha respiração agora se acelerasse — respondia: Não vou permitir que seu filho tiranize minhas filhas. Por favor, vá buscar o seu filho. E o pai mau disse: Não vou, e não recebo ordens de você, essa conversa está encerrada. O pai mau segurou a mão direita pelo pulso e a prendeu desajeitado contra o peito como quem quer deter o tremor, discinesia tardia, ou para impedir que a mão me golpeasse por vontade própria; eu não sabia se essa postura pretendia me intimidar ou se indicava um colapso nervoso iminente. Éramos dois privilegiados ostensores com estratégias divergentes de criação dos filhos; éramos dois homens sem soberania em um estado de natureza hobbesiano à beira do confronto primal. Eu disse,

soando ponderado, mas sentindo o caráter tênue do meu autocontrole: O que estou pedindo é que venha ajudar as crianças a brincar juntas; sei que outro pai já o procurou; sei que você provavelmente se sente incapaz de controlar seu filho e não sabe o que fazer ou talvez seu casamento esteja se desfazendo (por que transformar a empatia de meu pai em uma arma?), mas não vou deixar que seu filho xingue minhas filhas. Dá o fora daqui, disse o pai mau, retirando os óculos, colocando-os no bolso interno do paletó, Dá o fora daqui agora. Ele os teria tirado para se preparar para uma briga? Ou porque de algum modo isso o ajudava a se acalmar? Obriguei-me a respirar fundo pelo nariz, prendi a respiração e soltei o ar de forma audível.

Deixei o pai mau no banco, voltando ao escorrega, onde todas as crianças, o menino inclusive, nos observavam em silêncio. Vamos, eu disse às minhas filhas, e quando Luna disse não, estourei com ela: Agora, sibilei; vamos agora daqui ou vamos direto para casa; eu sou seu pai, sou o meio arcaico de violência masculina que a literatura devia superar substituindo a fisicalidade pela linguagem. A essa altura, Natalia chegou perguntando o que estava havendo, e eu expliquei, com uma indiferença forçada, que o menino — o homem jovem — estava criando problemas no escorrega, que eu tinha falado com o pai dele, que os pais falaram por meu intermédio, que estava na hora de as meninas procurarem outra atividade. Natalia percebeu que eu estava aborrecido e, com seu jeito delicado, conseguiu redirecionar as meninas para os balanços; o menino começou outra rodada de trovejos; senti o olhar do pai mau, senti o seu sentimento de vitória. Disse a mim mesmo para não me virar e vê-lo sorrir.

Eu me virei, vi o seu sorriso. Depois, como se tivesse coberto a distância em um só passo, eu estava a centímetros dele, do pai mau, olhando-o de cima, o couro cabeludo muito branco onde o cabelo preto rareava, minhas mãos frias, um sinal conhecido de enxaqueca e/ou fúria, um sistema simbólico se rompendo dentro do meu corpo. Ele era alto, tinha a vantagem do alcance, teria uma alta pontuação no chamado Índice Primata, enquanto o meu próprio *habitus* era monitorado de perto

por médicos em busca de sinais de uma síndrome genética que eu rezava toda noite não ter legado às minhas filhas, acompanhando o andamento da dilatação onde a aorta se encontra com o coração; ainda assim, eu sentia que podia pegá-lo, apesar de não estar em uma forma física para brigas desde que morava em Topeka. Ao contrário de Topeka, era improvável que ele estivesse armado; não vi nenhum relevo de revólver em suas roupas. Instintivamente, parti para um elemento surpresa discursivo: Tentei arregimentar a sua ajuda, comecei a dizer, aplicando um vocabulário da Fundação mas enunciando como se estivesse falando sandices; pedi a sua ajuda para fazer do parquinho um espaço seguro para minhas filhas; reconheço que minha reação ao seu filho não tem a ver apenas com o seu filho; tem a ver com o "pegue-as pela buceta"; tem a ver com os meus temores com o mundo em que as criamos. O pai mau, nitidamente espantado diante da combinação de passionalidade com impassibilidade, do emaranhado vocabular, respondeu: Deixe as crianças resolverem. Meu filho está brincando no escorrega; ele não está importunando ninguém. Ele tem 7 anos, está bem? Não, eu disse, não está bem; a criança é o pai do homem, o que as crianças vão "resolver" é repetição. (Eu ajudei a criá-la, Ivanka, minha filha Ivanka, ela tem um metro e oitenta de altura e o melhor corpo, ela ganhou muito dinheiro. Porque quando você é uma estrela, elas te deixam fazer tudo. Você pode fazer qualquer coisa. Você tem a autoridade. Uma lua ou estrela morta infinitamente densa suspensa no firmamento do porão.)

O pai não disse nada; pegou seu telefone e começou a digitar uma mensagem, demonstrando teatralmente que não achava minha presença ameaçadora. Está me ignorando?, perguntei feito um bobo. O pai ergueu os olhos para mim, nós dois agora éramos pais maus, e disse: Não estou mais falando com você; pedi para me deixar em paz, agora estou dizendo para ir à merda. Só quando o ouvi bater no asfalto tive plena consciência de que eu tinha arrancado o telefone de suas mãos.

Nosso voo foi adiado diversas vezes por problemas mecânicos — levamos as meninas de um lado para o outro da passarela motorizada, nós as entretivemos com alimentos processados a preços exorbitantes dos mercados do aeroporto, deixamos que assistissem sem parar aos vídeos delas dançando em nossos telefones. Quando pousamos em Kansas City (uma turbulência considerável na descida; escondi meu pânico das meninas lendo para elas durante o episódio, antes de Amaya, indiferente ao ar agitado, tirar o livro de minhas mãos) e pegamos o carrinho de bebê de volta, encontramos meus pais, buscamos a bagagem na esteira, viajamos uma hora de carro até Topeka (falcões no alto dos postes telefônicos, campos de trigo marrom e soja verde, vovô e vovó liderando as crianças nas músicas "Billy Broke Bolts", "The Golden Vanity", Luna vomitando nos arredores de Lawrence, uma troca de roupas na parada para descanso), e finalmente paramos na entrada onde eu tantas vezes estacionei, bêbado, meu Camry, eu só tinha duas horas antes de minha leitura na Universidade de Washburn. De pé no chuveiro, senti como se vinte anos tivessem se apagado, lavados de mim, como se eu reemergisse aos 18, uma sensação inquietante intensificada pelo fato de que Natalia levara as meninas para passear no bairro de casas vitorianas e ruas com calçamento de pedra, não havia nenhum som da família que eu fizera, tudo era um sonho, minha mãe digitando algo em seu estúdio, deixando a secretária atender a linha fixa quando tocava, meu pai foi ao Dillon's fazer umas compras rápidas, leite integral e macarrão, orgânico se eles tivessem etc. Vesti-me com roupas leves, embora não com um terno do West Ridge Mall — eu ia ler poesia, e não me preparar para um debate, apesar da possibilidade de meus treinadores estarem presentes —, e disse à minha mãe que ia dar uma volta de carro um pouco antes do evento, veria papai e ela lá; ela me disse onde estava a chave do Prius branco; Leon Semenov fizera um desconto para eles. Mandei uma mensagem de texto à Natalia para informar que eu a veria com as meninas naquela noite, décadas no futuro, depois desliguei o celular, que ainda não tinha sido inventado.

O silêncio do carro elétrico aumentou minha sensação de ser um fantasma, de pelo menos não ser um contemporâneo meu, que dirá a paisagem, história não acabada mas pausada. Passei pela casa de Klaus, o branco repintado de azul-claro, um estranho aparando o gramado; acenei e ele cumprimentou com a cabeça, desconfiado. Passei pela viela onde bati com a cabeça, depois pelo St. Francis na 7th Street, onde fiquei em coma por um breve tempo, uma criança no espaço, minha mente uma caixa de fundo falso. Logo eu estava na Bright Circle Montessori School, na Oakley Avenue, onde Darren e eu desenvolvemos nossos poderes. Abri as janelas e passei de mansinho pelo prédio térreo do pré-escolar; imaginei que podia ouvir crianças brincando no pátio dos fundos, embora todas as crianças, a essa altura, já estivessem em casa. Eu podia sentir o cheiro, embora fosse só memória, uma nota grave de lama e folhas em decomposição, um matiz de ozônio indicando uma tempestade próxima.

Da Oakley, Cardi B tocando no rádio, fui ao antigo campus da Fundação na 6th Street. O campus foi abandonado desde que a Fundação, ou o que restou dela, mudou-se para o Texas em 2003. Em 2005, muitos prédios estavam para alugar como espaço comercial, a torre do relógio foi extensamente reformada com este fim, mas depois vândalos atacaram: houve danos tão graves, ou talvez tão desconcertantes, que os aluguéis foram adiados indefinidamente. Como aconteceu com o Topeka Zoo, imaginei que o honorífico "Mundialmente Famosa" tinha sido oficialmente revogado da Fundação, apagado dos registros. "Em meus vinte e nove anos como agente da lei, não sei se já vi um prédio ser atacado com tanta selvageria", disse Randall Listrom ao *Topeka Capital-Journal*. "Isso é resultado de alguém muito, mas muito furioso. Alguém passou muito tempo aqui. Não foi coisa de adolescentes se divertindo por uma horinha." Segundo o *Berliner Lokal-Anzeiger*, os perpetradores, que nunca foram presos, "viraram uma estante na biblioteca do prédio, atearam fogo a um banheiro, destruíram instalações de banheiros, deixaram pilhas de dejetos humanos em uma sala, destruíram o painel de controle de um elevador e pintaram com

spray obscenidades por todo o prédio". Será que desfiguraram a parede de cobre?

Desliguei o rádio, como fazia quando dirigia por um cemitério, e parei o Prius no estacionamento vazio mais próximo da torre. Encontrei o banco de ferro dedicado ao dr. Tom, olhei o relógio parado — eram 3:50, o fim perpétuo de uma hora clínica — que sempre me lembrou *De volta para o futuro*, toquei o céu da boca com a língua, uma britadeira ao longe, um assobio descrescente nas árvores, que começavam a cintilar no início do crepúsculo. Tentei esquentar as mãos, a ansiedade com a leitura me afetando agora. Imaginei que toda a fala já emitida na Fundação de algum modo ainda estava no ar, se eu ao menos pudesse sintonizá-la, como as antigas transmissões de rádio começaram a captar do espaço, onde elas ricocheteavam em corpos celestes feitos de gelo, um operador de radioamador pegando a transmissão de Herbert Morrison do desastre do *Hindenburg* de 1937, o ano do nascimento de Fritz, em 2014, Oh, a humanidade, radiação eletromagnética caindo de volta à Terra. Fechei os olhos e apurei os ouvidos, mas havia interferência demais, estrépitos do Big Bang, o crepitar de faíscas, relâmpagos, estrelas, um corpo eletrificado sob a seda branca, linhas cruzadas.

Minhas mãos ainda estavam frias no volante quando deixei o campus e seus fantasmas, pegando a Southwest Wanamaker, passando pelo Starlite e o Hypermart para Lake Sherwood. O Facebook me disse que Amber — formada em medicina pela Universidade Americana do Caribe, uma residência concluída na Universidade do Kansas — agora morava em Omaha, tinha dois filhos, um marido que vendia seguros, era uma grande torcedora dos Huskers, seguia uma dieta paleolítica estrita, mas também estava em sua casa, em todas as casas, mexendo-se atrás das cortinas enquanto eu percorria o bairro planejado, estática verde afluindo e se espalhando pelo painel, um eco de desejo juvenil me surpreendendo, passar a língua nos dentes, primeira intensidade, vento soprando do lago artificial, uma voz que eu não conseguia representar. Quando saí de Sherwood e parei no sinal da 21th Street, olhei para o Rolling Hills, a Stull pré-fabricada, mas tinha perdido seu poder; meu

avô, agora cinzas, estava de volta a Potwin em uma pequena caixa de papelão. (Enquanto esperava o sinal abrir, lembrei-me da cena na funerária Penwell-Gabel em minha primeira volta da faculdade, uma das lembranças mais ternas de minha avó, que agora também é cinzas, mas espalhadas disfarçadamente, amorosamente, no Jardim Botânico do Brooklyn numa primavera quando as cerejeiras estavam em flor. O diretor da funerária insistia em mostrar a Rose o que ele chamava de "vasos para os restos dos entes queridos falecidos" em um fichário grosso, mas Rose achava as opções caras demais; depois de quase uma hora de negociação em que ela repetidamente pedia ao diretor para colocar os restos cremados em um saco plástico, "Posso levar meu marido em minha bolsa", o que ele insistiu que era ilegal, ele concordou em vender a ela — por quarenta dólares em espécie — a caixa de pinho em que uma de suas urnas de mármore fora despachada. No início, minha mãe ficou exasperada com a teimosia de sua mãe; no fim, estávamos gargalhando, numa catarse, da sua recusa em ceder um centímetro que fosse. Se pelo menos tivessem oferecido uma urna de estanho pintado.)

De volta ao centro, passei por Westboro, mas evitei a casa de Jason por medo de que Sima ou Eric pudessem estar chegando ou saindo ou trabalhando no jardim, e me vissem, exigindo que eu parasse para embaraçosamente pôr a conversa em dia, ou talvez porque eu não quisesse ficar perto do porão deles, onde uma versão de mim mesmo estava, está, permanentemente esperando assumir sua posição. Em vez disso, comprei um maço de Marlboro vermelho na Kwik Shop da 17th Street e, depois de colocar o carro no estacionamento da Washburn, numa vaga o mais distante possível do White Hall, sentei-me no capô e fumei dois, um aceso no outro, enquanto folheava meus livros, as páginas marcadas que eu podia ler enquanto a escuridão caía à minha volta. Como as luzes no teatro da Fundação. Quem ia comparecer à leitura? Alguns poetas locais. Várias turmas de inglês da Washburn tornaram o comparecimento obrigatório. Muitos antigos astros do filme de Ziegler e outros da comunidade ampliada de meus pais. Professores variados da Bright Circle e da Randolph e da Robinson Middle School e

da Topeka High School. Alguns amigos também, Mandy entre eles, que me mandou uma mensagem dizendo que estava louca para bater papo depois. Erwood, se ele conseguisse jogar o peso do seu corpo nos joelhos novos, cromo-cobalto e titânio. Os seguidores de Phelps estariam lá, eu vi, quando enfim me aproximei do White Hall, quando eu oscilava entre as épocas, o tranquilizante começando a fazer efeito, não porque eu fosse um "poeta conhecido", mas porque era o filho do Crânio.

Agora vou mostrar a você a imagem de um dos manifestantes. Darren está mais pesado do que da última vez que você o viu, barbudo, quase certamente armado, embora nenhum relevo esteja visível na fotografia; ele está de boné vermelho segurando seu cartaz em silêncio. Se seus olhos se encontrassem, só os pequenos espasmos simulados indicariam o reconhecimento. O que está acontecendo nesse momento? O que os personagens estão sentindo e pensando? Conte-me o que levou a essa cena.

Estava nublado quando entramos no metrô, mas saímos da estação City Hall em pleno sol. Andamos as poucas quadras ao norte até a Foley Square, onde os manifestantes haviam se reunido depois que o Zuccotti Park foi fechado. A arquitetura clássica dos prédios do governo assomava à nossa volta. Luna me pediu para ler os lemas inscritos na fachada de pedra dos tribunais e eu li, mas minhas tentativas de traduzir e explicar foram fracas e pouco fluentes. "Quem deixou eles escreverem nos prédios?", perguntou Luna.

Luna quis jogar uma moeda na fonte que cercava a grande escultura de granito preto, um memorial às vítimas do tráfico de escravos; eu não tinha nenhuma moeda de um centavo, assim lhe dei uma de dez. Ela passou um longo tempo pensando em que pedido fazer antes de jogar a moeda, que refletiu o sol pouco antes de bater na água. "Nem pense em perguntar qual foi o meu pedido, papá." ("Nem pense em" era uma nova locução, sem dúvida copiada de alguma ameaça parental vã; em geral ela empregava mal a expressão, pelo menos um pouco: "Nem pense na fome

que estou sentindo agora", quando queria um lanche etc.) Acima de nós, um avião de aparência anacrônica puxava uma faixa branca e vermelha anunciando seguro de automóveis, uma espécie de letreiro que Luna nunca tinha visto. "O que acontece quando eles descem, os aviões?" Eu não tenho a menor ideia; eles soltam as faixas no ar antes de pousar? Uma faixa não poderia ficar presa no trem de pouso? "Ótima pergunta, meu amor." Nós andamos, Luna parando aqui e ali para pegar sâmaras na calçada, um dos frutos secos que eu chamava de "helicópteros" quando criança em Topeka. Logo nos aproximamos do edifício Jacob K. Javits, na Federal Plaza 26, um bloco de vidro imponente onde se localizavam os escritórios do Departamento de Imigração e Alfândega, o ICE. Natalia trocava mensagens com outros manifestantes que agora convergiam. Qual teria sido o pedido de Luna?

Ao entrarmos na fila da segurança, fingimos, como combinado, não saber nada das outras famílias envolvidas, mas Luna cumprimentou algumas crianças de que ela se lembrava de atos anteriores; não tínhamos pedido a ela para dissimular. Embora soubesse que íamos a um protesto, ela perguntava sem parar — ao ver os detectores de metal e caixas plásticas para nossos pertences — se íamos pegar um avião. "Um avião com uma daquelas coisas que as pessoas daqui podem ler?" Os guardas nos perguntaram muito pouco, apesar do influxo repentino de visitantes; dissemos que tínhamos uma papelada do Seguro Social para preencher em um dos centros administrativos abrigados pela estrutura de quarenta andares; Luna, como se isso respondesse à indagação do guarda, anunciou que tinha quase 5 anos, estendeu os dedos para o caso de ele querer contar; "Minha irmã não está aqui, ela tem 2." Nós tínhamos achado melhor deixar Amaya com amigos no Brooklyn.

Na frente da série de elevadores do saguão principal, as famílias se reuniam em silêncio, a coreografia do pacificamente colérico. Esperamos até que dois elevadores pudessem ser ocupados ao mesmo tempo, assim chegaríamos ao ICE juntos. Luna apertou o botão do nono andar e começou a brincar, feliz, com o pé com meia de um bebê pendurado na bolsa canguru da mãe enquanto as portas se fechavam. Fazia um calor

desconfortável. Senti cheiro de suor, de talco desodorante, de leite materno secando e do chiclete de melancia do pai visivelmente nervoso ao meu lado. Enquanto subíamos, um dos organizadores agradeceu a todos pelo comparecimento. "Parabéns por conseguirem entrar" e rapidamente explicou ao grupo que iríamos precisar "forçar passagem" pelos primeiros seguranças; isso deixou Luna nervosa: "Isso não é errado?" Ótima pergunta. Natalia explicou em voz baixa que estava tudo bem, tudo seguro, que só íamos chegar ao lugar onde podíamos fazer nossas vozes serem ouvidas. Ergui as sobrancelhas para Natalia; não tínhamos entendido que teríamos de forçar nossa passagem por ninguém; pensei que só ocuparíamos o espaço aonde davam os elevadores, cantaríamos nossas canções, entoaríamos nossas frases de protesto, mandaríamos a nossa mensagem, um pequeno aprendizado animado para as crianças, depois sairíamos quando solicitados com o cuidado de evitar qualquer conflito que uma criança pudesse achar perturbador.

Um sinal sonoro metálico sinalizou nossa chegada; as portas dos dois elevadores se abriram simultaneamente e nosso grupo reunido de cerca de 15 famílias seguiu pelo corredor em que um único segurança estava sentado à mesa. Confuso com nossa aproximação determinada, o segurança se levantou, depois estendeu o braço para nos deter, Ei, não, todo mundo se registrando, mostrem identidade, área restrita, mas os pais passaram por ele aos empurrões e irromperam pela direita e pela esquerda. Houve um breve choque de corpos e Luna me disse, assustada, "Colo, colo, colo", então peguei-a no colo e ela enterrou a cara no meu pescoço enquanto nos abaixávamos sob os braços do segurança; senti o cheiro de Mr. Bubble da noite anterior em seu cabelo, o filtro solar que eu passava exageradamente em sua nuca. Nós nos reagrupamos no corredor estreito que dava para os escritórios do ICE. Por uma das poucas janelas, vi uma mulher com um hijab branco sentada a uma mesa flanqueada por homens de ternos azuis. A sala parecia ser inteiramente à prova de som; pelo jeito eles não se deram conta da agitação. O grupo reconstituído começou a entoar uma canção de protesto ("This Little Light of Mine";

como sempre, eu tive de vencer meu constrangimento com o som de minha própria voz), enquanto alguns pais e seus filhos retiravam cartazes das mochilas e bolsas. Vários celulares agora filmavam; uma pessoa portava uma câmera da *act.tv*, uma transmissão ao vivo. Alguns adultos sem crianças tentaram entrar nas salas onde aconteciam os trabalhos do ICE, mas foram violentamente rechaçados por seguranças, e as portas foram fechadas com estrondo; as escaramuças perturbaram ainda mais Luna, que repetia em meu ouvido esquerdo: "Quero ir lá pra fora." "Só vamos cantar nossas canções aqui no corredor, mandar nossa mensagem de amor para as crianças e depois vamos embora", eu disse, mas estava em conflito se devia expor Luna a tal intensidade, embora muitas outras crianças estivessem rindo e cantando junto como que numa excursão escolar, uma visita ao Museu de História Natural. Uma mãe com um bebê adormecido durante todo o tumulto fez um breve discurso sobre arrancarem os filhos de suas mães, sobre crianças em jaulas e que não seria enganada por aquele decreto executivo; as vozes e os gritos ecoavam no corredor estreito. Luna apertou o rosto com mais força em meu pescoço; eu a tranquilizei, embora ela talvez estivesse entendendo menos as minhas palavras do que as vibrações de minha voz.

Comecei a ter uma sensação que não tinha há pelo menos um ano. Quando começou a andar, Luna estava abaixo do peso — "FTT, falha no crescimento", uma bateria de exames inconclusivos —, embora agora esteja crescendo muito bem. Durante períodos particularmente angustiantes, em geral quando eu a embalava para dormir, imaginava que ela ficava cada vez mais leve em meus braços, até que comecei a perder a sensação de sua materialidade, como se ela estivesse evaporando. Parecia uma versão horripilante do "truque do braço que flutua" que vi pela primeira vez na Bright Circle: você pressionava os braços contra uma porta, contava devagar até dez; quando se afastava, eles involuntariamente se erguiam diante de você (o fenômeno de Kohnstamm, a voz de Klaus; uma primeira experiência de automatismo). Fiquei agradecido pela pressão de seu rosto em meu pescoço.

Natalia deu início a um coro em espanhol. Não houve mais empurrões, mas policiais surgiram de outros andares, muitos exibindo coletes à prova de balas, traje tático. (Como seria se trajar desse jeito só para enfrentar um coletivo de famílias cantantes?) Agora o corredor estava tão quente quanto o elevador; provavelmente eles desligaram o ar-condicionado, uma primeira manobra comum no combate às ocupações. A polícia passou por nosso grupo de forma propositalmente ameaçadora, um dos homens esbarrando em mim e em outro pai ao passar. Logo havia policiais posicionados nas duas extremidades do corredor; pareciam estar à espera de ordens, se deviam nos expulsar ou não, ou apenas nos manter sob controle. Havia pouca possibilidade de prisões, nós supúnhamos, em vista dos bebês e crianças pequenas, em vista do fato de que ninguém tentava mais invadir os escritórios, mas percebi que nem uma manifestante experiente como Natalia sabia quais eram as regras, do que eram capazes os agentes do Estado, agora que a América era grande de novo. Luna não gostou do jeito da polícia e perguntou à mãe, que tinha terminado de cantar um protesto, qual dos homens era o ICE. "O ICE é ele?" Natalia explicou novamente que estávamos todos em segurança, que estávamos ali porque outras famílias eram maltratadas pelo governo e pela polícia. O ICE não era uma pessoa, mas um grupo de pessoas que obedeciam a ordens do presidente e eram injustas. (*Ice*, o gelo, é o elemento primordial do universo, meu amor, mais básico que o fogo.) *Somos activistas, verdad, Luna?* Natalia tentou tirar Luna de mim, sentar-se com ela no chão e fazer outro cartaz — se ela quisesse, podia dar a um policial —, mas Luna não se deixou soltar de meus braços; achei quase fisicamente impossível soltá-la, mesmo que para entregá-la à mãe.

Será que erramos em trazê-la? Luna não era de forma alguma histérica nem tinha pânico, mas estava incomodada, e eu preocupado que um dos manifestantes mais agressivos tentasse entrar à força em uma sala de novo, levando a polícia a correr em nossa direção, assustando ainda mais Luna. Outra palavra de ordem: "Famílias, crianças merecem segurança"; em meio à gritaria, eu disse a Natalia, exagerando a enunciação porque basicamente fazíamos leitura labial: Vou com ela lá para fora, está bem?

Acho que ela está bem aqui, respondeu Natalia, acho que ela vai se acalmar. FAMÍLIAS, CRIANÇAS, gritamos, depois os outros: MERECEM SEGURANÇA, e nos breves intervalos entre os gritos, tentamos decidir se Luna e eu devíamos ir embora ou ficar. Luna agora estava quieta, mas se recusava a tirar o rosto do meu pescoço, que estava molhado de lágrimas e suor. Por fim Luna ergueu o rosto, mas só para dizer — para dizer categoricamente, numa voz que quase sempre nós respeitávamos — que ela queria ir embora. Tudo bem, eu disse, e Natalia concordou com a cabeça, talvez com certa relutância, e abri caminho pelos manifestantes na direção da polícia, que fez seu showzinho pelo simples fato de nos deixar passar. Quando as portas do elevador se fecharam, Luna estava calma, sorrindo. Ela pediu um rolinho de frutas.

Na calçada do prédio, localizamos o grupo de manifestantes que tinha se reunido em solidariedade — famílias que não se sentiram à vontade para ocupar o prédio, ou pessoas que não tinham filhos mas vieram para dar o seu apoio. Era ali que os manifestantes de dentro se reuniriam quando saíssem dos escritórios do ICE. Uma equipe de filmagem tinha sido montada para esperá-los e tentou entrevistar Luna, mas, sorrindo timidamente (veja a lasca do rolinho em seu incisivo frontal esquerdo), ela fugiu para onde outras crianças brincavam na praça, pulando de uma pedra grande do calçamento para outra sem pisar numa fresta. Alguém tinha trazido giz e um garoto desenhava, e logo Luna também estava fazendo o que ela chamou de uma "fonte de coração"; disse que isso ia parar o ICE, depois me perguntou de novo o que era ICE, onde estavam as crianças em jaulas, não são jaulas para zoológicos, para animais ("Que falam apenas com os olhos"); respondi o melhor que pude. Recebi uma mensagem de Natalia de que eles logo chegariam, sem prisões, que estava tudo mais calmo e algumas crianças estavam discursando, "Queria que Luna estivesse aqui".

Eu ainda olhava o meu telefone quando um policial de traje tático, a arma de uso militar pendurada no tronco, aproximou-se de mim e perguntou com claro desdém se eu era um dos organizadores do protesto, "Esse show é seu?" Dei um sorriso evasivo, o sorriso de alguém

que não fala a língua. O policial, forte, de ombros largos, branco, com sotaque de Staten Island, me disse: "Deixamos que todos vocês fizessem seu protesto aqui... mas isso não pode acontecer, isso é proibido." "O que não pode acontecer?", eu disse. E ele apontou para Luna e o garoto, que desenhavam corações e espirais no chão com giz amarelo e vermelho. "Essas crianças estão depredando propriedade do governo."

— Não entendo — falei com inocência.

— O que o senhor não entende? — disse o guarda com impaciência.

— Acho que não entendo o que é propriedade do governo — provoquei. — "Propriedade do governo" é o mesmo que "propriedade pública"? Porque eu sei que temos permissão para usar esse giz... ele sai com a chuva... nas calçadas.

— Vai dizer a essas crianças que parem, ou digo eu? — Luna e o garoto olharam para nós, sem ouvir as palavras, mas registrando a intensidade.

— Acho que elas estão quase terminando os desenhos — eu disse. — Podem terminar, crianças. — Elas voltaram a desenhar, Luna agora escrevendo seu nome.

— Ou o senhor faz elas pararem ou eu terei de fazer isso — quase um sibilar. — Entendeu?

— Não — respondi, baixando a voz. — Infelizmente, não... entendo...você. Como seria fazê-las parar, exatamente? Vai algemar as duas crianças? Colocar em jaulas?

— O senhor vai instruir a sua...

— De qualquer forma — interrompi, meu tom agora o mais leve que eu conseguia, embora eu sentisse ao mesmo tempo fúria e medo —, minha filha não me ouve. — Luna desenhava estrelas em volta de sua fonte. — Como essa manhã, antes de pegarmos o trem, eu disse a ela que queria que vestisse os tênis de cano alto com velcro e não esses com cadarços, mas...

— Esta é a última vez que vou pedir ao senhor.

— ... veja os sapatos dela. Você tem filhos? Porque eu não tenho autoridade nenhuma, é o que estou tentando lhe dizer. Simplesmente

não tenho autoridade sobre essas crianças. Você tem autoridade? De onde vem sua autoridade mesmo?

Os manifestantes por perto começaram a gritar enquanto surgia o grupo que ocupara o prédio. Luna parou de desenhar e puxou minha camisa: Vamos bater palmas pra mamãe. O garoto também parou e se juntou a nós. Depois eles estenderam o giz para o policial, como se ele estivesse pedindo para desenhar.

Encontramos Natalia, e Luna a abraçou e pediu para ir para o seu seu colo, o que Natalia fez. Um dos organizadores subiu em um banco de pedra e gritou, "Checando microfone", e todos nós respondemos aos gritos. O "microfone humano", o "microfone do povo", em que aqueles reunidos em volta de um orador repetem o que o orador diz para ampliar uma voz sem equipamento que exigiria permissão. Isso me constrangeu, sempre me constrangia, mas eu me obriguei a participar, a fazer parte de um público mínimo falando, um público que aprendia lentamente a falar de novo, no meio do *spread*.

AGRADECIMENTOS

A Virgem e o Menino é uma pintura real com um parapeito fictício cercada por uma moldura queimada, embora o Metropolitan só a tenha adquirido em 2004. Seu aparecimento anacrônico em todo o *Topeka School* representa a mistura instável de fato e ficção.

Algumas cenas e frases deste livro apareceram pela primeira vez no artigo "Contest of Words", publicado na *Harper's Magazine*. Um excerto de um primeiro rascunho do romance apareceu na *Granta*. As páginas de abertura de "Efeitos Paradoxais" são reaproveitamentos de passagens do artigo "Hating Fred", de Harriet Lerner, que apareceu em *Psychotherapy Networker* em 1994.

Obrigado, Ari. Agradeço à minha editora, Mitzi Angel, e à minha agente, Anna Stein.

Pelo estímulo e pelas críticas, estou em dívida para com: Harriet Lerner, Steve Lerner, Matt Lerner, Annie Baker, Michael Clune, Joshua Cohen, Cyrus Console, Stephen Davis, Jeff Dolven, David Grubbs, Michael Helm, Violaine Huisman, Aaron Kunin, Rachel Kushner, Maggie Nelson, Jenny Offil e Ed Skoog. Obrigado a Susan Goldhor pela história da caixa de lenços de papel. Geoffrey G. O'Brien leu este livro com tanta frequência e tão atentamente que nossas conversas se aproximaram da colaboração.

Lucía e Marcela, eu amo vocês.

Título original
THE TOPEKA SCHOOL

Copyright © 2019 *by* Ben Lerner
Todos os direitos reservados.

PROIBIDA A VENDA EM PORTUGAL

Este livro é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados nesta obra são produtos da imaginação do autor, foram usados de forma fictícia.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARIA CECILIA BRANDI

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição digital: agosto, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L583e
Lerner, Ben
Topeka School [recurso eletrônico] / Ben Lerner ; tradução Maira Parula. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2020.
recurso digital

Tradução de: The Topeka school
ISBN 978-65-5595-001-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Parula, Maira. II. Título.
20-63935 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

BEN LERNER nasceu no Kansas em 1979 e é autor de três livros de poesia, *The Lichtenberg Figures, Angle of Yaw* e *Mean Free Path*. Foi finalista do National Book Award, bolsista do Programa Fulbright na Espanha e fellow da Howard Foundation. Em 2011, foi o primeiro americano a ganhar o Preis der Stadt Münster für Internationale Poesie, na Alemanha. Seu primeiros romances foram *Estação Atocha* (2011), e *10:04*, publicado em 2018 pela Rocco. Lerner leciona no programa de escrita criativa do Brooklyn College.



10:04

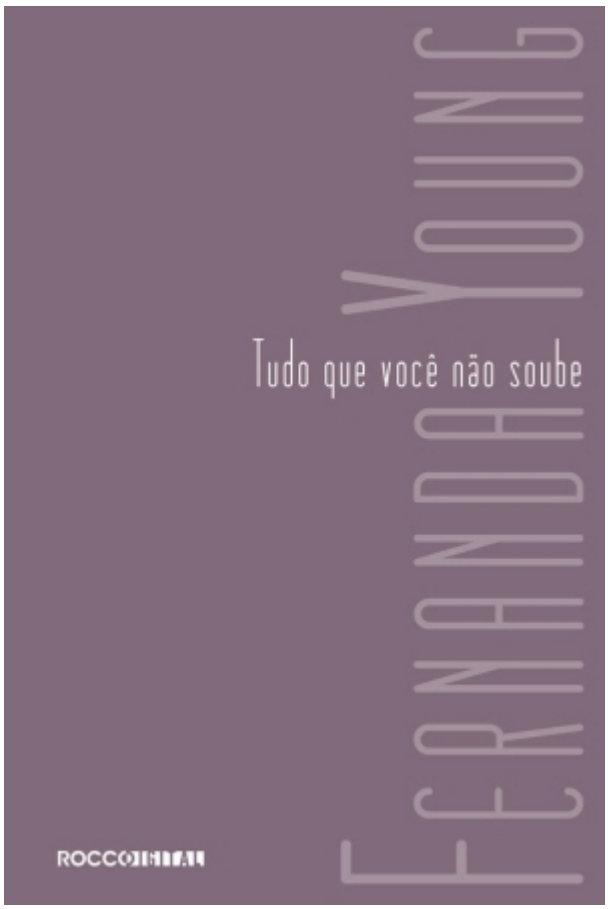
Lerner, Ben
9788581227351
272 páginas

Compre agora e leia

O narrador de 10:04 enfrenta um futuro de incertezas. Vivendo em uma Nova York assolada por supertempestades constantes e mergulhada em turbulência social, ele acaba de ser diagnosticado com uma doença potencialmente fatal no momento que recebe um

inesperado e gordo adiantamento por um livro que ainda precisa escrever e que sua melhor amiga tenta convencê-lo a ajudá-la a conceber um filho dos dois. Enquanto reflete sobre a angústia de uma paternidade não programada, a iminência da extinção da cidade e o desafio de ser artista em tempos de instabilidade, um admirável novo romance emerge: um retrato que vislumbra os múltiplos futuros que podemos habitar e as conexões que ainda precisamos formar. Finalista do Folio Prize e internacionalmente aclamado pela crítica e pelo público, 10:04 – apontado como o livro do ano por publicações como New Yorker, New York Times Book Review, Village Voice, Vanity Fair, TLS, Flavorwire e Observer – é um romance fascinante sobre arte, amor e filhos durante o ocaso de um império.

Compre agora e leia



Tudo que você não soube

Young, Fernanda
9788581220864
144 páginas

Compre agora e leia

Neste romance, Fernanda Young troca o humor ácido por um tom amargurado para contar, em primeira pessoa, a história de uma mulher sem nome que escreve ao pai moribundo, com quem não fala há anos. Tudo que você não soube traz o conteúdo dessa longa

carta, na qual a personagem faz um resumo detalhado da sua vida, dividida entre o desejo de chamar a atenção do homem que a colocou no mundo e a vontade de chocá-lo com suas revelações. Em uma narrativa sem ordem cronológica, a protagonista traça um parâmetro entre seus traumas de infância e a mulher que se tornou: sóbria, dissimulada e imersa em um poço de desamparo e solidão, embora as aparências mostrem alguém que leva uma vida normal. Na maior parte do tempo, ela tem uma rotina de luxo ao lado do marido e dos filhos, mas, durante as madrugadas, se dedica a examinar o passado e mexer em feridas ainda abertas. No fundo, a protagonista é carente como qualquer pessoa, sempre em busca da aprovação do outro. Ao exteriorizar sua raiva, ela mostra de que forma reagiu à dor e encontra uma maneira de não ceder à hipocrisia que a cerca. Embora cada frustração seja única e impossível de ser compartilhada, os leitores percebem que ninguém está sozinho na dor, mesmo que o sofrimento seja uma experiência individual.

Compre agora e leia



Siga em frente

Kleon, Austin
9786555950106
224 páginas

Compre agora e leia

Coleção Pitch Deck. Plataforma para jovens negócios. SIGA TRABALHANDO. SIGA NO JOGO. SIGA CRIANDO. Em seus livros anteriores, os best-sellers Roube como um artista e Mostre seu trabalho!, Austin Kleon deu aos seus leitores a chave para liberar a criatividade e o que é preciso para que seus resultados se tornem conhecidos. Agora, ele oferece um de seus trabalhos mais inspiradores, apresentando dez regras simples sobre como permanecer criativo, focado e fiel a si mesmo – por toda a vida. A vida criativa não é uma jornada linear em direção a uma linha de

chegada, ela é como um loop – portanto, encontre uma rotina diária, já que hoje é o único dia que importa. Desconecte-se do mundo para conectar-se a si mesmo – e às vezes você só precisa mudar para o modo avião para que isso aconteça. SIGA EM FRENTE celebra as atividades ao ar livre e incentiva pequenas escapadas, nem que seja apenas para um passeio curto (como o diretor Ingmar Bergman disse à filha: "Os demônios odeiam ar fresco"). Preste atenção e, principalmente, preste atenção no que você presta atenção. Preocupe-se menos em terminar as coisas e preocupe-se mais com o valor do que você está fazendo. Foque menos em deixar sua marca nas coisas, trabalhe mais para deixar as coisas melhores do que estavam quando você as encontrou. SIGA EM FRENTE traz princípios éticos, atemporais e práticos para aqueles que tentam manter uma vida produtiva e significativa.

Compre agora e leia



A mente influente

Sharot, Tali
9788581227290
224 páginas

Compre agora e leia

Coleção Origem. Respostas avançadas para perguntas fundamentais. Na era do big data, é tentador presumirmos que informação clara e direta basta para convencer pessoas e impulsionar mudanças políticas e comportamentais. Mas

infelizmente as coisas não são tão simples, argumenta a renomada neurocientista Tali Sharot. Ela nos mostra como a emoção tende a dominar a razão quando o assunto é tomada de decisões.Parte do nosso trabalho diário como seres humanos é influenciar os outros. Fazemos isso porque cada um tem experiências e conhecimentos únicos, que outros não têm. Mas será que desempenhamos bem esse papel? Não é raro recorrermos, sistematicamente, a comportamentos ineficazes ao tentar mudar crenças e comportamentos alheios. Muitos desses instintos não funcionam, porque são incompatíveis com a maneira de a mente operar. Sharot escreve, por exemplo, sobre o surpreendente fato de que apenas 39% dos funcionários de hospitais lavam as mãos corretamente. Um estudo descobriu que colocá-los sob câmeras de vigilância não melhorou o quadro, mas instalar um placar digital comparando quantos seguiam corretamente o protocolo em cada turno aumentou a observância das regras para 90%. Essa melhora dramática combina a nova tecnologia com a psicologia antiga: o reforço positivo (ser informado de que está fazendo bem o seu trabalho) costuma influenciar o comportamento muito mais do que a punição. Isso também dá às pessoas um maior senso de controle, que é mais motivador que o senso de restrição. A autora revela o poder oculto da influência, para o bem ou para o mal, e nos permite identificar instâncias em que sucumbimos a ilusões. Amparada nas mais recentes pesquisas em neurociência e psicologia, ela fornece uma nova visão do comportamento humano e nos mostra que qualquer tentativa de mudança só será bem-sucedida se estiver combinada com os elementos principais que governam o funcionamento de nossos cérebros.

Compre agora e leia



Não faça tempestade em copo d'água e tudo na vida são copos d'água…

Carlson, Richard
9786555950007
224 páginas

Compre agora e leia

Este clássico da autoajuda vai mostrar a você como impedir que as pequenas coisas que surgem a todo momento dominem a sua vida. Numa linguagem simples, mas eficiente em sua proposta, Richard Carlson revela quais as chaves para convertermos nosso cotidiano incrivelmente turbulento num mar de tranquilidade. Todos podemos encarar o mundo à nossa volta segundo uma perspectiva melhor, se tivermos disposição para fazer as alterações diárias que Carlson propõe. Um exemplo das suas dicas certeiras? Tente escrever seus conceitos mais enraizados num papel e, em seguida, mudá-los, vivendo cada dia como se fosse o último. Desenvolver uma atividade de cada vez. Deixar que os outros aproveitem seus momentos de glória — bem mais sábio que disputar atenção. Pessoas eficientes não são aquelas que acham que sua capacidade de administrar o estresse é ilimitada. Pessoas eficientes são aquelas que conseguem encontrar em suas vidas espaço para o prazer, o lazer em família, tempo para meditar e para suas próprias e exclusivas necessidades — como ler um livro, ver um filme, ou ouvir música. Empregando um tom gentil que nos lembra o de um amigo próximo, Carlson torna a leitura de Não faça tempestade em copo d'água... uma experiência enriquecedora e agradável. Ao mudar nossas ações, sendo mais conscientes, pacíficos e cuidadosos, é certo que estaremos dando o primeiro passo para uma vida bem mais rica, mais calma e sem estresses desnecessários.

Compre agora e leia